

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

III FÓRUM DE DEBATE SOBRE
MULHER & ESPORTE
>mitos e verdades<

ORGANIZAÇÃO, PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO:

Departamento de Esportes da EEFE -USP
Laboratório de Psicossociologia do Esporte - LAPSE
Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicossociologia do Esporte - GEPPSE

APOIO:

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão
Comissão de Graduação da EEFE-USP
Banespa – Agência USP
Mercure Accor hotels Trianon
Mercure Accor hotels Downtown
TAM – Linhas Aéreas
Prosintese Ltda.
Bauducco

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Prof. Dr. Adolpho José Melfi.

Vice-Reitor

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Diretor

Prof. Dr. Alberto Carlos Amadio

Vice-Diretor

Prof. Dr. Go Tani

DEPARTAMENTO DE ESPORTE

Chefe

Prof. Dr. Dante Rose Junior

Suplente

Prof. Dr. Antonio Carlos Simões

LABORATÓRIO DE PSICOSSOCIOLOGIA DO ESPORTE – “LAPSE”

Coordenador

Prof. Dr. Antonio Carlos Simões

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOSSOCIOLOGIA DO ESPORTE – “GEPPSE”

Coordenador

Prof. Dr. Antonio Carlos Simões

Comissão Organizadora

Presidente: Prof. Dr. Antonio Carlos Simões

Prof^ª. Adriana Silva

Prof^ª. Ms. Cássia Luzia Araújo Santos

Prof. Ms José Alberto de Aguiar Cortez

Prof^ª Ms. Maria Aparecida da Câmara Nery

Prof. Ms. Paulo Félix Marcelino Conceição

Prof. Sérgio Ricardo de Souza Oliveira
Profª. Sônia Maria Dick
Profª. Rosemeire de Oliveira

Comissão Científica

Prof. Dr. Antonio Carlos Simões
Prof. Ms. Cássia Luzia Araújo Santos
Prof. Ms. Helio Serassuelo Junior

Comissão de Avaliação

Profª. Ms. Líbia Lender Macedo
Prof. Luiz Carlos Delphino Azevedo Junior
Prof. Sérgio Ricardo de Souza Oliveira

Comissão de Assessoria social

Profª Ms. Maria Aparecida da Câmara Nery
Profª. Ms. Cássia Luzia Araújo Santos
Lídia Epov Simões

Comissão de Apoio

Willian Rua de Souza
Alexandre Carneiro
Maurício Machado da Silva

Comissão de Apresentação de Painéis

Prof. Dr. Duílio Marques
Prof. Sérgio Ricardo de Souza Oliveira
Profª. Rosemeire de Oliveira

Comissão de Diagramação e Editoração

Prof. Luiz Carlos Delphino Azevedo Junior
Profª. Sonia Maria M. Adoglio Dick
Débora Dutra Vieira

Secretaria

Cícero de Oliveira
Elza Maria da Silva Faria
Rosangela da Silva Webber Osório

SUMÁRIO

Apresentação.....	6
Agradecimentos.....	8
Mensagem do Diretor da EEF-USP.....	9
Mensagem do Departamento de Esporte.....	10
Mensagem do LAPSE/GEPPSE.....	11
Mensagem da Comissão de Pesquisa.....	13
Mensagem da Comissão de Cultura e Extensão.....	14
Programação.....	15
Palestra de Abertura	
Prof ^ª . Dr ^ª . Paula Botelho Gomes – <i>Mulher e desporto: qual a agenda pedagógica do século XX</i>	17
Workshops	
Prof. Doutorando José Alberto Aguilar Cortez – <i>Saúde física e mental das desportistas</i>	29
Prof ^ª . Dr ^ª . Miriam Adelman – <i>A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento</i>	31
Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcelos & Prof. Ms. Paulo Felix Marcelino Conceição – <i>Crenças e religiosidade feminina</i>	38
Prof ^ª . Dr ^ª . Silvana Vilodre Goellner – <i>Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia</i>	38
Mesa Redonda: Mulher, Olimpismo e Desempenho	
Prof ^ª . Dr ^ª . Silvana Vilodre Goellner – <i>Mulher, olimpismo e desempenho</i>	42
Prof ^ª . Dr ^ª . Ludmila Mourão & Prof ^ª . Doutoranda Euza Maria de Paiva Gomes – <i>Mulher na administração do esporte no Brasil segundo a norma olímpica</i>	47
Prof. Ms. Waldir Pagan Peres – <i>Atividade olímpica, poder, comportamento, sexo, imagem corporal</i>	53
Prof ^ª . Marisa Loffredo – <i>Mulher, olimpismo e desempenho</i>	57
Sessão Bate-Papo: A Prática de Modalidades Esportivas Conceitualmente Masculinas	
Prof. Dr. Jorge Dorfman Knijnik – <i>Rosa versus azul: estigmas de gênero no mundo esportivo</i>	63
Dr. Samir S. Daher – <i>A atuação da medicina do esporte e as mulheres no esporte de rendimento</i>	68
Prof ^ª . Soraia André – <i>Judô feminino: relato de uma história</i>	69
Atleta Sílvia Guimarães “Shubi” – <i>Vantagens e desvantagens encontradas por uma atleta de corrida de aventura/esporte radical</i>	72
Prof ^ª . Carla Righeto – <i>O papel da mulher como árbitra de handebol internacional</i>	74
Helena Deyama – <i>A mulher com piloto em corridas de rally</i>	77
Mesa Redonda: Mulher, Corpo e Mente: reações fisiológicas e respostas psicológicas	
Psicopedagoga Isa Magalhães – <i>Mulher, corpo e mente: reações fisiológicas e respostas psicológicas</i>	79
Dr. Lazslo Antonio Ávila & Kazuo Nagamine – <i>O karatê e a saúde da mulher</i>	81
Dr. Eliezer Berenstein – <i>Reações fisiológicas e respostas psicológicas</i>	85
Prof ^ª . Dr ^ª . Maria Regina F. Brandão – <i>Mulher, corpo e mente: reações fisiológicas e respostas psicológicas</i>	90
Mesa Redonda : Esporte, Imagem Corporal e Exploração de Mídia	
Prof ^ª . Dr ^ª . Luiza K. Alonzo – <i>Esporte, imagem corporal e exploração da mídia</i>	93
Prof ^ª . Dr ^ª . Miriam Adelman – <i>Discursos sobre a corporalidade feminina: quem fala por nós?</i>	97
Prof ^ª . Dr ^ª . Elaine Romero – <i>A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo</i>	103
Jornalista Paulo Ricardo Calçade – <i>Mulher, esporte e exploração midiática: do tanque para os gramados</i>	109

Palestra Encerramento

Prof. ^ª . Dr. ^ª . Sidinéia Gomes Freitas – <i>Mulher e esporte: mitos e verdades no ambiente esportivo. A visão transdisciplinar da psicossociologia do esporte</i>	114
---	-----

Artigos Completos

Tereza Penedo & Elaine Romero – <i>A imagem corporal feminina na publicidade de revistas esportivas</i>	116
Rosemeire de Oliveira, Antonio Carlos Simões, Sônia M. Dick & Adriana Silva – <i>O técnico como gestor de recursos humanos de equipes femininas: um estudo teórico da representação desse profissional em equipes esportivas de alto rendimento</i>	122
Simone T. Massetto, João P. Dubas, Carla N. Luguetti & Antônio C. Mansoldo – <i>Motivos para o início da prática de natação e hidroginástica em academias para mulheres adultas: um estudo exploratório</i>	128
Ivonete Mariano de Souza Câmara & Cássia Luzia Araújo Santos – <i>Atividades físicas e saúde: musculação para mulheres acima de 50 anos</i>	133
Roberta Carolina Valle da Trindade & Lamartine Pereira da Costa – <i>Experiências de vida de jogadoras de vôlei de praia sobre suas carreiras e a maternidade</i>	137
Irlés Maria Araujo Braz & Elaine Romero – <i>Desenvolvimento e aquisição de habilidades e capacidades na menina, pré-requisitos para o bom desempenho da mulher no esporte</i>	145
Carlos Geraldo Neves & Elaine Romero – <i>Desvelando o discurso dos professores estudantes do curso normal superior sobre atividade física praticada pelos alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental: sob a ótica de gênero</i>	151
Alexandre Motta de Freitas, Manoel José Gomes Tubino, Elaine Romero & Ângelo Vargas – <i>Perfil de um grupo de mulheres praticantes de esporte lazer na cidade do Rio de Janeiro</i>	156
Daniel Carreira Filho & Arnaldo Luis Mortatti – <i>Adesão à prática de atividades físicas entre as adolescentes de 14 a 18 anos do município de São Caetano do Sul - Brasil (2003)</i>	163
Cristiane Magacho Coelho, Elaine Romero & Zander Lins – <i>A influência da prática de esporte na conduta vocal: uma questão de gênero</i>	170
Liliana Lohmann & Sebastião Votre – <i>Gênero e educação: o discurso da elite masculina sobre a entrada da primeira turma feminina no colégio militar do Rio de Janeiro</i>	174
Alessandra Ribeiro, Ana Patrícia Orlando & Elaine Romero – <i>O significado da natação competitiva em idosas: uma análise sob o olhar do gênero</i>	180
Maria Silva de Souza & Aline Nogueira Hass – <i>O corpo feminino e a dança do ventre: uma abordagem cinesiológica dos movimentos do quadril</i>	186
Mara Rubia Antunes & Ana Paula Batalha – <i>Corpos que dançam: a cultura expressiva feminina no sul do Brasil</i>	191
Maria Amélia Roth, Maria Fernandez & José Alonso – <i>Estudo dos efeitos de um programa de exercícios aeróbicos no perfil lipídico de mulheres na fase de perimenopausa</i>	197
Giannina do Espírito-Santo & Ludmila Mourão – <i>Saúde e trabalho: o caso das professoras de educação física que atuam em academias de ginástica no Rio de Janeiro</i>	207
Zander Lins, Elaine Romero & Cristiane Magacho Coelho – <i>A mulher esportiva na imprensa brasileira: uma história de poder do corpo/sobre o corpo/pelo corpo</i>	211
Sérgio R. S. Oliveira, Cássia L. A. Santos & Antonio Carlos Simões – <i>Caracterização das tendências de competir, vencer e de traçar objetivos/metas de atletas de voleibol adulto feminino</i>	217
Claudia Aleixo Alves, Carlos Nazareno Ferreira Borges, Simone Magalhães Lopes & Fabio Padilha Alves – <i>Do gosto a resiliência: motivos expressos e ocultos na prática do futebol feminino</i>	224
Andréa Latterza, Fernanda Baeza Scagliusi, Gisele Queiroz, Nyara Didone & Táki Cordas – <i>Transtorno alimentar em atleta feminina: um relato de caso</i>	231
Mariana Tarricone Garcia, Cintia Guimarães Junco, Mariana Mcleod Ferreira, Nyara Didone, Táki Cordas & Fernanda Baeza Scagliusi – <i>Prática de atividade física em mulheres com bulimia nervosa</i>	232

APRESENTAÇÃO

O Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, em conjunto com o Laboratório de Psicossociologia do Esporte – “LAPSE“ / Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicossociologia do Esporte – “GEPPSE”, tem orgulho de realizar a terceira edição do Fórum Mulher & Esporte > Mitos e Verdades < *um novo pensar no terceiro milênio*. O grande objetivo deste evento é cumprir o papel da Universidade de São Paulo – Escola de Educação Física e Esporte e Departamento de Esporte –, que é incentivar profissionais de diversas áreas do conhecimento, alunos de pós-graduação e graduação a se envolverem com tudo aquilo que possa resultar num instrumental que vislumbre um cenário dos esportes com novas perspectivas – produzindo e divulgando ciência. As linhas de pensamentos que são formuladas pelos palestrantes e debatedores nos encaminham para uma coletânea de interpretações sobre a inclusão das mulheres nos diferentes tipos de atividades físicas e esportivas competitivas – esses pensamentos e o debate fazem parte integrante da proposta do evento

Os textos apresentados nos Anais são leituras de apoio que visam estimular outras e mais profundas pesquisas sobre a participação das mulheres na sociedade do esporte. É esse o fio condutor destes Anais – a participação das mulheres traduzida na cultura esportiva, focalizada através de um *vasto continuum* de valores, bens que as mulheres precisam para sobreviver na sociedade do esporte – e de seu processo de ajustamento múltiplo através dos tempos e nos diferentes espaços. Nesse sentido, a prof^a. dr^a. Paula Botelho Gomes, na palestra de abertura, faz uma abordagem sobre as mulheres e o desporto em relação a uma agenda pedagógica do século XXI. José Alberto Cortez – no *workshop* 1 – privilegiando a saúde física e mental da mulher desportista, expressa, detalhadamente, os problemas envolvidos com o condicionamento físico e as atividades esportivas. No *workshop* 2, Miriam Adelman lança mão de uma discussão sobre a mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento, objetivando atingir a realidade participativa das mulheres no contexto do esporte desse nível. Na seqüência, José Medalha promove, em conjunto com os professores mestres e doutores Silvana Vilodre Goellner, Ludmila Mourão, Marisa Loffredo e Waldir Pagan Peres, um debate altamente qualificado sobre a mulher, olimpismo e desempenho como um fenômeno representativo de diferentes concepções. A intenção é tentar mostrar que a mulher atleta está inserida no contexto dos grandes eventos olímpicos.

Não há dúvidas de que a sessão de painéis se converte em um instrumento que nos ajuda a entender a vida esportiva das mulheres em suas múltiplas participações, uma vez que os trabalhos apresentados despertam idéias de que a inclusão e a exclusão das mulheres desportistas e atletas podem ser entendidas pela perspectiva da ciência do esporte e do exercício físico. Por outro lado, a sessão bate papo, envolvendo uma discussão ampla sobre a prática de modalidades esportivas conceitualmente masculinas, torna-se um espaço fundamental, desvelador e decisivo na democratização do conhecimento produzido pela participação das mulheres em esportes que até há pouco tempo eram marcados pela presença dos homens. Nesse sentido, Jorge Dorfman Knijnik (debatedor), em parceria com Soraia André (atleta de judô), Shubi Guimarães (atleta de corrida de aventura), Helena Deyama (piloto de rally), Carla Righetto (árbitra de internacional de handebol) e o dr. Samir Daher (médico da seleção brasileira feminina de handebol), propicia a compreensão da realidade enfrentada pelas mulheres nesses tipos de atividade esportiva e competitiva. Na mesa redonda denominada “Mulher, corpo e mente – reações fisiológicas e respostas psicológicas”, os conferencistas Isa Magalhães, Regina Brandão, Lazslo Antonio Ávila e dr. Eliezer

Berenstein, na companhia do prof. Dante de Rose Junior, assumem uma discussão altamente qualificada sobre o corpo e os fatores psicofisiológicos como construtores de reações orgânicas e respostas psicológicas. Por outro lado, Esdras Guerreiro Vasconcelos faz uma abordagem das tradições religiosas que compõem o universo mágico e simbólico do esporte, no *workshop* denominado “Crenças e religiosidade no meio esportivo”.

A estratégia básica adotada nesse *workshop* é estabelecer conceitos que realcem o posicionamento das desportistas diante do fenômeno das crenças e superstições, que envolvem e expressam realidades fenomenológicas definíveis com jogos e competições. O debate sobre mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia faz parte do *workshop* desenvolvido por Silvana Goellner, cujas idéias a respeito dessa temática coincidem com a versão que permeia as informações e as propagações de imagens pela *mass media* responsável pelo esporte, abordando a natureza dessas concepções à luz das relações de gênero, posto que a responsabilidade social das pessoas e dos veículos de comunicação – rádio, jornal, televisão, etc. – tanto pode facilitar quanto dificultar a consciência social perante as questões levantadas pela sociedade. As doutoras Mirian Adelman, Paula Botelho, Elaine Romero e o jornalista Paulo Calçade, em conjunto com a debatedora dra. Luiza Klein Alonso, compõem a mesa redonda denominada “Esporte, imagem corporal e exploração da mídia”, e focalizam a participação da mulher em íntima relação com o cenário do esporte – ressaltam o sentido mais compreensivo que tem permanecido na concepção atual da sociedade, fornecendo uma compreensão dinâmica da imagem corporal das desportistas e a exploração dessa imagem pelos meios de comunicação de massa. No último momento do III Fórum Mulher & Esporte > Mitos e Verdades < *um novo pensar no terceiro milênio*, a dr^a. Sidinéia Gomes Freitas manifesta todo o seu conhecimento sobre os mitos e verdades que permeiam a performance feminina no ambiente esportivo.

Prof. Dr. Antonio Carlos Simões
Coordenador “LAPSE/GEPPSE”

AGRADECIMENTOS

Não é possível mencionar todos os colaboradores e parceiros que contribuíram para a realização do III Fórum Mulher & Esporte > Mitos e Verdades <, entretanto, gostaríamos de agradecer:

À Diretoria da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, nas pessoas dos professores doutores Alberto Carlos Amadio e Go Tani.

À Chefia do Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, professor doutor Dante de Rose Junior.

À Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, na pessoa do pró-reitor professor doutor Adilson Avansi de Abreu.

Ao Ministério do Esporte e Turismo.

À Comissão de Graduação da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, na pessoa do professor doutor Julio Serrão.

Aos Mercure Accor Hotels Downtown e Mercure Accor Hotels Trianon, na pessoa de Paulo Frias - Gerente de Contas – Segmento Esportivo.

A TAM – Linhas Aéreas, a pessoa de Laura C. Malz – Gerente Comercial de Eventos.

Ao Banco Banespa – Grupo Santander, na pessoa de Márcia Galdes Vasconcelos, Gerente Geral da Agência Jardim Bonfiglioli – PAB USP.

A Comércio e Importação de Produtos Médico-Hospitalares Prósintese Ltda., na pessoa de Kátia Santori, Coordenadora de MKT.

Ao Senhor Luigi Bauducco – Diretor Presidente da Bauducco,.

A Servigraf, na pessoa de Ana Maria Reis.

A Oxless – Ciência em Cosmética, na pessoa Ieda Maria Mello Batarello.

À Editora Aleph, nas pessoas de Betty Fromer Piazzai, Alessandro Fromer Piazzai e Débora Dutra Vieira.

A Brazilian Expresso, nas pessoas de Pedro Botelho e Guilherme Botelho.

A Nadia Campeão, Ex-Secretaria Municipal de Esporte do Município de São Paulo.

A João Caraméz pela colaboração.

Aos Membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicossociologia do Esporte – “GEPPSE” e Laboratório de Psicossociologia do Esporte “LAPSE”.

MENSAGEM DO DIRETOR

A Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, através do Departamento de Esporte, assume importante liderança no presente domínio temático que compõe este amplo universo de múltiplas relações para o estudo da presença e atuação da mulher no esporte. A realização deste III Fórum de Debates sobre Mulher & Esporte, Mitos e Verdades, consolida junto à comunidade acadêmica e profissional ambiente fértil e produtivo como referência desta área do conhecimento no contexto das Ciências do Esporte.

É, portanto, motivo de júbilo para nossa Escola abrigar o III Fórum como parte integrante da agenda comemorativa do aniversário de 70 anos de atividades da USP. Desta maneira, continuamos a cumprir nossa missão reafirmando a responsabilidade de atender aos anseios e desafios da sociedade contemporânea através do desenvolvimento do conhecimento inovador em harmonia com os interesses da comunidade.

Nesse sentido, formulo os melhores votos e expectativas para uma efetiva contribuição de cada congressista em prol da crescente valorização temática para os estudos apresentados neste III Fórum de Debates sobre Mulher & Esporte, Mitos e Verdades.

São Paulo, setembro de 2004

Prof. Dr. Alberto Carlos Amadio
Diretor da EEFE-USP

MENSAGEM DO DEPARTAMENTO DE ESPORTE

Escrever sobre o Fórum Mulher & Esporte > mitos e verdades < é uma tarefa muito agradável. O evento vem se tornando um dos pontos fortes do Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. O evento traz à tona discussões importantes sobre a participação da mulher no contexto esportivo nacional e internacional.

O professor doutor Antonio Carlos Simões e seus colaboradores tiveram a preocupação de reunir um time de especialistas no assunto que, com certeza, trará discussões importantes e despertará nos participantes a vontade de conhecer cada vez mais esta área de estudo que se consolida por intermédio do próprio doutor Antonio Carlos Simões e do seu grupo de estudos e pesquisas.

O tema – que é polêmico, importante e pertinente – será certamente explorado de forma muito aprofundada pelos convidados e também pelos participantes que terão a oportunidade de conviver e trocar conhecimentos com grandes expoentes nessa área de estudos.

Em nome do Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte, desejo a todos uma estada muito agradável em São Paulo e, em especial, em nossa Escola, e que esse momento sirva não só para uma reflexão sobre o assunto proposto, mas também para o estreitamento do convívio entre todos os que lutam pelo aprimoramento científico da Educação Física e do Esporte em nosso país.

Prof. Dr. Dante de Rose Junior
Chefe do Departamento de Esporte

**MENSAGEM DO LABORATÓRIO DE PSICOSSOCIOLOGIA DO ESPORTE –
“LAPSE” – E GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOSSOCIOLOGIA DO
ESPORTE – “GEPPE”**

No transcorrer dos séculos, as mulheres cresceram ouvindo que não poderiam se envolver com atividades que estivessem além das suas capacidades físicas e atléticas. Aconteceu que elas, desportistas ou não, foram se ajustando às áreas de conhecimento e campos de trabalhos nos quais os homens estavam assentados desde os primórdios da humanidade. Os valores patriarcais serviram de arma ideológica para mantê-las submissas ao espaço doméstico, determinando os papéis sexuais dessas mulheres em sociedade. Elas ousaram ingressar no mundo esportivo, aprenderam com ele e, atualmente, participam de todos os tipos de modalidades esportivas. Uma dessas manifestações é a vontade das mulheres de superar as dificuldades não apenas no plano social e cultural, mas também na projeção de suas imagens e da construção da cidadania esportiva.

O padrão de conduta pessoal – associado à vontade de alcançar grandes conquistas – tem permitido a visão de uma nova mulher ante os desafios caracterizados pelas exigências do esporte de competição e desempenho. Em nenhum outro campo de atuação as mulheres vêm agindo de forma tão madura quanto o dos novos desafios abertos pelos diferentes tipos de esportes individuais, coletivos e radicais. Nessa caminhada, o primeiro conceito que aprendem é este: vencer a qualquer custo. O compromisso com a igualdade social e a autodeterminação competitiva tem sido as grandes armas das mulheres para enfrentar os desafios esportivos que parecem se tornar cada vez mais previsíveis. A capacidade em superar limites foi seguidamente vencida e as conquistas eclodiram com a participação das atletas nos grandes eventos esportivos internacionais, como é o caso dos Jogos Olímpicos. Por essa razão, a trajetória feminina com exigências do esporte nos leva a inúmeras reflexões. Um delas é que a paixão das mulheres por diferentes tipos de participações esportivas as transformou em mulheres guerreiras. Há quem diga que as mulheres desportistas e atletas cultivam condutas conservadoras, fechadas, no intuito de proteger seus princípios morais e éticos frente aos valores implementados pela sociedade contemporânea. O fato é que as mulheres jogam basquetebol, handebol, futebol de campo e de salão sem nenhum constrangimento.

A discussão e o aprofundamento das questões envolvendo mulher & esporte > mitos e verdades < tem permitido uma melhor compreensão e reconhecimento da participação das mulheres na sociedade do esporte produtivo associado ao papel de mãe e doméstica no âmbito familiar. As mulheres atletas tendem a assegurar a igualdade de gênero nas atividades físicas e esportivas competitivas. A própria sociedade contemporânea faz com que as mulheres atletas recebam, ainda hoje, atenção insuficiente no meio esportivo. Os elementos dessa discussão incluem mulher, esporte, olimpismo, desempenho, sexualidade, hipocrisia, mídia, imagem corporal, crenças, religiosidade, participação esportiva e poder feminino no esporte de rendimento.

A própria forma de pensar dos debatedores colocam em evidência inúmeros questionamentos em relação ao ideal de corpo e influências dos valores que permeiam a sociedade. O padrão de beleza – do corpo fictício ou supermodelo – é uma questão que faz parte do contexto das discussões do III Fórum da Mulher & Esporte >mitos e verdades<, além das concepções culturais, sociais e filosóficas que colocam em evidência a busca de independência e de liberdade de expressão no esporte como um modelo de realidade social. Mulher, esporte, saúde física e mental caminham juntos numa demonstração de que a

sociedade do esporte permite que as mulheres construam uma base de conhecimento mútuo, que consolida ações em um único sentido: o do engajamento em busca dos seus limites. É nesse contexto que o III Fórum se apresenta.

Os objetivos do evento inscrevem-se, portanto, no novo pensar no terceiro milênio. Aos palestrantes e debatedores, coube contribuir de forma crítica-reflexiva a problemática do processo participativo da mulher no contexto do esporte e debater o papel feminino na evolução histórico-social das concepções de gênero, raça, credo religioso e ideologias. O diálogo ocupa lugar de destaque como instrumento indispensável entre os conferencistas, debatedores e participantes – todos têm em comum a preocupação com as afinidades múltiplas que se revelam através das qualidades dos argumentos envolvendo mulher e mundo dos esportes.

Enfim, o III Fórum Mulher & Esporte > mitos e verdades < teve como ponto de partida, a preocupação com a qualidade e as responsabilidades da escolha dos conferencistas, debatedores e profissionais do esporte, além da oportunidade de propagar conhecimentos que possam ser proveitosamente utilizados pelos congressistas que se vêm às voltas com a tarefa de estudar e pesquisar a mulher nos diferentes campos de atuação. Muito mais que uma coletânea, o conteúdo inserido no corpo destes Anais é uma verdadeira introdução ao indagar e trazer à tona a necessidade do estudar e do pesquisar.

Prof. Dr. Antonio Carlos Simões
Coordenador "LAPSE/GEPPSE"

MENSAGEM DA COMISSÃO DE PESQUISA

A participação da mulher no campo esportivo, como em outras atividades, tem crescido consideravelmente nas últimas décadas. Se nos primeiros Jogos Olímpicos a participação das mulheres resumia-se a algumas poucas modalidades, hoje elas estão incluídas em quase todas as modalidades esportivas e, diga-se de passagem, com muito mérito.

Desta forma, este Fórum voltado para a participação da mulher no esporte ocorre num momento muito especial. Primeiro para caracterizar cada vez mais a integração da mulher no campo esportivo. Segundo, porque vivenciamos recentemente os Jogos Olímpicos de Atenas, um dos maiores eventos esportivos deste século XXI.

Gostaria de concluir desejando a todos um Fórum cheio de sucessos e realizações.

Prof. Dr. Carlos Eduardo Negrão
*Presidente da Comissão de Pesquisa e
Comitê de Ética em Pesquisa da EEFÉ*

MENSAGEM DA COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO

A realização do Fórum Mulher e Esporte > mitos e verdades <, a ser realizado pela terceira vez nesta Universidade sob a coordenação do professor doutor Antonio Carlos Simões (Departamento de Esporte), está se tornando um evento científico tradicional desta área de pesquisa da Ciência do Esporte na realidade brasileira.

Em nome da Comissão de Cultura e Extensão da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, damos as boas vindas a todos os participantes interessados em discutir as temáticas propostas, e desejamos muito sucesso na realização do evento.

Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Silveira Böhmer
Presidente

PROGRAMA**Dia 16.09.04**

17h-22h – CERIMONIAL DE ABERTURA.

17h – Recepção e entrega de material

18h – Auditório – Cerimonial de Abertura

19h – Palestra – Mulheres e Desporto: Qual a Agenda Pedagógica do Século XXI?

Prof.^a. Dra. Paula Botelho Gomes – Universidade do Porto/Portugal

– Exposição de fotos: Um olhar do Esporte Feminino

– Lançamento do livro: **O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte: comportamento, gênero, desempenho**. Editora Aleph.

Prof. Dr. Antonio Carlos Simões & Prof. Ms. Jorge Dorfman Knijnik (Orgs.).

Dia 17.09.04

8h15-9h15 – WORKSHOP 1 - Saúde Física e Mental da Mulher Desportista.

Prof. Doutorando José Alberto Aguilar Cortez

8h15-9h15 – WORKSHOP 2 - A Mulher como Instrumento de Poder no Esporte de Rendimento.

Prof.^a. Dr.^a. Miriam Adelman

9h30-11h30 – MESA REDONDA – Mulher Olimpismo e Desempenho.

Debatedor: Prof. Dr. José Medalha – Ex-técnico da seleção brasileira de basquetebol

Mesa: Prof.^a. Dr.^a. Silvana Goellner – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a. Dr.^a. Ludmila Mourão - Universidade Gama Filho

Prof. Ms. Waldir Pagan – Ex-Técnico da seleção brasileira de basquetebol

Prof.^a Marisa Loffredo – Ex-assessora técnica da seleção brasileira de handebol feminino

11:30-12:30h. – APRESENTAÇÃO DE PAINÉIS

13h15-14h30 – SESSÃO BATE-PAPO – A Prática de Modalidades Esportivas Conceitualmente Masculinas.

Debatedor: Prof. Ms. Jorge Dorfman Knijnik

Mesa: Dr. Samir Daher – Médico da seleção brasileira de handebol

Soraia André – Atleta de judô

Shubi Guimarães – Atleta de corrida de aventura

Helena Deyama – Piloto de Rally

Carla Righeto – Árbitra Internacional de handebol

14h30-15h – COFFEE BREAK

15h15-17h30 – MESA REDONDA – Mulher, Corpo e Mente – Reações Fisiológicas e Respostas Psicológicas.

Debatedor: Prof. Dr. Dante de Rose Junior – Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo

Mesa: Prof.^a. Ms. Isa Magalhães – Psicopedagoga – E. C. Pinheiros

Prof.^a. Dr.^a. Regina Brandão – Psicóloga

Prof. Dr. Lazslo Antonio Ávila – Psicólogo

Dr. Eliezer Berenstein - Médico

Dia 18.09.04

8h15-9h15 – WORKSHOP 1 – Crenças e Religiosidade Feminina.

Prof. Dr Esdras Guerreiro Vasconcelos - IPUSP

Prof. Ms. Paulo Felix Marcelino Conceição – Psicólogo

8h15-9h15 – WORKSHOP 2 – Mulher, Esporte, Sexualidade e Hipocrisia.

Prof^ª. Dr^ª. Silvana Goellner – UFRGS-RS

9h30-11h30 – MESA REDONDA – Esporte, Imagem Corporal e Exploração de Mídia.

Debatedora: Prof.^a Dr.^a. Luiza Klein Alonso – Socióloga -FIOCRUZ

Mesa: Prof.^a. Dr.^a. Paula Botelho Gomes – Universidade do Porto

Prof.^a. Dr.^a. Miriam Adelman – UFPR-PR

Prof. Paulo Calçade – Jornalista Esportivo

Prof.^a Dr.^a. Elaine Romero – Universidade Castelo Branco - RJ

11h30-12h30 – PALESTRA DE ENCERRAMENTO – Mulher e Esporte - Mitos e Verdades no Ambiente Esportivo

Prof^ª. Dr^ª. Sidinéia Gomes Freitas – ECA/USP

12h30 – ENCERRAMENTO E ENTREGA DOS CERTIFICADOS

PALESTRA DE ABERTURA

MULHERES E DESPORTO: QUAL A AGENDA PEDAGÓGICA DO SÉCULO XXI?

Prof^a. Dr^a. Paula Botelho Gomes
Universidade do Porto, Faculdade de Ciências
do Desporto e de Educação Física

Notas iniciais

Mulheres e desporto. Não foi por distração que se utiliza *mulheres* em vez de *mulher*; nem tão pouco por preciosismo. De facto, o substantivo “Mulher” não parece que abranja a diversidade de mulheres que encontramos todos os dias, que tenhamos em consideração dimensões distintas de se ser mulher. O mesmo se aplica a “Homem”, mas neste caso é ainda necessária uma outra chamada de atenção, dado que o substantivo é utilizado não só para se referir a todos os homens, mas também a todas as mulheres, tratando-se de uma “upercolectivação” e como tal, ainda mais usurpadora de identidades.

No entanto, as diferenças não se verificam unicamente entre a categoria sexo/género¹, mas também intracategoria. A diferença e a discriminação motivada pela diferença ganham outras subordinações (e invisibilidades) se cruzarmos o sistema sexo/género com outros factores de identidade, tais como, raça, etnia, cor, classe, nível de instrução, distintos tipos de deficiência, idade, etc. Ora, isto parece significar que a possibilidade de mapear identidades (e discriminações) é multivariada, dependendo do número de eixos em intersecção (Crenshaw, 2002). Dado que todas as sociedades são delineadas pelo género, pelas relações de género e pela hierarquia de género, e tratando-se o nosso tema de mulheres, fica claro que o que se passa com as mulheres do desporto é reflexo de outros âmbitos sociais, com raízes socioculturais muito profundas.

A ideologia *genderizada* legitima as categorias de género e previne a resistência pela “normalização” da ordem de género. As ideologias de género estão intimamente relacionadas com as de desporto (Pfister e Hartman-Tews, 2003).

No percurso realizado pelas mulheres podaram-se muitos espinhos, mas resistem ainda outros que, nos dias de hoje, picam, umas vezes subtilmente, outras porque fazemos de conta, ou julgamos que não existem (discriminação por omissão).

E porquê a preocupação com esta temática no século XXI, dado que vivemos num mundo desportivizado, o desporto é um fenómeno cultural e plural e todos conhecemos desportistas, de ambos os sexos, com práticas que vão da recreação ao alto rendimento?

Em nosso entender faz todo o sentido, pois o desporto é ainda um mundo essencialmente masculino, no qual as mulheres tiveram e têm barreiras a transpor. E haverá no contexto das políticas e do politicar muito a fazer. No entanto, sem uma prática e perseverança pedagógicas, grande parte do que serão decisões políticas morrem no parto legislativo e no “politicamente correcto”. Por outro lado, o ano de 2004 convida a uma reflexão acerca do desporto, desde logo pelo facto da União Europeia (UE) o consagrar à educação pelo desporto; e o realizar-se a 28^a edição dos Jogos Olímpicos (JO). Ou seja, dois

¹ Sexo e género não são sinónimos. Sexo refere-se à dimensão biológica da diferença entre homens e mulheres; género, nas ciências sociais, designa as diferenças que são consequência de construções socioculturais de poder entre homens e mulheres, e, nesse sentido, podem ser alteradas.

acontecimentos que deveriam permitir uma reflexão antropagógica do desporto, ou como o desporto pode intervir na formação de homens e mulheres em humanidade.

A evolução das sociedades é determinada, em primeiro lugar, pela cultura, e, em segundo, pelos modos de produção ou regimes políticos (De Koninck, 2004). Bem sabemos que é mais fácil alterar estruturas do que culturas e mentalidades. Assim as culturas determinam em grande medida as histórias de vida, nomeadamente, facetas desportivas de histórias de vida. O desporto não é uma entidade abstracta. Foi “inventado” por homens e para homens, continua a ser um mundo masculino e, apesar de as mulheres fazerem sentir a sua presença, o poder permanece em mãos masculinas (Pfister, 2003/04). E assim se entende a razão pela qual o desporto foi e continua a ser um terreno de conquista de direitos das mulheres.

Não se pretende que esta comunicação tenha como tema os JO, a competição das competições, mas o seu historial, a referência de todo o desportista ou amante do desporto, ilustra bem o que tem sido esta conquista das mulheres, realizada passo a passo, algumas vezes com dois passos atrás para dar um à frente. Daí que se constituam como um ponto de partida obrigatório, dado que outras culturas e contextos desportivos acabam por ser influenciados pela filosofia do Movimento Olímpico. E nesta reflexão emergirão notas e recomendações que podem dar “mais futuro” aos/às jovens e às mulheres no desporto.

Raízes da discriminação e caminhos percorridos

Já na antiga Grécia, mulheres cometeram “desvarios” desportivos, dado que os jogos a elas estavam interditados. A frase inscrita na base de um monumento de Olímpia evidencia a exclusão das mulheres da prática desportiva (Brandy, 2000:19):

Eu, Cyniska, descendente dos reis de Esparta, coloco esta pedra para recordar a corrida que ganhei com os meus rápidos pés, sendo a única mulher de toda a Grécia a ganhar.

Remeter o discurso para os jogos da era moderna, obriga a evocar a figura do Barão Pierre de Coubertin, figura incontornável do desporto moderno.

Incontornável porque, e entre outros aspectos, congregou a opinião pública na ideia da criação moderna dos JO, conseguiu que, quer os países da *British Commonwealth*, quer a Finlândia do Império dos Czares, fossem considerados como independentes no campo desportivo, e internacionalizou os JO ao defender que a sua realização não devia ficar confinada à Grécia (Pires, 2004). Mas também incontornável porque, no seu longo mandato (29 anos) à frente do Comité Olímpico Internacional (COI), Coubertin não concebia mulheres em competições onde participassem homens; a participação em modalidades do atletismo, essa então, recebia um redondo *não*, era completamente impensável.² São por demais conhecidas algumas das suas fatídicas posições (Boulongne, 2000: 23):

- uma Olimpíada com mulheres seria irrealista, sem interesse, inestética e imprópria – seria uma pseudo-Olimpíada;

² Apenas em 1928, portanto IX Olimpíada (Amesterdão), as mulheres competem, pela primeira vez, em três especialidades: 100, 800 e 400 metros barreiras, salto em altura e lançamento do disco. Será de assinalar que Coubertin tinha abandonado há um ano a presidência do COI. A prova de 800 m regressa ao quadro competitivo apenas nos JO de Roma (1960). Esta interrupção deveu-se ao facto de algumas corredoras terem cortado a meta em estado colapsoso e alguns médicos sentenciarem que as mulheres não tinham capacidade de correr aquela distância ou outra superior. Para uma informação mais detalhada, consultar Botelho Gomes et al. (2000); Hargreaves (1994); Silva e Carvalho (2001).

- quanto à participação feminina nos Jogos, sou totalmente contra;
- é contra a minha vontade que [as mulheres] sejam admitidas a um número de provas cada vez maior;
- continuo a pensar que o contacto com as atletas é prejudicial [para os atletas], e que este atletismo deveria ser excluído do programa Olímpico;
- o único herói Olímpico é o atleta individual adulto. Assim, nem mulheres, nem desportos de equipa.

Como é do conhecimento geral, devido a uma falha da organização, as mulheres participaram (oficiosamente) pela primeira vez nos jogos em 1900, em desportos de exibição, julgados como os mais adequados ao sexo feminino, porém marginais ao quadro olímpico (golfe e ténis; e tiro com Arco em 1904), sendo que a primeira participação oficial ocorreu em 1908 (vela e patinagem artística). Os Jogos Olímpicos contribuem de forma decisiva para que a competição desportiva seja considerada um acto viril por excelência, e o desporto impõe-se não só como uma prática moderna, mas também como baluarte da afirmação masculina, a qual as mulheres não deviam sombrear.

Face aos sistemáticos entraves, nomeadamente no atletismo, a francesa Alice Melliat funda, em 1917, a Federação Internacional Desportiva Feminina e, em 1921, organiza-se um encontro de atletismo em Monte Carlo. Mas o arrojo, o desafio à ordem estabelecida, não se queda por aqui. Em 1922, Paris acolhe os *Jogos Olímpicos das Mulheres*. As edições seguintes (1926, Praga; 1930, Checoslováquia; e 1934, Londres) levaram o nome de *Jogos Mundiais das Mulheres*, já que o COI reclamou o direito exclusivo ao termo *olímpico*. Parece evidente que o COI não podia ignorar mais as pretensões das mulheres, inclusive porque aqueles jogos atraíram multidões. Assim as provas femininas foram sendo incluídas, pouco a pouco, no programa Olímpico, ainda que o constante bater o pé feminino, em ordem de igualdade de direitos e de oportunidades, aborrecesse o Sr. Avery Brundage, membro do COI (e mais tarde seu Presidente), quando, após os JO de Berlim (1936), dava voz à sua consternação: “Estou farto até às orelhas das mulheres no atletismo...” (Hargreaves, 1994: 216). Finalmente, o atletismo feminino alcança o seu lugar de direito na Federação Internacional de Atletismo e a Federação Internacional Desportiva Feminina é dissolvida em 1938. Note-se que, apesar da importante evolução da participação feminina, quer em número de provas, quer em número de participantes, e ainda no que ao atletismo diz respeito, o salto com vara só recebeu carta de alforria nos Jogos de Sidney (2000).

As mulheres tiveram de batalhar muito para conquistar espaço na arena olímpica, forçando para que a porta se abrisse, de modalidade desportiva em modalidade desportiva³, de disciplina em disciplina. E, de facto, a situação actual é completamente diversa da de 1900. Naquele ano as mulheres perfaziam 1,6% dos atletas inscritos, em 2000, 38,2%. Mas não nos podemos esquecer que para um aumento de 36,6% de participação feminina foi necessário um século! Um outro tipo de análise, número de modalidades e de provas abertas às mulheres, é igualmente importante. Na Olimpíada de 2000 as mulheres competiram em 25 dos 28

³ Cf. <http://www.olympic.org/uk/utilities>

desportos incluídos no programa, num total de 132 provas, enquanto que em 1900 apenas em 2 modalidades não oficiais, e em 3 provas das 86 realizadas. Também nos JO de Sidney, e pela primeira vez, mulheres e homens competiram num mesmo número de desportos de equipa.

Nos JO do presente ano espera-se que a cota parte da participação feminina ascenda a 44% (Schnaidt, 2004). Nos JO de 1988 realizaram-se, pela primeira vez, provas mistas, o que, em definitivo, significa muito na luta e percurso das mulheres num mundo predominantemente masculino. Se o atletismo foi de facto a primeira batalha a ser ganha, outras se seguiram em modalidades cultural e patriarcalmente consideradas nada condizentes com a “condição feminina”, a título de exemplo: futebol, ciclismo (1996); hóquei no gelo e *curling* (JO de Inverno, 1998); halterofilismo, taekwondo, waterpolo (2000).

Nos Jogos de Inverno o percurso é também assinalável. De 1924 a 2002 a participação feminina passou de uma modalidade desportiva e duas provas (12,5% das provas programadas) para sete modalidades e 37 provas (47,4% das provas). A evolução verificada, se positiva e com elevado significado para o desporto e para as mulheres, significa também que a igualdade de oportunidades ainda não foi plenamente atingida, não permitindo que as instâncias que superintendem o desporto, e as mulheres dêem como terminada a tarefa de democratização do desporto. Este é certamente um ponto importante da agenda do séc. XXI.

No que se refere a Portugal, assinale-se o facto que, das sete medalhas ganhas no atletismo, quatro brilham em peito feminino, sendo que duas delas se referem à prova mais emblemática, e com maior significado histórico, nos JO – a Maratona –, vedada às mulheres até 1984. É impossível esquecermo-nos das duas primeiras medalhas de ouro femininas na maratona: Joan Benoit (1984) e Rosa Mota (1988). Pierre de Coubertin não imaginaria que a sua máxima – o mais importante nos JO não é ganhar, mas participar, tal como o mais importante na vida não é triunfar, mas lutar – se aplicaria tão bem às mulheres no desporto: lutaram e lutam, triunfam, participam e ganham medalhas.

Afinal, a figura da heroína desportiva não é uma ameaça à preservação de identidades femininas seculares, seja a família, a maternidade, ou a feminilidade, nem tão pouco à preservação de identidades masculinas. É um interessante ponto de partida para a discussão acerca da desconstrução da feminilidade/masculinidade estereotipada e da reconstrução de múltiplas identidades das mulheres e dos homens (Hargreaves, 2000). Os Jogos Paralímpicos (JP) merecem algumas considerações, não só pelas mulheres portadoras de deficiência, mas por todos os atletas, que sendo “diferentes” são alvos fáceis da discriminação.

Desde logo, a sua denominação parece significar que homens e mulheres portadores de deficiência não têm os seus JO. O prefixo *para* é utilizado no sentido de paralelo, ao lado. E ao lado, paralelo a quê? Aos Jogos Olímpicos⁴, mas não parece que se possa afirmar que são JO dos deficientes. Ou seja, o olimpismo não integra atletas de alta competição portadores de deficiência. Será necessário lembrar que os Paralímpicos são o segundo maior evento desportivo, logo a seguir aos JO, requerendo dos seus atletas os mesmos atributos que aos demais: dedicação, sacrifício, superação, habilidades motoras e capacidades físicas excepcionais, determinação e vontade especial de vencer?

Será também de realçar que o termo “Jogos Paralímpicos” foi aprovado pelo COI apenas em 1984, e se a cooperação entre o COI e o Comité Paralímpico Internacional (CPI) tem sido de *gentlemen*, já o mesmo não se pode dizer de todos os Comités Olímpicos Nacionais (CONS) que sediaram edições de JO. A título de exemplo: os JP de 1968 não se

⁴ "The Paralympics being the parallel Games to the Olympics" In: <http://www.paralympic.org/ipc/whats/content.asp>

realizaram no México, mas em Tel Aviv; os de 1972 realizaram-se em Heidelberg⁵, dado que a Aldeia Olímpica de Munique foi de imediato fechada para ser convertida em apartamentos privados; em 1980 foram realizados em Arnheim (Holanda), pois Moscovo não se mostrou disponível, e os de 1984 não foram acolhidos em Los Angeles, mas em duas cidades, uma europeia, Stoke Mandeville (Inglaterra) e a outra norte-americana, Nova York. O facto de não existirem relações formais entre as organizações de atletas deficientes e o comité organizador de Los Angeles e as relações com o CO dos Estados Unidos serem ténues foram às justificações apresentadas para se descartarem da situação. Data de 2000 a assinatura do acordo de cooperação entre o COI e o CPI, e em 2001 fica estabelecido que a candidatura à realização dos JO implica o acolhimento dos JP, acordo a entrar em vigor para os JP de Beijing (2008) e os de Inverno de 2010. Uma nota positiva a assinalar: o acordado foi executado já em Salt Lake (2002) e um comité organizativo comum exercerá funções nos Jogos deste ano, e em Turino (2006).

Os JP de Roma foram o primeiro passo real no sonho Sir Ludwig Guttmann: a realização de jogos internacionais equivalentes aos Olímpicos. Mas será que alguma vez chegarão a ser denominados de Jogos Olímpicos para Deficientes, ou denominação similar? O lema *Altius, Citius, Fortius* será capaz de incluir pessoas com características diferentes do herói olímpico, idealizado pelo Barão de Coubertin, já que as suas primeiras práticas desportivas estão associadas a objectivos terapêuticos? Um outro aspecto. A sua calendarização, logo a seguir aos JO, se traz benefícios em termos de organização, logística, estruturas, recursos e serviços, não lhes confere a notoriedade merecida, pelo menos em Portugal. Os canais televisivos trataram com indiferença os JP de Sidney, apesar de terem realizado uma cobertura exaustiva, em directo e em diferido, dos JO.

Segundo o paralímpico português Carlos Lopes⁶, acompanharam a comitiva portuguesa um jornalista de um jornal desportivo diário e uma de uma agência noticiosa e, apesar das promessas dos governantes, não foi possível que a *Rádio Televisão Portuguesa* garantisse a sua presença nos Jogos. No que se refere a este tema e a jornais portugueses, Calvo (2001) analisou quatro: *A Bola*, *Record*, *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias* – com o objectivo de perceber como tratavam o desporto de alta competição para pessoas com deficiência, focando os anos de 1988, 1992 e 1996, anos de JP. Relativamente à ocorrência de artigos, os valores encontrados concentram-se em torno do período competitivo, e parecem pouco expressivos: onze em 1988, sendo que nenhum se registou nos jornais desportivos em análise; 35 em 1992 (*Record* = 28; *A Bola* = 0) e 57 em 1996 (*A Bola* = 21; *Record* = 19). *A Bola*, o jornal mais lido no país, o jornal que é lido em qualquer canto do mundo onde vivam portugueses, apenas em 1996 considerou os JP motivo de notícia!

O rol das discriminações, segundo a Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes, revela-se também na recusa de seguradoras em oficializarem contratos de seguros desportivos com atletas de alta competição, argumentando que se trata de pessoas deficientes! Se a questão do acompanhamento médico não é simples para atletas de alta competição, para os/as atletas portadores/as de deficiência é ainda menos. O Director Técnico Nacional destaca duas situações: o médico parte do princípio de que se é deficiente está inapto para o desporto, ou não percebe a deficiência, e dá como apto quem não pode estar⁷.

⁵ Primeira participação de Portugal.

⁶ <http://www.terravista.pt/guincho/6795/ficheiro33.html>

⁷ <http://www.pcd.pt/noticias/ver.php?ver=1550>

Uma pesquisa no local do CPI⁸ não permite a recolha de dados, de uma forma expedita, quanto ao número de participantes por sexo. Significará isto que indivíduos portadores de deficiência são assexuados? Que a característica que melhor os define é a deficiência? As mulheres portadoras de deficiência têm as mesmas oportunidades e incentivos que os homens? Como tem sido a evolução da participação, por sexo, em quase 44 anos⁹ de Paralímpicos? Outra fonte de consulta, preocupada com as desigualdades entre os sexos dá-nos a resposta, mas apenas para Sidney¹⁰: naquela edição dos Paralímpicos, a participação feminina foi apenas 25,4% e, mais grave ainda, 35% dos países participantes não levaram mulheres-atletas aos jogos (Schnaidt, 2004). Segundo a deputada Margarida Botelho¹¹, a participação das mulheres nos Jogos Paralímpicos tem vindo a diminuir: em 1988 eram 39% da delegação portuguesa, cifra que caiu rapidamente até aos 13% de Sidney.

Não serão precisos mais argumentos para se demonstrar que, face à discriminação e desigualdade de oportunidades das mulheres, umas são ainda mais desiguais que outras. Reforça também, como se referiu anteriormente, que o termo *Mulher* não serve para caracterizar distintas situações de ser mulher, em torno do globo. Como diz Camps (2001: 22), “a desigualdade das mulheres continua a ser uma sentença meio suspensa sobre as nossas sociedades”. São 29 os países que, na sua estrutura desportiva, contam com um Comité Paralímpico Nacional (CPN). Portugal não faz parte dessa lista, apesar desta classe de atletas ter conquistado mais medalhas que os considerados “normais”, nos JO. O número¹² de atletas apurados para os JO de Atenas (49) e o dos apurados para os JP (42), demonstra bem a importância e o contributo dos Paralímpicos no desporto nacional. Porém, esta constatação, ao alcance de qualquer criança do primeiro ciclo de ensino, não tem a mesma interpretação aritmética nas instâncias governamentais portuguesas, quando se trata de definir regras de atribuição de prémios e os montantes dos mesmos, para os atletas olímpicos e paralímpicos. A discriminação, agora contabilizada em Euros, é vergonhosa. A medalha de ouro olímpica vale 30 mil euros, a paralímpica 10 mil; a olímpica de prata, 22,5 mil, a paralímpica, 5 mil euros. Mas, se o atleta é dado a mais proezas e se juntar à de ouro uma de prata, o olímpico recebe mais 22,5 mil, isto é 52,5 mil euros, o que é lógico e justo. E o paralímpico?

A resposta: 15 mil euros está errada. A segunda proeza do paralímpico vale apenas 50% do valor atribuído à medalha de prata, portanto a resposta certa é: 12,5 mil euros!¹³ Isto é, no caso do atleta conquistar mais de uma medalha no mesmo quadro competitivo, será atribuído por inteiro o prémio correspondente à melhor classificação, 50% do prémio relativo à segunda e 25% do prémio relativo à terceira.¹⁴

⁸<http://www.paralympic.org/>

⁹Roma, 1960.

¹⁰ Participação portuguesa: 47 homens, seis mulheres.

¹¹ Intervenção na Assembleia da República, 22/3/01: <http://www.pcp.pt/actpol/temas/desporto/a20010322-1.html>

¹²Dados relativos a 30 de maio de 2004

¹³ Vale a pena ler a crónica "Um dia muito triste", de José Manuel Meirim, no *Jornal O Público* de 22 fev. 2004. É que a “história” não se fica por aqui. O Tribunal Constitucional encontrou argumentos para não decretar a inconstitucionalidade da Portaria que estabelece o valor dos prémios para paralímpicos e respectivas regras de atribuição. Vale “como prémio de consolação” parte da declaração de voto de vencido de uma Conselheira, de seu nome, Fernanda Palma: “(...) o que é razoável e não arbitrário não depende apenas de qualquer perspectiva de senso comum, ou de uma visão assente na ‘consciência do povo’, do interesse geral ou – muito menos ainda – de ideias estereotipadas sobre a notoriedade internacional do país ou de qualquer ideal de perfeição eugénica. A igual dignidade da pessoa humana e a não discriminação do cidadão deficiente, bem assim como a necessidade de promoção das representações sociais sobre os cidadãos deficientes, não se compatibilizam com uma lógica de premiar a ‘normalidade’”.

¹⁴ Portaria n.º 393/97 de 17 de junho.

Pressões e recomendações para a mudança

Retomando o discurso das mulheres no desporto, nomeadamente no olímpico, será de sublinhar que o muito alcançado se verificou a partir dos anos 70-80, do século passado. Um maior número de associações desportivas e de clubes de mulheres foram criados, principalmente em países desenvolvidos, mas também naqueles em vias de desenvolvimento. COI, CONs, Federações Internacionais e Nacionais e outras estruturas desportivas, foram sendo pressionadas para conceberem iniciativas no sentido de: (i) proporcionar que mais mulheres praticassem desporto, (ii) que o praticassem cada vez num maior número de modalidades e (iii) que fossem preparadas para assumir lugares de treinadoras e de dirigentes.

Esta tendência de desenvolvimento foi reforçada pela decisão do COI de que todas as modalidades desportivas, num esforço de inclusão, englobassem provas femininas (Stivachtis, 2000). Decisões deste tipo são reflexo de uma transformação social, política e cultural nem sempre tão favorável como se pretendia, mas a partir da qual as mulheres começaram a influenciar as agendas políticas.

A Convenção para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher¹⁵ (ONU, 1979) e ratificada pelo Estado Português (1980), a Carta Europeia do Desporto (1992), a Declaração de Brighton (1994), em resultado da Primeira Conferência Internacional sobre Mulheres e Desporto – que Portugal não assinou –, a Declaração de Beijing e respectiva Plataforma para Acção (1995) foram momentos e instrumentos fundamentais para a tomada de consciência da situação das mulheres e serviram de alavanca para muitas acções em todo o mundo, evidentemente com resultados práticos muito díspares. No que toca ao desporto, e apesar do que foi anteriormente referido, considera-se que as alterações não foram tão extensíveis como em outros domínios (Stivachtis, 2000). Será de realçar que alguns dos resultados positivos foram alcançados a partir de 1981, quando, pela primeira vez e com o apoio de Samaranch, mulheres foram cooptadas (1996) como membros do COI¹⁶, o que veio a possibilitar que, de 1997 a 2001, a vice-presidência fosse ocupada por uma mulher, Anita DeFranz.¹⁷ A promoção das mulheres na política oficial do COI, a todos os níveis e em toda a sua estrutura, é sustentada pelo artigo 2º, parágrafo 5, da Carta Olímpica – aplicação do princípio da igualdade entre homens e mulheres.

O esforço de “democratização” do COI é revelado pelas comissões que actualmente compõem a sua estrutura, com especial referência para a comissão *Mulheres e Desporto*.

A “democratização” do COI pode ainda ser avaliada pelas Conferências Mundiais *Mulheres e Desporto* que organizou em 1996 (Lausanne), em 2000 (Paris) e no passado mês de março em Marraquexe, congregando mais de quinhentos delegados/as de 137 países dos cinco continentes (Schnaidt, 2004). O objectivo fundamental dessas conferências resume-se a um princípio: pressionar e monitorizar para promover a igualdade de direitos e de oportunidades das mulheres nos diversos âmbitos e instâncias do desporto. Será difícil eleger o ponto mais importante em cada uma das resoluções¹⁸ resultantes das conferências. No entanto, o ponto 10 da resolução da primeira conferência é incontornável, e reza assim: *exorta* o COI a suspender o processo vigente de verificação do sexo durante os Jogos Olímpicos. De facto, tal procedimento foi suspenso nos Jogos de Sidney.

¹⁵Convention on the Elimination of Discrimination Against Women (CEDAW).

¹⁶ Nesse ano duas, em 2001, onze, e actualmente doze mulheres. (Ferris, 2000; Pfister, 2003/04; Schnaidt, 2004).

¹⁷ Na direcção executiva actual consta apenas uma mulher, Gunilla Lindberg, da Suécia, mas não na vice-presidência.

¹⁸ As resoluções podem ser consultadas em: http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_756; http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_757; http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_792.

Também o é o ponto 9 da segunda conferência: *exorta* o COI, as Federações Internacionais (FIs), os Comitês Olímpicos e as Federações Nacionais a desenvolverem e aplicarem um plano de acção para combater o assédio sexual, englobando códigos de conduta para atletas, treinadores, dirigentes desportivos e outras organizações, e para que a esta temática seja incluída em todos os *workshops* e conferências organizadas pelas FIs e CONs. Na resolução da terceira conferência elegemos dois pontos, intimamente associados, e que são seqüência ou consequência de resoluções anteriores. Assim, o ponto 1 *reafirma* os objectivos estabelecidos em 1996 para o COI, as FIs e CONs para que os seus órgãos executivos e legislativos incluam pelo menos 20% de mulheres até 2005 e que tenham em consideração o período anterior. Este “tenham em consideração o período anterior” refere-se à meta de 10% até 2000, objectivo que não foi cumprido pela grande maioria das entidades. O ponto 2 *exorta* o COI, as FIs, a Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais (ACON), as Confederações do Desporto, os CONs e as Federações Nacionais a corrigirem o corrente desequilíbrio entre os sexos, a assegurarem uma representação significativa de mulheres em todas as comissões permanentes e grupos de trabalho e a realçarem a necessidade das cinco Associações Continentais de CONs assegurarem a inclusão de mulheres no Conselho Executivo da ACON.

Este tipo de instigação, de perseverança, apesar de incomodar muita gente (a interrogação: *mas então o que é que “elas” querem mais?* é recorrente), faz todo o sentido. Monitorizando a situação actual, a terceira conferência Mulheres e Desporto (2004), atendendo ao definido anteriormente para que as estruturas do desporto contem com a participação de mulheres na definição de políticas e de práticas, tornando-o assim mais equitativo e democrático, chega à conclusão de que no COI, de 126 membros que o compõem, apenas doze são mulheres, e nenhuma da África “negra”, do Sudeste Asiático ou da América Latina (Pfister, 2003/04). Portanto, o próprio COI não cumpre o que estabeleceu para os CONs, e apenas três dos 202 presidentes dos CONs são mulheres (Schnaidt, 2004). O desrespeito pelas regras e pelas leis que os próprios elaboram significa falta de justiça. Fica aritmeticamente provado que este é um assunto prioritário para o século XXI, dada a lentidão que o processo apresenta e o fosso abissal entre legislar e operacionalizar. Contudo, o número de lugares não diz nada acerca da influência e do poder das mulheres.¹⁹

Apenas mais duas referências que nos parecem muito importantes, para além de outras possíveis. Uma, para o Conselho da Europa, no que diz respeito à resolução relativa à prevenção do assédio e do abuso sexual das crianças, jovens e mulheres no desporto (Março, 2000).²⁰ Este tema nunca foi discutido pelas instâncias governativas e desportivas portuguesas; é como se não existisse. Evitar enfrentar os problemas não parece resolvê-los. Assédio e abuso sexual é mais um assunto premente a ser incluído na agenda do século XXI, do ponto de vista político e pedagógico. A outra, para o Parlamento Europeu que, por iniciativa de Geneviève Fraisse, adoptou em 5 de junho de 2003 a resolução *Mulheres e Desporto*²¹, composta por 46 propostas, distribuídas por cinco grandes questões:

- estruturar o tema “As Mulheres e o Desporto”;
- desenvolver o desporto escolar e o desporto nos tempos livres;
- garantir a igualdade dos direitos no desporto de alta competição;
- assegurar a saúde de mulheres atletas;

¹⁹ Segundo Pfister (2003/04), Gunilla Lindberg revelou que mulheres não participam em reuniões internacionais.

²⁰ Disponível em: <http://www.coe.int>

²¹ Resolução A5-0167/2003, disponível em: <http://europa.eu.int/abc/doc/off/bull/pt/200306/p109001.htm>

- reforçar a participação das mulheres na tomada de decisões.

Destacam-se algumas propostas:

- abrir efectivamente as disciplinas desportivas a ambos os sexos, ultrapassando estereótipos e barreiras, permitindo que cada menina e cada menino pratique a actividade física eleita;
- promover a prática desportiva nas escolas, em regime co-educativo. O desporto é um espaço de liberdade e de emancipação. A liberdade corporal tem um significado especial para as meninas e as mulheres. O desporto é um espaço no qual se joga a representação de identidades sexuais, em que modelos de virilidade e feminilidade são reproduzidos, mas também transgredidos. Deste modo o desporto incarna, simultaneamente, igualdade e liberdade;
- cuidar especificamente dos problemas de saúde e assédio sexual que as meninas e as mulheres possam ter nas suas práticas desportivas;
- garantir igualdade efectiva de acesso ao desporto na escola, de recreação e de alta competição, dado que apenas 16% das mulheres europeias e 29,5% dos homens declaram que praticam uma actividade física ou fazem desporto regularmente. Encorajar portadores de deficiências a participarem em actividades físicas e desportivas;
- garantir uma igualdade de direitos entre mulheres e homens no desporto de alto rendimento, respeitando-se a igualdade de acesso ao estatuto de alta competição, garantindo-se os mesmos direitos no que diz respeito a proventos, condições de assistência e treino, acompanhamento médico, acesso a competições, protecção social, formação profissional e reintegração social, mas também um tratamento mais justo por parte dos meios de comunicação social;
- propor que a participação de meninas e mulheres no desporto seja incluída como objectivo operacional na estratégia *equidade de género* para 2006-2010, e que a estratégia em desenvolvimento (2001-2005) se concentre na eliminação de estereótipos sexistas, particularmente no desporto;
- desejar que o Ano Europeu de Educação pelo Desporto se constitua como oportunidade para que se examine a importância da co-educação no desporto e apelar para que os estados-membros dêem prioridade a projectos que incentivem a participação de mulheres no desporto;
- solicitar às autoridades governamentais para que sistematicamente tenham em consideração a igualdade de género no desporto, particularmente no que diz respeito à distribuição de subsídios;
- solicitar às organizações e autoridades desportivas que promovam a participação das mulheres nas funções de árbitro e de juiz, e que instaurem a participação de homens e mulheres nas comissões médicas e nas comissões de selecção.

Organizações “Mulheres e Desporto”

Mas desporto não é apenas o Olímpico. A investigação tem demonstrado, com consistência, que a prática do desporto/actividade física pode ser benéfica em todas as idades, factor de qualidade de vida e de saúde pública. Se, até ao momento, temos recorrido a factos, do passado e da actualidade, referentes ao olimpismo para traçar o roteiro das mulheres no

desporto, isto não significa que as preocupações, dificuldades, críticas e o trabalho desenvolvido se quedem naquelas instâncias.

Distintas organizações não-governamentais têm-se dedicado a promover a equidade das mulheres no desporto, trabalhando em rede. Referiremos apenas algumas, aquelas que, pela sua capacidade organizativa, têm servido de referência a outras.

A *International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women* (IAPESGW)²², fundada em 1949, tem como objectivo, desde então, reunir mulheres de todo o mundo interessadas em trabalhar em prol da educação física e do desporto, promovendo troca de ideias, de práticas e de resultados de investigação. Edita um boletim anual, 2 *Newsletter* por ano, e realiza um congresso internacional, de quatro em quatro anos, dedicado a um tema da educação física e do desporto. Portugal é um dos 48 países representados nesta associação. A *Women Sports Foundation* (WSF, 1974)²³, uma organização educativa cuja missão é assegurar uma igualdade de acesso e de oportunidades no desporto e nas actividades físicas, independentemente do sexo, nacionalidade, etnia, idade, religião, orientação sexual ou incapacidade física. Simultaneamente, pugna por uma sociedade em que meninas e mulheres, de todas as idades, obtenham experiência e prazer no desporto; ao se identificarem como desportistas se sintam confiantes e confortáveis; todos e todas acreditem que o desporto e a actividade física são importantes para a saúde, bem-estar e para o desenvolvimento da liderança; a comunicação social relate extensivamente e valorize o desporto conjugado no feminino; e ainda uma sociedade que reconheça benefícios quando as mulheres desenvolvem as suas potencialidades.

A *Canadian Association for the Advancement of Women in Sport* (CAAWS²⁴, 1981) desenvolve o seu trabalho em parceria com o Sport Canada e com comunidades desportivas canadenses para que se atinja a equidade de género no desporto comunitário. A *Women Sport Australia* (1991)²⁵ promove e comunica a importância da mulher no desporto no sentido de influenciar a opinião pública e as decisões políticas nacionais. A *Women Sport International* (WSI)²⁶, que foi fundada em 1993, tem como objectivo o aumento de oportunidades e de alterações positivas para as mulheres e meninas a todos níveis, na educação física e no desporto. Os seus membros representam cerca de trinta países e distintas áreas de interesse: medicina do desporto, saúde e aptidão física, nutrição, treino, gestão do desporto e educação. Presta assistência a atletas, meninas e mulheres que procuram oportunidades para que desporto e actividade física façam parte das suas vidas.

Com uma dimensão europeia, reconhecida pelo Parlamento Europeu, mas com propósitos semelhantes, regista-se a *European Women and Sport Group* (EWS, 1993).²⁷

A *Japanese Association for Women in Sport* (JWS, 1998)²⁸, com objectos gerais idênticos a todas as organizações congéneres, convida a que se realcem algumas especialidades, a saber: desenvolvimento e aplicação de programas educativos no sistema escolar; difusão de informação científica sobre o efeito do desporto e da aptidão física na mulher; desenvolvimento de programas de treino para mulheres-atletas e treinadores/as lidarem com a comunicação social; promoção da cobertura jornalística justa e “limpa” da mulher em todos os meios de comunicação social; incentivo à investigação; apoio para

²² <http://www.udel.edu/HESC/bkelly/usa.html>

²³ <http://www.womensportfoundation.org>

²⁴ <http://www.caaws.ca>

²⁵ <http://www.womensport.com.au/>

²⁶ <http://www.sportsbiz.bz/womensportinternational/about/index.html>

²⁷ <http://www.ews-online.com>

²⁸ <http://www.jws.or.jp>

planear e gerir serviços e instalações desportivas, de acordo com as necessidades das mulheres; aumento do número de mulheres em cargos de decisão política; apoio do desenvolvimento de carreiras desportivas; e promoção do voluntariado no desporto.

Em Portugal, ideias e princípios similares às organizações referidas são preconizados pela *Associação Portuguesa Mulheres e Desporto* (APMD, 1998)²⁹, nomeadamente o objectivo de promover a participação das mulheres no desporto a todos os níveis, funções e esferas de competências. Esta associação integra o Conselho Consultivo da *Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres* (CIDM) e, na sua curta existência, realizou dois congressos internacionais (1999 e 2003); editou um livro, *Equidade e educação: educação física e desporto na escola* (2000); organizou o conteúdo da Revista *Ex aequo*, nº 4 (2001), "Mulheres e Desporto" (Celta Editora); na Presidência Portuguesa da União Europeia, o Secretário de Estado do Desporto solicitou à Associação uma proposta de estrutura e organização de um seminário europeu na temática "Mulheres e Desporto". A proposta foi apresentada, porém a acção não se realizou; está a ser preparada a edição das actas do congresso de 2003 e a Associação candidatou-se, com êxito, a financiamento do Fundo Social Europeu apresentando dois projectos de intervenção relacionados com o desporto: um dirigida à escola, outro às associações desportivas, aos clubes e às autarquias. Mas não tem sido fácil. A afirmação de que o desporto é organizado por homens e para homens é apoiada por inúmeras evidências: é só necessário querer vê-las (Talbot, 2003). Todos conhecemos a cultura "ainda mais particular" dos países do Sul da Europa. E assim a APMD, como refere Carvalho (2003), tem sentido resistências; as organizações públicas e privadas do sistema desportivo nacional não estão sensíveis nem interessadas em discutir políticas e acções que, se imprescindíveis para a mudança, serão sentidas também como perturbadoras do *satus quo*.

Notas finais

As notas para o futuro facilmente se recolhem dos documentos, recomendações e orientações vindas de vários quadrantes. No entanto, atrevemo-nos a salientar:

- regulamentação e operacionalização da legislação, a qual, em variadíssimos capítulos, já contém cláusulas de equidade entre géneros;
- monitorização democrática dessa mesma legislação;
- direito à diferença;
- por contraponto a uma educação sexista – subtilmente presente em todas as escolas, através de manuais escolares, linguagem, modo como se organizam as aulas, conteúdos mais e menos valorizados, que reproduzem e mantêm estereótipos de género – uma educação na equidade;
- necessidade de homens e mulheres conhecerem as discriminações do mundo do desporto. A comunicação social tem obrigações nesse sentido;
- desenvolvimento da prática desportiva, não orientada por "determinismos biológicos" de mulheres e homens, meninas e meninos em todas as etapas da vida;
- na formação de professores/treinadores, dirigentes do desporto, jornalistas, etc., o tema "género e desporto" deve ser matéria obrigatória;
- incentivo e criação de programas e oportunidades efectivas para que mulheres participem no desporto a todos os níveis, funções e esferas de competências;

²⁹ A página web estará disponível em breve; e-mail : apmdesporto@netcabo.pt

- discussão do problema do assédio e abuso sexual no desporto, tomando medidas para que os ofendidos e as ofendidas se sintam seguros/as para os denunciar;
- estabelecimento de critérios inequívocos para a distribuição estatal de subsídios ao desporto e a programas de promoção desportiva a grupos desfavorecidos de prática, sejam eles do sexo feminino ou masculino, jovens, idosos ou portadores de deficiência;
- qualquer instituição desportiva que em situação financeira difícil termine com uma secção feminina deve perder o direito a subsídios;
- investimento sério na formação de agentes de saúde no tocante aos cuidados de atletas, femininas e masculinas, da pediatria à geriatria.

Referências bibliográficas

- BOTELHO GOMES, Paula, SILVA, Paula & QUEIRÓS, Paula. *Equidade na educação. educação física e desporto na escola /Equity on education. physical education and sport at school*. Lisboa: Associação Portuguesa Mulheres e o Desporto (APMD), 2000.
- BOULONGNE, Yves-Pierre. Pierre de Coubertin and women's sport. *Olympic Review*, 31, p. 18-22, 2000.
- BRANDY, Susan. From antiquity to the 19th century. *Olympic Review*, 31, p. 18-22, 2000.
- CALVO, A. Paula. 2001. *Desporto para deficientes e media*. Dissertação (Mestrado, área de especialização Actividade Física Adaptada) – FCDEF, Universidade do Porto.
- CAMPS, Victoria. *O século das mulheres*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- CARVALHO, M. José. *Desporto e mulheres: acções para a mudança no plano político, legislativo e financeiro*.
- CONGRESSO INTERNACIONAL MULHERES E DESPORTO: AGIR PARA A MUDANÇA 2, APMD & FCDEF-UP, FCDEF-UP, 5-7 Novembro, 2003.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao género. *Revista de Estudos Feministas*, 10 (1), p. 171-188, 2002.
- DE KONINCK, Thomas. *A nova ignorância e o problema da cultura*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- FERRIS, Elizabeth. Promoting women sports leaders: are quotas the way forward. *Olympic Review*, 33, p. 131-34, 2000.
- HARGREAVES, J. *Sporting females. Critical issues in the history and sociology of women's sports*. Londres: Routledge, 1994.
- _____. *Heroines of sport: the politics of difference and identity*. New York: Routledge, 2000.
- MEIRIM, José. Um dia muito triste. *Jornal O Público*, 22 fev. 2004, p. 35.
- PFISTER, Gertrud. Female leaders in sports organizations - worldwide trends. *Bulletin International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women*, v. 12, p. 22-33, 2003/04.
- _____. & HARTMANN-TEWS, Ilse. Women and sport in comparative international perspectives. Issues, aims and theoretical approaches. In: _____. & PFEISTER, G. (Eds.). *Sport and women: social issues in perspective*. London: Routledge, 2003. p. 1-14.
- PIRES, Gustavo. Equilíbrios. *O Norte Desportivo*, 31 jan. 2004, p. 2.
- PARLAMENTO Europeu. Resolução A5-0167/2003: *Mulheres e Desporto*. 2003. Disponível em: <<http://europa.eu.int/abc/doc/off/bull/pt/200306/p109001.htm>>. Acesso em: 10. jul. 2003.
- SCHNAIDT, Vanessa. *A meeting of the minds*. 2004. Disponível em: <<http://www.womenssportfoundation.org/cgi-bin/iowa/issues/article.html>>. Acesso em: 15 abr. 2004.
- SILVA, Paula & CARVALHO, Maria José. Da penumbra à luminosidade: recortes dos últimos 100 anos da participação feminina desportiva portuguesa. *Ex aequo*, nº4, p. 75-85, 2001.
- STIVACHTIS, Katia. Women's participation in the olympic movement. IOC policy and strategies. *Olympic Review*, 31, p. 29-32, 2000.
- TALBOT, Margaret. *Physical Education: should gender be on the agenda?* CONGRESSO INTERNACIONAL MULHERES E DESPORTO: AGIR PARA A MUDANÇA 2, APMD & FCDEF-UP, FCDEF-UP, 5-7 Novembro, 2003.

WORKSHOPS

SAÚDE FÍSICA E MENTAL DA MULHER DESPORTISTA

Prof. Doutorando José Alberto Aguilar Cortez
Escola de Educação Física e Esporte da USP

Os hábitos e costumes sociais da população passaram por mudanças importantes em termos de manifestação cultural. Os avanços conquistados nos últimos anos, nas sociedades mais desenvolvidas, ocuparam espaço destacado nos principais veículos de comunicação e colocaram os esportes em evidência. Entretanto, só recentemente os pesquisadores começaram a estudar os riscos e benefícios associados ao treinamento e a separar a prática de atividades físicas destinadas à melhora da qualidade de vida de outras caracterizadas pela competição individual ou coletiva. A diferença entre praticar exercícios físicos para atingir o bem-estar físico, mental e social – que de acordo com a Organização Mundial de Saúde caracteriza o indivíduo saudável – e praticar esportes, é muito grande. Os programas de exercícios físicos obedecem a um conjunto de recomendações ordenadas e sistemáticas. Seguem prescrição individualizada em relação ao tipo, intensidade, duração, frequência e progressão da atividade física. Respeitam limites físicos e psicológicos porque só estimulam a competição contra os fatores de risco conhecidos e associados à vida sedentária. Consideram as diferenças entre os sexos e adaptam os estímulos considerando tais diferenças.

O que buscamos quando pretendemos melhorar a aptidão física é melhorar nossa capacidade para desempenhar níveis de atividades físicas – de moderados a vigorosos – sem fadiga injustificada e com a possibilidade de manter a condição adquirida ao longo da vida. O esporte de rendimento também obedece a prescrições individualizadas durante o treinamento, mas foge do controle no ambiente da competição, quando a pressão psicológica e a necessidade de superação sufocam o bom senso. Por trás da competição existem componentes mentais e sociais que, em vez de proporcionar melhora para as funções orgânicas, podem provocar degeneração rápida das funções num processo patológico. Embora inerente a todas as fases da vida, a competição levada ao extremo e pressionada por fatores ligados à sobrevivência na mídia, aos patrocinadores, aos técnicos e dirigentes nada tem a ver com valores culturais ditos civilizados.

Por suas características, os esportes sempre ofereceram como vantagem a oportunidade de aprimorar o comportamento das pessoas em qualquer momento, situação ou circunstância da vida. Mas, infelizmente, nem sempre é o que acontece. As pressões que estão na órbita do esporte afetam de maneira desigual os indivíduos e precisam ser ainda mais consideradas quando reconhecemos as diferenças entre os gêneros. Enquanto os programas de condicionamento físico já foram pesquisados e as conclusões permitiram a elaboração de situações adaptadas a cada fase da vida para ambos os sexos, nos esportes as principais pesquisas investigaram, de forma prioritária, os procedimentos para a conquista de recordes. Pouco se sabe a respeito das conseqüências da especialização precoce e dos efeitos do comprometimento inconseqüente com os excessos do treinamento para a saúde física e mental do homem e muito menos da mulher. A resposta adaptativa ao treinamento é complexa e inclui fatores periféricos, centrais, estruturais e funcionais. Embora muitas dessas variáveis e

suas respostas adaptativas ao treinamento já tenham sido exaustivamente estudadas ainda, faltam dados comparativos entre os sexos.

As mulheres atletas são diferentes dos homens atletas e precisam ser treinadas de maneira diferente. Os corpos são diferentes e as necessidades também. É preciso conhecer o corpo feminino não só para adequar os estímulos necessários para ganhar força, velocidade, agilidade e resistência, mas também para reduzir a possibilidade de lesões comuns a todas as modalidades. Apesar do crescimento das investigações que estudam a participação da mulher nos esportes, pouco se sabe sobre os transtornos físicos e psicológicos relacionados com a competição e que acabam afetando a rotina de vida. Faltam informações para identificar e evitar as transformações físicas e fisiológicas indesejáveis, atribuídas a métodos de treinamento que não diferenciam as mulheres dos homens. Nem todas modalidades tiveram suas regras adaptadas para, pelo menos, reconhecer as diferenças estruturais e funcionais entre os sexos.

O alcance dos danos provocados pelas perdas na auto-imagem e na auto-estima nas derrotas e nos períodos de afastamento devido a lesões, ainda não foi dimensionado em nenhum dos sexos, mas são indiscutíveis os problemas que causam para a saúde mental dos atletas. O declínio da competitividade em consequência da idade e das particularidades de cada esporte, que provocam afastamento precoce das atividades e afetam as relações sociais e familiares, não recebe atenção proporcional à gravidade que o problema representa.

A saúde psicológica, que permite reagir com mecanismos de defesa e enfrentamento contra os agentes agressores, tem sido estudada durante os períodos pré-competições e durante as mesmas, mas pouco se sabe para o tratamento da fragilidade emocional do atleta decadente ou do ex-atleta de ambos os sexos. Mesmo reconhecendo que a vida sedentária é responsável pelo aparecimento das principais doenças crônicas e que nossos genes se desenvolveram para suportar um estilo de vida ativo, é preciso considerar o lado negativo dos excessos praticados para conquistar medalhas. Assim como tem sido difícil vencer a guerra contra a inatividade física – mesmo com abordagem multifatorial que inclui medicina preventiva, desenvolvimento de drogas, seleção de alvos e terapia clínica eficaz –, para vencer os inimigos da saúde, presentes nas competições, também precisamos de estratégias diferenciadas.

Da infância até a idade adulta, sob supervisão dos pais ou dos treinadores, o esporte precisa apoiar-se em informações científicas sólidas e respeitar as características e objetivos de cada indivíduo. Mais do que ser bem-sucedido nas competições para conquistar reconhecimento temporário, é fundamental ajudar meninas e rapazes a se habituarem com as atividades físicas e reconhecerem sua importância para manutenção da saúde. Pesquisa realizada no Canadá com 1.166 meninas brancas e 1.213 negras, que foram acompanhadas durante dez anos, a partir dos 9 e 10 anos de idade, mostrou que 89% delas deixou de praticar atividades físicas quando completou 18 e 19 anos. A conclusão a que se chega é que nenhum esporte e nenhuma atividade física escolar foram desenvolvidos de forma competente para motivar as jovens a se manterem ativas na idade adulta. Por outro lado, sabemos que nem sempre aquelas que continuaram praticando esportes conseguiram atingir as três dimensões – orgânicas, motrizes e culturais – que caracterizam o conceito de condição física e boa saúde.

Na verdade, o grande desafio que precisamos enfrentar é como maximizar as vantagens que o caráter lúdico dos esportes proporciona e como minimizar os efeitos negativos relacionados com treinamentos inadequados e com as pressões exageradas que podem comprometer a saúde física, mental e social de indivíduos de ambos os sexos.

A MULHER COMO INSTRUMENTO DE PODER NO ESPORTE DE RENDIMENTO

Prof.^a Dr.^a Miriam Adelman
Universidade Federal do Paraná

OFICINA: Mulheres, prática esportiva e empoderamento.

O corpo como objeto teórico

Durante muito tempo, a teoria social ocidental mantinha-se a distância da temática da corporalidade. Reflexo do desprezo iluminista pelo “corpo” como antípoda da razão, a teoria privilegiava a “mente”, a racionalidade e as criações do “espírito” humano. Porém, em tempos mais recentes, essa forma de pensar vem sendo sistematicamente questionada. Por intermédio de interlocutores que aparecem no cenário da teoria social contemporânea a partir dos anos 1960, desde Foucault até a teoria feminista, o corpo – socialmente construído, moldado pelas relações sociais de poder, o corpo “disciplinado”, construído a partir de noções socioculturais de gênero e sexualidade – passa a captar cada vez mais a atenção de estudiosos da sociedade. Dessa forma, um novo “objeto” é construído não apenas a partir de campos disciplinares diversos – a Sociologia, a Antropologia e a História –, mas também sob novos olhares se aprofundando em áreas como crítica literária, comunicação, psicanálise e ciências da saúde.³⁰ Hoje, no campo das ciências sociais, são várias as vertentes teóricas que discutem e pesquisam “o corpo”. Embora representem diferenças de ênfase ou perspectivas particulares, no atual momento – de crescente troca entre as áreas disciplinares e de ampla circulação de idéias – me parece que grande parte dessas perspectivas está em comunicação entre si, trazendo contribuições específicas e tendo, ao mesmo tempo, muitos pontos de convergência.

Foucault, interlocutor reconhecido em muitos campos da teoria social contemporânea, revolucionou o conceito de poder mostrando como o “poder disciplinar” da sociedade burguesa moderna investe no disciplinamento do corpo e na construção de corpos *obedientes*, corpos que trazem para dentro de si as normas e regras da ordem social – seja no comportamento no trabalho, no exército ou na vida sexual. Como tão astutamente aponta a filósofa norte-americana Susan Bordo (2000), a teoria feminista vem da mesma época de Foucault, desenvolvendo uma metodologia para entender a construção dos corpos como imbricados nas relações de poder: as relações de poder de classe, de raça e de gênero que caracterizam a modernidade. A área interdisciplinar chamada hoje de “estudos de gênero” segue esta pauta, dando grande importância aos processos normativos de construção de corpos masculinos e femininos, assim como aos atuais processos de “re-significação” desses corpos. Também existe a área hoje identificada como *queer theory*, que a partir das experiências sociohistóricas de grupos socialmente construídos como “minorias sexuais”, arroja luz sobre os profundos processos de normatização de sexualidade, sobre as práticas corporais e as

³⁰ Neste último campo, que teria inicialmente como objeto o “corpo como organismo biológico”, a perspectiva biomédica mais convencional vem sendo impugnada e, ainda que não substituída, com certeza modificada por uma visão do corpo como construção social, cultural e histórica.

subjetividades modernas e pós-modernas.³¹ Na Sociologia, autores como Elias e Bourdieu, com visões que colocam a corporalidade no bojo das relações sociais, vêm exercendo muita influência. Elias, por exemplo, ao desenvolver sua teoria sobre o “processo civilizatório”, destaca a domesticação das emoções e das práticas e fenômenos corporais³², e nisso sua perspectiva encontra um ponto de convergência com os estudos que se desenvolvem a partir de Foucault. Bourdieu, com seu conceito de *habitus*, oferece instrumentos teóricos para compreender como as relações sociais – principalmente as de classe e gênero – *se corporificam*. Autores que trabalham com o instrumental teórico oferecido por essas diversas perspectivas ainda recorrem freqüentemente à teoria psicanalítica ou à metodologia oferecida pelo interacionismo simbólico para o estudo da corporalidade na construção da subjetividade ou nos processos de negociação simbólica e prática da corporalidade nas relações sociais da vida cotidiana.³³

Ao refletir sobre como o poder age sobre os corpos, como sempre acontece há também divergências e, talvez, uma certa *bifurcação* fundamental: autores e autoras que reconhecem na corporalidade/subjetividade moderna e pós-moderna um elemento fundamental de *reflexividade*, e autores e autoras que enfatizam a *dominação*. Os primeiros ressaltam as possibilidades de negociação afirmativa, exemplificadas, por exemplo, nas lutas feministas pelo controle do próprio corpo (em relação a aspectos diversos da corporalidade, desde a sexualidade e a fertilidade até a prática esportiva e a representação simbólica); nas lutas das “minorias sexuais” para re-significar a prática sexual e as instituições sociais que a envolvem; na juventude, que na contracultura resgatava a noção de um corpo feito para “a paz” e “o amor” e não para o disciplinamento do exército ou do trabalho alienado, etc.

Um dos maiores representantes dessa perspectiva é o sociólogo britânico Anthony Giddens, que oferece o conceito de “sexualidade plástica” e enfatiza as possibilidades do sujeito moderno reflexivo (re)construir sua corporalidade como parte da sua subjetividade, isto é, da construção do *eu*.³⁴ Há, também, uma série de autoras feministas e teóricos que adota uma perspectiva analítica que enfatiza os ganhos dos tempos pós-modernos, quer dizer, o que os novos movimentos sociais e culturais conseguiram conquistar em termos da libertação dos padrões rígidos de normatização e o disciplinamento de uma época anterior à modernidade. Divergindo desta versão mais “otimista” dos tempos atuais, Pierre Bourdieu enfatiza a força de reprodução social através do *habitus*; o trabalho da teórica feminista Susan Bordo (1997a) sobre práticas e imagens do corpo feminino na cultura contemporânea mostra como na atualidade a feminilidade continua se reproduzindo no sentido que Susan Brownmiller apontava quando falou desta como uma “estética da limitação” (*apud* Bordo, 1997b). Com certeza, essas perspectivas assim como todas as de herança foucaultiana funcionam como “corretivos” para o otimismo excessivo de alguém como Giddens, mostrando como muito do que ele lê como liberdade individual pode não ir muito além da incorporação de novas “tecnologias do *eu*”, que respondem a um poder disciplinar hoje muito mais pautado no gozo (e no consumo) do que no recalque e na repressão.

³¹ Como representante desta perspectiva, ver Weeks (1999).

³² Elias, ainda que membro de uma geração anterior de pensadores, só recentemente foi incorporado ao elenco de autores consagrados da sociologia. Tal “descoberta” da obra dele é em si sinal da abertura recente para uma visão do sujeito e das relações sociais que discutem corpo, emoção e outros aspectos desprezados por perspectivas mais convencionais na teoria social, perspectivas que trabalhavam com uma definição estreita do ser humano como “sujeito da razão” (Discuto isto no capítulo 4 da minha tese de doutoramento – ver Adelman, 2004). Atualmente, o trabalho de Elias é uma influência fundamental na área da Sociologia do Esporte.

³³ Desde a referência fundamental do “Estigma” de Goffmann até os trabalhos de autores contemporâneos como Judith Butler.

³⁴ Ver em particular dois dos seus trabalhos: *Modernity and self identity* (1991) e *A transformação da identidade* (1992)

Pensando as mulheres na prática esportiva

A bifurcação acima mencionada talvez não precise ser vista, bem como a criação de perspectivas que se mantêm em absoluta oposição. Podem ser consideradas formas de tradução das diferentes tendências do nosso mundo atual, aspectos contraditórios dos processos sociais atuais. É isto que podemos ver em relação à prática esportiva das mulheres. O esporte, como prática social moderna, inicialmente construído como masculino – pois seguindo a perspectiva de Elias e Dunning, o esporte pode ser considerado uma das principais formas de canalização do “ethos guerreiro” *masculino* para uma prática domesticada, permitindo novas formas de controle³⁵ sobre “o incontrolável”³⁶ – gera também uma longa história de luta das mulheres para sua inclusão neste terreno³⁷. É uma história que faz parte dos movimentos femininos desde meados do século XIX, que impugnavam noções correntes de domesticidade e inferioridade femininas e as divisões impostas entre o “privado” e o “público”; é uma arena importante de disputas sobre *quem controla e quem decide* o que os corpos femininos “podem” ou “devem” fazer. Envolve, dessa forma, agentes sociais diversos, como médicos, educadores, assistentes sociais e mulheres que praticam o esporte como profissionais ou como amadoras. É felizmente uma história em que alguns ganhos são muito evidentes: a atividade esportiva constitui hoje em dia um espaço no qual muitas mulheres se realizam, desenvolvendo um senso de *competência física* antes negada. Mesmo os esportes que foram sendo classificados como os “mais masculinos” (portanto, os mais “masculinizantes”) oferecem hoje um certo espaço para a participação feminina.

Contudo, o esporte continua sendo, ao longo do século XX, um espaço em que a dominação masculina é reproduzida. Como a socióloga norte-americana Judith Lorber (1995) aponta, ainda hoje o esporte é visto como um espaço institucional que reproduz a noção de “corpos masculinos fortes” e corpos femininos “sexualizados”. Na cultura popular/de massas da atualidade, a atividade esportiva das mulheres é, em geral, “bem vista”, particularmente por sua contribuição na construção de corpos femininos bem esculpidos e bonitos, sendo que o padrão atual de beleza feminina dita magreza e músculos firmes (assim como a pele bronzeada e um aspecto de quem leva uma “vida ativa” e “saúdável”). Mas, ao mesmo tempo, a atividade esportiva feminina tem seus limites: mantém-se a idéia de que *certas atividades esportivas* podem comprometer a tão cara “feminilidade” das mulheres, promovendo agressividade e músculos em excesso, ou deixando fronteiras muito ambíguas entre “o quê é” um homem e uma mulher. Na mídia em geral, assim como nos depoimentos que colhi em pesquisa em 2003, aparecem constantes referências a tais “ameaças” e uma grande ansiedade em vigiar e manter o esporte feminino dentro das normas e padrões hegemônicos. O esporte pode, portanto, agir além do *empoderamento*, como uma boa forma (pós)moderna de controlar as mulheres e suas indissociáveis “corporalidade” e “subjetividade”.

Surge, assim, uma série de dúvidas. Pesquisadores e pesquisadoras da área da educação física no Brasil, assim como em outras partes do mundo, reforçam muito o potencial que o esporte e a atividade física têm para fomentar a auto-estima feminina, para o desenvolvimento de sua autoconfiança e senso de competência física (Romero, 1995), o que também fica evidente na literatura que recupera etnograficamente as experiências de mulheres atletas de outras partes do mundo. O esporte pode ser, com certeza, um terreno de *empoderamento* das

³⁵ Ver Oliveira (2001) e Jarvie & Maguire (1994).

³⁶ Ver as excelentes análises de Susan Bordo (1997) sobre a associação que ainda se faz, na cultura contemporânea, da masculinidade com o “insaciável”, como apetite para a agressividade, o sexo, etc.

³⁷ Resumo esta história no artigo *Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina?* (Adelman, 2003).

mulheres, um espaço de realização individual e coletiva e uma afirmação da autodeterminação física, tendo um sentido diferente do que teria para os homens, dada toda a história de luta das mulheres contra o controle patriarcal sobre os corpos femininos. Mas há situações e condições sociais que devem favorecer tal *empoderamento* e situações e condições que o promovem bem menos, ou de forma bastante contraditória. Tais diferenças têm muito a ver com o contexto no qual o esporte é praticado; também com o tipo de prática esportiva e sua valorização social. Todas essas questões ainda exigem mais pesquisa. Por outro lado, há aspectos da prática esportiva que têm efeitos e sentidos similares para mulheres e homens. Por exemplo, quando se trata de esportes profissionais, torna-se importante considerar o contexto institucional do esporte e as relações de poder que ali imperam. Estar inserido ou inserida nesse contexto já cria uma série de pressões às quais atletas mulheres e homens têm que se subordinar, que envolvem os critérios de imagem, competição e lucro que movimentam o mundo esportivo global – o *globalsport media complex* – hoje.³⁸ Para nós que pesquisamos estas questões, detectar quais são *as condições que promovem o empoderamento das meninas e das mulheres por meio do esporte* torna-se um objetivo fundamental, além de contribuir para repensar a relação entre os homens e o mundo esportivo; para os que trabalham na implementação da prática esportiva e da educação física, o passo das “descobertas teóricas” às mudanças na prática é um assunto urgente.

Depoimentos e testemunhos

Reproduzo aqui alguns depoimentos de minha pesquisa com atletas de dois esportes diferentes, que falam sobre suas experiências na prática esportiva.³⁹ Minha proposta a seguir, para a oficina, é fazer uma discussão do que esses depoimentos demonstram em termos da identificação das atletas com o esporte, e depois abrir para o público também expor seus depoimentos, com a finalidade de trabalhar com diferentes situações e contextos esportivos, questionando se promovem ou não o *empoderamento* das mulheres e das atletas.

Marcela, amazona:

Eu comecei a montar em 1983, na Sociedade Hípica Paranaense. Comecei com o objetivo de aprender a montar a cavalo e não mais do que isso. Eu tinha 11 anos, e a intenção era aprender a andar a cavalo, passar um mês ou dois no máximo e parar. Mas, dentro desse período estabelecido pela minha mãe, eu já tinha ganhado diversos campeonatos. Fui a primeira amazona da família, foi por vontade mesmo, por gostar do bicho e do esporte. Eu vi numa ocasião de uma viagem que [fiz para] Fortaleza; assisti um campeonato numa praça, e aí eu fiquei pedindo até minha mãe me colocar. Com 14 anos eu comecei a dar aula. No começo foi bem difícil, além de ser mulher eu era quase uma criança. Eu dava aulas para crianças, adultos, o que tivesse... Não existe discriminação [neste] esporte – inclusive, tem muitas pessoas que quando vão procurar alguém para trabalhar seu cavalo, preferem uma mulher a um homem. É por se ter mais jeito, mais paciência, ser mais delicada, porque sabe que não vai exigir tanto do cavalo... [Agora] se eu sou profissional, se eu arrumo um marido que não gosta de cavalo, que não entende, que não faz muita questão, fica muito complicada a conciliação de uma família e o esporte. Porque é campeonato todo final de semana, são viagens; teve um ano que fiquei só dois finais de

³⁸ O autor deste conceito, Joseph Maguire, explica: [...] *the development of the global sport 'system' is closely connected to the emergence of global media communications and the contemporary experience of sport is intertwined with global media concerns* (1999:145).

³⁹ Como explico no artigo que elaborei sobre a pesquisa (Adelman, 2003), trabalhei com dois esportes com características muito diferentes. Um, o hipismo clássico, é um esporte misto de elite e sem grandes repercussões fora do âmbito onde é praticado; o outro, o vôlei, é um esporte popular que, por sua vez, ocupa um lugar importante hoje em dia dentro do mundo esportivo brasileiro e internacional.

semana em Curitiba, o resto todos viajando. Imagino se eu tiver um marido e três crianças em casa! Fica inviável a não ser que o marido seja um profissional ou esteja integrado no esporte... Eu vejo alunos que estão indo muito bem, meninas que estão indo muito bem, mas resolvem se casar ou começam a namorar sério e abandonam o esporte. Os homens que estão competindo são casados com mulheres que não montam, mas elas estão todas ali na arquibancada com as crianças. As mulheres [que competem] ou elas são casadas com homens que também montam ou elas estão sozinhas... Eu não vejo [o hipismo] como um esporte perigoso, nem posso achar que seja perigoso, mas tem esse lado realmente, e é bem nessa mudança aonde deixa de ser elegante para começar ser perigoso, onde eu acho que a mulher se engasga um pouco. Eu deixei de estudar durante quatro anos pelo esporte. Eu fiz um ano de faculdade, minha primeira faculdade eu abandonei e fiquei quatro anos me dedicando apenas ao hipismo. Foi quando me profissionalizei realmente. Eu montava dez, doze cavalos por dia. Hoje me considero uma proprietária; eu venho aqui, monto meus cavalos a hora que tiver tempo, ajudo na escola [mas] quero levar minha faculdade.

Tânia, amazona e instrutora de equitação:

Minha iniciação no hipismo foi uma coisa completamente fora de regra, porque eu já era casada e já tinha as duas filhas. Meu pai tinha uma fazenda e todo mundo andava com os cavalos na fazenda. Então desde menina eu já queria aquilo, não queria só andar a cavalo, eu queria saltar. Então eu lia muitos livros, lia muitas revistas, tudo isso. Só que quando a gente lê alguma coisa sobre cavalos que não tem noção, é muito difícil de entender, você precisa que alguém te ensine. Então eu tinha o cavalo, tinha o obstáculo, tinha tudo, mas não conseguia fazer nada sozinha. Daí eu fui a Florianópolis, assisti as provas. É lógico que eu não tinha exatamente os cavalos de salto, mas eu tinha o cavalo que eu conseguia montar... Meu pai acabou fazendo uma hípica para mim e eu consegui um amigo nosso que vinha dar aula todo final de semana. No envolvimento, depois de dois ou três meses, a gente começou ir a Florianópolis e participar das provas. Nós começamos a comprar cavalos também. E acabou a fazenda ficando de lado, a gente começou a trabalhar mais na hípica... Nós começamos a vir a Curitiba para saltar. Minhas meninas já começaram a montar também... Começaram a crescer e queriam participar das provas... Foi então que nós resolvemos vir morar em Curitiba, porque aqui é muito mais fácil todo final de semana tem prova, é mais fácil de viajar, ter envolvimento com outros cavaleiros... Minha filha menor começou a montar com três anos de idade, a outra com cinco. Como a gente gostava muito, [meu marido] começou a montar também. E começou a aprender conosco. Mas lógico que ele não tem o tempo todo para se dedicar a isso. Como eu me dediquei a escola, ele também me ajudava lá na escola de equitação. Ele montou até dois ou três anos atrás. Quem me disser que vai saltar e não tem medo, ou ansiedade, eu acho que está mentindo. Porque você pode não ter medo, agora uma competição é sempre uma competição. Então tem adrenalina; saber se você vai ganhar ou perder... Acho que todo mundo que é concursista tem aquela ansiedade de saber se vai conseguir fazer ou não. Se estou superando meus limites... Qual a diferença entre dar aulas para rapazes ou para meninas? Eu acho que as meninas são muito mais persistentes no que fazem, fazem com mais intensidade. Quando se dispõem a fazer alguma coisa, acho que as meninas levam mais a sério do que os rapazes. Eu acho que o grau de desistência dos rapazes é maior.

Dora, ex-jogadora profissional de vôlei, hoje técnica do esporte:

Eu joguei vôlei dos 13 aos 33, mas antes disso eu tive uma vida muito ativa. Eu nasci numa família numerosa. Eu tinha sete irmãos na minha casa, era a única mulher. Meu pai

foi jogador de futebol profissional e minha mãe jogava vôlei na turma dela, na família dela. Então todos meus irmãos eram muito ativos. A gente gostava de brincar muito. Eu gostava de estudar, mas gostava muito de fazer uma atividade física. Então eu experimentei de tudo quanto é esporte: atletismo, handebol, basquete... Sempre em atividade de grupo. Eu tive experiência com atletismo, com competição um contra um e eu nunca gostei disso. Eu era o tipo de pessoa que sempre queria aprender, queria conhecer as coisas, então sempre que eu viajava com a seleção brasileira – a gente viajou o mundo inteiro, conheço o mundo inteiro pelo esporte – então eu gostava de ir ver, de conhecer as coisas, conhecer as pessoas, conhecer a cultura daquele povo ou aquele país. Então o esporte me deu isso tudo. Eu falo que é onde me realizei, porque não é só a quadra ou ter ido para uma seleção, a parte técnica, mas [todo o meio]. Eu realmente era uma pessoa muito tímida, talvez por todo mundo querer que fosse a estrela; e eu nunca gostei disso. Quando tinha jornalista na seleção eu respondia, dava entrevista, mas sempre evitava. Eu fazia esporte porque eu gostava, independente do estrelato; tem gente que gosta de fazer uso do esporte para aparecer. Eu gostava porque gostava do trabalho de grupo, dessa movimentação toda. Hoje eu estou coordenando o trabalho de formação de crianças dentro do esporte que foi minha vida. Eu sinto que o esporte me deu uma condição muito boa de vida. Lógico, nada é perfeito; você quando faz uma opção na sua vida, abre mão de outras... Hoje me sinto em condições de realizar o outro lado que não realizei na época, que o esporte não possibilitou, o lado da família, de estar casada. O esporte para a mulher realmente trava muito esse lado, essa realização. Eu por exemplo optei por não ter filhos. Já fui casada, me separei, talvez por causa do esporte, pela distância, pôr estar muito tempo viajando... Hoje [que casei de novo] eu vivo uma relação de casamento. Que até então, com o esporte, eu não sentia que era casada, porque não vivia o dia-a-dia [do casamento].”

Ingrid, jogadora profissional de vôlei:

Eu tinha aula de educação física no colégio e estava começando a ter aula de vôlei e comecei a me empolgar. Foi logo depois de ter as Olimpíadas que o masculino foi campeão. Eu fiquei fascinada com aquilo e falei, ‘Será que um dia eu posso ser como eles? Aí eu comecei a brincar no colégio. O professor de Educação Física falou: se você quiser, eu posso te levar lá no Flamengo. O técnico de lá é meu amigo, você pode fazer um teste. Assim, eu comecei a jogar com 12 anos. Eu já tinha 1,76... [O técnico] gostou de mim porque era grande. Aí comecei a treinar, mas não foi fácil; tive que suportar muita coisa, porque eu morava longe. Todo dia eu perdia um tempo de aula no colégio. E fiquei cinco anos nessa luta: pega dois ônibus, vai e volta, pega ônibus cheio e dorme, não vai para aula. Mas resumindo tudo, valeu a pena. Eu comecei a espichar depois dos 10 anos. De repente dei aquela crescida e sempre era a última da fila, dos meninos, tinha aquele receio. No começo eu tinha um pouco de vergonha de ser a mais alta de todos, sempre magrinha. Todo mundo “sacaneava” tinha vários apelidos. Mas depois até que eu me conformei, passei até a gostar de ser alta. Não tinha mais aquele preconceito, aquela vergonha. Eu aprendi a conviver com isso. As pessoas, infelizmente, não têm uma mente muito aberta. Às vezes você passa na rua, as pessoas ficam te olhando, parece que você é coisa de outro mundo. Não tem muita noção. Vê uma pessoa grande, fala: pessoa alta deve jogar vôlei... As pessoas falam “Ah, jogador de vôlei, vocês viajam tanto, devem conhecer um monte de lugar”. Não é bem assim. É totalmente diferente da imagem que as pessoas fazem da gente. Muitos dos lugares que a gente vai, só conhece o hotel... a gente vai trabalhar, não passear. Os campeonatos geralmente duram de 8 a 10 dias, você fica aqueles dias uma pilha, porque foi lá para ganhar, fazer o melhor. Não é mil maravilhas. A gente rala, toma bolada, discute, xinga; no treino, tem aquele momento de

estresse. Mas lógico, tudo passa, fica ali, depois que acabou, todo mundo é amigo, normal. Mas não é tão simples assim quanto as pessoas pensam. Eu vejo assim, atleta tem de ser profissional; a gente tem responsabilidade, tem de cumprir horário, tem de cumprir as normas que os dirigentes passam para a gente. Tem todo um processo para ser um atleta. Lógico que... você vai sair, vai para o cinema, para o shopping, tudo normalmente. Só que a gente tem esses momentos bem mais restritos do que as pessoas “normais”. Às vezes fica um mês sem ir ao cinema. Você não tem tempo para ir, não dá. Eu jogava handebol no colégio. Particpei de alguns torneios. Adorava handebol. Acho legal, um esporte bonito. Pena que não conseguiu atingir um espaço ainda. Seria um esporte que se eu não jogasse vôlei, não sei se estaria jogando hoje. Basquete, eu não gosto. Para a mulher eu acho que torna muito masculina. Se você comparar as jogadoras de basquete com as de vôlei, você vê a diferença no físico. Elas são mais troncudas, tem um jeito diferente, eu não gosto.

Questões para serem discutidas

Esboço aqui algumas questões para discussão, a partir dos depoimentos das atletas. (As/os participantes da oficina deverão sentir-se à vontade para acrescentar outras).

Quais conflitos mencionados pelas atletas dizem respeito à “condição feminina” (nas interpretações que comumente se faz desta, e nas interpretações que elas mesmas fazem dessa “condição de gênero”)? Como é que as atletas representam o “corpo feminino” (no geral e/ou em relação à prática esportiva)?

Como é que as atletas representam sua própria experiência no esporte? O que parece significar para elas? Elas se enxergam como “diferentes” das outras mulheres por causa do seu envolvimento no esporte? Como é que as atletas representam o contexto institucional do esporte ao qual pertencem? Há evidências de tratamento diferenciado para mulheres e homens? Quais as possibilidades reais que tais instituições oferecem para a ascensão social das mulheres pelas vias do esporte? Qual a relação que emerge entre a prática esportiva das atletas e outros projetos e aspectos de suas vidas?

Concluindo

Quais as evidências da prática esportiva como forma de *empoderamento* das mulheres? Quais as evidências de outro tipo ou de natureza contraditória?

Referências bibliográficas

ADELMAN, Miriam. 2004. *A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina? *Revista Estudos Feministas*. v. 11, nº.2, p. 445-466, 2003.

BORDO, Susan. *Twilight zones: the Hidden Life of Cultural Images from Plato to O.J.* Berkeley: University of California Press, 1997.

_____. O corpo e a reprodução da feminidade. In: JAGGAR, Alison & _____. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41

_____. A feminista como o outro. *Revista Estudos Feministas*. v. 8, nº 1, p. 10-29, 2000.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

JARVIE, Grant & MAGUIRE, Joseph. *Sport and Leisure in Social Thought*. London/New York: Routledge, 1994.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LORBER, Judith. *The paradoxes of Gender*. New Haven: Yale University Press, 1995.

MAGUIRE, Joseph. *Global Sport: identities, societies, civilizations*. Cambridge: Polity Press, 1999.

OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. 2002. *A construção social da masculinidade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.

CRENÇAS E RELIGIOSIDADE FEMININA

Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcelos – *IPUSP*
Prof. Ms. Paulo Felix Marcelino Conceição – *Psicólogo*

A relação entre mulher e esporte é mais antiga do que se apregoa no senso comum. Índícios desta associação são encontrados na Grécia Clássica, onde no templo de Ártemis, deusa ligada à caça e competições de velocidade, as iniciadas praticavam uma série de atividades físicas e esportivas inseridas no culto à deusa. Estas afirmações são evidenciadas por uma série de achados arqueológicos de antigos vasos que revelam representações de garotas em atividades atléticas. A verdade é que uma série de deusas estruturava o imaginário mítico-religioso na Grécia Clássica, onde as mulheres ocupavam lugar de destaque, simbolizadas por Hera, a mais importante de todas as deusas; Demeter, a deusa terra-mãe; Perséfone, deusa ligada aos cultos agrários; Héstia, a deusa do fogo no lar; Atena, a deusa símbolo da inteligência; Afrodite, deusa do amor e da beleza e Ártemis, deusa da caça, que é representada rodeada pelas ninfas – princípios femininos que simbolizavam as forças elementares da natureza que habitavam as fontes, rios, lagos, bosques e grutas.

Estes fatos demonstram que uma grande diversidade de símbolos que representam potências femininas colocando as mulheres em papel de destaque na civilização grega clássica, afastando a idéia de que seriam apenas dondocas submissas. A mulher, as crenças, a religiosidade e o esporte exerceram naturalmente influência significativa para o florescimento da civilização grega, berço de toda civilização ocidental, colocando em relevo a importância do esporte e da religiosidade para a saúde física e mental da mulher e suscitando uma série de dúvidas na modernidade quanto à importância dos aspectos psicológicos no esporte e para o esporte.

MULHER, ESPORTE, SEXUALIDADE E HIPOCRISIA

Prof^a. Dr^a. Silvana Vilodre Goellner
Universidade Federal do RS

O objetivo deste *workshop* é discutir as representações de corpo e feminilidade associadas à mulher atleta. Para tanto, recorre à perspectiva histórica da inserção feminina no mundo esportivo, destacando alguns dos discursos postos em circulação que revelam tanto os receios frente a masculinização da mulher diante da prática esportiva quanto os anseios que

espetacularizam o corpo da atleta, identificando nele mais do que o talento esportivo, um ícone de beleza e feminilidade. Por certo, a prática esportiva feminina, não é novidade deste século nem do passado, no entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX, que elas adquirem maior visibilidade. A participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos, por exemplo, só pôde acontecer na sua segunda edição, mesmo sob protesto de muitos, inclusive do Barão de Coubertin, um dos seus idealizadores, contrário à participação feminina por considerar que as mulheres poderiam vulgarizar esse terreno tão recheado de honras e conquistas.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar um terreno criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas.

No Brasil, discursos como esses também se fizeram presentes, mesmo num tempo em que sopravam os ventos da modernidade, fazendo com que as cidades se agitassem frente a inevitável metropolização, cujo ritmo fremente fazia pulsar todos os espaços de circulação pública, redesenhando o espaço urbano e reordenando a energia física dos indivíduos.⁴⁰ Foi nesse período que começaram a proliferar nas cidades os clubes recreativos, as agremiações, as federações esportivas, os campeonatos e as exibições atléticas: locais destinados à performance de corpos educados e desenhados pela exercitação do físico. O temor da desmoralização feminina frente a exibição e espetacularização do corpo traduzia-se num fantasma a rondar as famílias, em especial, as burguesas. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade, e não como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição.

Discursos progressistas e moralistas recheavam com entusiasmo e emoção diferentes publicações destinadas ao público feminino, seduzindo e desafiando as mulheres tanto para a exibição como para o ocultamento de seus corpos, forjando novas formas de cuidar de si, reforçando e amenizando a exibição pública do seu corpo como pertencente ao universo pagão das impurezas e obscenidades. Se, por um lado, criticavam a indolência, a falta de exercícios físicos, o excesso de roupas e o confinamento no lar, por outro cerceavam possíveis atrevimentos. Afirmavam um discurso voltado para a produção da “nova mulher”: moderna, ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos. No entanto, a representação construída dessa “nova mulher” trazia poucas possibilidades de construção de um efetivo projeto de emancipação feminina na medida em que suas “conquistas” deveriam estar ajustadas aos seus deveres. Precisava ousar, sem com isso esquecer de preservar suas virtudes, suas características gráceis e feminis nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados como naturais: o cuidado com o lar e a educação dos filhos.

Território permeado por ambigüidades, o mundo esportivo, simultaneamente, fascinava e desassossejava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, fazia vibrar a

⁴⁰ Ver a respeito Sevcenko (1992).

tensão entre a liberação e o controle de emoções, entre representações de masculinidade e de feminilidade. Esse temor fez com que, em 1941, o general Newton Cavalcanti apresentasse ao Conselho Nacional de Desportos algumas instruções que considerava necessária para a regulamentação da prática dos esportes femininos. Estas serviram de base para a elaboração de um documento⁴¹ que oficializou a interdição das mulheres a algumas práticas esportivas, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo. Outras foram permitidas desde que praticadas dentro de determinados limites. Mesmo que esse documento e outros criados posteriormente⁴² se tornassem oficiais, é pertinente dizer que a vida lhes escapa. As práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram à sua prática independente do discurso hegemônico da interdição ou ainda do incentivo à participação em modalidades esportivas que fortalecessem o corpo sem destituir-lhe a feminilidade. É pertinente ressaltar que, no contexto da urbanização e da emergência de valores e comportamentos direcionados para a modernização do país, as atividades físicas para as mulheres adquiriram relevância social, pois eram observadas como capazes de educar tanto para a valorização do corpo esteticamente belo, como para o aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos para enfrentar as realidades da vida modernizada, inclusive preparando-as para a maternidade. Enfim, para a mulher feminina e mãe, a beleza é sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas, razão pela qual os exercícios físicos e os esportes recomendados deveriam atentar para que, na sua execução, não impossibilitasse abrigar uma vida em formação.

Diante desse discurso não é de estranhar as razões pelas quais o futebol, as lutas e o halterofilismo, por exemplo, eram tidos (e, muitas vezes, ainda são) como prejudiciais ao desenvolvimento do corpo e do comportamento feminino. Para além dos imaginados danos físicos que esses esportes poderiam causar, outro perigo se avizinhava: a “masculinização” das mulheres. Termo este que parecia sugerir não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas também na sua própria aparência, afinal julgava o quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo.

Parecia sugerir e parece porque ainda hoje é possível identificar reminiscências desse discurso. A espetacularização do corpo feminino, cuja exibição é aceita e incentivada em determinados locais sociais, é colocada sob suspeição em outros, tais como o campo de futebol ou as arenas de lutas, uma vez que estes espaços colocam à prova uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação de determinados atributos tidos como femininos, tais como a graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, a sensualidade e a delicadeza.

Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris, que não apenas questionam sua beleza e feminilidade, mas também coloca em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem – seu corpo e seu comportamento – é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. Olhada assim, se uma mulher não parece ser uma mulher é porque é um homem, ou ainda, um homem pela metade. Mas, como as formas de resistência e transgressão ao que está culturalmente instituído existem, as mulheres há muito

⁴¹ Decreto-Lei n.º 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

⁴² Em 1965 o Conselho Nacional de Desportos instituiu, a deliberação n.º 7 que baixa instruções às entidades esportivas do país sobre a prática de esporte pelas mulheres. Em seu artigo 2 declara “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby halterofilismo e baseball”.

estão presentes no esporte. Vão aos estádios, assistem campeonatos, acompanham e divulgam as notícias, treinam, fazem comentários, arbitram jogos, são técnicas, compõem equipes dirigentes, mesmo que em um número muito bem menor, se compararmos à participação masculina.⁴³ No entanto, não há como negar que elas estão presentes no universo do esporte. E são muitas.

Referências Bibliográficas

CONDENADAS as provas de meio fundo e fundo em natação e atletismo para mulheres. *Revista Educação Physica* n.º 59, outubro de 1941.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. *Revista Movimento*, v. 9, n.º 2, mai-ago, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁴³ E que pese a ampliação da inserção feminina como praticantes de atividades esportivas, em especial a partir da segunda metade do século passado, no que respeita aos cargos decisórios e de poder há, ainda, um mundo a conquistar... Ver a respeito Pfister, 2003.

MESA REDONDA

MULHER, OLIMPISMO E DESEMPENHO

Debatedor: Prof. Dr. José Medalha
EEFE – USP/Ex-técnico da seleção brasileira de basquetebol

Convidados

Profª. Drª. Silvana Vilodre Goellner – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Profª. Drª. Ludmila Mourão – Universidade Gama Filho
Prof. Ms. Waldir Pagan – Ex-Técnico da seleção brasileira de basquetebol
Profª. Marisa Loffredo – Ex-assessora técnica da seleção brasileira de handebol feminino

MULHER, OLIMPISMO E DESEMPENHO

Profª. Drª. Silvana Vilodre Goellner
Escola de Educação Física da UFRS

Entendendo o olimpismo como um movimento que nasce no final do século XIX cuja intervenção se dá na organização e promoção de valores agregados à prática esportiva e que tem nos Jogos Olímpicos sua expressão máxima, este texto objetiva discutir a inserção da mulher nesse movimento, em especial por meio da participação das brasileiras nas Olimpíadas. Tal participação é merecedora de nossa análise porque nem sempre as condições de acesso das mulheres são semelhantes às dos homens, seja no âmbito dos Jogos Olímpicos ou mesmo em outras dimensões das práticas corporais e esportivas, como, por exemplo, no esporte de lazer, no esporte educacional, na educação física escolar, na visibilidade conferida pela mídia, nos cargos de administração e gestão e nos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, entre outras.

O esporte é uma prática regular que se desenvolve no cotidiano das cidades despertando interesse, mobilizando paixões, evocando sentimentos, criando representações de corpo e saúde, enfim, convocando nossa imediata participação. No entanto, não é criação do presente. Resulta de conceitos e práticas há muito estruturadas no pensamento ocidental cujos significados foram e são alterados não só no tempo, mas também no local onde aconteceram e acontecem. Em outras palavras, o esporte possui história. História feita por diferentes homens e mulheres que, em seus tempos, realizaram ações que consolidaram essas práticas inspirando, de certa forma, o que hoje vivenciamos. Para falar do presente, recorro ao passado na medida em que nossas experiências, hoje, só são possíveis por terem sido construídas ao longo de nossa existência.

Início, portanto, contando sobre um importante evento para o esporte nacional que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 26 de junho de 1932: a partida da delegação olímpica brasileira rumo a Los Angeles, para participar da nona edição dos Jogos Olímpicos. Composta por 82 atletas, a delegação embarcou a bordo do cargueiro Itaquicê, carregando na bagagem 55 mil sacas de café a serem vendidas nos portos estrangeiros, garantindo a nossa

participação nos jogos. Todo embandeirado, ao som de tiros de canhão, da música da banda dos fuzileiros navais e dos aplausos, gritos e urras das pessoas que foram despedir-se, o Itaquicê lançou-se ao mar sob o comando de oficiais da Marinha de Guerra. Cercado por pequenas embarcações dirigiu-se para a saída da barra levando no coração de cada atleta o ideal de representar seu país. O discurso oficial de despedida foi proferido pelo escritor Coelho Netto, um aficionado do esporte que, em alto e bom tom, proclama: “Pela bandeira do Brasil, por nós todos, pelos nossos bríos e a nossa glória, o vosso combate. Não esqueçães, não rapazes, que é o Brasil, que é a Pátria, que são mais de quatro séculos de energia, de amor, de aventura, que é o Brasil que levaes nos músculos” (Lenk, 1986: 29-32).

Chamo a atenção para o importante fato de que nas não foram apenas *rapazes* os componentes da delegação brasileira. A bordo do Itaquicê, carregando o nome do Brasil no coração e nos músculos, encontrava-se também a nadadora paulista de 17 anos Maria Lenk. Ícone do esporte feminino brasileiro, foi nossa primeira atleta olímpica e também a primeira mulher sul-americana a participar de uma Olimpíada. Ainda que as mulheres brasileiras não tenham começado a praticar esportes apenas a partir desta Olimpíada, é importante registrar que a inserção feminina nas competições nacional e internacional foi fundamental para divulgação da imagem da mulher atleta. Identificada como de natureza muito frágil, é recorrente, nesse tempo – início do século XX – a idéia de que à mulher correspondia mais a assistência do que a prática das atividades esportivas num grau competitivo, motivo pelo qual a participação feminina nos Jogos Olímpicos foi aceita apenas na sua segunda edição, no ano de 1900, em Paris, após polêmica discussão entre seus organizadores. Nesta competição, onze mulheres disputaram duas modalidades: golfe e tênis.

O próprio Barão de Coubertin, um dos seus idealizadores, era contrário à participação feminina por considerar que as mulheres poderiam vulgarizar esse terreno tão recheado de honras e conquistas. Apesar dos esforços em manter as mulheres fora das competições, cabe registrar que, em 1896, houve uma competidora extra-oficial na maratona. Stamati Revithi, grega, cumpriu o trajeto de 42 quilômetros, sendo que a última volta aconteceu fora do estádio porque a entrada lhe foi proibida. No âmbito das provas olímpicas talvez esta tenha sido a primeira mulher a enfrentar as barreiras da tradição esportiva na era moderna (Olympic Magazine, 1997).

No Brasil, as primeiras iniciativas de participação de mulheres em práticas esportivas podem ser observadas na segunda metade do século XIX. Até aquele momento, a estrutura extremamente conservadora da sociedade brasileira não lhes permitia grande projeção, uma vez que eram criadas pelos pais para serem futuras esposas e mães. A partir de meados do século XIX, esse quadro começa paulatinamente a mudar. O Brasil, recém independente de Portugal, se preocupa em ser reconhecido pelas grandes nações do mundo e, atento aos avanços europeus, incentiva o consumo de bens e costumes importados. Junto com os ventos de mudança e inovações que vinham da Europa, chegam também os ecos das lutas femininas, que projetam novas perspectivas para as mulheres brasileiras como, por exemplo, o cuidado com a aparência, com a saúde e com uma maior presença na vida social das cidades.

Essa mudança foi lenta e mais significativa para as mulheres das camadas mais ricas da sociedade, que tinham maior acesso aos bens culturais, à escolarização e às novidades do continente europeu. Sendo assim, algumas mulheres passaram a freqüentar bares, rodas de intelectuais e poetas, festas e eventos sociais e esportivos. (Cunha Junior, Altmann, Goellner & Melo, 1999). É dentro deste contexto que a prática do esporte, da ginástica e da dança vai aparecer como uma possibilidade de ampliação da participação social feminina, que já era considerada de caráter aristocrático, familiar e saudável. Nas instalações e eventos de turfe e

de remo (os primeiros esportes desenvolvidos no Brasil), as mulheres estavam sempre presentes, acompanhando seus maridos e desfilando seus vestidos da última moda. Essa possibilidade de participação, mesmo que a princípio passiva, porque à mulher cabia o papel de espectadora, acabou contribuindo para lhe dar maior visibilidade na sociedade brasileira da época. Ainda assim, já no fim do século XIX podemos observar mulheres participando ativamente como atletas nas competições, principalmente de turfe e ciclismo (Melo, 2001).

Não há dúvidas, entretanto, que será nas primeiras décadas do século XX que acontecerá uma maior inserção das mulheres no campo do esporte, seja nas dimensões do lazer como da educação escolar e da competição. É nesse período, também, que a ginástica adquire importância na escola como uma forma de educação do corpo feminino. Considerada de natureza frágil, à menina/mulher são recomendadas atividades físicas capazes de fortalecer seu organismo de forma a fazer com que elas pudessem enfrentar os desafios de uma maternidade sadia, considerada nesse período a função primeira de toda mulher (Goellner, 2003). Sem dúvidas, argumentos como esses promoveram algumas restrições à ampliação da participação feminina brasileira nos Jogos Olímpicos Modernos, ainda que as atividades físicas compusessem alguns discursos circulantes na sociedade brasileira – em especial de médicos – como uma possibilidade do fortalecimento do seu corpo. Se praticar esportes era importante, talvez a aceitação da imagem da mulher atleta e dedicada ao esporte de competição, em especial de alto rendimento, ainda não fosse recorrente. Essa afirmação pode ser exemplificada quando analisamos as edições que sucederam a participação pioneira de Maria Lenk nos Jogos Olímpicos. Veremos, por exemplo, que em 1936 (Berlim) e 1948 (Londres) a participação feminina se deu em função da natação. Já nas décadas de 1950 e 1960 a presença de mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos foi bastante tímida. Tivemos apenas uma atleta nas edições de Melbourne, em 1956, Roma, em 1960, e Tóquio, em 1964. Na Olimpíada do México, em 1968, apenas três mulheres participaram, e cinco em 1972, em Munique. Ou seja, se pensarmos em termos de quantidade, por certo podemos verificar que foi apenas nos últimos 20 anos que nossas atletas começaram a adquirir maior visibilidade em competições internacionais. Em 1980, nos Jogos Olímpicos de Moscou, pela primeira vez a delegação feminina ultrapassou o percentual de 10% em relação à masculina, totalizando 13,76%. Esse cenário seria bastante diferente nas Olimpíadas de Sydney, em 2000, quando o Brasil esteve representado por 111 homens e 94 mulheres.

Poderemos perceber, por exemplo, que a partir da segunda metade do século XX modalidades como voleibol, basquetebol, natação, tênis e atletismo tornam-se cada vez mais praticadas, possibilitando um significativo avanço da participação das mulheres nas competições nacionais e internacionais. Os campeonatos nacionais, sul-americanos, pan-americanos e mundiais contaram sempre com a participação das mulheres, cujos resultados começaram a se destacar, em especial, nos esportes coletivos. No voleibol, as brasileiras já foram vitoriosas nos campeonatos pan-americano e mundial. No basquete, foram campeãs mundiais em 1971 e, não raras vezes, figuraram entre as seis primeiras colocadas em campeonatos internacionais, inclusive nos Jogos Olímpicos (Cunha Junior, Altmann, Goellner & Melo, 1999).

A participação das atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos cresceu significativamente a partir dos anos 1970, e a primeira premiação com ouro olímpico aconteceu em Atlanta, em 1996, por intermédio das atletas Jacqueline e Sandra, no voleibol de praia, tendo as atletas Mônica e Adriana obtido a medalha de prata na mesma prova. Nessa mesma Olimpíada, a seleção de basquetebol conquistou a medalha de prata e o voleibol feminino trouxe a medalha

de bronze. Em termos de desempenho, segundo dados oriundos do Atlas do Esporte⁴⁴, a presença feminina nas oito primeiras colocações aumentou 7,14 vezes nas últimas seis Olimpíadas. Essa participação se deu também pela diversificação das modalidades nas quais as mulheres competiram, especialmente a partir dos anos 1980, quando se deu uma maior inserção das mulheres em esportes antes considerados violentos para a participação feminina: judô, pólo aquático, handebol e futebol são exemplos a serem considerados.

Apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que sua participação como esportistas seja significativa, ainda é menor que a dos homens. Esta diferença pode ser identificada nas mais diversas instâncias em que se praticam as atividades corporais e esportivas, como nos clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádios e ginásios como espectadoras e também nos meios de comunicação de massa, que destinam aos atletas homens maior destaque e projeção.

O futebol – principal modalidade esportiva praticada no país – exemplifica bem essa situação. O número de mulheres brasileiras que hoje pratica futebol em clubes e área de lazer aumentou, se comparado à década anterior; e os campeonatos regionais e nacionais proliferam a cada momento. Porém, não há um número considerável de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino, nem no nível administrativo das entidades que regem esse esporte. Além disso, vários preconceitos e estereótipos ainda cercam a prática das mulheres dessa modalidade, tais como a associação de sua imagem à homossexualidade ou os perigos do choque da bola para sua saúde reprodutiva. Outro campo de ação ainda muito restrito para as mulheres, quando comparado ao dos homens, é a atuação como técnicas esportivas. Esse ainda é um espaço de domínio masculino, em especial nas equipes de alto nível.

Para finalizar, gostaria de advertir para uma questão que merece nossa atenção ao pensarmos o tema mulher e olimpismo. Trata-se da inexpressiva participação da mulher nos setores de organização e de direção do esporte, como, por exemplo, nas federações e confederações esportivas e no Comitê Olímpico Brasileiro, cujos cargos permanecem sob o domínio dos homens mesmo após a orientação do Comitê Olímpico Internacional, em 2000, de que os Comitês Nacionais procurassem promover estratégias de inserção da mulher nos cargos de comando de forma a se aproximar do percentual de 10% (Pfister, 2003). Trago alguns dados que são ilustrativos dessa afirmação: dos 198 Comitês Olímpicos Nacionais, apenas quatro são dirigidos por mulheres; dos 151 Comitês Paraolímpicos Nacionais, quinze são presididos por mulheres. No Brasil, das 53 confederações esportivas, apenas uma é dirigida por mulher: a Confederação Brasileira de Ginástica, cuja presidente é Vicélia Angela Florenzano.⁴⁵ Quando se pensa nas Federações Esportivas o índice não chega a 1%.

Enfim, ainda que a participação feminina e o seu desempenho esportivo tenha aumentado significativamente nos últimos vinte anos, no que respeita a sua atuação como atleta de alto nível ainda é muito restrita sua inserção na gestão esportiva, quadro este que pode ser revertido na medida em que houver políticas de inclusão nos diferentes campos do esporte, seja de lazer ou de alto rendimento.

Enquanto no século XIX a participação das mulheres em eventos esportivos restringia-se basicamente à assistência e ao acompanhamento de seus maridos, com pouca participação ativa nas provas, hoje sua atuação é muito mais ampla e diversificada. Todavia, isso não

⁴⁴ O Atlas do Esporte está sendo organizado pelo professor Lamartine Pereira da Costa, a quem agradeço por ter me disponibilizado estes dados. Sua publicação está prevista ainda para este ano.

⁴⁵ A listagem das confederações esportivas pode ser encontrada no site do Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.cob.org.br/default2.asp>>.

significa afirmar que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades no campo esportivo ou que preconceitos quanto a participação feminina inexistam. Não é raro, ainda hoje, encontrar nas escolas de primeiro e segundo graus disparidades relevantes no que se refere ao acesso de meninas e meninos nas atividades físicas realizadas nas aulas de educação física e/ou no âmbito do esporte educativo. Bem como ainda são freqüentes as associações entre desempenho atlético e beleza, promovendo uma certa espetacularização dos corpos das atletas.

Nesse sentido vale mencionar que não é raro encontrarmos em diferentes instâncias culturais, inclusive as esportivas, discursos que associam a participação feminina nos esportes à aquisição e manutenção de um corpo belo. A própria imprensa esportiva tem sido um espaço de valorização dessa relação: algumas vezes, mais do que os sucessos e talentos esportivos, ao se referir às mulheres atletas não deixa de mencionar aspectos relativos a sua aparência física, em especial, a sua beleza. Não podemos esquecer que, para muitos desses discursos, a beleza é uma obrigação para a mulher. Publicada na Folha de S. Paulo em 01/10/2000⁴⁶, a reportagem “Mulheres brilham mais que homens em Sydney” é exemplo dessa afirmação quando declara: “Uma das provas mais 'atraentes' foi a do salto com vara feminino, disputado pela primeira vez em Olimpíada. A norte-americana Stacy Dragila, a australiana de origem russa Tatiana Grigorieva e a islandesa Vala Flogfaddottir chamaram a atenção pelo talento e pela beleza”. Não menciona a conquista das mulheres, que conseguiram romper preconceitos e incluir uma nova modalidade nos Jogos, modalidade essa considerada, até então, perigoso para o pleno funcionamento do corpo feminino. No entanto, o destaque para a beleza das atletas não é silenciado.

Para além de possíveis críticas à espetacularização das atletas, vale ressaltar a importância da conquista das mulheres nesse campo tão pleno de ambigüidades. Digo conquista para ressaltar o protagonismo das mulheres que, entre rupturas e conformidades, fizeram e fazem a sua história no mundo esportivo evidenciando, sobretudo, que essa apropriação não foi nem é resultado de uma concessão masculina. Afinal, o esporte é, também, um campo de disputa e para o qual, há muito tempo, várias delas têm investido esforço e disciplina, ultrapassando sobremaneira muitas das adversidades que, a cada tempo, aparecem na construção cotidiana de sua carreira e profissão.

Referências Bibliográficas

- CUNHA JÚNIOR, Carlos, ALTMANN, Helena, GOELLNER, Silvana V. & MELO, Victor Andrade de. Women and sports in Brazil. In: CHRISTENSEN, Karen. *International encyclopedia of women and sport*. USA: Macmillian, 1999.
- GOELLNER, Silvana V. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher. *Educação Física*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- LENK, Maria. *Braçadas e abraços*. Rio de Janeiro: Bradesco, 1982.
- MELO, Victor *A cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2001.
- MULHERES BRILHAM MAIS QUE HOMENS EM SYDNEY. *Folha de São Paulo*, 1 out. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/olimpiada2000/emcimadahora/outrosesportes/ult315u888.shtml>>. Acesso em: 6 fev. 2004.
- OLYMPIC MAGAZINE, n° 32. Lausanne: Olympic Museum, 1997.
- PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. *Revista Movimento*, v. 9, n° 2, mai-ago. 2003.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/olimpiada2000/emcimadahora/outrosesportes>>. Acesso em: 6 fev. 2004.

A MULHER NA ADMINISTRAÇÃO DO ESPORTE NO BRASIL SEGUNDO A NORMA OLÍMPICA

Ludmila Mourão
Euza Maria de Paiva Gomes
Universidade Gama Filho PPGEF-UGF

O novo grande desafio das mulheres no cenário esportivo, nos próximos anos, é conquistar mais cargos nos postos técnicos e diretivos. A diferença entre homens e mulheres nesse setor, atualmente, é talvez a mesma que existia dentro dos campos, quadras e pistas há cem anos. Samaranch ressaltava, algum tempo atrás, que: “a mentalidade a respeito das mulheres evoluiu muito com o passar do tempo e naturalmente esses ideais vão repercutir no movimento olímpico”. Já é possível observar algumas mulheres desnudando esses cenários e envolvendo-se completamente com o esporte neste início de milênio. No momento em que o Rio de Janeiro torna-se sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007 e que o Brasil se candidata a sediar os Jogos Olímpicos de 2012, cabe indagar se há uma preocupação política de inclusão da mulher também em cargos de direção no esporte, visto que há uma recomendação do Comitê Olímpico Internacional (COI) de se estabelecer uma meta de 20% de mulheres em cargos diretivos de entidades esportivas. Mas, uma outra questão surge: Será que as mulheres brasileiras encontram muita resistência para se incluírem na direção do esporte ou de fato não demonstram interesse em estar participando desse mercado na organização esportiva nacional?

Este trabalho situado na linha de pesquisa de representações de gênero, educação física, esporte e lazer tem como objetivos identificar o nível de participação das mulheres que integram o processo de administração e analisar as possíveis mudanças de valores e de mentalidades no que tange à igualdade de direitos, oportunidades e responsabilidades na situação das mulheres que ocupam cargos de administração do esporte brasileiro. Responder a essas questões é um desafio acadêmico árduo, não só pela escassez de estudos sobre o assunto como também pelo seu ineditismo. No quadro a seguir vamos acompanhar a participação feminina ao longo dos anos em Olimpíadas.

Tabela 1. Participação feminina nos Jogos Olímpicos.

Participação feminina em números de competidoras nos Jogos Olímpicos					
Ano	Mulheres Brasileiras	Total de Mulheres	Ano	Mulheres Brasileiras	Total de Mulheres
1896	0	0	1956	1	384
1900	0	21	1960	1	610
1904	0	6	1964	1	683
1908	0	44	1968	4	768
1912	0	55	1972	5	1058
1920	0	77	1976	7	1246
1924	0	125	1980	15	1124
1928	0	290	1984	21	1567
1932	1	127	1988	35	2189
1936	6	328	1992	51	2708
1948	11	355	1996	70	3626
1952	5	518	2000	94	4254

Fonte: Gomes, E. (2004)

Em 1932, trinta e dois anos depois da primeira participação feminina em Olimpíadas, a paulista Maria Lenk, então com 17 anos, começou sua odisséia. Primeira mulher da América do Sul a disputar uma edição dos Jogos, em Los Angeles, a nadadora, hoje com 89 anos, compete na equipe master. De 1932 até os anos 1980, pode-se observar que a participação brasileira feminina nas Olimpíadas equivale a um número pequeno de mulheres. Se considerarmos que elas já estavam competindo há sessenta anos, percebemos que a evolução ocorre muito lentamente. Em 1976, pela primeira vez na história, as mulheres passaram a representar mais de 20% do número total de participantes em uma Olimpíada. Superaram a barreira dos 21% em 1980 e 23% em 1984.

A participação feminina vem aumentando significativamente em várias modalidades esportivas antes reservadas aos homens, e chegou a mais de 25% do total de competidores na Olimpíada de 1988. Ou seja, mais de um quarto do número de atletas eram mulheres. Quatro anos depois, em 1992, houve uma evolução de três pontos percentuais, tendo o número de mulheres chegado a quase 30%. Após um século de Jogos Olímpicos, o número de mulheres participantes superou, pela primeira vez na história, a marca dos 30%, chegando a 34,1% do número de competidores. Em Atlanta (1996), a equipe de vôlei de praia do Brasil, com as atletas Jaqueline e Sandra, ganhou a primeira medalha de ouro brasileira na história dos Jogos Olímpicos. Também nesse evento o esporte coletivo feminino conquistou medalhas no basquete (prata) e no vôlei (bronze). Em 2000 a participação feminina atingiu a marca de 38,3% do número total de participantes. Apesar de quase chegar a 40% do total, ainda podemos afirmar que as mulheres sofrem uma certa discriminação quando se trata, por exemplo, que os eventos femininos recebem uma menor cobertura na mídia.

Mapeamento dos principais cargos na administração do esporte

Acompanhemos agora, na tabela abaixo, a participação da mulher no comando dos principais órgãos⁴⁷ da administração esportiva do Brasil em 2004.

Tabela 2. Participação da mulher no comando dos principais órgãos da administração esportiva do Brasil – 2004.

Órgãos	Número de cargos	Efetivo masculino	Efetivo feminino	Porcentagem de efetivo feminino
Ministério dos Esportes	88 ⁴⁸	62	20	22,72%
Comitê Olímpico Brasileiro	50	48	2	4%
Comitê Paraolímpico Brasileiro	10	07	3	30%
Confederações Esportivas Filiadas ⁴⁹	29	28	1	3,7%
Confederações Esportivas Vinculadas ⁵⁰	24	24	0	0,0%
Comissão Nacional de Atletas	35	28	7	20%
Total	236	205	33	14%

Fonte: Gomes E. (jul. 2004). Baseado no site do Ministério dos Esportes e das Confederações Esportivas.

A presença de vinte de mulheres (22,72%) no Ministério dos Esportes, como nos indica a Tabela 2, pode sugerir um índice elevado de mulheres no comando do esporte nacional em nível de ministério, visto que a meta estipulada pelo COI para 2000, como sinalizamos no início deste artigo, era a ocupação de, no mínimo, 10% dos postos de direção no esporte. Entretanto, os cargos de chefia no Gabinete do Ministro, na Secretaria Executiva, na Consultoria Jurídica e na Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, são todos ocupados por homens. A participação feminina ocorre, em sua maioria, em cargos de assessoria e não de chefia, coordenação ou diretoria. Logo, em termos de meta, estamos nos aproximando e até atingindo os percentuais indicados pelo COI, mas na dimensão política vale a pena estudar com mais cuidado o tipo de participação que de fato este índice está apontando para as mulheres. Contudo, acreditamos que há um imenso espaço a ser ocupado pela mulher na vida pública, seja nas Câmaras de Vereadores, nas Assembléias, no Executivo, no Judiciário, nos Comitês Olímpico e Paraolímpico, nas Confederações e Federações Esportivas. Mas é preciso “perder pudores, arregaçar as mangas” e ampliar a nossa participação nesses fóruns.

As mulheres também devem desafiar mais a condição masculina construída em torno do esporte brasileiro e, no caso específico deste estudo, se candidatar a participar de forma mais efetiva nas decisões políticas do mesmo. O pensar e o agir femininos também podem contemplar as esferas da vida política e esportiva nacional. Cabe ressaltar, entretanto, a importante participação da ex-atleta de basquete Maria Paula Gonçalves da Silva, que ocupava três cargos no alto escalão da administração do esporte brasileiro: foi secretária da Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, membro do Conselho Nacional de Esportes e da Comissão Nacional de Atletas. Entretanto renunciou aos cargos, questionando com veemência a falta de planejamento na política esportiva nacional. Paula desabafa: “O trabalho não andava. O ministro não ia à secretaria desde fevereiro. Nem o orçamento que a

⁴⁷ Estamos admitindo inicialmente neste estudo que os principais órgãos da administração esportiva no Brasil são o Ministério dos Esportes, o Comitê Olímpico Brasileiro, as confederações e federações, o Comitê Paraolímpico e a Comissão Nacional de Atletas, dada a sua representatividade na organização, intervenção e decisão no campo político do esporte brasileiro.

⁴⁸ O total dos cargos do Ministério dos Esportes apresenta seis postos vagos.

⁴⁹ As confederações esportivas filiadas representam os esportes olímpicos e possuem assento e direito de voto no COB.

⁵⁰ As confederações esportivas vinculadas são aquelas que não participam dos Jogos Olímpicos.

secretaria tinha eles me diziam e não havia planejamento”:⁵¹ Acredita-se ser necessário entender mais circunstancialmente o que, de fato, afastou tão brilhante atleta do comando das decisões políticas do esporte nacional.

No Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que é composto por cinquenta membros, a presença feminina ainda é mais discreta, como vimos na Tabela 2. Nessa assembléia, a participação é marcada pela coordenadora das atividades administrativas que também pertence ao comitê executivo – Christiane Paquelet Abeid. A outra representante feminina no COB é a presidente da Confederação Brasileira de Ginástica – Vicélia Ângela Florenzano, que é a única mulher na administração máxima de uma confederação esportiva no Brasil. Como contribuição histórica ainda temos um dado que se soma a este sobre a presidência de confederações, que é o nome da paulista Aparecida Martinez, que já presidiu a Confederação Brasileira de Levantamento de Peso. Observa-se, desta forma, que o órgão de maior representação do esporte no país mantém na sua estrutura de poder as características de reserva masculina na administração do esporte.

As confederações esportivas no Brasil, como vimos, são territórios fortemente masculinos: das 53 Confederações (29 filiadas e 24 vinculadas), a mulher preside uma delas, o que representa menos de 2% da participação da mulher nos órgãos máximos da administração central dos esportes no Brasil. A história construída sobre o esporte brasileiro privilegiou os homens, e foi contada e contracenada por eles. Dessa forma, urge a necessidade de retrair uma postura e uma intenção partilhada de traduzir o mundo dos esportes a partir da cultura, mas para tal é preciso descobrir os fios e tecer a trama geral fazendo a história capturar os sentidos do povo, a participação das mulheres e da alma das nações. Este é nosso interesse no aprofundamento deste estudo, na medida em que vamos ouvir as mulheres que também escreveram essa história e, nesse momento, ainda não aparecem nessa narrativa.

Voltando a observar a Tabela 2, encontramos no Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) uma direção composta por dez cargos, dos quais três são preenchidos por mulheres: a Diretoria de Administração e Patrimônio, por Cynthia Losso; a Assessoria Especial da Presidência, por Ana Carla Thiago; e a Coordenação de Comunicação, por Gisliene Hesse. Este é o mais expressivo espaço de atuação feminina a partir dos dados apresentados, e fica uma questão que muito nos intriga: Será que pelo fato do Comitê tratar das pessoas portadoras de necessidades especiais, esse órgão termina concentrando mais sensibilidade e equilíbrio para lidar com as minorias? Entre os gêneros sexuais do ser humano, a mulher foi vítima dessa exclusão em diversas culturas ao longo da história, assim como os então chamados deficientes. Será que o que une estes grupos é a trajetória excludente? A história do universo esportivo sempre foi dominada pelos homens, pela referência do forte, viril, habilidoso, perfeito e, dessa forma, mulheres e deficientes passavam ao largo da construção dessa cultura, hoje superaram as pressões sociais para se inserirem nessas práticas desafiando os critérios preestabelecidos. Sendo assim expressam nos números a construção das igualdades também a partir do respeito às diferenças.

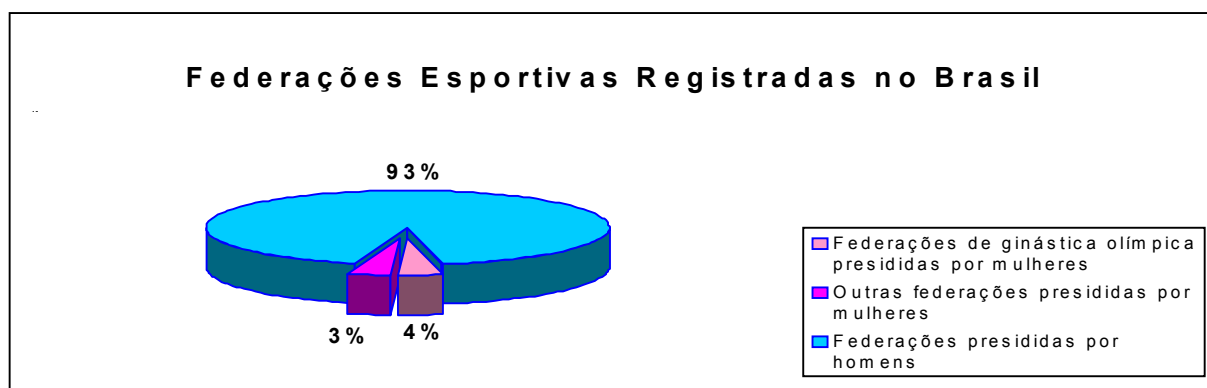
Na Comissão Nacional de Atletas, a participação feminina é de sete mulheres, representando 20% da fatia de poder. As seguintes atletas representam o esporte feminino nessa comissão: Ádria Rocha dos Santos, Ana Beatriz Moser, Helen Cristina Santos Luz, Luisa Parente Rodrigues de Carvalho, Roseane Ferreira dos Santos (Rosinha), Sandra Tavares Pires e Suely Rodrigues Guimarães. Esta participação, no entanto, está distante da representatividade da mulher no atual cenário esportivo brasileiro, visto que, nos jogos pan-

⁵¹ Paula ficou no cargo de 9 de maio 2003 a outubro 2003 (www.espn.com.br).

americanos realizados em 2003 em Santo Domingo, as mulheres atletas já representavam mais de 40% da composição da delegação brasileira. Nos estados brasileiros encontram-se 484 federações registradas. De acordo com a Lei Pelé, 1998, Art. 16, as entidades nacionais de administração do desporto, bem como as ligas, são autônomas, o que explica a existência de várias federações de um determinado esporte num mesmo estado, sendo registrada somente uma federação por estado.

Cabe ressaltar a grande dificuldade de realizar o levantamento dos dados dessas federações, pois várias confederações esportivas não dispõem da lista completa de suas federações e nem os nomes dos dirigentes em suas páginas na Internet.⁵² Verificamos esta fonte através de uma visita ao departamento técnico do Comitê Olímpico Brasileiro, baseado na nova relação das confederações gentilmente cedida pelo senhor José Roberto Perilié. Acompanhemos agora, no gráfico abaixo, a participação feminina nas federações nacionais:

Gráfico 1



Fonte: Gomes E. (jul. 2004).

Das 484 federações esportivas mapeadas, somente 34 delas são presididas por mulheres, o que representa um percentual de 6,1%, bastante distante dos 20%, meta preconizada pelo COI para o ano de 2005. Destaca-se neste conjunto que das dezenove federações de ginástica olímpica, dezoito delas são presididas por mulheres, o que representa 4% do total das federações registradas. A presença feminina no comando das federações de ginástica pode ser justificada pela própria identidade feminina com esse esporte. Na ENEFD, a cadeira de ginástica rítmica era privativa das mulheres, ainda hoje este esporte seja feminino. Já a ginástica olímpica – um esporte para homens e mulheres – construiu sua trajetória alternando seu comando entre mulheres e homens, e hoje se verifica uma hegemonia feminina no comando das federações do esporte no Brasil. Além da ginástica, dezesseis outras federações são comandadas por mulheres, sendo sete de desporto aquático, duas de ciclismo, duas de boxe, duas de Badminton, uma de futebol, uma de hipismo e uma de handebol.

No caso particular da natação, pode-se levantar a influência da atleta, professora e administradora Maria Lenk. Em 1960, Lenk foi a primeira mulher a integrar o Conselho Nacional de Desporto. Foi também personagem central de oposição quando da discussão do Decreto-lei nº 3.199⁵³, de 1941, que vigorou até 1975, cujo artigo dizia: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

⁵² Alguns sites estão designados como “Página em Construção”, ou simplesmente não informam estes dados.

⁵³ O Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, primeira legislação esportiva do país, além das normas gerais que organizariam e permitiriam uma burocratização ou cartorialização do esporte nacional, criou, no seu artigo 20, o Conselho Nacional de



Eu ia lá na Federação Paulista de Boxe, às terças, apresentar o aeroboxe na abertura dos campeonatos e também arbitrar. O dirigente, aquele retrógrado, não deixava eu subir, daí chegava à mídia e daí eles deixavam... A mídia se interessou e fui subindo, subindo. Eu fui entrando até ficar sabendo que ia ter uma eleição para a diretoria. Eu pensei vou me candidatar, como ninguém do grupo quer mesmo... Não deixaram. Foi uma “guerra de titãs”, não houve acordo, não queriam que eu entrasse, alguma coisa estava enterrada lá. Daí eu lutei e fundei a outra liga com sede em São Vicente (SP). Tive apoio do secretário de esportes da prefeitura, ele é apaixonado por boxe. (Cidinha)



A mulher tem que se candidatar, porque esses cargos são eletivos, são escolhidos pelos respectivos comitês da instituição e precisa haver candidatas. Na natação, nas várias federações estaduais, já temos mulheres na presidência e essas mulheres são muito bem aceitas pelos homens e pela própria confederação de natação. (Maria Lenk)



O trabalho não andava. O ministro não ia à secretaria desde fevereiro. Nem o orçamento que a secretaria tinha eles me diziam e não havia planejamento, eu sentia que estava de enfeite. (Magic Paula).

Quando percebeu que ficaria no ministério só fazendo figuração, Paula resolveu sair. Fico impressionada como só tem homem no comando do esporte brasileiro. Ao ocupar a Secretaria de Alto Rendimento do ministério, Paula teve um quê de pioneirismo (Isabel – vôlei).

Considerações finais

Baseado em um mapeamento inicial do Ministério dos Esportes, das Confederações e das Federações, constata-se que atualmente existem cerca de 10% de mulheres em cargos de direção, e que a presença feminina ocorre principalmente em cargos intermediários do poder decisório no esporte brasileiro. Em conclusão, indaga-se se este não cumprimento da resolução do COI no Brasil insere-se nos questionamentos da recente conferência mundial sobre as mulheres e o desporto (Marrakech/2004), em que se admitiu não existir ações concretas, visíveis e tangíveis que ajudam as mulheres e as jovens a praticarem o desporto e ascenderem a funções de direção nessa área. Segundo Christiane Abeid, “a conferência foi muito bem organizada, tinha mais ou menos 90% de mulheres e alguns homens também. Nos países da Escandinávia a maioria são mulheres, mais de 60%, inclusive a presidenta do Comitê. Já nos países da África e nos países islâmicos têm pouquíssima representação feminina, e pelo Brasil eu estava como representante”. Inicialmente conclui-se que em cargos de comando, a representatividade da ex-atleta na administração esportiva tem favorecido a sua indicação e a ocupação de cargos, sobretudo a das mulheres olímpicas.

ATIVIDADE OLÍMPICA, PODER, COMPORTAMENTO, SEXO, IMAGEM CORPORAL

Prof. Ms. Waldir Pagan Peres
UNIB e Universidade Ítalo Brasileira
Ex-técnico da seleção brasileira de basquetebol feminino

Mulher no esporte

A mulher obteve o direito de participar efetivamente nos eventos esportivos apenas nos últimos cinquenta anos. A sua presença de modo significativo deu-se a partir de 1956, na Austrália, com uma participação de 371 mulheres contra 2.813 homens. A partir desse evento houve um considerável aumento em suas participações. Em Atenas, por exemplo, a delegação feminina foi a maior de toda a história olímpica, com 95 mulheres esportistas. Na Grécia Antiga, berço das primeiras Olimpíadas, as mulheres sequer tinham acesso aos estádios onde se realizavam as competições masculinas. Durante séculos a mulher foi considerada um objeto decorativo e frágil. Somente com o processo interativo é que suas reivindicações e reclamos surtiram os resultados desejados, ainda que não integralmente. Para tanto vamos iniciar pela história e, como trataremos de Jogos Olímpicos, será obrigatório passarmos pela Grécia das Olimpíadas, quando as mulheres casadas eram impedidas de participar, mesmo na condição de assistente.

O motivo alegado era a grande dificuldade de acesso ao “Stadium”, construído em lugar íngreme e que, segundos os gregos, poderiam causar danos fisiológicos a essas mulheres.

Ocorre que uma mulher chamada Calipátera, mãe e treinadora de Psidoro (talvez, tenhamos neste relato, mesmo sendo um fato isolado, a primeira participação efetiva da mulher no esporte), a fim de assistir a participação de seu filho, disfarçou-se com trajes masculino para ingressar no local dos jogos. Quando Psidoro obteve a vitória, sua mãe profundamente emocionada e em comemoração ao feito, arrancou seu disfarce perante todos, correndo ao seu encontro para abraçá-lo. Ela deveria ter sido punida por desrespeitar a lei, mas acabou sendo perdoada por sua infração, pois era de família influente e de tradicionais esportistas. Como podemos notar, já naquela época havia uma diferenciação no tratamento das pessoas e em seus julgamentos. Caso fosse ela uma desconhecida e de família não influente, certamente não teríamos essa história para iniciar nossa palestra.

Como as provas competitivas eram, segundo o conceito da época, tipicamente masculinas, as mulheres tiveram grande dificuldade para obter uma participação efetiva nos jogos. Não há relatos quanto a participações efetivas das mulheres. Depois de algum tempo, se permitiu a participação das mulheres casadas para assistirem aos jogos. E foi nesta época que começou a se modificar o regulamento dos referidos jogos. Acredito que a mulher teve uma participação esportiva em algumas modalidades como entretenimento e lazer. Homero, na *Odisséia*, relata uma partida de bola entre *Nansica* e suas damas de companhia, que pode ser considerada como uma atividade precursora do tênis de campo, pois era um jogo que utilizava uma pequena esfera de borracha e os participantes usavam uma espécie de raquete. Isto mostra que, além da dança, as mulheres praticavam outras atividades físicas, e como os gregos cultuavam a beleza estética, certamente esse privilégio também era oferecido às mulheres, mesmo não permitindo sua participação efetiva nos eventos “oficiais”.

No período do domínio romano, o imperador Teodósio, O Grande, aboliu a prática pública das atividades físicas porque tais atividades poderiam ser consideradas como festas pagãs (o que realmente era verdade em razão do gradual desvirtuamento dessas práticas e por sua miscigenação com outras atividades), que culminou na extinção dos jogos em geral. As mulheres participaram nesta fase como dançarinas ou como acrobatas para o entretenimento dos convidados, não havendo, no entanto, uma preocupação com atividades ou jogos que poderíamos relacionar como esportivos ou como precursores de qualquer modalidade esportiva, a não ser a equitação e as atividades relacionadas com a caça. Já no período da Idade Média, as atividades físicas foram postas de lado, e só depois de muito tempo é que surgiram os “torneios” e as “justas”, atividades que podemos relacionar também com a equitação, e que eram confrontos voltados para a guerra. Quanto à participação das mulheres nestes eventos, não temos conhecimento, mesmo se considerando apenas as atividades do ponto de vista físico e não esportivo.

A humanidade caminhou ao longo de um período decadente conhecido como Idade Média. Sem o cultivo das atividades físicas e da educação espiritual, nada de *mens sana in corpore sano*, máxima de Juvenal. A partir do pré-renascimento a humanidade voltou a praticar atividades físicas. A Itália, cenário da morte das atividades físicas, paradoxalmente também acabou sendo o berço do renascimento dessa atividade, moldada nos ensinamentos da antiga Grécia. Também nesse período houve uma predominância masculina, destacando-se Vitório de Rombalboni como o precursor da Renascença da Educação Física e das atividades esportivas por meio dos jogos.

Vamos reencontrar o renascimento dos Jogos Olímpicos em 1896. E foi a partir daí que as mulheres passaram a escrever seus nomes ao lado dos homens como grandes esportistas, mesmo sendo discriminadas. No final do século XIX, as primeiras participações aconteceram de forma tímida e em poucas modalidades. Parece que se repetiram os mesmos conceitos da

antiga Grécia, com os mesmos argumentos fisiológicos, sendo que algumas modalidades eram também consideradas como tipicamente masculinas. Nos Jogos de Atenas, 1896, não tivemos a participação feminina e em 1900, apenas seis mulheres participaram na modalidade de tênis de campo.

Em 1904, na cidade de St. Louis, EUA, as mulheres não participaram, voltando a participar em 1908, em Londres, com a presença de 36 esportistas. A partir daí se mantiveram presentes em número cada vez maior, não só em quantidade mas em diversas modalidades, com notável evolução física e técnica, embora apresentando certa desvantagem em relação à quantidade de participantes, mesmo quando o número de países praticantes de uma mesma modalidade era igual ao dos homens (exemplo: basquetebol).

A partir do início do século XX e a cada dia que passa, mais e mais mulheres, de diversas faixas etárias, participam de esportes, incluindo aqueles que antes eram exclusivamente destinados aos homens. Um número cada vez maior de mulheres compete nas escolas, clubes, faculdades, etc., como recreação ou como profissionais. O papel da mulher no esporte mudou sensivelmente e as barreiras que antes a impediam de participar já não existem mais. Podemos citar algumas atletas notáveis como Vilma Rudolph, corredora de 100 e 200 metros, medalha de ouro em duas oportunidades e que durante sua infância fora acometida pela poliomielite. A célebre romena Yolanda Balas, saltadora e recordista durante um bom tempo; Dwan Frsser, australiana, tricampeã olímpica e recordista do nado estilo “crawl” nadando os 100 metros livres abaixo de 60 segundos; Gertrud Ederle, a primeira mulher a atravessar o Canal da Mancha; a ginasta Nelly Kin, seguida por Olga Korbut, Nádía Comaneci, Florence Joyner, Marita Koch, Billy Jean King, Martina Novratilova, Gabriela Sabatini, Mônica Seller, Steffi Graff e as brasileiras Pidade Coutinho e Maria Lenk, a primeira brasileira a participar de uma Olimpíada, em 1932, Los Angeles. No atletismo, Vanda dos Santos, Benedita de Oliveira, Odete Domingues; no basquetebol, Norma Pinto de Oliveira, Marlene Bento, Nilza Montes, Delcy Ellender Marques e, mais recentemente, Hortência de Fátima Marcari, Maira Paula Gonçalves, Marta Sobral, Vânia Teixeira, Cristina Punko e Janete Arcain; no tênis, Patrícia Medrado, e não poderíamos deixar de lembra da fabulosa Maria Ester Bueno, campeã de Wimbledon e que encantou o mundo com seu estilo de jogo; ginastas como Luisa de Castro Parente e, claro, Daiane dos Santos, Daniele Hipólito e Patrícia Comim; no voleibol, com jogadoras como “Coca”, Alena, Ivonete das Neves, Jacqueline Silva, Maria Isabel, Ana Richa, Sivia Montanarini e Vera Mossa, entre outras.

Poderíamos citar outras atletas nas mais diversas modalidades esportivas, mas sempre estaríamos nos esquecendo de algumas, para o que peço minhas desculpas. Contudo, mando o meu respeito e admiração pelo que realizaram em benefício de nosso país e do esporte brasileiro. Do ponto de vista das diferenças entre homem e mulher, poderíamos mencionar alguns aspectos físicos e fisiológicos: a massa muscular do homem é superior a da mulher, propiciando-lhe, conseqüentemente, mais força, sendo então capaz de se deslocar em maior velocidade e saltar mais alto, ainda que as células musculares do homem e da mulher sejam iguais. O tempo de reação dos homens também funciona com maior prontidão.

A mulher tem particularidades que lhe acarretam algumas dificuldades fisiológicas, como a menstruação e a menopausa, mas também tem muitas vantagens em relação ao sexo masculino, como o coração. Em pesquisa envolvendo quinhentas pessoas que apresentavam algum tipo de patologia cardíaca, constatou-se que as mulheres são menos afetadas que os homens em 1/3. Os hormônios femininos dão essa vantagem às mulheres, pois eles interferem na produção do colesterol, produzindo mais colesterol HDL (colesterol bom que não adere às paredes das artérias). A artrose no colo do fêmur afeta as mulheres cinco vezes mais que os

homens. As causas são anatômicas, pois a bacia feminina é mais aberta, provocando um desgaste maior com o tempo. As pernas das mulheres estão mais sujeitas a problemas, apresentando maior fragilidade capilar, provocando uma insuficiência venosa.

Contudo, essas barreiras não são suficientes para impedir que a mulher participe ativamente das práticas esportivas. As citadas diferenças não parecem afetar significativamente as performances femininas; ao contrário, essas diferenças se apresentam com um “desafio” para que as mulheres provem quanto são capazes, em qualquer atividade, não só no esporte. Se analisarmos os resultados olímpicos, vamos verificar que a evolução das mulheres foi muito superior a dos homens, mesmo estes participando em maior quantidade e por mais tempo, isto para as modalidades individuais. Nas modalidades coletivas observamos também uma enorme evolução técnica nas mais diversas competições femininas, além da graça e da beleza da mulher, que quando esportista parece ficar ainda mais bela e sensual. Podemos citar outros pontos que consideramos muito positivos e que sempre estiveram presentes quando trabalhamos com mulheres, tais como o interesse pelo que está fazendo (é muito mais freqüente nas mulheres do que homens), a mulher é mais detalhista que o homem e também perfeccionista, possui uma determinação invejável, mais dedicada em tudo que faz, é muito consciente quanto ao valor e a importância do jogo coletivo. A disciplina está mais presente nos treinamentos de equipes femininas do que nas masculinas. O jogo feminino é mais técnico, mais tático e mais veloz do que o masculino. Em relação ao lesbianismo ou preferência sexual, não podemos relacionar tal preferência com a prática esportiva, pois há mulheres lésbicas que nunca praticaram qualquer tipo de esporte. Parece que tal comportamento está mais ligado a fatores psicológicos. Quanto ao condicionamento físico, ambos os sexos possuem as mesmas necessidades básicas. Em função da modalidade e do tipo de competição será preciso se adequar um programa a fim de atender ao rendimento desejado, sempre atentando para as particularidades acima citadas.

Conclusões

As mulheres podem e devem se preparar para exercer qualquer atividade esportiva como atletas, técnicas ou dirigentes de modo similar ao homem, tendo as diferenças de sexo pouco a ver com o rendimento, pois as mulheres competem entre si, e não contra os homens. A mulher nem sempre é totalmente consciente de seus próprios problemas e não percebe claramente o tratamento que recebe da mídia e da sociedade em geral. A questão da mulher esportista está ligada ao fator rendimento, mas as pesquisas apontam para o fato de que as mulheres nas tarefas simples atingem rendimentos superiores aos dos homens; isto já foi comparado em todos os estudos, experiências acumuladas nos meios de trabalho. O fato é que o trabalho feminino é menos valorizado. Enumeremos, por exemplo, a quantidade de relatoras e locutores esportistas que conhecemos e veremos que a mídia esportiva pertence ao mundo dos homens. A mulher é vista, analisada, comentada, classificada, mitificada ou não pelos homens aos quais decididamente não convém misturar sexo e esporte, mas é preciso a começar a aceitar, a reconhecer e a não ocultar várias formas de interação e atração humana, sejam elas classificadas como normais ou alternativas.

Não podemos negar que o problema da análise de gênero, no caso da mulher, merece o reconhecimento de que as mulheres não são mais as mesmas, ocupam cada vez mais postos de responsabilidade em todos os ramos da atividade humana, participam não raramente de forma contundente na economia do lar e nas atividades esportivas. A exemplo de outros ramos da atividade humana, elas são mães, esposas e brasileiras que representam dignamente o país. Em alguns campos equiparam-se tranquilamente ao gênero masculino, mas decididamente

continuam a sofrer discriminações da imprensa escrita e falada. Só falta escreverem ou declararem: “Calma, vocês são mulheres e a imagem corporal é o que pretendemos promover, ressaltar e preferencialmente demonstrar”. Assim não fosse, veríamos uma paradinha providencial no *bumbum* daquela jogadora exatamente no momento crucial de determinado lance que deve ser o alvo de atenção de todos. É a preferência nacional, visão de muitos e tratado de maneira jocosa. Penso que agora, com a onda dos seios siliconados, os câmeras terão mais trabalho buscando, quem sabe, ângulos mais sugestivos.

MULHER, OLIMPISMO E DESEMPENHO

Prof^a. Marisa Loffredo
Técnica de handebol

Gostaria de iniciar o texto expondo o quanto me senti honrada pelo convite recebido para participar deste Fórum. Comprometida com a temática proposta por meio das atividades desenvolvidas na minha vida profissional – com o trabalho voltado para o alto rendimento e tendo participado (1994 a 2000) de competições internacionais (Jogos Pan Americanos, Campeonatos Mundiais e Olimpíada de Sidney) como assistente técnica de seleções nacionais –, procurei desenvolver a abordagem compartilhando de minhas experiências, idéias, críticas, e colocando propostas, sugestões e questões para nossa reflexão. Na organização do texto, iniciarei a discussão definindo o que vem a ser *Olimpismo*, seus ideais e objetivos, como vem sendo representado e difundido. A relação entre *Olimpismo* e Jogos Olímpicos e um breve histórico da participação da mulher nesse contexto, suas conquistas e avanços, assim como as dificuldades encontradas, traçando a problemática sobre o desempenho como necessidade vital. Finalizando, levantarei questões para reflexão, correlacionando poder, mulher, esporte e desempenho. Jamais poderia deixar de agradecer ao amigo, meu mestre prof. dr. Antonio Carlos Simões pelo convite e, principalmente, pelos ensinamentos e conhecimentos que obtive através de minha identificação com sua filosofia de trabalho. Um grande exemplo de homem e profissional a ser seguido, responsável por muito de minhas conquistas pessoais e profissionais.

O Olimpismo é um estado de espírito, resultante do culto ao esforço e à harmonia. Com a propagação, o esporte contribui para o desenvolvimento do indivíduo e da humanidade em geral. A filosofia olímpica, além de sua essência eminentemente pacifista, busca o estabelecimento de relações internacionais de cordialidade, o culto do esforço, a confiança perante o perigo, o amor à pátria, a generosidade e o espírito cavalheiresco, ou seja, a doutrina da fraternidade entre o corpo e o espírito. Os ideais do Olimpismo são a participação em massa, o papel educacional do esporte, o espírito esportivo, o intercâmbio cultural e a excelência (COB). O movimento olímpico fundamenta-se na liberdade civil e política, na solidariedade para o desenvolvimento do mundo e na igualdade na ordem econômica, social e cultural. Sua finalidade é educar a juventude por meio da prática esportiva sem qualquer tipo de discriminação e dentro do espírito olímpico, que exige a compreensão mútua, amizade, solidariedade e *fair play*. Integram o Movimento Olímpico o Comitê Olímpico Internacional, as organizações esportivas, os atletas e todos os que aceitam a Carta Olímpica (COB).

Segue que o objetivo do Comitê Olímpico Brasileiro é representar o Olimpismo e difundir o ideal olímpico grandioso, majestoso, sublime⁵⁴. Simbolizadas pelos cinco anéis entrelaçados, as ações do Movimento Olímpico são universais e permanentes pelos ideais de paz e do esporte, desenvolvidas nos cinco continentes e atingem seu apogeu ao reunir atletas do mundo inteiro, irmanados pelo espírito esportivo no mais importante festival esportivo, os Jogos Olímpicos: encontro universal de povos e culturas (Regulamento e Manual de Conduta das Delegações do Comitê Olímpico Brasileiro).

A Carta olímpica reúne os princípios básicos, regras e estatutos adotados pelo Comitê Olímpico Internacional, controla a organização e operação do Movimento Olímpico e determina as condições para a celebração dos Jogos Olímpicos. Define o Olimpismo como sendo uma filosofia de vida, exaltando e combinando, num conjunto equilibrado, as qualidades do corpo, da vontade, do espírito. Aliando o desporto à cultura e educação, o Olimpismo “vê-se” criador de um estilo de vida fundado sobre a alegria no esforço, o valor educativo de um bom exemplo e o respeito pelos princípios fundamentais universais. O texto da carta oferece uma versão atualizada do ponto de vista sociológico do princípio olímpico, unindo o benefício social que a sua postura gera com o progresso psicofísico realizado pelo praticante. A grande meta é vencer preservando e defendendo o desporto ao serviço do homem humanista e humanizador. Aspirando a essência pacifista, alegre e cultural que deve prevalecer, destacamos a seguir⁵⁵:

- “Os Jogos devem ser a festa fraternal da Humanidade, dos esforços apaixonados, das ambições múltiplas”;
- “Os Jogos Olímpicos são universais e todos os povos devem neles ser admitido sem discussão”;
- “O importante na vida não é o triunfo, mas o combate; o essencial não é o vencer, mas o ter se batido bem”;
- Divulgar estes preceitos é preparar uma humanidade mais valente, mais forte, mais verdadeira, mais generosa

Originados em Olímpia, na Grécia, os Jogos Olímpicos consagravam os atletas conferindo-lhes enorme prestígio e, por meio da vitória, eles proporcionavam glória à sua cidade de origem. Esquecido por 1500 anos, após esforços do Barão Pierre de Coubertin – que viu no esporte e nos ideais olímpicos gregos uma fonte de inspiração para o aperfeiçoamento do ser humano –, promove-se em 1894 a criação de um órgão internacional que unificou as diferentes disciplinas esportivas e promoveu a realização a cada quatro anos de uma competição internacional entre atletas amadores. Foi então formado o Comitê Olímpico Internacional e, em 1896, em Atenas, realizaram-se os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, tendo como fundador o próprio Barão Pierre de Coubertin.

Nessa concepção moderna do Olimpismo, a filosofia sintetiza a relação amigável entre as pessoas de diferentes países a partir do esporte, meio de aproximação e congregação entre os diferentes povos, raças e religiões. A cada quatro anos, desde 1896, os Jogos Olímpicos – o mais importante acontecimento esportivo capaz de reunir os melhores atletas do mundo e a maior quantidade de países – vêm acontecendo, e o único conflito presente é a disputa esportiva através do desejo progressivo de aperfeiçoamento, tornando-se um momento

⁵⁴ Fonte: Dicionário Aurélio.

⁵⁵ Fonte: www.cob.org.br.

supremo de realização do ser humano em busca da excelência e, também, um fenômeno de interesses cultural, social, econômico e político.

A participação da mulher

Nos Jogos Olímpicos da Antiguidade a presença feminina era proibida. Nos Jogos Olímpicos Modernos, o seu fundador, Barão Pierre de Coubertin, era contra a participação feminina nas competições olímpicas por considerar indesejáveis para as mulheres as características trabalhadas nos esportes. Mas foram os Jogos Olímpicos da Era Moderna que possibilitaram às mulheres demonstrar suas potencialidades atléticas. Em 1900, na cidade de Paris, aconteceu a primeira participação feminina, mas ela se evidenciou um tanto o quanto mais significativa em 1928, em Amsterdã. Com a renúncia do Barão de Coubertin, desiludido pelo que considerava o desvirtuamento dos ideais olímpicos – a crescente profissionalização dos atletas, a participação de mulheres a que sempre fizera oposição, as interferências de ordem política que ameaçavam os valores morais e pedagógicos do esporte –, as mulheres foram admitidas e disputaram as provas de atletismo, considerado o esporte mais nobre.

Em 1932, na cidade de Los Angeles, ocorreu a primeira participação de uma mulher latino-americana nos Jogos Olímpicos, a nadadora brasileira Maria Lenk. Em 1936, em Berlim, o Brasil teve como destaque a própria Maria Lenk, quando entrou para a história ao inventar e encantar o mundo com o nado “borboleta”.

Cabe salientar que, na Grécia, as guerras eram suspensas para a realização dos Jogos Olímpicos. Já no mundo contemporâneo, eles foram interrompidos em 1940 e 1944, durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1968, na cidade do México, um marco pela realização dos primeiros Jogos Olímpicos na América Latina, também se evidenciou outro fato: a atleta Norma Enriqueta Basílio foi a primeira mulher a conduzir a tocha olímpica na história dos jogos. Neste ano, foram aplicados os primeiros testes de feminilidade.

Em 1976, em Montreal, destaque para a ginasta romena Nadia Comaneci que, aos 14 anos de idade, conquistou três medalhas de ouro, uma de prata e 1 de bronze, recebendo a nota 10 dos quatro jurados na prova das barras assimétricas. Em 1980, em Moscou, ocorreu a primeira participação do Brasil com equipe feminina coletiva no voleibol, ficando na sétima colocação. Já em 1988, em Seul, essa mesma seleção obteve a sexta classificação e o judô feminino o quinto lugar. Em 1992, em Barcelona, o Brasil consegue uma quarta colocação no voleibol feminino e, pela primeira vez participando o basquetebol, fica com o sétimo lugar. Destaque para a atiradora chinesa, a primeira mulher a obter medalha de ouro em competição mista. Em Atlanta, 1996, o Brasil obteve suas primeiras medalhas olímpicas femininas, no vôlei de praia, com duas duplas brasileiras na final, bronze para o voleibol e prata para o basquetebol. Na primeira competição do futebol feminino, a equipe brasileira ficou na quarta colocação. Na última Olimpíada do século XX, em 2000, na cidade de Sidney, a primeira participação da ginástica rítmica desportiva e do handebol, ambos obtendo a oitava colocação. Já o basquetebol e voleibol trouxeram a medalha de bronze, o vôlei de praia, prata e bronze, e a participação de Daniele Hypólito, aos 16 anos, obtendo o vigésimo lugar.

Desempenho

O esporte, enquanto atividade relacionada e preocupada com a saúde, promotora da integração e solidariedade entre os povos e defensora de igualdade de oportunidades e respeito às diferenças, não vem desempenhando seu papel em razão de inúmeras implicações ideológicas, valores culturais, morais e crescentes interesses sociais, econômicos e principalmente políticos. O fator fundamental ligado ao desempenho está diretamente

relacionado ao plano biológico, aos treinamentos físico, técnico, tático e psicológico e ao relacionamento com o grupo e comissão técnica, ampliando suas possibilidades de rendimento. Dentro de uma realidade social, a mulher vem conquistando coletivamente espaços ao longo dos anos, mesmo prevalecendo o domínio masculino, mas sabemos que a questão fundamental baseada principalmente em relação à cultura, não esconde também outras implicações intrínsecas.

Utilizando-se dos fatores religiosos e de preconceitos que apontam para o esporte de rendimento como criado e restrito aos homens, e por algumas características que são apresentadas como lutar, competir, dominar, agredir, atacar, entre outras que são inerentes à mulher. As diferenças biológicas e anatômicas estariam associadas às idéias de fragilidade feminina e de grandeza masculina, desafios complicados e conceitos machistas enraizados na cultura de superioridade dos homens sobre as mulheres, colocando obstáculos ligados às obrigações da mulher com a sociedade e com a família, em que a identidade feminina tradicional é reservado o papel de mãe exemplar, de boa esposa, de alicerce emocional da família. Ora, sabemos ainda que a homossexualidade é antiga na sociedade, e que a sociedade é que dá origem à homossexualidade e não o esporte. Mas o estigma social de que o esporte de alto rendimento provoca uma masculinização (“mulher macho”, “sapatão”) marginaliza a mulher atleta reforçando a desigualdade social, na qual os homens dominam e as mulheres são dominadas.

Sabemos que as mulheres são tão capazes quanto os homens em qualquer campo de atividade humana, ocupam cargos e posições reservadas aos homens sem perder sua feminilidade tão questionada, mas ser mulher no esporte é complicado, pois exige um envolvimento num setor criado e culturalmente apropriado pelo homem. O sexo não traduz a capacidade do indivíduo, o seu desempenho está totalmente ligado ao sucesso na execução do trabalho. O choro da conquista, o abraço afetuoso, o companheirismo e a rivalidade saudável são comportamentos que podem ser compartilhados tanto por homens quanto por mulheres.

A mulher, e principalmente a mulher atleta, paga um preço alto em um mundo de valores predominantemente masculinos. São heroínas pela força em transformar ao longo da história a falta de visão, a realidade social, não se eximindo de conceitos preconceituosos decorrentes dessa sociedade. O principal desafio tem sido, historicamente, romper com os paradigmas do modelo masculino, deixar de ser julgada pelo seu estado civil, seu comportamento sexual, sua moral, seus atributos físicos, saber lidar com pressões e expectativas sem ter medo de desapontamentos nem sentimentos de culpa ou fracasso. A participação feminina cresceu na medida em que os conceitos do esporte no processo de globalização se acentuaram, paralelamente aos seus interesses de participação. O aumento de mulheres praticantes não indica a existência de políticas públicas ou de investimento privado. Essas conquistas representam principalmente práticas individuais com determinação, superação de barreiras e desafios, enfrentando resistências e tensões de um espaço não reservado para ela. Envolvidas com a imagem corporal, com a plasticidade de movimentos técnicos, com a necessidade de vencer seus próprios limites, sendo manipuladas, exploradas e alienadas, as mulheres não escapam da utilização de produtos farmacológicos.

Mundialmente se constata que o público dá preferência às competições relacionadas aos homens, que sempre ocuparam mais espaço na mídia que não discrimina, apenas defende e visa seus próprios interesses comerciais. Hoje, vemos um quadro diferente e que vem sendo transformado a cada dia. Apesar de terem se tornado em produto custo-benefício, sofrendo discriminação, com sobrecargas de treinamento e lidando com conceitos de masculinidade, sofrendo todo tipo de desafios e dificuldades, a maior participação feminina tem levado as

mulheres ao brilhantismo, demonstrando competência competitiva que dessa maneira não pode ser negada, tem obrigado a criação de novas situações em vários setores dentro do esporte, projetos esportivos, mídia, investimentos, etc.

Desafios

O sentido de enfrentar desafios em busca de seus limites com o único fim: *vitória*, pois ela é a peça fundamental para toda a base a ser construída. Sonho olímpico: desafio de vencer centésimos de segundos, centímetros, pontos, lesões. Para garantir a vaga. Retomar os rumos e resgatar os valores esportivos do Olimpismo. A explosão do talento esportivo feminino depende de novas concepções, organização, interesses e visões dos dirigentes esportivos que ocupam o poder. Um plano nacional esportivo com especificidade voltada para a mulher atleta, com apoio financeiro e incentivos politicamente destinados e organizados. Conquistar cargos técnicos, administrativos e diretivos, em todos os âmbitos, principalmente em nível nacional e internacional. Mais significativa representação e papel da mulher nos campos de pesquisa e esporte. Continuar a luta e modificar os conflitos entre os valores modernos e tradicionais, buscando a criação de uma visão de um mundo social e esportivo com novas perspectivas onde o mais difícil será, além de romper as barreiras dos atributos físicos, romper principalmente as do poder. Modificar a realidade das mulheres no mundo dos esportes de uma maneira integrativa. Saber lidar com pressões e expectativas. Decidir ser atleta de alto rendimento requer coragem, bom senso, respaldo técnico e financeiro.

As aspirações dentro do esporte de alto rendimento, como a obtenção de prestígio, poder pessoal, dinheiro, inserção numa nova realidade social, vencer na vida, “ascensão social”, entre outras, buscam a fama necessária que dá voz ativa e emancipação à mulher. A conquista de um maior e mais justo espaço na mídia, reportando todos os valores da mulher atleta – da mulher e da atleta. Contudo, gostaria de finalizar como o maior desafio e com a maior conquista da mulher atleta: a busca da harmonia entre sua realização plena como mulher e como profissional no alcance do êxito de sua especialidade. Tudo respeitando os seus conceitos e objetivos, e não os autoritariamente impostos. Sonhos de possuir uma imagem (interior/exterior, caráter/beleza) que corresponda ao ideal feminino que a nossa sociedade e a sua vontade almejem e ao mesmo tempo apresentar boas condições de performance, disputa e desempenho com rendimento, em qualquer setor que se faça atuar.

Desilusões

As lutas para superar traumas e apagar erros. Detalhes deprimem os “quase olímpicos”.

Quando vi que foram só centímetros, fiquei mais inconformada. (Ana Carolina Custódio, 20 anos – Remo, *double skiff* peso leve)

Penso que os critérios deveriam ser outros. Um número ímpar de regatas resolveria. (Paula Newlands – Iatismo)

Agora é se preparar para outro campeonato. A Olimpíada acabou. (Mícaela, 24 anos – Basquetebol)

Na hora que acontece você já sabe que é grave. Só sente susto, dor e desespero. (Paula Pequeno, 22 anos – Voleibol)

Todos os meus cavalos são muito jovens, e *Toy Town* se machucou... Agora tenho de ir conhecendo os cavalos e os preparando para o futuro. (Zara Anne Elizabeth Phillips, 23 anos – Hipismo, Inglaterra)

Referências bibliográficas

FOLHA DE S. PAULO. 23 mai. 2004, p. D6.

SIMÕES, A. C. (Org.). *Mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p. 4 e 5.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Confef, ano I, nº. 2, p. 27, mar. 2002.

SESSÃO BATE-PAPO

A PRÁTICA DE MODALIDADES ESPORTIVAS CONCEITUALMENTE MASCULINAS

Debatedor: Prof. Ms. Jorge Dorfman Knijnik
Escola de Educação Física e Desporto – USP
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Convidados

Dr. Samir Daher – Médico da seleção brasileira de handebol
Soraia André – Atleta de judô
Shubi Guimarães – Atleta de corrida de aventura
Helena Deyama – Piloto de rally
Carla Righeto – Árbitra Internacional de handebol

ROSA VERSUS AZUL: ESTIGMAS DE GÊNERO NO MUNDO ESPORTIVO

Prof. Ms. Jorge Dorfman Knijnik
Escola de Educação Física e Esporte - USP
Universidade Presbiteriana Mackenzie

*“Paraíba masculina, muié macho, sim sinhô,
Eita, eita, muié macho sim sinhô”*
(Luiz Gonzaga)

Homens ao volante, mulheres na garupa

Comenta-se que na década de 1980 o Rei Pelé foi participar de um evento no Japão, no qual, dentre uma série de atividades, seria entrevistado algumas vezes. Lá chegando, apresentaram sua intérprete, que o acompanharia durante sua estada no Oriente, fazendo a tradução direta entre o português e o japonês. Mas o Rei imediatamente recusou-a, exigindo um homem para realizar esta tarefa. Conhecedores da fama de galã de Pelé, muitas pessoas começaram a pensar que ele teria “mudado de lado”, e que não gostasse mais de mulher. Mas a explicação dele foi elementar: a moça era muito bonita e podia ser especialista em línguas, mas o Rei duvidava que ela entendesse algo de futebol.

Por meio da mera oposição desses dois pólos, a realidade fica muito simples de ser vivida e explicada: homens, e somente eles, “naturalmente”, são aptos a fazerem certas atividades; conseqüentemente, as mulheres servem para outras, sendo inaptas para aquelas primeiras. E mais do que fazer, em certos casos, elas não servem sequer para entender da “coisa”, pois a tradutora que Pelé tinha à disposição não deveria jogar futebol, mas simplesmente compreender certos termos para traduzi-los. E foi impedida de fazê-lo pelo fato de ser mulher, e as representações e valores associados às mulheres na cultura hegemônica do Brasil mostram o quanto elas não podem saber nada de futebol. Essa dicotomia rígida engessa não somente as mulheres, mas também os homens: como saber que aquele tradutor a quem se

recorreu de última hora, apenas pelo fato de ser homem, automaticamente entendia de futebol? E se fosse alguém totalmente desconhecedor do esporte e que, chamado às pressas, sequer teve tempo de se atualizar sobre o assunto? Ser homem, nessa concepção cultural, já seria o suficiente – afinal, eles *têm que* saber de futebol – e coitado daquele que não estiver a par deste assunto.

O objetivo deste texto – no quadro da mesa redonda sobre “a prática das modalidades conceitualmente masculinas” no III Fórum sobre a Mulher no Esporte – é o de trazer reflexões sobre como o fenômeno esportivo é repleto de fantasias e simbolismos de gênero que enrijecem as práticas, impedindo o pleno acesso das pessoas dos diferentes sexos às diversas atividades. Esta reflexão, por sua vez, tem a finalidade de ajudar a desconstruir a noção de que existem modalidades para homens ou mulheres, em separado, e propor assim a busca de alternativas para que essas barreiras de sexo sejam superadas. Ou seja, tem-se aqui a clareza que o esporte é um bem cultural e, como tal, um direito humano inalienável, e que deve sempre ser um instrumento tanto para a autoexpressão do ser humano quanto para a ampliação da tolerância e da convivência entre os indivíduos, quaisquer que sejam as diferenças que estes possam apresentar entre si.

Conceitualmente masculinas?

O que significa dizer que uma modalidade é “conceitualmente masculina?” Que somente homens podem praticá-la, pois ela demanda certas qualidades físicas que os homens possuem, como força? E como ficam as mulheres fortes que praticam esta modalidade? E os homens fracos que não gostam dela? Estes não são totalmente masculinos, ao passo que aquelas o são em demasia? Ou denominar uma modalidade de “masculina” denota, como propõe Heilborn (1994), que aquilo que é chamado de masculino foi associado aos homens, por meio de uma intensa intervenção cultural que, ao suplantar a biologia do macho e da fêmea realizou a condição de ser homem ou mulher no mundo da cultura humana? E que estas condições, muito mais do que advindas das diferenças entre os corpos, provêm de construções e significados que são diversos, pois componentes diferenciados de cada cultura humana? Ou seja, esta segunda trilha aponta para o fato que a condição “natural” do ser humano é criar e realizar-se por meio da cultura (Berger & Luckmann, 1978). E que uma das noções mais fortes presentes nas culturas humanas Ocidentais é aquela que coloca em polaridades opostas o masculino e o feminino, numa operação, essencialmente cultural, que formata uma construção social que se dá não apenas sobre as características biológicas, mas muitas vezes até independentemente destas.

De fato, chamar algo de intrinsecamente (ou “conceitualmente” como nesta mesa redonda) masculino ou feminino mostra que existem apreciações sobre os atributos de homens e mulheres que vão além das categorias macho e fêmea do mundo biológico, e que são traduzidas pelo conceito de *gênero*. É por meio da generificação de atividades, normas, símbolos e atitudes dos seres humanos que se consagra àquilo que é masculino ou feminino em cada cultura. Vale lembrar que o desenvolvimento do conceito de gênero iniciou-se exatamente na contraposição a biologização das identidades psicossociais a partir do sexo de cada pessoa. Como quer Louro (1996: 2):

[...] gênero não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado a sua construção social como sujeito masculino ou feminino.

Desta forma, a autora deixa entrever o que afirmará mais adiante, isto é, que o feminino e o masculino não são dados *a priori*, afirmações ou representações já existentes, algo como papéis construídos sobre as identidades biológicas. Exatamente por serem construtos sociais, as identidades de gênero são históricas, mutantes e mutáveis. Na verdade, Louro (1996) avança comentando que não existe “o” masculino tampouco “o” feminino, mas uma multiplicidade de jeitos e modos de se expressar estas identidades. Ou seja, cada pólo contém inúmeras formas de se vivenciá-lo, os atributos femininos e masculinos são vários e variáveis. Não há, e nem se deve prognosticar um único estilo de se viver a masculinidade ou a feminilidade, posto que existe uma pluralidade de formas de vivenciar estas facetas da vida, as quais inclusive englobam e somam aspectos do outro pólo, que passa a ser encarado não como oposto, mas sim como portador de novas possibilidades e novos modos de ser – de acordo inclusive, como já afirmado, com diferentes contextos históricos e sociais. Assim, querer rotular algo – seja atitude, símbolo, ação, coisa, vestuário ou qualquer outra manifestação cultural como o esporte – como “conceitualmente ou exclusivamente” masculino ou feminino é permanecer cativo de conceitos e afirmações universalistas que moldam e aprisionam o ser humano em grades inconcebíveis no século XXI.

Ainda mais numa época na qual surge e se intensifica o fenômeno do homem metrosssexual – aquele que incorpora diversos comportamentos e atitudes associados às mulheres, sem abrir mão de seu lado heterossexual, homem este cujo ícone é um grande astro do esporte, o futebolista inglês *David Beckham*; ou então num mundo em que, (conforme relato de Leonel, 2003), no início da década de 1990, as roqueiras lésbicas do grupo *Riott Girls* subiram aos palcos usando cuecas e consolos de borracha sob as calças, mostrando para todos que também podiam ser agressivas, invertendo papéis e misturando códigos. A partir de então, segundo Leonel (2003: 48), “nada mais permaneceu exclusivamente feminino ou masculino”.

Esporte Unissex

O “planeta esporte” sempre foi uma arena especialmente fértil para a construção de simbologias de gênero rígidas, bipolares e em oposição frontal uma diante da outra. Reforçar e mesmo formar esquemas que consagrem os padrões de masculino e de feminino aceitos e vigentes hegemonicamente é algo que o esporte vem ajudando a construir a anos – sobretudo enquanto fenômeno que dispõe do corpo humano, no qual são inscritos muitos dos signos estereotipados de gênero. Dessa forma, o esporte pode ser considerado uma instituição social “genereficada”. Mas também, por tudo aquilo que dispõe ao mundo enquanto normas de comportamento e atitudes, o esporte também é um fenômeno “generificador”. Conforme Messner (1992: 173-174):

Os esportes organizados são uma “instituição genereficada” – uma instituição constituída por relações de gênero. Enquanto tal, sua estrutura e valores (regras, organização formal, composição sexual, etc.) espelha concepções dominantes de masculinidade e feminilidade. Os esportes organizados são também um “fenômeno generificador” – um fenômeno que ajuda a construir a ordem de gênero vigente.

O atleta, qualquer que seja o seu sexo, deve se conformar com as normas de gênero hegemônicas presentes na sociedade, as quais, tais como outras hierarquias – étnicas, sociais, econômicas, entre outras – engendram relações de poder no cenário esportivo. Relações de poder que apontam para desigualdades sociais – notadamente a exclusão, a marginalização e a discriminação da mulher no esporte – que, por sua vez, são pautadas nas diferenças

biológicas. E no esporte a diferença em questão é o sexo, como se esta fosse a única distinção biológica existente entre todos os humanos a ser levada em consideração na prática esportiva.

Não se atenta, todavia, que há outras variantes biológicas importantes para a experiência esportiva, tais como estatura, tamanho de membros, gordura, entre tantas outras, que ocorrem não somente entre homens e mulheres, mas entre todos os humanos. E que, em termos esportivos, pode haver uma diferença muito maior entre um homem muito alto e outro muito baixo, do que entre um homem e uma mulher de tamanhos semelhantes. E, no esporte, pessoas diferentes (independentemente do sexo) desenvolvem habilidades dessemelhantes, e se dirigem para modalidades diversas, de acordo com as suas características biológicas, mas também em virtude de oportunidades, interesses, possibilidades, etc.

E muitos, no afã de provar a inferioridade feminina pretendem confrontar as forças biológicas de homens e mulheres – se anteriormente a justificativa desta estratégia era saber se a mulher “poderia” fazer certas modalidades, atualmente é para se conhecer se ela fará “como os homens”. No entanto, mensurar as diferenças físicas e/ou biológicas entre homens e mulheres teria relevância apenas se conseguíssemos “apagar” os efeitos dos aspectos históricos e sociais que envolvem o desenvolvimento da mulher no esporte - ao contrário de outras esferas da vida (econômica, política, etc) a entrada da mulher na arena esportiva vem sendo mais lenta, a segregação foi e se mantém contínua. Todavia, o que se percebe é que as mulheres vêm atingindo recordes e marcas olímpicas semelhantes àquelas dos homens em anos anteriores; e o corpo da mulher não mudou radicalmente, não sofreu mutações em termos genéticos ou biológicos no último século – o que mudou foi a visão social que se tem do corpo. Isto mostra que o ambiente social, em todos os níveis (o treinamento físico, mental, aprovação social, tempo de prática, educação e oportunidades, etc) é que vem mudando - e conseqüentemente a mulher, bem como o homem, frutos que são de seu tempo e cultura. Porém, historicamente, a mulher foi proibida ou afastada da prática de esportes, quase sempre em virtude de certos aspectos biológicos, os quais segundo afirmações médicas e científicas de determinadas épocas, inviabilizariam a realização de atividades extenuantes.

Como se observa hoje em dia, estas características se baseavam muito mais na visão e nos preconceitos de gênero do que em verdades biológicas. Até mesmo a ciência está sujeita a mudanças, e suas verdades também são construtos históricos. Não se defende aqui que se anulem as diferenças entre homens e mulheres – que, aliás, são bem vindas como todo o conjunto da diversidade humana, que enriquece o mundo. Tampouco se está pleiteando que eles e elas comecem a disputar junto, em confronto entre si. Dificilmente se encontram modalidades esportivas nas quais a prática não seja entre pessoas de um mesmo sexo.⁵⁶ Via de regra a disputa se dá somente entre homens ou apenas entre mulheres, e talvez não seja este o momento de se propor uma unificação radical.

Vivemos uma era de mudanças extremas, e estamos apenas esboçando idéias e explorando práticas correspondentes a estes novos tempos. Colocar homens e mulheres em cotejos típicos de “guerra dos sexos” – nos quais as normas dominantes de gênero provavelmente forçariam os homens a tomarem atitudes extremamente violentas para não correrem nenhum risco de serem suplantados pelas mulheres – poderia trazer prejuízos físicos, políticos e sociais para todos, pois a rigidez das representações de gênero no esporte não pressiona e prejudica somente as mulheres, excluindo-as, mas também amarra os homens

⁵⁶ No entanto, já há diversas experiências nesta direção, desde algumas mulheres competindo entre homens, oficialmente (caso do hóquei sobre patins na Finlândia), ou mesmo do hipismo clássico, no qual homens e mulheres competem individualmente pelos mesmos objetivos. E no esporte infantil, algumas competições já consideram a possibilidade de meninos e meninas disputarem em conjunto, uma vez que as tais diferenças físicas não se manifestaram ainda (?) antes da puberdade.

no interior de comportamentos agressivos, identificados com valores da (hiper) masculinidade hegemônica e brusca, os quais rechaçam a importância do feminino, sobretudo no esporte.

O aspecto central da agenda para os próximos anos, em primeiro lugar, é se ter clareza quais normas e estigmas de gênero podem estar levando a discriminações no mundo dos esportes. E se criar espaços educativos para a conscientização e reflexão sobre estas normas, nos quais se possa discutir e questionar os padrões vigentes e antagônicos de masculinidade e feminilidade. E principalmente procurar cada vez mais aproximar todos os programas esportivos das metas de desenvolvimento do milênio propostas pela força-tarefa para o desenvolvimento do esporte e da paz da ONU.⁵⁷ Esta força, composta por membros de diversas agências educativas, enxerga na prática esportiva uma excelente oportunidade para se desenvolverem valores de disciplina, liderança e auto-estima, mas também de respeito, cooperação e tolerância. Para a força-tarefa,

(...) a prática do esporte é vital para o desenvolvimento holístico dos jovens, ajudando sua saúde física e emocional, e edificando valorosas conexões sociais. O esporte oferece oportunidades para a diversão e auto-expressão, enérgicos, sobretudo para os jovens com poucas oportunidades em suas vidas (UN, 2003, tradução livre).

Especificamente no que tange à equidade de gêneros, o documento é claro: o esporte é um direito humano fundamental, e como tal deve ser um instrumento na consecução de metas de paridade de gênero na educação. Em decorrência da tradicional e histórica exclusão das mulheres do mundo esportivo, a participação no esporte pode quebrar velha, mas consagrados estereótipos de gênero que pesam sobre garotas e mulheres. E a cada vez que mulheres atletas ganharem mais reconhecimento, se tornarão mentoras das novas gerações. A nova ordem de gêneros no interior do esporte não será “conceitualmente” masculina ou feminina; ao contrário, terá um horizonte “rosa E azul”, com milhares de tonalidades, ultrapassará as barreiras e limites dos estigmas, não será excludente e fomentará a equidade.

Construir este novo estado das coisas, sobrepujando preconceitos e discriminações de gênero, é a urgente tarefa de todos e todas que acreditam no esporte como um instrumento para combater a barbárie e promover uma maior justiça nas relações humanas.

Referências Bibliográficas

- BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- HEILBORN, M.L De que gênero estamos falando? *Sexualidade, Gênero e Sociedade*. 1 (2), p. 1-6, dez. 1994.
- LEONEL, V. Cueca: você ainda vai usar uma! *Revista da Folha de S. Paulo*, jul. 2003, p.48.
- LOURO, G.L Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J., MEYER, D. & WALDOW, V. (Orgs.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 12-19.
- MESSNER, M. Boyhood, organized sports, and the construction of masculinities. In: KIMEL, M. & MESSNER, M. *Men's lives*. New York: Macmillan Publishing, 1992. p. 131-161
- UNITED NATIONS. *Report from the United Nations inter-agency task force on sport for development and peace*. UN, 2003.

⁵⁷ United Nations Inter-Agency Task Force on Sport for Development and Peace.

A ATUAÇÃO DA MEDICINA DO ESPORTE E AS MULHERES NO ESPORTE DE RENDIMENTO

Dr. Samir S. Daher

Médico da Confederação Brasileira de Handebol

O esporte no Brasil apresentou um crescimento muito importante nos últimos anos, fruto de um trabalho da profissionalização dos diversos segmentos que envolvem cada modalidade esportiva, ainda chamada amadoras. Esse profissionalismo acontece pela necessidade de sobrevivência em níveis cada vez mais competitivos dentro dos eventos esportivos. As mulheres apresentam um destaque especial, pois nos últimos jogos Pan-Americanos, elas obtiveram quase a metade do número de medalhas ganhas pelos homens. Isto mostra o potencial feminino do esporte nacional, mas também começaram a aparecer lesões que antes acometiam apenas os atletas masculinos.

A organização dos segmentos administrativos, assim como dos profissionais da educação física, das confederações, do Comitê Olímpico Brasileiro, da imprensa – que por meio dos canais de televisão fechada também abriu espaço para quase todas as modalidades esportivas – e, acompanhando todo esse crescimento, a Medicina do Esporte. No Brasil, o segmento médico que representa o esporte é realizado pela Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, um braço da área médica, multidisciplinar, que acaba envolvendo todas as especialidades de uma forma direcionada não somente aos atletas, mas para todos aqueles que realizam algum tipo de atividade física e aos profissionais do esporte. Assim sendo, podemos dizer que a Medicina do Esporte evolui proporcionalmente ao crescimento do esporte, sendo um benefício em conjunto.

Não podemos mais pensar em uma medicina apenas para tratar as lesões estabelecidas pela prática esportiva, como foi utilizado largamente no passado e ainda acontece em alguns centros esportivos. Atualmente o que mais tem diferenciado a ação da Medicina do Esporte, além da área terapêutica, são as áreas preventivas e educativas. A população pode ser dividida em quatro grandes grupos, relacionando o grau de atividade física que ela realiza.

O primeiro grupo e, infelizmente, o maior, principalmente pela falta de informações e opções, é o grupo dos sedentários (aqueles que não realizam nenhum grau de atividade física) ou os que fazem apenas a atividade física mínima da vida diária. É um grupo dentro da comunidade que não tem a mínima programação ou orientação, e quando realizam alguma atividade, é extremamente aleatória e sem objetivos.

O segundo é aquele que realiza a atividade física ocasional, quer seja na prática esportiva recreacional ou quem joga aquela partida de futebol com os amigos nos finais de semana, campeonatos do bairro que ocorrem esporadicamente, sem critérios de organização na parte de treinamento ou quem simplesmente deixa para fazer no fim de semana o que não fez a semana inteira. Realmente este é o mais prejudicial à saúde, pois o organismo não está preparado para este tipo de atividade física e as principais lesões podem ocorrer para estes indivíduos.

O terceiro grupo, que é o mais aconselhável para quem quer os reais benefícios do exercício, é a atividade física programada. É aquele cidadão que realiza uma atividade física regular três a quatro vezes por semana, monitorada por um profissional especialista da área do esporte, que controla o seu treinamento em função de um planejamento, tornando o organismo habituado e preparado para a realização desta prática. Sem dúvida alguma os benefícios são enormes para os indivíduos que se encontram em plenas condições de saúde, como aqueles

que querem realizar a atividade física recreativa ou manter o equilíbrio do organismo, como o peso corpóreo ou uma forma de realizar um esporte sem que haja a obrigação de vitórias como nas competições. Existe também outro grupo de indivíduos que quer, por meio da prática de exercícios, melhorar a qualidade de vida: os obesos (para diminuir o peso), os hipertensos (para manter seus níveis de pressão arterial normais, sem medicação ou com o mínimo possível), os diabéticos (que precisam utilizar insulina para diminuir a taxa de glicose no sangue). Já é sabido que, quanto mais atividade física regularmente realizada, menor a quantidade de insulina ou hipoglicemiantes orais um indivíduo vai precisar utilizar para manter os níveis normais.

As mulheres, após a menopausa, por alterações hormonais, apresentam níveis de osteoporose aumentados, e um forte aliado para combater essa situação é a atividade física. Pacientes com osteoporose melhoram a qualidade de vida se realizarem apenas caminhadas freqüentes, aumentando a massa óssea. Podemos contar com os benefícios da ginástica para as gestantes também. Já as crianças, atingem o potencial de crescimento máximo, sem contar com desenvolvimento pessoal, como as amigadas, o autocontrole, o respeito, a hierarquia, o saber ganhar e perder. Não deixamos de lado as ginastas olímpicas que iniciam a sua atividade física extremamente competitiva aos 5 anos de idade.

E, por fim, o último grupo e o mais desejado por todos é a atividade física como competição. O esporte de alto nível. É o mais desejado, o mais admirável, porém o mais temido, principalmente pelos médicos. O esporte de alto rendimento exige do atleta um nível de treinamento exaustivo, principalmente pela alta competitividade, quando o atleta ou uma equipe, através de um esforço exagerado, tem de permanecer numa determinada posição vencedora por um longo período de tempo. Podemos notar que a medicina do esporte está diretamente relacionada com a atividade física, independente do seu grau de realização, oferecendo condições iguais a todos aqueles que desejam os seus benefícios e também orientando os sedentários que não realizam atividade alguma a começarem uma prática esportiva regular para também atingirem os benefícios do esporte em suas áreas educativa, preventiva e terapêutica.

A maioria dos esportes é extremamente democrata, pois todos os indivíduos, independente de qualquer condição socioeconômica, podem estar envolvidos. Assim sendo, a Medicina do Esporte, nos segmentos preventivo, educativo e terapêutico, também tem a sua área de atuação na formação, na revelação e na detecção de talentos esportivos, respondendo a questões importantes como: Qual a idade ideal para o início da prática esportiva? Que esporte realizar? Como treinar? Até onde treinar para ter o rendimento máximo com o mínimo de lesões? E qual o treinamento de atletas de alto nível para vencer as competições? Colaborando para que a informação chegue a todos os cidadãos que possam através do exercício ter uma qualidade de vida melhor.

JUDÔ FEMININO: RELATO DE UMA HISTÓRIA

Prof^a. Soraia André
Atleta de judô

Existe uma forte relação entre corpo, conhecimento, sociedade e suas relações com o feminino. Precisamos fazer uma reflexão sobre o passado para entendermos o presente. Esse

passado vai muito além de práticas esportivas, ainda vivemos em uma sociedade que tem hábitos e costumes que estimulam meninos a gostarem mais de atividades físicas do que meninas. Com o judô isso não seria diferente, a luta é um dos mais antigos desportos do mundo, na verdade ela era um meio de fazer a força ganhar da razão. Quando ouvimos a palavra judô inconscientemente ainda relacionamos ao sexo masculino, dificilmente virá à mente algo diferente de dois “brutamontes” tentando derrubar um ao outro. Essa idéia de estereótipos sexuais – em que os adjetivos adequados ao sexo masculino são agressivo, ativo, esportivo, fisicamente forte, independente e machista; e ao feminino são atraente, comunicativa, dedicada, elegante, meiga, responsável, sensível e vaidosa – é fruto de uma sociedade que reproduz culturas, oprimindo as mulheres e discriminando aquelas que não agem como a maioria. Em que medida a oposição ao esporte feminino não constitui uma defesa de território masculino?

A mulher na atividade física

Por milhares de anos os homens tiveram monumentos dedicados as suas habilidades físicas, no entanto, essas lembranças inexistem para as mulheres. Em 1900, a mulher passou a ser encarada como capaz de participar em competição física. No passado acreditava-se que a participação feminina nessas atividades era pecaminosa ou degradante. Por muitos anos a atividade física das mulheres ficava restrita à dança, aos rituais religiosos e a exercícios leves. A partir do século XIX houve um aumento constante nas atividades desportivas femininas, mesmos assim com grande resistência a prática esportiva pelas meninas.

Na história do desporto brasileiro, a primeira mulher a participar dos Jogos Olímpicos foi Maria Lenk, em 1932, Los Angeles, na modalidade de natação. A composição por sexo das delegações brasileiras que participaram dos Jogos Olímpicos mostra uma lenta e irregular progressão da presença feminina atentando a grande dificuldade de penetração das mulheres nesse reduto masculino (Romero, 1995).

Judô feminino no Brasil

“Acredito que, com o tempo, a imagem de violência do judô será substituída pelo espírito pacífico e de tranquilidade” (Corrêa, 1981). Shinohara (1982), afirma que o judô foi implantado no Brasil por volta de 1908. Existiram duas correntes de um lado os praticantes que após um dia de trabalho na agricultura, faziam do judô uma forma de lazer e de outro lado a corrente que formava os “lutadores”, aqueles que lançavam e aceitavam desafios, dentre eles Mitsuo Maeda (Conde Koma). Segundo Sugai (2000), nos relata que em 1963, Eico Suzuki, recebeu o diploma de faixa preta, sendo assim a primeira mulher na América do Sul. A mesma autora ainda relata o “modo duro” de lutar das judocas brasileiras.

No Brasil, o Estado Novo foi responsável por medidas normatizadoras da prática esportiva feminina. Data de 1941 o decreto-lei 3.199, que proíbe as mulheres à prática de esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Este decreto foi regulamentado pelo Conselho Nacional de Desporto (nº 7/65) proibia a participação de mulheres em qualquer tipo de luta, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e beisebol. Após 14 anos de sua vigência foi revogado, iniciando assim oficialmente o judô feminino no Brasil foi marcado com o primeiro Campeonato Paulista, na cidade de Americana, com aproximadamente 150 mulheres acima de 15 anos, as campeãs representaram São Paulo no Campeonato Brasileiro, no ginásio da Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. A seleção que representou o Brasil no primeiro Mundial, no ano de 1980, nos Estados Unidos, contava com as campeãs brasileiras de cada peso: ligeiro, Yara Cunha (RS); meio

leve, Gislaíne Lamano (SP); leve, Solange Pessoa (SP); meio-médio, Heliana Camargo (SP); médio, Angela (BA); meio-pesado, Cristina Guimarães e pesado, Soraia André (SP); técnico professor Moacyr Pinto (SP). Obviamente, voltamos sem resultados expressivos. Alguns técnicos diziam que “éramos muito mulheres para fazer judô”.

As mulheres em nosso país viviam um momento delicado de suas conquistas e não seria diferente no que diz respeito ao judô, pois nele existem discriminações e os mesmos conflitos resultantes das relações entre homens e mulheres. Todos os fundamentalismos têm em comum a vontade de controlar os corpos das mulheres. A expressão mais clara disso é a hostilidade e o medo da sexualidade feminina. A atual geração de judocas ainda continua sem referência, pela falta de espaço e apoio da mídia e registro da história do judô feminino pelos órgãos responsáveis (federações e confederação). O discurso da igualdade vem sendo usado para mascarar o preconceito que sofrem ainda as mulheres.

A formação do preconceito

Desde o nascimento, a diferença entre os sexos é nítida, na porta do quarto na maternidade podemos saber se é menino (bola, camisa de time de futebol, pipa...) ou menina (boneca, ursinho, flores...). Na infância e adolescência, os meninos são estimulados a brincar na rua, jogar futebol e se defender; enquanto isso, as meninas, vão aprender a lavar louça, testar as primeiras receitas e fazer seu enxoval. De um modo geral é transmitida ou reforçada esse padrão motor sexualmente diferenciado: uma associação entre mulher e passividade motora e entre homem e atividade física. Segundo Romero (1995), enquanto o homem aparece como um ser voltado para o mundo, contando com o espaço de atuação física, temporal, profissional e cultural amplo, a mulher tem uma atuação mais restrita e voltada, sobretudo para a família e a vida doméstica.

Considerações finais

Após essa breve análise do judô feminino no Brasil, bem como da história do esporte e da participação da mulher, permito-me dizer que nós, mulheres atletas e ex-atletas, não podemos nos conformar em viver como seres não pensantes. É bem verdade que nossa formação produziu uma dicotomia entre corpo e mente. Algumas judocas ainda não entenderam o valor da competição como forma de satisfação pessoal e enriquecimento. Os nossos amigos homens, na maioria das vezes, são educados visando uma forma mais cooperativa de estar no mundo, são muito mais cúmplices entre si. Já nós estamos acostumadas a competir por banalidades, como por exemplo, o vestido mais bonito, o melhor corte de cabelo, o melhor xampu, etc. Dessa forma, esquecemo-nos de nos voltar para o aperfeiçoamento do ser, conforme preconiza o professor Jigoro Kano, criador do judô.

É hora de zangar-nos. Zangar-nos de que forma? Unindo-nos, reunindo-nos num verdadeiro jogo cooperativo, para que possamos concluir ser o judô um esporte que visa o progresso e prosperidade mútua. Diante disso insisto na afirmação de que a prática do judô é com o outro e não contra o outro. E o que dizer do termo “lutar judô?” Acredito que com essa expressão estamos contribuindo para a formação de guerreiros, e não para a formação de cidadãos que usam o modo suave na resolução de conflitos pessoais.

Referências bibliográficas

- O ESTADO DE S. PAULO, 23 ago. 1981, Caderno de Esportes.
ROMERO, Elaine. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995.
SHINOHARA, Massao. *Manual de judô*. São Paulo, 1982.
SUGAI, V. L. & TSUJIMOTO, S. *O caminho do guerreiro*. São Paulo: Gente, 2000.

VANTAGENS E DESVANTAGENS ENCONTRADAS POR UMA ATLETA DE CORRIDA DE AVENTURA/ ESPORTE RADICAL

Silvia Guimarães “Shubi”
Atleta de corrida de aventura

Meu nome é Silvia Guimarães, mais conhecida no meio do meu esporte como Shubi, da equipe Atenah. Dos meus 28 anos, nos últimos 5 virei atleta profissional, um dos meus sonhos desde criança, e ainda por cima num dos esportes mais completos que existem: a corrida de aventura. A corrida de aventura pode ser definida como um evento sem paradas obrigatórias, multidisciplinar, com a participação de equipes. Em alguns casos pode ser chamada de uma expedição com horário limite. O objetivo da competição é ser a primeira equipe completa a cruzar a linha de chegada. As disciplinas mais comuns são a orientação, *trekking*, *mountain bike*, canoagem e técnicas verticais. Outras disciplinas já foram incluídas nas corridas como o patim *in-line*, pára-quedismo, vela, corrida em camelos, costeira e cavalgada. Existem diferentes formatos e durações de eventos, indo dos *triatlons off-road* até expedições de 15 dias. O percurso leva os competidores por locais remotos e selvagens onde devem ser autossuficientes. Cada equipe deve ter uma boa estratégia para determinar a melhor rota, equipamento, comida e ritmo para vencer.

Corrida de aventura, um esporte em equipe que, na maioria das vezes, deve ser mista, e em algumas vezes exigem um membro do sexo feminino. Aí já começam as diferenças encontradas entre os sexos. Como acreditam que as mulheres são mais fracas, exigem uma mulher por pensarem que ninguém seria louco de não colocar homem na equipe. Isso poderia até pesar contra o sexo feminino, mas no meu caso não é bem assim, eu adoro quando a exigência é essa, assim posso montar uma equipe totalmente feminina. Competir em uma equipe totalmente feminina tem muitas vantagens, e algumas desvantagens também. Realmente, corrida de aventura é um esporte conceitualmente masculino, como a grande maioria dos esportes radicais. Mas como eu disse antes, sendo um esporte dos mais completos, existe um equilíbrio, homens e mulheres competem juntos, na mesma categoria, de igual pra igual.

É um esporte de resistência, endurance e força mental e física. Neste último fator, a força física, nós mulheres saímos perdendo; quando temos que carregar um barco, carregar uma mochila muito pesada, rebocar um companheiro de equipe (puxar por uma corda ou elástico) ou até remar muito, as mulheres são mais fracas, principalmente nos membros superiores. Outro momento em que há muita desvantagem são as provas curtas, de até 6 horas, um prova com muita explosão e velocidade, um outro momento em que as mulheres ficam para trás.

Analisando as desvantagens, optamos sempre por provas mais longas, com no mínimo 24 horas de duração, em que a explosão e a força física não são mais os determinantes. Por que? Como eu disse na introdução, esse esporte exige estratégia além de trabalho em equipe, habilidades, endurance e uma alta tolerância à dor, que nós sabemos que as mulheres dão um baile nos homens nesse quesito. Pelo fato da mulher não ter a mesma força, por nossa natureza, acabamos usando mais o cérebro, pensando bem na estratégia e sendo mais habilidosas nas partes técnicas das provas, perdendo pouco tempo nas transições (momento em que trocamos de modalidades e temos que arrumar uma nova mochila com comidas, equipamentos, etc.). Por sermos mais sensíveis e delicadas, também levamos vantagem na hora de cuidar do próprio corpo, temos uma maior consciência corporal e percebemos melhor

a nossa necessidade, desde tirar uma pedra do sapato até saber a hora em que precisamos parar e dormir para não afetar o rendimento.

Em provas tão longas, é essencial manter o corpo saudável até o fim, e os homens, por acharem que são fortes ou muitas vezes por orgulho, não reconhecem tais necessidades de se cuidar preventivamente. O equilíbrio emocional anda a favor das mulheres nas corridas de aventura. Na hora do erro, da frustração, das grandes dificuldades, dos imprevistos, somos mais equilibradas e objetivas. A determinação também é uma forte característica das mulheres, sendo visível o quanto é difícil ver mulheres desistindo das provas. Acabo de voltar de uma competição na Croácia, a corrida chamava-se “Terra Incógnita”, 400 quilômetros em quatro dias. Eu competi com a minha equipe – nessa ocasião, totalmente feminina – e terminamos a prova em quarto lugar entre 25 equipes, e *todas* com três homens e uma mulher.

Nessa competição, ficaram nítidas para mim as vantagens e desvantagens de correr com mulheres, “o sexo frágil”. Quando a equipe apareceu pela primeira vez no *briefing* da prova (momento da entrega dos mapas e apresentação das equipes), já deu pra perceber os olhos curiosos, comentários e muito interesse da mídia. Como não foi a minha primeira vez competindo com uma equipe de mulheres, já conhecia essa reação e sabia também que muitos deveriam estar se perguntando se a nossa equipe terminaria a prova, atitude característica do machismo, não só dos homens, mas também de algumas mulheres.

Essa corrida teve muito remo – no mar e em rios – inclusive na largada, com 43 quilômetros remando no mar. Não foi fácil para nós, e terminamos essa primeira etapa em 13º lugar. Logo partimos para um *trekking*, noite adentro, e já recuperamos algumas posições, pulando para oitavo. A prova continuou assim, variando entre *trekking*, remo e *bike*. Nos trechos de água, sempre perdíamos algumas posições, principalmente porque houve vários momentos em que tivemos que carregar os caiaques por mais de um quilômetro, e em outra oportunidade tivemos que suspender esses caiaques até uma ponte, cruzá-la e colocá-los em cima de um elevador (de mineração). Sofremos muito nesse momento, tivemos de trabalhar em equipe, as quatro carregando um caiaque, em sintonia, e depois carregávamos o outro, tiramos forças do além e mesmo assim fomos ultrapassadas por uma equipe de checos.

Como e essa prova tem 65% de canoagem, tivemos que escolher uma boa estratégia para compensar as dificuldades previstas. No primeiro trecho de *mountain bike*, que também foi durante a noite, focamos em não parar e passamos mais algumas equipes. Em todos os trechos de *trekking* optamos por correr sempre que possível, geralmente nos locais planos e nas descidas, assim ganhamos o tempo perdido nas etapas de água. Quando uma estava cansada, outra rebocava ou carregava o peso da mochila, sempre sem parar. Quando percebíamos o ritmo da equipe cair, fazíamos uma rápida parada para uma soneca de 20 minutos, recarregando as energias, sempre debaixo do sol, pois a noite era muito fria, principalmente para nós brasileiras. Essa foi uma estratégia essencial para o nosso bom resultado. As outras equipes achavam que nós estávamos mortas, mas as nossas dormidas davam uma boa recuperada e assim podíamos acelerar o ritmo de novo.

Uma atitude que me marcou muito foi quanto nós cuidamos umas das outras. Em um momento em que passava por uma cidadezinha, eu cuidava do pé machucado da Mati, a Cris fazia sanduíches para todas nós e a Nora cuidava dos mapas. Vocês imaginam um homem cuidando das bolhas do pé de seu companheiro? Um outro momento marcante foi quando chegamos no topo de uma montanha, o ponto mais alto da prova, a Cris carinhosamente nos presenteou com sanduíches de queijo que ela havia preparado e carregado. A orientação foi outro ponto forte, sempre com muita atenção nos mapas, todas à par do que estava por vir e, nos momentos mais difíceis, eu dividia a navegação com a Nora. Fizemos toda a prova

focadas e unidas, com os mesmos objetivos e sem perder tempo com discórdias, e isso foi a chave do nosso sucesso: chegamos em quarto lugar, na frente de muito homem forte e equipes boas. Defendo as vantagens de correr com mulheres, mas não posso deixar de mencionar o quanto é bom correr em uma equipe com bons atletas homens. Tive uma ótima experiência quando corri com uma equipe francesa, não carreguei mochila durante a prova inteira e eles me rebocavam em todos os trechos mais difíceis; eram atletas experientes e sabiam trabalhar em equipe. Essa eficiência toda gerou a vitória nessa prova. Outras vezes competi com homens, na maioria delas saí decepcionada: eles têm dificuldade de reconhecer fraquezas, pedir ajuda e, ao ajudar, olham para nós com se fôssemos outro homem, e não somos. Vamos para o mato competir e quando necessário fazemos força levantando ou carregando objetos, mas continuamos sendo mulheres que gostam de respeito e atenção.

É claro que para obter bons resultados a experiência conta muito. E as oportunidades são essenciais para se ter bastante experiência! Infelizmente esse esporte ainda é muito segmentado, as provas exigem uma disponibilidade de tempo dos competidores muito grande (3 a 7 dias por prova) e os gastos com equipamentos, inscrições, transporte e alojamento são elevados. São poucas as equipes que conseguem um bom patrocínio e, conseqüentemente, participar de competições. Não é nada fácil conseguir patrocínio, mas eu tive muita sorte... ou sabedoria. Pelo fato de ter uma equipe diferenciada, na maioria das vezes totalmente feminina e em algumas ocasiões com um homem, geramos muita mídia espontânea. Ponto a favor para os patrocinadores. Desde o começo da equipe, em 2000, conseguimos bons patrocínios, o suficiente para estarmos competindo nas principais provas.

Não ganhei dinheiro com corrida de aventura, e teve um ano (o ano passado) que não tivemos nenhum patrocínio e os gastos superaram a receita, mas ganhei muita experiência, não só no esporte, mas na vida! Vivi grandes experiências pelo mundo afora, competimos em locais inóspitos de países exóticos, nos rios do Vietnã, nas selvas de Fiji, nos mares da Croácia e nas montanhas do Quirguistão e da Nova Zelândia. Sempre com muito contato com as populações locais, trocando mímicas, sentimentos e experiências inesquecíveis. É quando essas pessoas simples têm o prazer de ajudar, oferecer o pouco que têm e cuidar dessas atletas cansadas e felizes por estarem ali!

O PAPEL DA MULHER COMO ÁRBITRA DE HANDEBOL INTERNACIONAL

Prof^a. Carla Righeto

Árbitra internacional de handebol

Segundo o “Aurélio”, árbitro é aquele que dirime (anula, dirige, resolve) questões por acordo das partes litigantes ou por designação oficial. Talvez pela própria definição da palavra seja tão difícil criar oportunidades para as mulheres atuarem nessa função, tida até pouco tempo atrás como exclusivamente masculina. A sociedade, que até os dias de hoje insiste em criar barreiras para a igualdade de direitos, seja em questões profissionais ou pessoais, dificulta, vê com prudência, para não dizer desconfiança, sempre que as mulheres tentam competir de forma igualitária com o universo profissional masculino. Se recorrermos à história, tampouco teremos algo a nosso favor. À mulher era negado, entre muitos outros direitos, o trabalho fora de casa, a educação, a possibilidade de praticar esportes. Não se questiona a capacidade de decidir quando os assuntos passam pelo universo familiar.

Na maioria dos lares a palavra final é da esposa e/ou mãe. É ela quem administra recursos, cuida dos afazeres e orientações domésticos, cuida da educação dos filhos. As famílias estão passando por uma série de transformações, hoje muitas delas tem como “chefe” uma mulher que, na verdade, conquistou para si a dupla jornada de trabalho, mas com apenas uma remuneração. Dizem que grandes homens têm ao seu lado grandes mulheres. Poderíamos comparar isto ao jogo de xadrez. O poder é todo do rei, mas ele precisa ter uma rainha forte se quiser vencer o oponente. Nós mulheres não queremos mais ser coadjuvantes para algumas conquistas, e aqui também não se trata de uma competição; queremos apenas as mesmas oportunidades para trabalhar e, com certeza, devido a inúmeros fatores fisiológicos, psicológicos, vamos nos sobressair em algumas profissões enquanto os homens se sobressairão em outras, sempre que possível trabalhando em equipe, equipes estas sem distinção de raça e sexo, mas buscando sempre o objetivo proposto e a qualidade de trabalho.

A imprensa frequentemente relata, surpresa, o trabalho de mulheres que estão em atividades em que outrora não lhes era dado o direito de desenvolver. Vemos a abertura para o serviço militar, piloto de avião, comandando câmaras de televisão e as mulheres árbitros de todas as modalidades esportivas, apenas para exemplificar focos recentes da mídia. A sociedade tem medo de se expor ao que é novo, talvez por isso dificulte tanto o trabalho feminino. Para a mulher chegar a um lugar de destaque em sua profissão sempre lhe é exigido demais no início da carreira, e para se manter tem de ser a melhor. No esporte não é diferente, não veremos muitas mulheres em cargos de comando a exemplo das nossas equipes olímpicas que seguiram para Atenas. Equipes de voleibol, basquete e handebol, entre muitas outras, são dirigidas por técnicos masculinos. Associados a isto, estão os investimentos e recursos financeiros destinados às equipes masculinas por suas respectivas confederações, os quais são visivelmente desproporcionais. Quando falamos de arbitragem podemos dividir o esporte em dois universos: federações que hoje convocam pela capacidade de seus árbitros, tendo em seu quadro também árbitras (começamos aqui a usar o substantivo feminino), e outras que nem ao menos deram espaço para as mulheres dirigirem partidas.

Escrevo agora um pouco da minha experiência como árbitra de handebol. Sou professora de Educação Física e sempre pratiquei esportes na infância e adolescência. Quando cursava a faculdade, em 1986, joguei handebol pela cidade de Campinas nos Jogos Regionais, competição entre as cidades do Estado de São Paulo. O fato de ter duas árbitras atuando nos jogos me chamou a atenção. Ao terminar a competição sabendo que a Federação Paulista de Handebol abria espaços para a inscrição de mulheres no quadro de arbitragem, participei de um curso promovido no mesmo ano (1986). O fato de ser graduada pela Faculdade de Educação Física da PUC-Campinas – cidade em que resido até os dias de hoje –, e de ter sido atleta da equipe da A.A. Guarú – equipe que era sempre destaque no cenário do handebol brasileiro como uma das que desempenhava melhores habilidades técnicas na época –, proporcionou-me um maior conhecimento do esporte. A minha prioridade não era ser árbitra de handebol, mas sim exercer mais uma atividade dentro do esporte, contanto ainda com a possibilidade de remuneração.

Quando fiz a opção por deixar de ser atleta, que na época não era uma função remunerada como nos dias de hoje, dediquei-me ao trabalho na Educação, exercendo a minha profissão de professora da rede municipal e privada de ensino em Campinas. Quanto ao esporte, segui apenas com a arbitragem. Na Federação Paulista de Handebol não havia muitas barreiras, uma vez que as duas árbitras – aqui peço permissão para citar Silvana Maria Silva e Maria Isolina Fazzani – já haviam sido as pioneiras no trabalho feminino. A maior dificuldade era o fato de residir fora da cidade de São Paulo e poder trabalhar como árbitra apenas nos

fins de semana. A árbitra Silvana Maria Silva havia se formado como árbitra quatro anos antes, e até por ter sido jogadora de handebol e ser professora de Educação Física se destacou como arbitra desde então. Uma das maiores dificuldades que enfrentou foi querer participar de um curso para formação de árbitros para a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). Mesmo obtendo notas melhores que muitos participantes do sexo masculino, a CBHb não admitia a possibilidade de aprovar uma arbitra. Assim, apesar de pensar em desistir, ela continuou a se inscrever em cursos nacionais e a CBHb foi obrigada a aprovar a primeira árbitra em 1992.

Nesse contexto as coisas ficaram mais simples, embora não mais fáceis para todas as outras mulheres que se tornariam árbitras nacionais. Nesses cursos, as mulheres devem fazer os mesmos testes físicos que os homens e, se possível, obter as melhores notas nas avaliações teóricas e um desempenho quase que perfeito nas partidas realizadas nos cursos (avaliação prática). É por isso que confio muito no trabalho das mulheres em todas as áreas, para chegar a um lugar de destaque terão de provar todos os dias serem capazes e merecerem o cargo e/ou posição que ocupam. Trabalhando e estudando muito, e porque não dizer com um pouco de sorte, fui escalada para trabalhar muitas vezes com a professora Silvana, podendo assim aprender muito a cada jogo.

As mulheres na Federação Paulista de Handebol (FPH), como não eram muitas, ao contrário dos árbitros homens, não competiam entre si, mas se uniam para que o quadro de arbitragem feminino fosse fortalecido. Em 1994, aproximadamente, os árbitros da FPH começaram a trabalhar em duplas fixas, o que ocorre até hoje também para cursos e convocações de campeonatos internacionais. Nesse ano eu já trabalhava na função de árbitra pela FPH há seis anos e após inúmeros jogos decisivos do campeonato paulista, Silvana e eu decidimos fixar a nossa dupla na FPH. As opiniões se dividiam quanto ao sucesso do nosso trabalho. Alguns acreditavam que seria mais fácil trabalharmos em duplas mistas, outros que seríamos a primeira dupla feminina da CBHB, fato este que aconteceria um ano depois.

Em 1995, antes de me tornar árbitra nacional, tínhamos tido uma temporada fantástica e fomos escaladas para a decisão do campeonato paulista masculino. Nessa época a *ESPN-Brasil* começava a transmitir as partidas de handebol ao vivo, embora em canais fechados. Em uma série de melhor de três partidas, fizemos a primeira e a terceira. Esses jogos nos renderam o convite da CBHb para participarmos do curso para a formação de árbitros internacionais e, em caso de aprovação, para integrar assim o quadro da Federação Internacional de Handebol (IHF). Esse curso foi realizado em maio de 1996. O Brasil poderia inscrever três duplas de árbitros, e mais uma vez estávamos disputando espaços com os homens. Um pré-curso realizado no Rio de Janeiro definiria os representantes brasileiros e somente as três melhores duplas, entre as dez de diferentes Estados, seguiriam para o Paraná, local do curso internacional.

Éramos a única dupla feminina entre as dez e obtivemos o segundo melhor resultado nas avaliações, o que nos colocou no curso internacional e escreveu nossos nomes como a primeira dupla feminina de handebol da Federação Internacional. Ao mesmo tempo em que isso abria portas, as dificuldades também aumentavam: agora era tentar buscar espaços na arbitragem internacional, e assim continuamos a quebrar as barreiras.

Em 1996, 1997 e 1998 trabalhamos, entre outras competições, em campeonatos sul-americanos e pan-americanos, masculinos e femininos. Em Agosto de 1999 estivemos no Mundial Júnior Feminino, realizado na China, e que contou com a presença de oito mulheres entre os trinta e dois árbitros. No mesmo ano, devido ao bom trabalho realizado na China, recebemos a convocação para o Mundial Adulto Feminino realizado em dezembro na

Dinamarca/Noruega. As dificuldades não pararam após dois mundiais e, em 2001, éramos a primeira dupla feminina a dirigir partidas em um mundial júnior masculino. As dificuldades de trabalhar com arbitragem, a cada degrau conquistado na carreira, são visivelmente mais políticas e externas à quadra, pois é notório que nenhuma barreira é criada a partir dos relacionamentos entre árbitra/atletas e árbitra/técnicos.

O importante para a arbitragem – independente do sexo do árbitro - é realizar um bom trabalho. Jogadores, técnicos e mesmo torcedores respeitam ou reclamam sendo árbitros ou árbitras a dirigir uma partida. Afirmaria que a presença feminina chega mesmo a provocar um comportamento mais satisfatório e polido. A meu ver, as maiores barreiras são criadas pelos dirigentes, que dificultam o trabalho da arbitragem feminina para não ter de assumir alguns conflitos políticos por proporcionar a todos os árbitros, homens ou mulheres, as mesmas oportunidades. Para o dirigente é mais fácil trabalhar com o que já é “aceito” do que inovar ou dispor de alternativas que estejam fora dos padrões “normais”.

A MULHER COMO PILOTO EM CORRIDAS DE RALLY

Helena Deyama

Piloto de rally

Designer e artista plástica, piloto de rally (não existe feminino da palavra piloto). Já praticou motociclismo, ciclismo, natação, *trekking*, paraquedismo, mergulho e *rafting*. Ao comprar seu jipe engesa em 1995, não parou mais, fazendo trilhas, *rallys*, expedições e eventos, além de *test drive* para fábricas de carros 4x4. Em 1999 começa em *rally* de velocidade. Já participou de cinco edições do Rally dos Sertões.

Depoimento

A minha paixão pelo *off road* nasceu do gosto pela aventura e pelo contato direto com a natureza. Sempre gostei de motos e carros, mas mais pelo fato de poder chegar em lugares poucos explorados e de difícil acesso pilotando esses veículos *off road*. A aventura está em vencer obstáculos e integrar-se ao meio ambiente natural, o que proporciona muita liberdade e autoconfiança. Fiz diversas viagens e expedições de até 10 mil quilômetros aventurando-me pelos lugares mais interessantes do território brasileiro, algumas vezes em grupos outras totalmente sozinha, eu e meu jipe (Lençóis Maranhenses-MA, Pantanal-MT, Chapada Diamantina-BA, Chapada dos Veadeiros-GO, Deserto do Jalapão-TO, Amazônia-AM, Chapada dos Guimarães-MS, Serra da Capivara-PI, Parque Nacional Sete Cidades-PI, Serra da Canastra-MG, Serra do Cipó-MG e Aparados da Serra-SC, entre outros). Mas, o gosto pelas competições foi crescendo, virou um objetivo, a realização de um sonho, com a participação em provas de regularidade com obstáculos (*raid*) e provas de velocidade (*rally*).

A dedicação ao esporte também foi aumentando, objetivando sempre melhores resultados com o aperfeiçoamento da técnica, e hoje se tornou o objetivo mais forte em minha vida. Como sou independente, tenho de trabalhar muito para ter recursos para conquistar o meu sonho, que é um esporte muito caro, mas felizmente tenho um trabalho muito gratificante, que me dá prazer e, ao mesmo tempo, me dá recursos para buscar a conquista do meu sonho de piloto. A participação feminina nesse esporte é muito pequena. As poucas mulheres que estão nesse meio são filhas, namoradas, irmãs ou esposas de homens que estão

no *off-road*. Dizem que sou uma exceção, porque entrei no meio por iniciativa própria, não tinha amigos nem parentes “pilotos”, tinha só vontade de pilotar, acelerar, fazer trilhas, vencer desafios, conquistar o mundo pilotando um veículo 4x4, subir cada vez mais no lugar mais alto do podium. Espero servir de incentivo para que outras mulheres participem do esporte, que a meu ver não é esporte masculino: dá para participar de um *rally* sem perder a feminilidade. Compenso a menor força física em relação aos homens com maior determinação, disciplina, estratégia e concentração. Saber ser competitiva com regularidade sem destruir o equipamento, usando a cabeça e o conhecimento adquirido com a experiência tem sido uma estratégia de sucesso. Hoje a velocidade e o domínio sobre o veículo são os objetivos perseguidos.

Para as mulheres que são apaixonadas pelo automobilismo, que sei que são poucas mas se limitam a ser expectadoras, fica o meu incentivo. Acreditem, provem do que são capazes, não tenham medo de enfrentar os desafios, aproveitem o seu talento pensando na sua própria realização. É isso que nos leva cada vez mais longe e mais alto nos nossos objetivos.

Obtenção de patrocínio

É um dos maiores problemas que enfrento devido ao *rally* ainda não ter uma cultura no Brasil. As empresas não acreditam no retorno patrocinando atletas, elas se interessam apenas por equipes de marca, como Mitsubishi, GM, VW, etc.

Mas o fato de ser piloto mulher tem me favorecido porque me destaco num esporte predominante masculino, e hoje tenho empresas que me procuraram devido a minha popularidade no meio e pelas aparições na mídia.

Convívio com componentes de equipe masculina ou feminina

A minha equipe é toda formada por homens, exceto minhas navegadora. Os meninos têm muito respeito por nós (afinal são todos nossos contratados) e nos dão a maior atenção, pois sabem que as mulheres têm necessidades e dificuldades diferente das dos homens.

A modalidade hoje, aqui e fora do Brasil

Fora do Brasil o *rally* tem provas mundialmente conhecidas e assistidas, como Paris-Dakar e WRC. Infelizmente no Brasil ainda não temos esse nível – nem de organização nem de público –, mas a modalidade está crescendo bastante e temos boas perspectivas para o futuro.

Preconceitos

No meu caso em particular, no meu quinto ano de esporte, venho provando minha capacidade e conquistando respeito no meio, felizmente até com muitos admiradores e incentivadores. Mas no começo enfrentei preconceito sim, e até hoje as pessoas que não me conhecem custam a acreditar que uma mulher com pequeno porte físico e delicadeza consiga pilotar uma *pick up* 4x4 em condições tão severas e adversas como enfrentamos num *rally*.

MESA REDONDA

MULHER, CORPO E MENTE: REAÇÕES FISIOLÓGICAS E RESPOSTAS PSICOLÓGICAS

Debatedor: Prof. Dr. Dante de Rose Junior – EEFUSP

Convidados

Prof^a. Isa Magalhães – Psicopedagoga – Esporte Clube Pinheiros

Dra. Regina Brandão – Psicóloga

Dr. Lazslo Antonio Ávila – Psicólogo

Dr. Eliezer Berenstiem - Médico

MULHER, CORPO E MENTE: REAÇÕES FISIOLÓGICAS E RESPOSTAS PSICOLÓGICAS

Isa Magalhães

Psicopedagoga – Esporte Clube Pinheiros

“A atividade profissional não é só um modo de ganhar a vida – é também uma forma de inserção social onde os aspectos psíquicos e físicos estão fortemente implicados. O trabalho pode ser um fator de deterioração, de envelhecimento ou doenças graves, mas pode também se constituir em um fator de equilíbrio e desenvolvimento. A possibilidade da segunda hipótese está vinculada a um trabalho que permita aliar às necessidades físicas, o desejo de executar a tarefa”

Christophe Dejours

Toda e qualquer atividade profissional, esportiva ou social acontece, realiza-se fundamentalmente por meio de *relações humanas*, direta ou indiretamente. Assim, para melhor conhecer e interferir nos processos de produção e desenvolvimento ou qualquer outro exercício profissional e ou pessoal, é preciso colocar o *indivíduo* no centro da cena, no lugar que lhe pertence, por fazer a diferença e, ao mesmo tempo, identificar e separar os desempenhos medíocres dos excepcionais. A força atribuída a uma profissional, principalmente no esporte, está em sua *“vida interior”*, também denominada *vida mental*, revelada na sua maneira de ser e de agir e, esse universo psíquico, tão desconhecido e até enigmático, está por trás dos pensamentos e das ações de um indivíduo, ao mesmo tempo em que é responsável pela sua *relação com o mundo exterior*.

É imprescindível que a profissional atual reconheça e perceba sua *“vida interior”* com mais propriedade e maior intimidade. É muito mais fácil administrar o que não assusta e aquilo que já tem algum conhecimento. Assim, buscar o autoconhecimento, entender os elementos básicos da psique humana e o mínimo da *dinâmica de funcionamento do aparelho*

psíquico, em função das ansiedades, dos medos, dos processos defensivos, dos conflitos, dos impulsos e dos desejos, é condição *sine qua non* para *potencializar as competências profissionais específicas*, pois a profissional estará mais bem estruturada e capacitada para administrar de forma produtiva suas demandas emocionais e as pressões externas que se apresentam no dia-a-dia de trabalho altamente competitivo, sem dar tréguas.

Amadurecer é a palavra-chave, e isso é uma questão de viver e analisar as experiências vividas num processo constante de ganho perceptivo. Assim, adquirir um “olho perceptível” lhe permite “ver” a vida, ou simplesmente seu universo profissional, com um foco dez vezes maior que o anterior. Esse ser humano mais consciente, essa mulher amadurecida, quer dizer uma profissional com *atitude* mais...

- responsável – posiciona-se, toma decisões assumindo as conseqüências e maior comprometimento;
- pró-ativa – tem maior liberdade para adiantar-se aos fatos pois entende que precisa enfrentar seus medos e correr mais riscos;
- tranqüila – enfrenta os problemas e o stress competitivo sem desesperos, mantendo a capacidade de análise e síntese para estabelecer a melhor alternativa de solução;
- flexível – consegue perceber as outras pessoas e situações com mais tolerância, com menos individualismo e menos crítica;
- com liberdade interna – mais criativa, mais intuitiva e portanto, mais capacitado para buscar, alcançar e fazer acontecer objetivos e metas, pessoais ou profissionais.

O resultado maior está no ganho de percepção de que a realidade é a dimensão na qual as idéias se efetivam, ou seja, são vividas e, portanto, transforma e modifica o que foi imaginado, e isso é aquisição de conhecimento. O contrário, somente ter idéias, imaginar sem testar ou viver para saber é estar no campo do não conhecimento, do não desenvolvimento, do não amadurecimento e, por fim, da patologia e da insanidade.

O indivíduo também perceberá que...

- a força e a fraqueza estão dentro dele;
- a confiança e a insegurança estão dentro dele;
- o medo e a coragem estão dentro dele;
- o otimismo e o pessimismo estão dentro dele;
- o amor e o ódio estão dentro dele;
- a razão e a irracionalidade estão dentro dele;
- a paz e o desespero estão dentro dele;
- a alegria e a tristeza estão dentro dele;
- a certeza e a dúvida estão dentro dele;
- o egoísmo e o altruísmo estão dentro dele;
- a humildade e a arrogância estão dentro dele;
- a sanidade e a insanidade estão dentro dele;
- a vida e a morte estão dentro dele.

Não há, portanto, comandos ou ordens externas capazes de mudar a atitude de quem quer que seja. O que conseguimos mudar, na maioria das vezes apenas temporariamente por meio de condicionamento, são os comportamentos. Podemos sim, a partir do autoconhecimento e todas essas novas percepções, administrar com mais critérios, gerenciar

com melhor condição as nossas demandas emocionais, a cada exigência interna ou externa, momento a momento, lugar a lugar, pessoa a pessoa, situação a situação. Independentemente das publicações científicas, é fato observável que a alta performance de um profissional do esporte está diretamente relacionada à sua maturidade psicológica, isto é, ao autoconhecimento, alta capacidade de resistência à frustração, autoconfiança, autoestima, capacidade de administrar o stress interno e externo com tranquilidade e de forma produtiva, principalmente nas situações desfavoráveis.

Todos pensam em mudar o mundo, mas ninguém pensa em mudar a si mesmo.

Leon Tostói

Referências Bibliográficas

- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho*.
NOGUEIRA, Pêrsio Osório. *Uma trajetória analítica*.
SINROT, Paulina. *Elaboração psíquica*.
EINSTEIN, Albert. *Escritos da maturidade*.

O KARATÊ E A SAÚDE DA MULHER

Kazuo Nagamine
Dr. Lazslo Antonio Ávila

O presente trabalho destina-se a uma discussão sobre os significados da prática do karatê para a mulher brasileira na contemporaneidade. Propomos estudar algumas das diferentes dimensões que o karatê, enquanto prática esportiva e enquanto luta, apresenta, focando em particular a mulher enquanto praticante. Seguimos, na concepção desta pesquisa, o mesmo referencial defendido por Nakayama (1998: 9):

É lamentável que o karatê seja praticado apenas como uma técnica de luta. As técnicas básicas foram desenvolvidas e aperfeiçoadas em longos anos de estudo e de prática; mas, para se fazer um uso eficaz dessas técnicas, é preciso reconhecer o aspecto espiritual dessa arte de defesa pessoal e dar-lhe a devida importância.

Desenvolvemos um questionário de dez itens a ser aplicado junto a trinta mulheres que praticam regularmente o karatê, e que se apresentam em diferentes estágios de seu treinamento: desde iniciantes “faixas brancas” até mulheres de alto nível de performance, “faixas pretas”, com experiência em competições e em treinamentos enquanto prática pedagógica. Nosso objetivo é obter um conhecimento mais aprofundado dos significados atribuídos ao karatê pelas mulheres, e o quanto esta modalidade se adapta às condições especificamente femininas para sua prática, o que vem sendo discutido em referência a outros esportes (Simões, Hata, DeRose Jr. & Macedo, 1993).

O pano de fundo de nossa análise será o processo histórico, que vem possibilitando à mulher superar uma condição de submissão e de desigualdade multissecular (Del Priore, 1997; Bellotti, 1975), e que nas últimas décadas tem se acelerando. Pode-se dizer que o gênero feminino vem alcançando incontáveis conquistas nos mais diferentes setores de atividades: desde o campo econômico até o cultural, o esportivo e o acadêmico. Capiteada

pelo desenvolvimento econômico, a mulher moderna iniciou sua inserção no mercado produtivo, e há trzentos anos vem conquistando cada vez mais destaque nos postos de trabalho. De início presas apenas às funções mais desqualificadas na indústria e no comércio, as mulheres foram se agregando a um número cada vez maior e mais qualificado de funções profissionais. Convivendo inicialmente com baixos salários, hoje as mulheres já disputam quase em condições de igualdade com os homens. Postos de chefia têm sido assumidos por mulheres e seu desempenho se equipara ao masculino em praticamente todas as tarefas e responsabilidades.

Do ponto de vista político, a conquista da cidadania ainda é um feito recente. O voto feminino data do início do século passado na Europa, e no Brasil mal completou sessenta anos. Ainda são raras as mulheres em funções legislativas, mas o processo é irreversível e as mulheres vêm ampliando seu papel social, não apenas nas câmaras e parlamentos, mas no dia-a-dia da participação política. Na esfera cultural, a mulher tem diversificado sua participação. Confinadas historicamente a papéis subalternos, as mulheres vêm ingressando nas universidades em um ritmo extraordinariamente acelerado. Dois exemplos podem concretizar isso:

- 1) Nas faculdades de Medicina do Brasil, desde anos recentes, o número de mulheres matriculadas já se equiparou ao número de homens, e segundo do Conselho Federal de Medicina, neste próximo ano de 2005 o número de médicas formadas já superará o número de homens médicos;
- 2) A Universidade de Cambridge, na Inglaterra, uma das mais famosas do mundo, divulgou uma estatística da participação feminina em seus cursos de graduação e pós-graduação: em 1900 o número de mulheres em Cambridge não atingia 8% do total. No ano de 2001, a proporção de mulheres já atingia 56% do total de alunos matriculados. Também na área das Artes as mulheres se destacam. As tradicionais atribuições de atividades “delicadas” para as mulheres vêm se modificando. Mulheres têm dedicado seu tempo e seu talento para todos os tipos de ação, ultrapassando as tradicionais divisões dos trabalhos “masculinos” e “femininos”, e superando os estigmas e estereótipos a eles associados.

No esporte, a situação da mulher apresenta transformações aceleradas. Segundo Lúcia Reis (1999), o Barão de Cobertin, “pai” das Olimpíadas modernas, teria declarado que o papel das mulheres deveria se limitar ou apenas às arquibancadas, ou no máximo, para entregar os louros da vitória para os homens atletas. Sabe-se o quanto isso mudou. Na Olimpíada de Atenas, o número de atletas femininas foi muito significativo, e elas competiram em um número inédito de categorias esportivas. Dessa forma vemos que arraigados preconceitos sobre a mulher vêm sofrendo abalos e desafios. Tradicionalmente, o papel atribuído a homens e mulheres se distingue nitidamente. Aos homens é definido – tanto culturalmente quanto nas práticas concretas por meio das quais os pais educam seus filhos – um conjunto fixo de atributos, e as escolas moldam suas atitudes. A eles atribui-se a força, a coragem, a inteligência, a rapidez, a agressividade, a constância e a responsabilidade. Já a mulher tem tradicionalmente um outro conjunto de atributos: a graça, a fragilidade, a delicadeza, a inteligência emocional e o comportamento verbal, além das qualidades como mãe e dona de casa. Estes últimos traços são os mais centrais.

Tendo a sociedade definido a maternidade como aspecto nuclear para a mulher, é em torno do papel doméstico que a mulher tem vivido o seu significado social. Valorizando a

mulher como mãe e esposa, a sociedade patriarcal tem entendido que todo um conjunto de atividades é propício para o desenvolvimento do papel feminino, tais como a culinária, a costura e o bordado, a economia doméstica, etc. É claro que nem sempre isso teve um caráter negativo ou minimizado, mas, de fato, a especialização da mulher apenas em tarefas domésticas a privou de inúmeras oportunidades culturais e políticas (Reis, 1999).

No campo esportivo, as contradições sociais fundamentais se reproduzem, como bem aponta Pilatti (1999). Considerado historicamente, o papel da mulher sempre foi tão importante e significativo quanto o do homem, já que a mulher garantiu a preservação das estruturas familiares que são as células fundamentais da sociedade. A mulher também assegurou os princípios básicos da educação a todos os homens e mulheres, através dos séculos. Nesse sentido, sexismos à parte, homens e mulheres compõem a vida social, sendo ambos igualmente imprescindíveis. Contudo, as análises sociológicas e feministas dos últimos anos têm apontado, com razão, que a mulher nas sociedades patriarcais que predominam no mundo têm freqüentemente o seu papel social desvalorizado. A ideologia social dita “machista” deprecia inúmeros dos traços femininos, colocando a mulher freqüentemente em uma situação de baixa autoestima e, muitas vezes, contribuindo para a reprodução dos valores sociais, educando seus filhos homens para o sucesso e o desempenho e as mulheres para um papel de subordinação. Assim, aquilo que sempre foi apenas diferença entre homem e mulher converteu-se em assimetria. Ao invés de diferença, domínio (Ávila, 2004).

Foi exatamente esse o sentido de inúmeras lutas da mulher contemporânea, a busca por sua emancipação. Dentre as inúmeras atividades profissionais, políticas, artísticas e comunitárias nas quais as mulheres vêm se empenhando, uma delas é o esporte. Nesse trabalho enfocaremos uma atividade esportiva privilegiada devido a sua própria natureza de luta (o karatê), que nos servirá para a análise das novas situações com as quais a mulher moderna se defronta, e as vicissitudes por que elas passam para se constituírem enquanto sujeitos autônomos, conscientes e participantes da sociedade.

Objetivos

Pretendemos fazer um levantamento da relação entre a prática do karatê e aspectos da vida de mulheres que o treinam sistematicamente. Pretendemos:

1. Descrever as características da prática do karatê em mulheres, tal como reconhecidas por elas mesmas;
2. Investigar qual é impacto do karatê sobre a vida e os hábitos de mulheres que o praticam;
3. Identificar e descrever quais os valores que mulheres atribuem à prática do karatê no tocante a alguns aspectos de sua identidade feminina.

Método

Desenvolvemos um questionário de dez itens a ser respondido por trinta mulheres praticantes do karatê, respeitando-se a privacidade das mesmas e garantindo seu anonimato. Esse questionário será analisado qualitativamente mediante o método da análise do discurso. Para tanto, serão selecionadas as categorias de discurso mais significativas e se empreenderá uma discussão da inter-relação entre os principais temas emergentes nos discursos das mulheres, buscando-se a lógica que organiza suas concepções. As entrevistas serão comparadas entre si e também na estrutura interna de cada questionário. Comparar-se-ão as respostas com os dados culturais referentes à feminilidade, aos estereótipos ligados aos

REAÇÕES FISIOLÓGICAS E RESPOSTAS PSICOLÓGICAS

Dr. Eliezer Berenstein

O novo século que se inicia nos oferece a oportunidade e o desafio de por em prática os resultados das mudanças paradigmáticas que se iniciaram no século passado. Apesar de alguns setores da ciência ainda viverem entre o cartesianismo teórico tradicional e a busca pela implantação de novas atitudes holísticas na prática, o cenário na assistência médica à mulher atual é otimista. A ginecologia, especialidade nascida com visão biomédica e organicista, transmuta-se lentamente para a feminologia, cuja teoria e prática caracterizam-se por uma revolucionária visão sistêmica do ser humano feminino. Ela busca integrar os conhecimentos médicos de ponta, como ultramicro anatomia, fisiologia hormonal feminina ou reprodução assistida, aos saberes da ecologia, da psicologia ou da educação física e esportiva. Na busca de um modelo sistêmico e cibernético para compreensão das correlações entre as reações fisiológicas e as respostas psicológicas femininas, surgiu o que chamaremos provisoriamente Inteligência Hormonal Feminina ou Coeficiente Hormonal, e sua aplicação prática. Buscaremos demonstrar através dele que:

- a razão (QI) e nossas ações (QE) podem ser influenciadas por nossos hormônios assim como as emoções podem agir positiva ou negativamente sobre o equilíbrio hormonal feminino;
- a atividade física pode ser uma ferramenta para se conseguir o bom uso da Inteligência Hormonal Feminina;
- se quisermos dirigir nossas vidas, temos de influenciar também nossos hormônios por meio da consciência de sua linguagem física e funcional. Reconhecer a importância e a presença dos hormônios nas nossas ações cotidianas nos torna mais conscientes;
- esta consciência é fator fundamental para um autodesenvolvimento do potencial humano; e essa sensibilidade depende de nossa atenção e observação;
- a atividade física consciente age nessas interações da cibernética hormonal.

Da ginecologia para a feminologia

A visão biomédica da mulher direcionou a prática clínica durante o século XX. Entendia-se que a saúde feminina constituía-se na ação fisiológica dos órgãos reprodutores femininos. Entendia-se que tudo derivava do biológico. Se a mulher era capaz de engravidar, parir e criar sua prole, era considerada saudável. Sua condição como ser social era irrelevante para a prática clínica diária. Ao ginecologista cabia a atuação quando os órgãos femininos adocessem.

O médico, até o início do século XX, só era requisitado para assistir ao nascimento de um recém-nascido, quando o parto complicava-se nas mãos de uma parteira. Nem mesmo o direito de estudar Medicina era concedido às mulheres. A Anatomia era o seu destino e a partir dessa fragilidade anatômica desenhava-se seu papel social. Em nome de um determinismo natural, o pensamento médico confinava a feminilidade ideal na esfera estreita que a ordem social lhe destinava: mãe de família, guardiã das virtudes e dos valores eternos, mas assexuadas. Entendia-se, e pior, aceitava-se que a fragilidade feminina revelava-se pela instabilidade emocional que somente há pouco tempo passou a ser vinculada a sua

característica de ciclicidade hormonal. Os dias menstruais eram interpretados como conflitados porque ela não se encontrava grávida.

A medicina acompanhava os ditames da *religião* (sexualidade feminina fora da reprodução era pecaminosa e a pelve a sede desta heresia), *da economia* (o papel da mulher era a reprodução e a cooperação para com o seu homem, disso não merecendo pagamento). Sua fisiologia adaptava-se a esta existência. Seu Coeficiente Racional (QI) colaborava com a cultura, moldando seu universo emocional (QH) a esta maneira de vida, mantendo-a na maior parte de sua vida grávida ou amamentando. Com isto, seus hormônios preponderantes eram a progesterona e a prolactina, que como sabemos dão a mulher uma característica passiva e cooperadora. Hoje a mulher vive uma tripla jornada existencial: trabalho produtivo num mercado masculino e competitivo, a reprodução como possibilidade eventual e o dever de uma sexualidade vitoriosa às custas de uma busca da eterna juventude. Tudo isto sendo influenciado e influenciando seu Universo Hormonal (QH), que faz com que esta mulher viva a maior parte de sua vida sob o domínio dos hormônios estrogênicos e androgênicos.

O sistema nervoso central e os hormônios

- Tronco cerebral (básico dos répteis): responsável por reflexos e automatismos como comer, lutar e reproduzir-se é totalmente dirigido por hormônios.
- Sistema límbico (comum aos humanos e mamíferos): responsável pelas emoções, interação com os hormônios de forma cibernética.
- Neocórtex (próprio dos humanos): responsável pela razão e influenciáveis pelo QH.

Se não houver uma perfeita integração entre esses sistemas, ou seja, a química e os pensamentos harmônicos com as circunstâncias, eles passam a lutar como inimigos invisíveis, porém transformadores da saúde. Hormônios fisiológicos são nossos principais aliados; descontrolados, nossos inimigos ocultos mais ferozes.

Bioquímicas emoções e comportamentos humanos coletivos

Apesar de todo progresso tecnológico adquirido a partir da inteligência humana, o comportamento de grande parte da população mundial ainda é primitivo. O estro – ou feminino – provocado pelos hormônios sexuais estrogênicos e os androgênicos regentes da masculinidade, ainda em oposição um ao outro e não em complementação como nas plantas e nos animais, tornam os humanos “marionetes” de suas ações. Os androgênicos (andros = macho) ainda influenciam os homens a produzirem guerras absurdas para demarcação de “territórios”, a exemplo dos animais. Lutam de forma irracional por ter “razão”: brigam no trânsito com muito mais facilidade do que as feras nas florestas e, apesar disso, intitulam-se civilizados. Sucumbem a seus imperativos hormonais com a mesma facilidade com que os machos. As afarensis respondiam aos ferormônios de suas fêmeas nas savanas africanas há milênios atrás. Essas três inteligências formam um elo, como no diagrama abaixo:

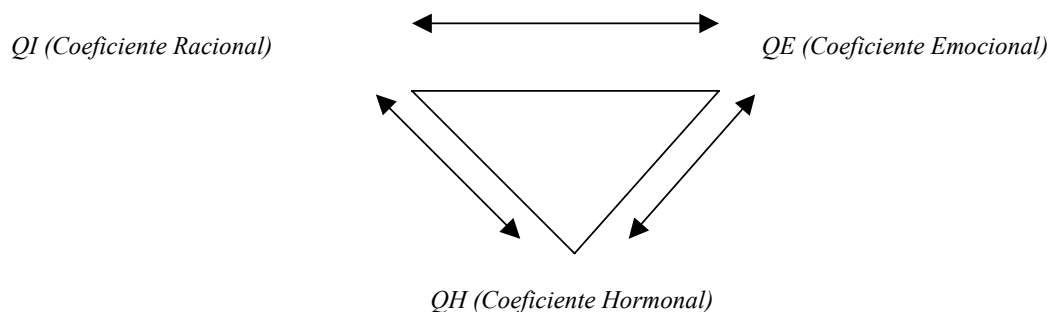


Figura 1. Coeficientes de inteligências.

As três inteligências estariam em níveis iguais de importância, simétricos e interdependentes de outros fatores como hábitos de vida, dieta, clima e atividades físicas.

INTELIGÊNCIA HORMONAL aplicada – Hormônios envolvidos com o psiquismo feminino e suas emoções: estrogênios, progesteronas, androgênios, neurotransmissores, prostaglandinas, endorfinas, ferormônios.

O fluxo gênico (*gene flow*), fator básico do aprimorar das espécies, só ocorreu devido à diversidade dos estímulos dos ferormônios e neurotransmissores agindo sobre a reprodução, ou seja, o QH, agiu acima das emoções e da razão, criando populações com diferenças de cor, estatura e feições.

Aplica-se aí a célebre frase de Orson Welles (1915-1985): “Se não fossem as mulheres, o homem ainda estaria agachado em uma caverna comendo carne crua. Nós só construímos a civilização a fim de impressionar nossas namoradas”.

Na medida em que a sociedade masculina (por influência dos androgênios) tende para o individualismo (tendência masculina), a Inteligência Hormonal feminina faz o contrário. Por ação de sua diversidade hormonal, estrogênica na primeira fase do ciclo menstrual e progesterônica na segunda fase, a mulher busca o cooperativismo, a agregação, o autodomínio e a volta para os valores essenciais como a reprodução responsável, a arte, o amor, a fraternidade e os cuidados para com o planeta. A ecologia é feminina.

A atividade física e o QH

A atividade física modula a bioquímica humana assim como a cada toque de um ser humano em outro se liberam quantidades eficientes de ocitocina, adrenalina, endorfinas, prostaglandinas, vasopressina, etc., tornando o carinho a mola mestra do intercâmbio bioquímico, perpetuador da vida. Um ideal de atividade física regular e saudável também modula a bioquímica (QH) e ajuda na manutenção dessa homeostase hormonal e emocional do ser humano. Por outro lado, seu excesso leva a aumentos anormais de alguns hormônios, agindo, assim, sobre o QI e o QE.

Prolactina e Esporte

Um exemplo típico dessas disfunções causadas pela atividade física excessiva é o aumento anormal da prolactina. Acreditava-se que este hormônio tinha a única função de produzir o leite para a amamentação. Sabe-se, hoje, que a prolactina também influencia na performance intelectual e sexual de homens e mulheres. Produzida pela

hipófise e diretamente subordinada ao córtex, ela aumenta durante a gravidez e chega ao seu pico máximo durante a amamentação. Fisiológica, ela diminui o desejo sexual das mulheres durante a gestação e mais ainda durante a amamentação, época em que inibe também a lubrificação que ocorre nos genitais durante a fase de excitação da mulher em um encontro amoroso. Na fêmea não-humana, é responsável pelo fato de não aceitar a cópula estando grávida. No homem, os efeitos da elevação da taxa são mais drásticos: ele se torna impotente e tem baixa produção de espermatozoides.

Os androgênios e a atividade física

A testosterona é um hormônio ativador que promove a agressividade, mantendo a autoconfiança, o bem-estar e o otimismo. Os androgênios dão outro exemplo de reações psicológicas a atividade dos hormônios. O excesso de atividade física específica e o uso de anabolizantes podem levar ao aumento de androgênios. Entre os hormônios androgênicos o principal é a testosterona, fabricada nos testículos, ovários e supra-renal. Nos homens, sua meta é torná-los lógicos, “sensatos”, sintéticos, irritados, bélicos, de bom humor. Na mulher, aumentam do sétimo até o 17º dia do ciclo, aumentando o desejo sexual.

Mulheres com androgênios altos não têm ciclos menstruais regulares, podendo tornar-se obesas, ter pêlos tipo masculinos (hirsutismo), queda de cabelos (alopecia) e, principalmente, propensas a abortos espontâneos quando grávidas. Quanto maior o nível de androgênios, maior a agressividade, mesmo que desnecessária. Em relação ao QI, melhora a cognição, e quanto ao QE o androgênio é um antidepressivo potente, altamente estimulante da fantasia, da novidade e da autoconfiança. Esse hormônio tem como meta a competição e as ações bélicas. Em situações que poderiam ser resolvidas com calma, a pessoa hipertestosterônica usa a violência. Em situações de vitórias, sua taxa também se eleva, aumentando ou facilitando a adrenalina.

ADRENALINA – É um neurotransmissor com a meta de preparar o organismo para reagir diante de uma ameaça. Na mulher, ao longo dos últimos seis mil anos, era um neurotransmissor pouco solicitado. A partir do momento em que o estilo de vida passou a ser mais competitivo, passou a ser mais requisitado. Quando muito presente em mulheres tem como conseqüências distúrbios do sono, enfartes agudos do miocárdio e até fadiga crônica, episódios raros no antepassado, porém comuns nos dias atuais. É a adrenalina que, liberada em excesso, tanto no homem quanto na mulher, gera o estresse. Portanto, é um neurotransmissor que tenderia a igualar os gêneros do ponto de vista do comportamento, mas sua associação aos estrógenos leva a diferentes resultados do que quando em conjugação com os andrógenos.

Adrenalina + Estrógenos = conflito / Adrenalina + Andrógenos = ações impulsivas.

SEROTONINA – É um neurotransmissor que tem como meta a modulação do humor. Quando alto, gera euforia, e quando muito baixo, a depressão até o nível de levar ao suicídio. Suas ações em relação aos androgênios são paradoxais: se a serotonina desce e a testosterona sobe, há aumento da virilidade. Do contrário, há aumento da feminilidade (pelo aumento dos estrogênios). Quando as taxas de serotonina são baixas, levam a comportamentos instáveis como aumento de acidentes, alcoolismo e vícios. Toda atividade física aumenta a serotonina e, portanto, funciona como antidepressivo.

ENDORFINAS – São opiáceos naturais (ou seja, morfina naturais) com a meta de aliviar a dor e oferecer sensações de prazer. Por exemplo, quando se faz sexo, esportes ou outras atividades físicas de esforço que poderiam causar dor, com a liberação das endorfinas o que sentimos é prazer. Explica-se aí a euforia que os esportes e o sexo causam. Controlam a temperatura basal do corpo (rubor, quente e frio), influenciam no sistema cardiovascular e respiratório, ativam a re respiração, aliviam a dor, interferem no humor e na atividade locomotora (pessoas deprimidas têm baixa liberação de endorfinas). Quanto mais inativos os indivíduos, menores as taxas de liberação de endorfinas.

OCITOCINA – Secretada pela hipófise posterior, porém encontrada em todos os tecidos do corpo, está ligada ao contato físico. Seu papel tem sido ligado ao desencadear o parto. Seus picos ocorrem durante o orgasmo e a amamentação (durante a amamentação faz com que o leite materno seja ejetado logo após o toque do bebê no seio). Como é um hormônio ligado ao toque, acompanha-nos desde o nascimento até a morte, só desaparecendo quando não somos mais tocados. E os momentos em que melhor somos tocados acontecem durante a fase do parto, da amamentação e do coito. É por isso que o contato físico é tão importante para a saúde. A ocitocina também aumenta os estrogênios e é sinérgica a eles.

Conclusões

O conhecimento do universo hormonal pode ser a base de seu uso prático e alavanca auxiliar ao real desenvolvimento de uma nova feminilidade. Essas substâncias, em doses mínimas – menos de um bilionésimo de grama – possivelmente sejam as que melhor exemplifiquem este conhecimento da inteligência hormonal (QH) influenciando o QI e o QE.

Glossário

FEMINILIDADE: Qualidade, caráter, modo de ser, de pensar ou viver próprio da mulher.

FEMINOLOGIA: estudo da feminilidade como entidade existencial e clínica.

INTELIGÊNCIA RACIONAL: o que a nossa mente concebe como provindo da razão lógica.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: capacidade intelectual humana de controlar as emoções e que interfere diretamente no desenvolvimento da inteligência humana.

INTELIGÊNCIA HORMONAL: capacidade aprendida de reconhecer esta ciclicidade e utilizá-la produtivamente em direção às metas existenciais, humanas e individuais.

INTELIGÊNCIA INTERPESSOAL HORMONAL: é a aptidão pessoal de perceber, nos outros, informações provindas de movimentos ou impulsos hormonais e víscero-sentimentais.

INTELIGÊNCIA INTRAPESSOAL HORMONAL: é a capacidade de autoconhecimento, autoobservação, enfim, autoconsciência dos nossos sinais hormonais, víscero-sentimentais. Exemplo dessa capacidade é perceber em si mesmo desejo sexual, impulso por reproduzir-se ou impulso de ajudar a si mesmo a ser feliz.

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA – QI: proporção entre a inteligência de um indivíduo, determinada de acordo com alguma medida mental e a inteligência normal ou média para sua idade. Sigla: QI (Aurélio. Psicol.)

HORMÔNIO: secreção glandular lançada no sangue e que atua sobre funções orgânicas como excitante ou regularizador (Aurélio).

TESTOSTERONA: hormônio masculino responsável pelo andro nas plantas, animais e seres humanos, ou seja, o machismo do “machismo” do planeta.

PROGESTERONA: hormônio feminino responsável pela gestação, maternagem e perpetuação da espécie.

ESTROGÊNIO: hormônio feminino responsável pelo estro nas plantas, animais e seres humanos, ou seja, a feminilidade do planeta.

Referências consultadas e recomendadas

HALBE, H. W. *Tratado de ginecologia*. São Paulo: Roca, 1982.

ABURDENE, P & NAISBITT, J. *Megatendências para mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CRENSHAW, T. L. *A alquimia do amor e do tesão*: como os hormônios sexuais determinam quem, quando e com que frequência nós amamos. Trad. Alice Xavier. Rio de Janeiro: Record, 1988.

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*: a teoria que redefine o que é ser inteligente. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

STEINER, C. *Educação emocional*: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional. 4.ed. Trad. Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

MULHER, CORPO E MENTE: REAÇÕES FISIOLÓGICAS E RESPOSTAS PSICOLÓGICAS

Prof^ª. Dr^ª. Maria Regina F. Brandão
ORPUS - Instituto de Treinamento Mental
Universidade São Judas Tadeu

A cada dia milhares de mulheres se envolvem em alguma forma de competição, treinamento ou exercício físico. O valor que nossa cultura colocada sobre a competição faz com que o esporte feminino seja uma área válida de estudos para a psicologia do esporte e, durante os últimos anos, um esforço considerável tem sido feito para entender o papel da mulher no esporte competitivo. Esse esforço parece estar baseado em dois aspectos fundamentais: primeiro, no debate contínuo sobre a influência do treinamento intenso na saúde da mulher, que tem resultado em uma quantidade razoável de estudos empíricos sobre o tema e, segundo, no entendimento da associação entre os fatores psicológicos e a mulher atleta.

A participação das mulheres nos Jogos Olímpicos, na Grécia antiga, era proibida, uma vez que se acreditava que uma atividade física vigorosa poderia deteriorar sua saúde e afetar sua capacidade de ter filhos, o que significa que o esporte tem sido, desde então, geralmente considerado um domínio masculino, dominado pelos homens e pela masculinidade. E, exatamente por isso, acreditava-se que as mulheres não se adaptavam ao esporte competitivo porque este conduzia a uma atitude agonística agressiva. Portanto, quando expostas ao ambiente competitivo, deveriam assumir comportamentos característicos do universo masculino. E, até por conta desses estereótipos e padrões culturais e educacionais, que se esperava e ainda se espera das mulheres diferenças quanto ao rendimento esportivo, menor atitude agonística, menores expectativas de êxito, atitudes, sentimentos, valores, comportamentos e atividades diferentes das dos homens. Assim, podemos falar em uma perspectiva masculina do esporte que, quase sempre, marginaliza a mulher atleta.

Para a Psicologia do Esporte contemporânea é chegado o momento de se falar, quando nos referimos às mulheres atletas, em uma perspectiva feminista do esporte, uma vez que não

existe homogeneidade nas experiências esportivas de homens e mulheres. Ser sensível a esta diversidade é acreditar que há diferenças na socialização, falta de oportunidades iguais e as diferentes percepções e estereótipos dão à atleta mulher uma perspectiva única do esporte. Portanto, feminismo neste caso, não se refere a valores sexuais, mas sim, colocar as mulheres no centro e não na periferia dos estudos do esporte. Logo, as necessidades e problemas das mulheres atletas, se situam em duas grandes áreas: o treinamento desportivo e suas reações fisiológicas, cujo objetivo fundamental consiste em ampliar as possibilidades de rendimento e, as respostas psicológicas às competições esportivas, nas quais devem poder desempenhar ao máximo suas possibilidades reais.

As desordens alimentares têm sido associadas com a participação atlética em vários esportes femininos. Embora elas possam ser devidas a uma resposta fisiológica ao treinamento físico intensivo, sabe-se que existe uma influência psicológica nessas desordens que está associada a uma alteração dos hábitos alimentares que podem afetar o desempenho esportivo e, inclusive, levar ao risco de vida. De acordo com a Associação de Psiquiatria dos Estados Unidos, pode-se falar em desordens alimentares quando a pessoa se recusa a manter um peso corporal saudável, tem uma perda de peso dramática, medo de ganhar peso mesmo sem uma razão real para isso, preocupação exagerada com as calorias dos alimentos, padrões anormais de ingestão de alimentos, provoca vômito e/ou faz uso de diuréticos e laxantes após a ingestão de alimentos.

Com a aparência física sendo tão valorizada no esporte, não é surpresa que comida e dieta se tornem o foco na vida das atletas. Existem dois tipos mais comuns de desordens alimentares: anorexia nervosa e bulimia nervosa. A anorexia pode ser definida como uma recusa ou não permissão para alimentar-se e apresenta os seguintes sintomas: um peso menor do que 85% do esperado, uma distorção da visão de seu próprio corpo (percebe-se gorda mesmo estando extremamente magra), amenorréia. Já a bulimia, que significa “comer como um boi” se caracteriza por comer compulsivamente e depois “colocar para fora” o alimento ingerido. Seus principais sintomas são: comer uma quantidade absurda de alimentos em um curto período de tempo e, logo após, induzir o vômito, tomar laxantes, diuréticos ou se exercitar excessivamente. Mas, no mundo do culto ao corpo, quem tem uma forma física perfeita é mais valorizado, existe um outro distúrbio ainda pouco conhecido, mas tão grave quanto às desordens citadas anteriormente e muito presente no universo do fitness e do fisiculturismo: o transtorno dismórfico muscular ou vigorexia. Também chamada de Síndrome de Adônis se caracteriza pela obsessão por músculos cada vez mais hipertrofiados que pode fazer o indivíduo extrapolar para atitudes que podem causar danos irreversíveis ao corpo, fazendo uso de esteróides anabolizantes androgênicos.

Como as atletas apresentam um grande risco para desenvolver desordens alimentares, é importante estar ciente das expectativas e demandas de performance e de outros fatores psicológicos que podem estar associados aos distúrbios, como baixa auto-estima, depressão e ansiedade. Mas, para aqueles que ainda são céticos sobre os riscos dos distúrbios alimentares no esporte feminino, gostaria de concluir com uma frase de Cathy Rigby McCoy, a primeira norte-americana a ganhar uma medalha em um Campeonato Mundial de Ginástica Artística:

Um dos lados tristes do esporte são as desordens alimentares, que não se referem somente ao comer, a comida e ao peso. Elas são também uma forma de lidar com as pressões. Quando você faz do esporte sua vida e não tem outras perspectivas, isto pode acontecer. Eu tive desordens alimentares por 12 anos e não quero que minhas filhas sintam o que eu senti. Quando eu deixei o ginásio pela última vez, eu nunca mais tive vontade de voltar. (WILLIAMS & WARKOV, 1995: 34).

Referências bibliográficas

- BORCILA, A. Nationalizing the Olympics around and away from “vulnerable” bodies of women. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 24, n.º 2, p. 118-147, 2000.
- COGAN, K.D. & VIDMAR, P. *Gymnastics*. Morgantown: Fitness Information Technology, 2000.
- CRAIN, S. A psychological case study of a live-in gymnastics training center for elite female gymnasts. *FIG Medical/Scientific Symposium*, p. 54-59, 1991.
- Activity Journal*, v. 6, 239-253, 1997.
- GILL, D. A feminist perspective on sport psychology practice. *The Sport Psychologist*, 8, p. 411-426, 1994.
- KRANE, V. A feminist perspective on contemporary sport psychology research. *The Sport Psychologist*, 8, p. 393-410, 1994.
- PLUMMER, W. & GROUNT, P. Dying for a medal. *People*, v. 42, n.º 8, p. 36-39, 1994.
- SALLY, J. Bela’s golden touch. *Women’s Sports & Fitness*, v. 3, n.º 8, p. 39-42, 2000.
- SANDERSON, M. Flying women. *Dance Magazine*, v. 76, n.º 3, p. 46-51, 2002.
- SWIFT, E.M. Carried away with emotion. *Sports Illustrated*, v. 85, n.º 7, p. 104, 1996.
- WILLIAMS, K. & WARKOV, A. Girl talk. *Women’s Sports & Fitness*, v. 17, n.º 1, p. 32-37, 1995.

MESA REDONDA

ESPORTE, IMAGEM CORPORAL E EXPLORAÇÃO DE MÍDIA

Debatedora

Prof^ª. Dr^ª. Luiza Klein Alonso – Socióloga – FIOCRUZ

Convidados

Prof^ª. Dr^ª. Paula Botelho Gomes – Universidade do Porto

Prof^ª. Dr^ª. Miriam Adelman – UFPR-PR

Paulo Calçade – Jornalista Esportivo

Prof^ª. Dr^ª. Elaine Romero – Universidade Castelo Branco - RJ

ESPORTE, IMAGEM CORPORAL E EXPLORAÇÃO DA MÍDIA

Prof^ª. Dr^ª. Luiza Klein Alonso
Pesquisadora da FIOCRUZ

A imagem corporal é o resultado da inter-relação entre a cultura e o convívio social, conforme foi apontado por Geertz (1989). O ser humano ao ser mais do que um objeto biológico faz e refaz constantemente suas imagens, idéias e valores. Vivendo em uma sociedade na qual a mídia influencia cada vez mais a adoção ou não de atitudes e comportamentos, o ideal passa a ser aquilo que é amplamente divulgado, criando um movimento de retro-alimentação entre a mídia que oferece o que a população aparenta desejar e a população que se orienta pelas imagens e valores difundidos pela mídia escrita e falada. A imagem corporal não é necessariamente consciente, mas ela se faz presente na escolha de nossos interlocutores.

A constituição de cada um de nós em corpo, razão, emoção e espírito nos transformam e alteram continuamente os modelos mentais que orientam pensamento e ação na relação com o outro, com o mundo e com o *self*. O relacionamento com o corpo, a forma como o vemos e lhes damos sentido se processa por imagens construídas e reconstruídas ao longo do tempo e de acordo com o grau de interação com os diferentes grupos sociais. O que aparenta ser natural e inato é uma síntese da interação entre sujeito e sociedade. Somos orientados por representações sociais adquiridas no contato com familiares, amigos, colegas de trabalho e por imagens consideradas significantes pela coletividade. É esse conjunto de idéias, imagens e valores estruturais e conjunturais que explica as diferenças entre culturas, etnias, classes sociais e faixas etárias. A relação entre uma representação dinâmica como imagem corporal com esporte e exploração da mídia é um espaço pré-determinado de múltiplas associações, que implica em escolhas.

As transformações do corpo humano ocorrem em razão das funções orgânicas, do uso do corpo e das condutas funcionais que os corpos experimentam. O corpo é parte do mundo econômico, político e social em que o indivíduo está inserido. Aparência e significado da imagem corporal tem sofisticado e elaborada inter-relação uma vez que permitem julgamentos e comportamentos inconscientes e determinantes para a continuidade da relação.

Ao longo da história da humanidade o corpo foi se modificando em função do desenvolvimento social, econômico e tecnológico. A imagem corporal de nossos primeiros antepassados é povoada por corpos atarracados, baixos, musculosos e ágeis, muito próximos dos símios. O nomadismo resultado do desconhecimento das práticas de agricultura exigia corpos resistentes a grandes caminhadas e ágeis o suficiente para subirem em árvores em busca de alimentos e correr dos animais não domesticados. Para as mulheres, o modelo milenar de imagem corporal a ser alcançado era o de cintura fina, quadris largos, corpo e rosto simétrico, pele macia e cabelos espessos. A mistura de configuração estrutural, cintura e quadril, com aspectos hormonais, suavidade da pele e quantidade de cabelos funcionavam como indicadores da fertilidade da mulher.

Por milênios, o corpo era instrumento de trabalho. É com a visão de mundo filosófica que o corpo passa a ser visto como secundário em um momento histórico em que o trabalho físico era feito por escravos. Com a agricultura, novos modelos de corpos vão se configurando associados a signos e símbolos de riqueza. Para os escravos, ter um corpo musculoso e forte era sua condição de trabalho, enquanto os senhores poderiam ter corpos obesos e flácidos. Por séculos, um corpo gordo era o benefício da prosperidade.

No período da leitura teológica de mundo, o corpo passa a ser visto como secundário em detrimento da alma. Corpo era lugar de tentações e espaço do pecado, devendo ser desprezado a ponto de não ser cuidado e ser objeto de punições. Com o advento do paradigma científico, a concepção de que o corpo era inferior permanece, desta vez em oposição à mente. O corpo deveria sim ser educado, mas apenas para o funcional e o técnico. Exercícios físicos começam a ser considerado importante e o higienismo relacionava saúde com atividades físicas ao ressaltar a importância de um corpo limpo e livre de doenças.

O século XIX é marcado por várias descobertas científicas que alteraram a relação com o corpo e sua educação. Em alguns países a preocupação em treinar caminhou para uma concepção militarista em que o ideal era um corpo asséptico, assexuado e alienado de seus sentimentos, portanto passível de suportar a dor. Nos idos da década de 1950, o corpo condicionado passa a ser a meta de programas pedagógicos voltados para a educação do físico. A separação entre corpo e mente prevalecia em moldes semelhantes ao aventado por Descartes, concorrendo para uma depreciação do corpo pelas classes mais intelectualizadas e politizadas. Nos anos sessenta do século XX, entre os intelectuais de formação esquerdista, o desprezo ao corpo chegava a ponto de comprometer sua saúde, pois viam no cuidado com o corpo um sinal evidente de aburguesamento e falta de compromisso com uma transformação social que resultasse em uma sociedade democrática. Um corpo feio e mal cuidado era sinônimo de engajamento político e espírito revolucionário.

A década de sessenta foi uma época de grande pluralismo, permitindo que diferentes imagens corporais convivessem. O movimento hippie trouxe uma nova estética corporal em que a androgenia era um ideal a ser alcançado. Os novos modelos enfatizavam a magreza e a palidez. Os corpos magros significavam a superação do medo de um passado recente de fome e privações. Ser magro passa a ser moderno, audacioso e símbolo de riqueza. Até então, conformação física e exercícios modeladores não estavam diretamente relacionados, ser magro ou gordo ainda era entendido pela maioria das pessoas meramente como destino biológico. É entre o final da década de 1970 e início dos anos 80 que mídia vai abrindo espaço para matérias sobre o corpo na perspectiva da saúde. É um tempo em que se conjuga um novo verbo: *Cooper*, depois substituído por *running*, ou corrida. As primeiras reportagens divulgam resultados de pesquisas que relacionam hábitos alimentares com efeitos na saúde, como o uso do sal e a hipertensão, o fumo e o câncer de pulmão e a relação entre a prática de

exercícios físicos regulares e a prevenção de doenças. É quando começamos a assistir chamadas sobre a importância de se cuidar do corpo.

A Campanha “Mexa-se” foi talvez uma das primeiras investidas dos meios de comunicação na televisão, na divulgação de idéias relacionadas à importância dos exercícios físicos feitos de forma constante e sistemática. Até então os exercícios físicos estavam restritos a práticas esporádicas reservadas aos finais de semana para homens. O impacto de uma campanha em rede nacional sobre a necessidade de todos se movimentarem, certamente contribuiu para o surgimento de uma nova mentalidade em que o cuidado com corpo significa manter uma rotina sistemática de exercícios, de forma a manter-se saudável e menos predisposto a doenças crônicas como reumatismo e obesidade. A idéia de saúde relacionada com exercício físico sistemático derruba mitos, que ao longo de séculos foram inquestionáveis. Herança de um passado em que o trabalho físico era feito por escravos e depois por trabalhadores de baixa escolaridade, a humanidade ocidental via os exercícios físicos com desprezo e desdém, os afortunados não precisavam trabalhar usando o corpo.

Não é de se espantar, portanto, que os ideais de beleza física para homens, mulheres e crianças contemplassem corpos que atualmente são considerados rechonchudos, como podemos ver no quadro “A Banhista”, de Monet, do século XIX. Gente bonita era gente que não tinha músculos, que era flácida e obesa porque tinha comida à vontade, o que era privilégio de uma minoria. Para as mulheres, um corpo quase obeso foi arquetipicamente associado com resistência e fecundidade. Mulheres de quadris largos e seios fartos pontuaram a escultura e a pintura por séculos, contribuindo para ditados populares nos meios rurais como: “A riqueza de um homem é um celeiro cheio e uma mulher gorda”. A gordura enquanto uma conseqüência e recompensa pela estabilidade financeira era símbolo de conquista e vitória, signo de uma classe social, motivo de diferenciação positiva na coletividade. Saúde, prosperidade e gordura foram associadas por anos, refletindo as lutas e conquistas do ser humano em sua relação com a Natureza.

Colocar na casa de cada brasileiro a idéia de que exercício físico traz benefícios para a saúde significou uma mudança na compreensão do que é saúde, riqueza e reconhecimento social a partir da configuração corporal. Coadjuvante de novas descobertas científicas, a campanha midiática concorreu para a transformação do significado de beleza corporal, resultado da intermediação de diferentes áreas do conhecimento. Para os que hoje estão por volta dos 50 anos, o impacto foi imediato e extremamente visível: em menos de uma geração, idéias como a de que uma mulher após a primeira gravidez adquiria necessariamente um corpo flácido e semi-obeso foram substituídas pelo ideal de um corpo pós-gravidez e amamentação semelhante ao corpo juvenil. Cada vez mais as mães se parecem fisicamente com suas filhas.

O número de academias e a diversificação da população atendida são testemunhas do quanto à idéia do corpo em movimento é uma verdade social. O que se iniciou como uma campanha amparada em pesquisas científicas, rapidamente se tornou, um negócio que caminhou para uma exacerbação da fantasia do “corpo perfeito”. Um corpo tão perfeito que não mais permite o movimento. Medidas, formas, volumes e cores escravizam a diversidade inerente ao ser humano. Traços orientais são eliminados com cirurgias plásticas, cabelos encaracolados e negros são alisados e tingidos com a cor da moda, quadris são reduzidos com lipoescultura, seios são inflados com silicone, músculos são adquiridos em exaustivas aulas e exercícios ou com o uso de anabolizantes. Para se ter um corpo perfeito vale tudo, até mesmo arriscar a saúde.

O corpo, que era para ser cuidado, respeitado e amado, passa a ser rejeitado, mutilado e fonte de sofrimento na busca pela perfeição estática que não admite diversidade. Na trajetória da mudança da imagem corporal, o processo que se iniciou pela idéia do movimento caminha para a rigidez. A angústia que o movimento provoca ao sair do lugar comum em busca de novos cenários vagarosamente é solapada pela estética única, pelo modelo hegemônico de beleza. Cada vez mais corpos masculinos e femininos se assemelham, a androgenia se sofisticada e se apresenta no corpo e não mais nas roupas ou no comprimento do cabelo dos anos do movimento hippie.

Durante gerações na sociedade ocidental, atletas do sexo masculino eram o epítome da virilidade, enquanto atletas femininas eram vistas com reservas quanto a sua feminilidade, uma vez que tinham força, destreza e motricidade desenvolvida, ao contrário da figura feminina frágil, desengonçada e atrapalhada. Corpos femininos de atletas foram por décadas desconsiderados quanto a sua possível beleza, seus músculos estavam apenas a serviço da quebra de recordes. A beleza atlética não era reconhecida como um ideal, sendo apenas uma consequência do movimento e da performance.

O campo dos esportes não ficou imune aos novos modelos de imagens corporais elaborados pela transformação cultural. Corpos de atletas que eram vistos como antítese da feminilidade são, atualmente, modelos de beleza perseguidos por todas. A prova mais evidente foi o sucesso do calendário publicado quando dos Jogos Olímpicos de Sidney/Austrália em 2000. Homens e mulheres atletas nus resplandecendo em corpos que sugeriam sensualidade, mas escondiam o gênero em um jogo de formas e luzes que esmaeceram volumes e contornos sinalizadores do masculino e do feminino.

Atualmente, no mundo dos esportes os ideais de beleza são mais claramente assumidos e ainda que um corpo bonito por si só não garanta bons resultados e desempenhos extraordinários eles recebem da mídia atenção redobrada, como são as musas do vôlei brasileiro e algumas tenistas internacionais. Ao lado do reconhecimento da beleza do corpo em si, a vaidade é assumida por homens e mulheres. Reportagens com atletas homens bonitos começam a se avolumar. O tabu ou restrição da beleza e da vaidade masculina está caindo com atletas como David Beckman, que com suas unhas pintadas, sobrancelhas depiladas, cremes e roupas da moda demonstra que um atleta pode ser bonito, vaidoso e continuar gostando de mulher, rompendo com a idéia de que homens vaidosos seriam necessariamente homossexuais.

Em um movimento dialético, é possível perceber que a mídia vem oferecendo dois tipos de imagens corporais: enquanto mercadoria e como parte da identidade do sujeito. O corpo mercadoria para alguns atletas garante o desempenho e confere rendimento financeiro. Para grande parte da população ele representa a possibilidade ou não de obter reconhecimento social, status econômico e maiores chances de conseguir parceiros amorosos. É o corpo para o sucesso em uma sociedade consumista e totalitária. O corpo identidade está integrado com os aspectos culturais e políticos em busca do autoconhecimento e da superação do aqui e agora. É o corpo que não se envergonha de sua identidade própria e assume sua especificidade. Sem se deixar paralisar, é o corpo que aceita o movimento como uma relação entre sentimentos, lógicas, espírito e corpo. O corpo é visto como território para a transcendência que se expressa de forma individualizada. Viver esse tipo de corporalidade é viver as dimensões humanas concomitantemente. Ainda que um sorriso traga futuras rugas, vive-se a alegria, pois um corpo pensa, sente, se expressa e se faz presente, pulsando a vida que não termina quando não se faz mais gols.

Na aparente ambigüidade entre a ditadura do corpo cibernético destituído de sentido e sentimentos divulgado pela mídia, e o corpo identidade proposto por movimentos transculturais mais consistentes e vigorosos dos últimos anos, vive-se à busca pelos valores perdidos com as idéias futuristas de progresso e crescimento acelerado das megametrópoles e, a diversidade enquanto um valor social que necessariamente passa pelo corpo. Apesar da timidez, manifestações de repúdio ao corpo domado e alienado aparecem quando expoentes femininas se recusam a alisar os cabelos, realizar cirurgias para evitar associações étnicas e assumem com alegria as rugas duramente conquistadas ao longo de muitos anos. É possível perceber o nascimento de uma nova concepção que busca na diversidade a humanização do corpo e conseqüentemente do ser humano. Há uma preocupação com a essência do ser que se constrói e se reconstrói no movimento em interface com o outro, com o ambiente e consigo mesmo.

Na relação entre esporte, imagem corporal e exploração da mídia, o produto final tem sido a exaltação da juventude eterna associada ao desempenho que quebra contínuos records. Como mercadorias, atletas são elogiados ou depreciados em função da performance que seus corpos conseguem em fina sintonia com um movimento social que deprecia trabalhadores braçais e intelectuais no envelhecimento. A busca de um modelo estático de beleza tem resultado em casos grotescos e caricatos, em atrizes que não passam mais nenhuma emoção porque suas testas são lisas demais e em sofrimento e dores desnecessárias para grandes grupos populacionais porque não se enquadram em tais padrões. Quem sabe um novo movimento articulado com saúde e esporte, tendo o apoio da mídia, consiga tirar as pessoas não apenas do sedentarismo, mas também do imobilismo cultural e emocional instituído pelo corpo mercadoria.

Referências bibliográficas

ASSMANN, H. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. 3. ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1995.

GEERTZ, C. A. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

DISCURSOS SOBRE A CORPORALIDADE FEMININA: QUEM FALA POR NÓS?

Miriam Adelman

A Candidata

Pra começar, que tipo de pessoa é você?

Você usa

Olho de vidro, dentadura ou muleta,

Um grampo ou um gancho

Seios ou saco de borracha,

Suturas para mostrar que algo está faltando? Não, não? Então

Como posso lhe dar alguma coisa?

Páre de chorar

Abra sua mão.

Vazia. Vazia? Eis aqui uma mão

Para encher e disposta

A trazer chazinhos e afastar enxaquecas

*E fazer o que você mandar.
Vai casar com ela?
Tem garantia*

*De fechar teus olhinhos no fim
E se dissolver em dor.
Faremos novos estoques de sal.
Percebo que você está peladinha
O que me diz dessa roupa –*

*Negra e dura, não fica mal em você.
Vai casar com ela?
É a prova d'água, rachaduras e
A prova de fogo e bombas pelo teto.
Confie em mim, vão te enterrar nela.*

*Mas a cabeça, desculpe, é bem vazia.
Tenho o bilhete para isso.
Vem cá, meu bem, sai do armário.
Bem, o que você acha disso?
Nua como papel por começar*

*Mas em vinte cinco anos será prata
Em cinqüenta, oro.
Uma bonequinha viva, por onde você olhe.
Sabe costurar, cozinhar,
E falar, falar, falar.*

*Funciona, não há nada de errado com ela.
Você tem um buraco, é um cataplasma.
Você tem um olho, é uma imagem.
Cara, é pegar ou largar.
Casa com ela, casa, casa.*

Sylvia Plath (Tradução: Rodrigo Garcia Lopes)

O poema da Sylvia Plath fala – com a extrema ironia que caracteriza sua voz – sobre as tentativas de uma cultura patriarcal de definir a corporalidade, a subjetividade e o “destino social” das mulheres. Na sua forte caracterização de um mundo social dos anos 1950, ainda antes da grande revolta das mulheres na segunda onda feminista, traz também à tona problemas de pertinência atual: se na nossa cultura contemporânea circulam formas mais diversificadas de representar as mulheres e o feminino e existem roteiros bem “menos estreitos”⁵⁸ para as mulheres construírem suas vidas do que noutras épocas, por outro lado a violência simbólica contra as mulheres é reproduzida constantemente em todos os meios de comunicação de massa. Isso se realiza ainda com uma intensidade e um grau de “naturalização” que são próprias desse momento de proliferação de imagens e de poder das “mídias” na produção de subjetividades.

Gostaria que não fosse necessário falar mais uma vez sobre o que se tornou um fato tão óbvio, nocivo, ao mesmo tempo em que naturalizado do nosso cotidiano: a proliferação de imagens da “mulher-objeto”, “mulher coisificada”, “corpo feminino mercadoria” nas capas de revista, nos *outdoors* da cidade, na propaganda e publicidade televisivas, enfim, de forma

⁵⁸ Em contraste com os “roteiros mais estreitos” que constroem a vida das mulheres da época clássica da modernidade. Ver a respeito, Maria Rita Kehl (1998).

nada sutil e tão onipresente que as tristes evidências são impossíveis de ser esquivadas. As evidências são ainda mais angustiantes se pensarmos na escassez de espaços, na atual cultura visual e popular, nas representações diferentes ou “alternativas” das mulheres ou do “feminino”.

O problema se repete – e se evidencia de uma forma particularmente forte – no caso da imagem ou representação das atletas profissionais e mulheres esportistas na “mídia”. Vários anos atrás – na época em que começava a pesquisar a participação feminina no mundo do esporte – comecei a prestar muita atenção nas fotos de atletas que mulheres que apareciam em vários jornais, e particularmente, na *Folha de S. Paulo*. Apesar do entusiasmo inicial que senti quando vi as fotos das amazonas do hipismo clássico, que apareciam junto a uma série de artigos com uma manchete que anunciava que esse esporte “promovia a igualdade entre os sexos” (*Folha*, 1995), mais freqüentemente me deparava com um outro tipo de tratamento dado às atletas. Encontrei, por exemplo, o Caderno de Esporte da *Folha* que, em época próxima às Olimpíadas reproduziu várias páginas de fotos das atletas olímpicas em poses sexys e seminuas, acompanhadas com pequenos textos contendo manchetes como: “Aparecer nua é maior dilema”; “É melhor músculo que celulite’ diz Aparecida”; “Para Ida, vôlei é tão sensual quanto balé”; e “Mostrar a bunda’ não é a solução, diz Adriana” (*Folha*, 1996). Como mais um exemplo aleatoriamente escolhido, e mais recente, encontrei uma reportagem da revista *Veja* (2003) que fala sobre a triatleta Fernanda Keller: embora mostre apenas uma foto discreta da atleta, o artigo nada mais é do que uma exposição da corrente obsessão com o corpo feminino “perfeito”, esculpido pelo esporte, livre de gordura e das marcas do tempo, eternamente jovem, e jovem a qualquer custo.

O esporte é – como já argumentei noutro lugar (Adelman, 2003a) – um espaço muito sensível das atuais re-negociações das relações de gênero enquanto práticas e processos simbólicos. É um lugar de disputa sobre o significado dos corpos masculinos e femininos que goza de alto *status* ou poder de legitimação hoje em dia, como um campo no qual se constroem “verdades” sobre o corpo. Pode ser, na melhor das hipóteses, um lugar de *desconstrução* de noções de fragilidade e inferioridade femininas. Contudo, sendo um campo de prática social historicamente construído como masculino, e muito incorporado na atual estrutura do que o sociólogo inglês Joseph Maguire (1999) chama de *global sport media complex*, tende a reproduzir no seu interior as relações de poder – de classe, raça e gênero – que prevalecem na sociedade global pós-moderna. Mais do que contestar as relações de poder estabelecidas, seus discursos tendem a confirmá-las. É isto que constatamos no repetido uso na mídia esportiva brasileira de formas fetichizadas de expor o corpo feminino, assim como nas falas que “sexualizam” as atletas – para “dispensar” tão logo que puder com qualquer possível comprometimento da “feminilidade” que a prática esportiva poderia acarretar.⁵⁹

Acredito que existe muito a pesquisar ainda sobre as “formas hegemônicas” de construir discursos e imagens sobre a mulher e a corporalidade feminina – com certeza outras imagens de mulheres atletas e mulheres no esporte aparecem, caminham no sentido da “re-significação” e podem e devem ser contrastadas com as imagens mais comuns com as quais convivemos todos os dias. Como hoje o que mais me interessa é pensar nesses processos de “re-significação” – e como fomentá-los, fazer proliferar um outro tipo de produção discursiva capaz de fornecer novas imagens e modelos para as futuras gerações de mulheres e homens da sociedade brasileira –, pensei em aproveitar esta oportunidade para levantar umas considerações sobre as visões alternativas, de quais elementos se compõem, os recursos

⁵⁹ Rosemberg (1995) documenta a preocupação histórica, no Brasil, com a possibilidade de que o esporte e a educação física “masculinizassem” as mulheres.

simbólicos e lingüísticos que mobilizam e as mensagens que constroem. *Outras falas, outras linguagens.*

Há na teoria feminista uma longa trajetória de reflexão sobre os códigos sedimentados do olhar/imaginário masculinos/masculinistas, e sobre as possibilidades de ir além destes: de fraturá-los e avançar na “re-significação”, na construção de discursos e imagens “contra-hegemônicos” para “significar o feminino”. Um ponto de partida histórico continua sendo o *Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, com sua agora clássica discussão sobre as conseqüências teóricas e sociais da exclusão das mulheres da *produção cultural* na história do Ocidente moderno. Logo após o final da Segunda Guerra Mundial, ela perguntava o que aconteceria se as mulheres começassem a se autorepresentar desde uma *posição de sujeito*, e desde as possibilidades do *desejo feminino*. Teóricas feministas como Teresa de Lauretis, Ella Shohat e Ann Kaplan entre outras vêm trabalhando nas últimas décadas com estas mesmas questões, mas já a partir das mudanças trazidas pelo feminismo e pela “pós-modernidade”⁶⁰: em que medida as imagens culturais da atualidade refletem e afirmam visões transformadas das mulheres, dos homens e das relações de gênero.

A partir de estudos sobre essa grande “máquina de imagens” e produtora de subjetividades que é o cinema, seus trabalhos, embora revelem a persistência dos antigos códigos, apontam também para uma produção “alternativa” (com certeza, ainda muito minoritária). O esforço de criar códigos alternativos de representação do feminino gera diversos tipos de desafios. Trata-se de inovar dentro de um campo em que os gêneros cinematográficos se constituíram a partir de enredos narrativos que naturalizavam um destino feminino domesticado e usaram o corpo feminino como elemento fundamental na construção do espetáculo, isto é, do *prazer visual* sobre o qual a prática cinemática se sustenta.⁶¹ Mas, por outro lado, o cinema revela-se um terreno muito fértil para a construção de novos significados em virtude do poder que ele tem na produção de subjetividades e identificações para um público espectador feminino grande e diversificado, que procura no cinema não só “divertimento”, mas também elementos para a construção da identidade e seus sentidos.

Vou me referir aqui a dois filmes relativamente recentes feitos por importantes cineastas mulheres da atualidade: *Antônia*, de Marlene Gorris, e *Holy Smoke*, de Jane Campion, enfocando a construção de suas protagonistas para exemplificar tal “criação de códigos alternativos”. O primeiro tem uma clara proposta de “ir contra” as formas convencionais de significação do feminino criando um mundo de *mulheres extraordinárias* – e curiosamente “traduzidas” para o português como *excêntricas*. Como escreveu uma aluna minha, no início de sua excelente análise desse trabalho, o filme holandês *Antonia's Line*, traduzido de forma preconceituosa para o português como *A excêntrica família de Antonia*, conta uma saga familiar que atravessa três gerações de mulheres, falando da força, da beleza e das escolhas que desafiam o tempo: Antônia é circundada por personagens “excêntricas” como sua filha lésbica (Daniele), a neta superdotada (Therese), a bisneta que vê os mortos (Sarah), a amiga que adora procriar (Letta), a vizinha que sofre abusos sexuais (Deedee), o amigo filósofo pessimista (Dedo Torto), o padre herege e os muitos amigos que vão sendo acolhidos pela sua

⁶⁰ Conforme resumido por Arán, nosso “mundo de vida” foi significativamente transformado a partir de quatro eixos principais (sendo o movimento feminista um agente fundamental de tais mudanças): “[...] a crise da forma burguesa da família nuclear (monogâmica e heterossexual), a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade. Todos esses fenômenos provocaram uma crise nas referências simbólicas organizadoras da sociedade moderna, principalmente a partir do deslocamento das fronteiras homem-público e mulher-privado[...]” (2003: 400-401).

⁶¹ Para Teresa de Lauretis, o cinema deve ser considerado, entre outras coisas, uma “tecnologia de gênero” da sociedade contemporânea; já o clássico texto de Laura Mulvey iniciava a problematização feminista sobre o prazer visual do cinema e seu “olhar masculinista”. Ver discussão minha sobre essas e outras autoras em Adelman (2003b).

generosidade, que acaba sempre atraindo os fracos, tristes, desamparados, desesperados, perdidos ou loucos (Silva, 2003: 147).

O filme, cujo enredo trata dessas pessoas “diferentes” que constroem vidas que destoam dos valores e comportamentos tradicionalmente aceitos no seu vilarejo holandês do pós-guerra, apresenta uma clara reformulação da representação do feminino no cinema convencional: neste filme, são as mulheres, muito mais ativas e decididas do que os homens, que tomam a dianteira para mudar a vida; são astutas e competentes tanto para as tarefas físicas do meio rural quanto para as atividades que envolvem a competência intelectual, tomam atitudes conforme seu próprio desejo na vida em geral e, especificamente, no tocante à sua sexualidade. Dispensam qualquer preocupação pautada na moral da família burguesa ou patriarcal, realizando uma profunda transformação nas relações de sociabilidade da sua comunidade.

A beleza física da protagonista emana da sua beleza espiritual e da sua “naturalidade”: é uma mulher na meia idade – que posteriormente entra na velhice – cuja vida parece estar pautada na busca do bem-estar humano e da libertação do desejo e das subjetividades; nenhuma preocupação com o cultivo das imagens e das aparências (físicas ou morais). Desejo, corpo, afetividade, pensamento: estão todos presentes na figura da Antônia, cuja sensualidade não diminui com o passar dos anos nem com o trabalho duro do meio rural. Uma mulher “autodeterminada” no sentido de construir sua vida consciente e decididamente às margens da cultura patriarcal que tão bem ela compreende e rejeita.

No segundo filme, *Holy Smoke*, a “condição feminina” é tratada de forma mais ambígua, expondo alguns dos paradoxos que caracterizam a cultura contemporânea e seus processos – bastante contraditórios – de re-significação das relações de gênero. O filme, baseado num romance escrito pelas irmãs Jane e Anna Campion, narra a história de uma jovem australiana dos anos 1990, na sua busca por encontrar o sentido de sua própria vida. Ruth, a protagonista – papel encenado pela famosa atriz Kate Winslett – é de certa forma representante de um “tipo” comum para sua geração: herdeira de alguns valores e desejos da juventude dos anos 1960 (embora, como a maior parte de seus pares, provavelmente não tenha muita consciência dessa origem), sente-se “sujeito” da sua vida nos seus diversos aspectos – desde sua sexualidade até o processo de “escrever seu próprio roteiro” de vida. Ao mesmo tempo, parece ter muito mais claro o que ela não quer para si do que o que ela poderia fazer “de diferente”. Tem uma percepção crítica aguda, por exemplo, em relação ao tipo de vida que seus pais e seus irmãos construíram para si, dentro do conforto e da hipocrisia da classe média australiana, mas isso mesmo parece tê-la deixado vulnerável à opção que acaba envolve-a, na Índia, com a seita religiosa de um “guru” com grande habilidade para encantar a jovens ocidentais à procura de um rumo na vida.

A trama do filme gira em torno da tentativa da família de trazer Ruth “de volta” para sua vida anterior na Austrália, o que os leva a contratar um especialista – um homem norte-americano de meia idade, P. J. Waters – como “conselheiro de retirada”, ou seja, uma espécie de terapeuta dedicado ao “resgate” de pessoas entregues a cultos ou seitas religiosos. Como noutro conhecido filme da diretora Jane Campion, *O Piano*, o enredo do filme foge de qualquer retrato maniqueísta do comportamento ou dos valores dos seus personagens. Ruth, uma jovem particularmente astuta que se engaja na relação com P.J. a partir de um ceticismo ou senso de desprezo pelo comportamento masculino (o que se evidencia nos seus primeiros diálogos com ele, assim como nos comentários que ela faz sobre o próprio pai, que há anos mantém uma relação adúltera clandestina), usa toda sua força para tentar resistir à vontade dos outros que a querem domesticar. Por outro lado, ela não vacila em empregar todos os recursos

que tem a sua disposição para tentar reverter a relação de poder entre ela e o P.J., entre os quais está sua juventude, sua beleza e seu poder de sedução.

O “conselheiro de retiradas”, por sua vez, é uma figura também complexa: questiona-se menos sua intenção “profissional” original do que a sua condição de parecer-se com “todos os outros homens” que usufruem a autoridade e os privilégios da masculinidade. Mas no seu envolvimento com Ruth, ele também é um *simples ser humano*: o jogo da sedução, do desejo e dos sentimentos humanos no seu mais amplo escopo, desafiando qualquer noção de posições masculinas e femininas fixas e previsíveis. No final, triunfa a vontade e a força da jovem, que conquista de novo sua autonomia frente aos pais, à família e às pressões conformistas de uma cultura de massas que antes permite a hipersexualização das mulheres do que o exercício da autodeterminação (estabelece-se pelo contraste entre Ruth e sua cunhada). É P.J. que “volta ao lar” domesticado, tornando-se pai de gêmeos e escritor “quando o tempo livre o permite”. Mais do que produzir em Ruth a transformação que a família dela desejava (ela de fato volta para a Índia, mas não mais para a seita), foi o encontro com Ruth que produziu nele sua própria transformação – e nela, com certeza, muito crescimento e uma nova compreensão de si mesma.

Como se relaciona essa breve discussão sobre dois momentos de “re-significação do feminino” com o que falei sobre o uso corrente da imagem da atleta na mídia? Antes de tudo, quero dizer que qualquer forma alternativa de conceber e trabalhar a *corporalidade* feminina coloca como questão central a relação entre esta e todos os outros aspectos da busca das mulheres em dar sentido a suas vidas, aspectos tão diversificados entre si como o são, por exemplo, os projetos profissionais, a participação política e a busca de uma espiritualidade. Por sua vez, as *práticas corporais* – como o esporte e o exercício da sexualidade – precisam ser compreendidas como parte de um complexo de fenômenos culturais e sociais. Contudo, parece-me correto dizer que a cultura patriarcal, na sua atual forma de “cultura de massas”, investe particularmente nelas. A fetichização do corpo, a elevação do “corpo perfeito” em nível de valor supremo e a subsequente transformação do *projeto do corpo* em projeto de vida *por excelência* de muitas meninas e mulheres⁶² são fenômenos que parecem coincidir perfeitamente com os projetos hegemônicos de uma sociedade pautada no consumo e na proliferação das imagens.

Algumas teóricas feministas argumentam que, perante as conquistas femininas na esfera pública em geral, é este o espaço em que a cultura patriarcal consegue manter suas formas mais atuais e eficazes sobre a vida das mulheres. Como já sugeri na minha oficina (*Mulheres, prática esportiva, empoderamento*), a mesma atividade esportiva muitas vezes aparece menos como um fim em si e mais como um meio para se obter o “corpo ideal” (projeto que, por sua vez, pode impor limites à prática esportiva). Pensar em novas formas de intervir nos processos culturais em curso, em que se elaboram os valores e os ideais aos quais as mulheres – e os homens – recorrem para construir suas vidas, é tarefa de máxima urgência. Para repensar noções de corporalidade, a representação da imagem e das práticas de mulheres atletas torna-se um terreno importante.

Nós mulheres, de fato, encontramos-nos numa situação difícil, pois a voz dessa cultura que nos dita padrões de comportamento e corporalidade continua falando alto nos nossos ouvidos. Esses padrões podem, muitas vezes, aparecer como nosso próprio desejo, mas assumir o projeto de dominação ali imbricado como sendo “nosso” tem um custo muito alto. Para a criação de modelos alternativos, as cineastas que discuti aqui nos fornecem alguns

⁶² A historiadora norte-americana Joan Brumberg (1997), ao estudar diários de meninas adolescentes em dois períodos diferentes (final do século XIX e final do século XX), concluiu que é esta a tendência da atualidade.

exemplos; no campo da produção simbólica, assim como no campo da prática esportiva, há um longo caminho pela frente.

Referências bibliográficas

- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina? *Revista de Estudos Feministas*, v. 11, n.º 2, p. 445-466, 2003a.
- _____. Vozes, olhares e o gênero do cinema. *Cadernos de Pesquisa e Debate do Núcleo de Estudos de Gênero/UFPR*, n.º 2, p. 80-109, 2003b.
- _____. A beleza olímpica. *Folha de S. Paulo*. Seção de Esportes, 7 jun. 1996, p. 1-4.
- ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista de Estudos Feministas*, v. 11/2, p. 399-422, 2003.
- BRUMBERG, Joan Jacobs. *The body project: an intimate history of American girls*. New York: Random House, 1977.
- CHARÃO, Cristina. É duro ser bela aos 40 (entrevista com Fernanda Keller). *Veja*, ano 36, n.º 2, 15 jan. 2003, p. 9-13.
- SILVA, Vânia S. Vaz da. As excêntricas de Antonia's Line. *Cadernos de Pesquisa e Debate do Núcleo de Estudos de Gênero/UFPR*, n.º 2, p. 147-161, 2003.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- MAGUIRE, Joseph. *Global sport: identities, societies, civilizations*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- ROSEMBERG, Fúlvia. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, Elaine. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

A HIERARQUIA DE GÊNERO NO JORNALISMO ESPORTIVO

Prof^a. Dr^a. Elaine Romero
Universidade Castelo Branco-RJ

Atletas masculinos e femininos vêm recebendo tratamentos diferenciados na mídia em geral, e a denúncia a esse respeito ganhou corpo desde o final da década de 1980, quando se apontou que os homens eram apresentados de forma a destacar suas habilidades físicas e atléticas, enquanto as mulheres eram exibidas em termos de sua feminilidade e atrativos físicos. Mais de duas décadas se passaram e como tem sido esse tratamento nos dias de hoje? Como o jornalismo esportivo refere-se aos atletas? Como são exibidos seus corpos? São questionamentos que merecem discussão neste espaço. Fazendo uso do olhar de Berguer (1999), podemos dizer que o corpo generificado na mídia tende a revelar o estigma de que os homens atuam e as mulheres aparecem. Desse modo, os homens olham as mulheres e estas se vêem olhadas, tornando-se pois um objeto de visão, ou um panorama, como indica o autor. Temos assim uma posição binária, uma polaridade que nos remete a uma reflexão, tendo o gênero como categoria analítica.

O corpo do atleta é retratado pela imprensa esportiva de forma a destacar o estereótipo vigente na sociedade atual para atingir o *target* – ou seja, o público alvo. Autoras como Mary Jo Kane e Janet Parks (1992) argumentam que o esporte é uma poderosa instituição que reproduz simbolicamente relacionamentos patriarcais existentes, reforçando a superioridade masculina. Assim sendo, o esporte tem-se tornado, de forma razoável, um terreno fértil da produção social da masculinidade, levando-nos a inferir que é um mecanismo importante que “produz e reproduz, de forma aparentemente natural, dois gêneros ‘opostos’, mutuamente exclusivos”.

A imprensa esportiva contribui para essa polaridade. Quando nos referimos ao termo gênero, queremos deixar claro que o temos como uma variável social, e não biológica. Tomamos a acepção de Scott (1995), na qual o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como forma primária de dar significado às relações de poder. Nessa articulação, “o gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (Scott, 1995: 75).

Louro (1995: 103), na esteira de Scott, pondera: “[...] para que possamos compreender de forma mais ampla o gênero, urge que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico”, que não se acaba ao nascer, mas que é “construído através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes”, em conformidade com as diversas concepções de cada sociedade. Esclarece a autora que “gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais [...] genericadas, ou seja, expressam as relações sociais de gênero”. Destacamos aqui o papel relevante do jornalismo esportivo, a ser debatido no sentido de desconstruir essas oposições binárias.

Da diferença à desigualdade

A trajetória da mulher foi sempre marcada pela discriminação. Diferenças sexuais continuam sendo pretexto para impor relações hierárquicas que apontam a supremacia e dominação do homem aliada à subordinação da mulher. Essa relação de gênero é encontrada em todas as classes sociais, em diferentes grupos étnicos e se reproduz a cada geração. Na motricidade humana, englobando a educação física, a dança e os esportes, a situação não é diferente. As literaturas trazem a lume que nas práticas corporais, especialmente nas de Educação Física, é possível constatar dados concretos. Os meninos, por exemplo, tendem a invadir os espaços físicos ocupados pelas meninas e interrompem ou estragam suas brincadeiras. No entanto, seus atos são vistos com naturalidade. Este exemplo equivale dizer que o dia-a-dia do ser homem e ser mulher se define por meio de práticas sociais das quais emerge o poder de um sexo sobre o outro.

Foucault (2002) nos ilumina essa engrenagem, escrevendo que o poder em todas as sociedades está fundamentalmente ligado ao corpo, uma vez que é sobre ele que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. É, portanto, na redução materialista da alma, advinda de uma teoria geral de adestramento, que se instala e reina a noção de docilidade. Esse poder, pontua o filósofo (1989), é uma prática social constituída historicamente que se refletiu no esporte. Desde o nascimento dos Jogos Olímpicos até seu ressurgimento na Era Moderna, as mulheres não podiam praticar esportes, demonstrando um exemplo claro de como funcionava (e ainda hoje funciona, em determinadas culturas) o poder: como algo que se exerce e que se move como uma maquinaria.

O domínio, a consciência de seu próprio corpo, aclara Foucault (1989: 146):

[...] só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo, tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo [...].

O poder se instala se houver uma certa vigilância e um enquadramento. Na prática, temos os corpos submissos, representados pela figuras das mulheres e crianças, habituadas a obedecer. Essas questões podem ser facilmente encontradas na prática do esporte, posto que o

espaço esportivo desde as primeiras Olimpíadas se configurou como espaço masculino. Os Jogos Olímpicos modernos, na concepção de seu criador, produziam e representavam a masculinidade. As mulheres eram excluídas da participação e, por conseqüência, seu acesso à prática era escasso.

Um dos argumentos que dava suporte a essa exclusão referia-se às possíveis mudanças no corpo e na natureza feminina, além do risco de masculinização. Contudo, as diferenças entre os sexos apontadas pelo esporte não são tão simples quanto parecem; elas, frágeis, não alcançam resultados semelhantes aos deles, fortes e viris. Ainda que haja diferenças biológicas entre homens e mulheres e diferenças de performance no esporte, podemos questionar qual a razão de algumas diferenças, e não outras, serem usadas para reforçar atitudes sociais e preconceitos contra as mulheres.

Do início da década de 1930 ao final da década de 1980 a literatura médica veiculada nos periódicos brasileiros desestimulava e até mesmo desaconselhava a participação da mulher em determinados esportes, alertando para o perigo de “acidentes e lesões nos órgãos reprodutores” (Azevedo, 1997: 125). Destarte, a prática do esporte pelas mulheres não era, sobremaneira, bem visto pela sociedade em nome do mito da feminilidade. Nesse entendimento, o desenvolvimento muscular e a prática do esporte eram considerados indesejáveis. O esforço físico era considerado prejudicial à função reprodutiva. O útero, alerta Badinter (1985), é o símbolo do feminino e dele temos a representação de fertilidade.

Knijnik (2003) atesta que vários estudos e trabalhos por ele analisados indicam que a sociedade brasileira foi majoritariamente dominada por homens, condicionando desse modo a formação esportiva das mulheres e elegendo requisitos para julgar a feminilidade. Foi por esse norte que se decidiu quais atividades podiam ou não ser praticadas por elas, transformando essas diretrizes em documento oficial. A legislação esportiva brasileira também contribuiu para o cerceamento da participação feminina no esporte. Com o argumento velado da feminilidade, “decretos” e “resoluções”, entre outros documentos oficiais, impediram o acesso feminino a essa prática. Julgamos oportuno registrar o artigo 54 do Decreto-Lei 3.199 de 14/04/1941, que continha a seguinte redação: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos baixou a seguinte deliberação: “as mulheres não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”.

Sob essa perspectiva, a sociedade via na mulher uma figura sempre associada ao papel de mãe e esposa. E quando Knijnik (2003: 66) escreve sobre a dicotomia sujeito/objeto instalada no corpo feminino, aponta o controle exercido sobre ele: “[...] procura-se controlar o corpo feminino esportista retirando-lhe os atributos atléticos [...] priorizando outras qualidades no corpo”. O médico Osmar de Oliveira, no último Fórum (2002: 33), ressaltou que “por fatores socioculturais, o homem sempre ocupou muito mais espaço na mídia que a mulher”. Sustentou, ainda, que a mídia esportiva, na verdade, não discrimina a mulher. Com ponto de vista contrário, Paulo Calçade (2002: 29) afirmou que “a mídia esportiva é controlada por homens e dominada por um avassalador pensamento machista”. Ao que tudo indica, tendemos a concordar com a opinião deste último, posto que é exatamente isso que vemos no jornalismo recente.

No mesmo Fórum, “Magic” Paula (2002: 32) denunciou que “o comportamento dos homens que administram o esporte é ainda de muito preconceito, favorecendo o sexo

masculino, mesmo que os resultados da mulher sejam infinitamente superiores” (sic). Para ilustrar suas palavras, lembramos que a equipe de futebol feminina, e não a masculina, se classificou para os Jogos Olímpicos de Atenas (2004), e nem por isso teve o devido destaque ou reconhecimento em termos salariais, quer na imprensa esportiva quer por parte dos dirigentes ou patrocinadores. Em se tratando de futebol, Calçade (2002: 29) salientou que o “nosso principal esporte [...] também funciona como repelente à participação feminina. Seja de que tipo for: em campo, nos meios de comunicação ou na arquibancada”. Poderia ser uma boa justificativa para o futebol feminino jamais ser igualado ao masculino, mesmo com melhores resultados. Esse pensamento é fortalecido no interessante estudo empreendido por Gabriela Aragão Oliveira (2002), que teve como preocupação maior a inserção das mulheres no comando de equipes esportivas de alto nível.

A professora partiu da premissa que a atuação feminina como profissional no treinamento esportivo é, em relação ao desempenho masculino, expressivamente reduzida, levando-a a inferir que esse espaço profissional se constitui em espaço de reserva masculino. Dentro do mundo do esporte, as diferenças de maior importância entre os sexos – e por isso mesmo exageradas – remontam a conceitos históricos de masculinidade e feminilidade.

A título de uma definição elucidativa, podemos considerar masculinidade como o conjunto de normas ou padrões a partir dos quais todo o restante é medido, ou seja, os termos fêmea e feminilidade são definidos a partir de suas diferenças em relação aos *outros*, ao macho e à masculinidade.

O ponto de destaque dessa elaboração social machista de diferenciação remonta definições históricas sobre as mulheres, vistas não apenas como “*as outras que*”, mas também como “inferiores” aos homens. Daí que as diferenciações entre sexos passam a ser equiparadas em função da hierarquia dos sexos; e hierarquia sexual é imediatamente traduzida como supremacia masculina. Como afirma Duncan (1990: 25), “as diferenças estabelecidas culturalmente tendem a conferir poder para os homens e limitar o poder das mulheres”.

A literatura indica que os esportes oferecem “provas” empíricas e tangíveis de que a diferença entre os sexos é a hierarquia de gênero: homens correm mais rápidos, batem mais forte e pulam mais alto que as mulheres. Não é à toa que a imprensa dê destaque a essas provas. No entanto, para Weineck (2000: 354) homens e mulheres “não se diferenciam apenas quanto às características sexuais primárias e secundárias, mas também quanto ao que se refere às grandezas constitucionais anatômicas e fisiológicas”. Esclarece também que essa diversidade não deve ser entendida como inferioridade de um sexo e superioridade de outro, posto que a melhora das mulheres nos últimos anos “torna nítido o fato de que uma parte das diferenças sexuais é devida a influências tradicionais”.

Reynaud (*apud* Messner, 1988) destacou que o suporte fundamental da ideologia patriarcal é apresentar as diferenças entre sexos como biológica, natural, ou fruto da divina essência. Essa divina superioridade física dos homens, em um contexto atlético, é equiparada à supremacia “natural” dos homens não apenas nos esportes, mas também no todo da ordem social. Nesse sentido, com base em Bourdieu (1995), podemos afiançar que o esporte é um ponto crítico para manutenção e controle do poder masculino.

A mídia na construção do gênero no esporte

“Esporte não combina com a graciosidade que deve ter uma mulher”, expressão comumente usada na política de segregação feminina às atividades físicas. Com base no mito de feminilidade, Azevedo (1997) destacou autores masculinos que desaconselhavam atividades esportivas para mulheres sob o argumento de que estas, consideradas frágeis,

poderiam não suportar atividades de longa duração ou muito esforço. Esses autores foram formadores de opinião que alcançaram, inclusive, professores universitários, que ao reproduzir o discurso alertavam as alunas dos perigos de práticas consideradas “nocivas” ao organismo e, sobretudo, ao aparelho reprodutor feminino.

Em tempo de transição social no esporte, quando muitas mulheres estão fazendo um formidável esforço para minimizar determinadas noções de diferenças entre sexos – e estão os homens lutando para mantê-las –, o papel da mídia não pode ser esquecido. Ela ajuda a organizar os caminhos para conhecer ou entender o relacionamento entre gêneros servindo à construção de um consenso público a respeito do que é considerado masculino e feminino, e serve igualmente para enaltecer ou destruir um atleta.⁶³

O esporte construiu e superenfatizou diferenças entre os sexos e a hierarquia. De forma análoga, a mídia construiu imagens entre homens e mulheres baseados em definições tradicionais de feminilidade e masculinidade. Exemplo claro ocorreu durante os Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo. O caderno de esportes de “O Globo” (7/8/2003) exibiu uma foto e um texto com o seguinte teor: “A colombiana Katty Millian estica todo seu corpanzil para arremessar [...] é um dos exemplos de atleta fora do peso”.

A preocupação em destacar a atleta do softbol pela aparência e não pelas habilidades revela a maneira perversa de mostrar ao leitor que a representante colombiana não se enquadrava nos padrões de feminilidade que o editor (do sexo masculino) prescrevia para mulheres atletas. Na mesma edição, a expectativa de feminilidade é preenchida quando foto e texto enaltecem a ginasta americana Nastia Luikin dizendo: “Sua leveza somada ao uniforme prateado [...] deu-lhe a aparência de fada [...]”. Nenhuma menção à sua performance; afinal, aos 13 anos foi apontada como grande revelação. O texto destacou sua “leveza” e sua “aparência de fada”, atributos considerados exclusivamente femininos.

A mídia faz mais do que criar imagens paralelas de homens e mulheres. Cria e enfatiza imagens de diferenças entre gêneros que, como no esporte, operam um importante papel na perpetuação da existência do relacionamento patriarcal (Birrell e Cole, 1990; Duncan, 1990). As páginas do jornalismo esportivo ressaltam a manutenção desses valores sexistas. Maria Lenk, por exemplo, por ser um ícone – apesar de ter rompido estereótipos e preconceitos em seu tempo, por seu pioneirismo e trajetória –, encontra sempre acolhida favorável na mídia. Mesma sorte não teve Maurren Maggi, que foi enaltecida por suas vitórias mas crucificada quando foi revelado o resultado do exame “anti-dopping” que a afastou do Pan de 2003 e dos Jogos Olímpicos de Atenas.

A mídia pode parecer simplesmente reportar o que acontece, mas na realidade constrói, por intermédio dos responsáveis pelas matérias, notícias permeadas por estruturas, valores e convenções. Ao dar cobertura significativamente maior à aparência física e ao comportamento feminino, freqüentemente comparando seu desempenho com o dos atletas do sexo masculino, a mídia constrói o esporte a partir da diferença entre gêneros e a hierarquia dos sexos. Em outras palavras, a mulher pode ser uma atleta, mas, primariamente, é uma fêmea, e mesmo as melhores fêmeas nunca podem superar os melhores machos. Na cobertura fotográfica durante os Jogos do Pan de 2003 deparamo-nos com esse tipo de trivialização. Em determinada foto houve maior preocupação em exibir uma atleta chilena em um dos movimentos do hóquei que a deixou com as nádegas à mostra, embora cobertas, do que retratar seus resultados. Em contrapartida, podemos até admitir que em determinadas situações a imprensa foi generosa

⁶³ A esse respeito consultar: Essas mulheres maravilhosas: nadadoras e ginastas. In: SIMÕES, A. C. (Org.). *Mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

com as mulheres atletas, destacando inúmeras vezes seus feitos. Mas, indiscutivelmente, escorregou ao ressaltar aspectos relacionados à feminilidade ou à fragilidade emocional, retratando ostensivamente atletas do sexo feminino chorando, posando com flores além da medalha. Em relação aos homens, não encontramos uma única foto exibindo-os com o ramallete de flores, que receberam juntamente com suas premiações.

Aceitar esses dados também significa aceitar que as diferentes estruturas da mídia não são manifestações inerentes de superioridade masculina, mas construções sociais que ativamente servem ao interesse de um grupo ou outro. Inegavelmente a imprensa escrita não poupou atletas e seleções masculinas que desapontaram ou que surpreenderam. A equipe brasileira de voleibol masculina, campeã do mundo, ficou em terceiro lugar, e não faltaram críticas como: “Bronze amargo para os melhores do mundo”. No atletismo, o favorito dos 10 mil metros, perdeu o ouro na reta de chegada, e a crítica foi: “Prata com sabor de derrota”, como se o segundo lugar nada valesse numa disputada e exaustiva prova.

Implicações e considerações finais

Uma implicação significativa deste estudo envolve a adição de interpretação de imagens da mídia, de mensagens e termos, particularmente daqueles empregados nos estudos de gênero. Os textos, mensagens e fotos reunidos num espaço dedicado aos esportes, destacados nas capas ou nas páginas centrais podem conter leituras múltiplas, inclusive as dos consumidores. Aqui apresentamos o viés da autora, variável a ser considerada.

Uma forma de entender a cobertura da mídia é não confinar nossa análise à precisão do quão real ou verdadeiro os atletas são visualizados, mas também analisar como a mídia opera quando estabelece, categoriza e reproduz imagens de diferenças sexuais e de hierarquia no esporte. Diversos exemplos ilustram, a contribuição da mídia na elaboração da diferença entre sexos, particularmente através de insidiosas ambivalências, colocando, assim, o homem na continuidade da posição hierárquica dentro da penetrante e poderosa instituição do esporte.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Tânia. A mulher na educação física e no esporte. In: ROMERO, E. (Org.). *Mulheres em movimento*. Vitória: Edufes, 1977. p. 113-135.
- BERGUER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito materno*. 8.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BIRREL, S. & COLE, C. L. Doublé faut: Renne Richards and the construction and naturalization of difference. *Sociology of Sport Journal*. n°. 7, p. 1-21, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n°. 2. p.133-184, 1995.
- CALÇADE, Paulo. O “nosso” e o “delas”. In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER E ESPORTE: MITOS E VERDADES 2, São Paulo, 2002. *Anais*, p. 29-30.
- DUNCAN, M. C. A. Sport photographs and sexual difference: images of women and men in the 1984 and 1988 Olympic Games. *Sociology of Sport Journal*. n° 7, p. 22-43, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____. *Vigiar e Punir: o nascimento das prisões*. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KANE, Mary Jo & PARKS, Janet B. The social construction of gender difference and hierarchy in sport journalism - Few new twists on very old themes. *Women in Sports Physical Activity Journal*. v.1, n°.1. p. 49-83, sept. 1992
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*. Porto Alegre. v. 20, n°. 2, p. 101-132, 1995.
- MAGIC PAULA. O preconceito. In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER E ESPORTE: MITOS E VERDADES 2, São Paulo, 2002. *Anais*, p. 32.

MESSNER, M. A. Sports and male dominations. The female. Athlete as contested ideological terrain. *Sociology of Sport Journal*, n.º. 5, p. 197-211, 1988.

O GLOBO. *Caderno de Esportes-Pan*. Rio de Janeiro. Edições de 2 a 17 de agosto de 2003.

OLIVEIRA, Gabriela Aragão. Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível. 2002. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Osmar. A mídia esportiva. In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER E ESPORTE: MITOS E VERDADES 2, São Paulo, 2002. *Anais*, p. 33-34.

WEINECK, Jürgen. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 2000

MULHER, ESPORTE E EXPLORAÇÃO MIDIÁTICA: DO TANQUE PARA OS GRAMADOS

Paulo Ricardo Calçade

Jornalista Esportivo

Não é preciso ir longe. Uma simples corrida ao site de buscas Google revela que uma das maneiras mais comuns de se retratar a mulher no mundo do esporte é pelos seus atributos físicos. Um dos grandes fios condutores dessa visão tosca da realidade é a palavra “musa”. Em poucos minutos de pesquisa, no dia 14 de julho deste ano, essa forma de expressar a “capacidade” feminina apareceu 73 vezes no tênis, sessenta no vôlei, dez no handebol, quatro no futebol, três no basquete e duas no judô. Curioso é que a tal da “musa” surgiu 99 vezes na “axé músic”. Já no pagode, a vaga está aberta. Para completar, ainda no mês de julho, o portal UOL perguntava em sua página principal: “Quem será a musa brasileira em Atenas?” Esses dados, apesar de distantes de qualquer rigor científico, podem, entretanto, servir como uma biópsia da inexistência de uma preocupação com a problemática da mulher no esporte. E esse é o maior obstáculo. Estamos tratando de uma questão meramente acadêmica, restrita a laboratórios, pesquisas, salas de aula, fóruns e publicações específicas. É pouco! Quase nada para enfrentar os holofotes do preconceito da grande mídia. Os números acima são uma pequena provocação diante da posição de alguns veículos impressos.

O grande problema está na televisão. Calcula-se que o brasileiro passe, diariamente, em torno de três horas e meia diante do aparelho TV. Dado preocupante quando se observa o altíssimo número de analfabetos funcionais no país. Consciente de seu papel ou não, a televisão tem a responsabilidade de transmitir conhecimento, códigos de comportamento e a tarefa de educar. Mas onde se discute isso, quem tem esse poder? De que forma e embebidos em que tipo de caldo cultural isso acontece?

[...] Num país como o Brasil, em que a TV redefiniu o espaço público e reconfigurou a própria face da nacionalidade, a presença dos meios de comunicação é um fator incontornável para os educadores. Em números aproximados, há cerca de 40 milhões de lares com televisão no Brasil, o que corresponde a quase 90% do total. Isso, para uma população que lê pouco, dá à TV uma condição de monopólio da informação, ou seja, a TV monologa sem que outros meios lhe façam contraponto. Publicam-se, por ano, no Brasil, menos de três exemplares de revistas por habitante (na França, só para comparar, esse número é da ordem de 40, segundo as estatísticas da Federación Internacional de la Press Périodique). Todos os jornais diários somados, que cresceram de circulação na última década, tiveram uma vendagem em 1999, de acordo com a Associação Nacional

de Jornais, de 7,2 milhões de exemplares por dia (somadas bancas e assinaturas) (Bucci, 2003: 8).

A banalização do corpo da mulher

Diante de todo esse poder, assiste-se à banalização do corpo da mulher na TV, principalmente quando, pretensamente, a proposta é lidar com o universo feminino. Longe de se produzir um massacrante discurso da libertação do “belo sexo”, vende-se o tempo todo o predomínio da forma. É um exercício de hipocrisia liberal, da superexposição midiática das imagens ideais do corpo feminino, despotismo da magreza, multiplicação dos conselhos e dos produtos de beleza: são normas estéticas da cultura de consumo e de comunicação de massas (Lipovetsky, 2000).

É preciso superar a visão do corpo como um simples objeto, um utensílio cuja preocupação básica é o rendimento e a produtividade tecida pelo lucro. O corpo não deve ser apenas um objeto inscrito na categoria do jurídico, isto é, ser incessantemente julgado como feio ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco, magro ou gordo, feminino ou masculino, preto ou branco, sensual ou impotente, novo ou velho, rico ou pobre

[...] e a partir daí ser discriminado, deixando-se de lado sua natureza dialética. O corpo não deve ser uma peça que cumpre sua função (de produtor, reprodutor ou consumidor) dentro da engrenagem social de um capitalismo periférico, dependente e selvagem que tem como meta a lucratividade a qualquer custo (Medina, 1991: 68).

Interessante observar o espectro do esporte na TV e o que sobra dele para a mulher. Antes mesmo de embarcar para Atenas, a delegação brasileira nos Jogos Olímpicos já consolidava um recorde bastante especial: 122 mulheres e 123 homens.

Considerando que nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, há vinte anos, nossa equipe embarcou com 130 homens e apenas 22 mulheres, independentemente da conquista de medalha ou não, que é uma outra questão, já podemos nos sentir muito campeões. Nossa monocultura esportiva leva a televisão brasileira a se interessar basicamente pelo futebol. Mas aquele praticado pelos homens, já que esse esporte “é coisa para macho” ou para “quem tem pêlo no peito”, como decretou recentemente o meia Fábio Baiano, do Corinthians, quando tentava explicar o perfil do jogador que o time precisava contar para sair de uma das maiores crises de sua história. E é pelo futebol – que impregnou a alma brasileira com tantos símbolos – que trilharemos nosso caminho.

Não há lugar para o futebol feminino na TV. Pior: não há lugar para o futebol praticado por mulheres em lugar nenhum no país. Não existe espaço na mídia, conseqüentemente não há campeonatos num terreno onde brotam ilações. Afinal, equipes e seleção nacional não se encaixam no estereótipo do que se imagina ideal para uma atleta. Musas são criadas para o consumo. E mesmo elas existindo na seleção, na verdade podem estar colocando em risco o poder dos homens ao tocar em algo tão sagrado e exclusivo como o futebol. Obviamente entra-se numa discussão em que o lesbianismo passa a ser importante. E aí as cartas ficam embaralhadas. Afinal, nesse balaio de intolerância, nosso time não ficaria então mais perto do padrão de comportamento que o futebol dos machos apregoa como ideal? Se o ideário popular, reverberado pela maior parte da mídia, diz que futebol é coisa para macho e entende-se que o praticado por mulheres está longe de ser “feminino”, então não haveria problema!

Coisa para macho - Essa pedra no sapato foi colocada lá atrás, vem de longe

A Revista Educação Physica, editada entre 1932 e 1945, foi o primeiro periódico específico da educação física publicado no Brasil, ganhando força durante o período do Estado Novo, a partir de 1937, relata Goellner (2003). Nela, a mulher estava longe de ser aceita no mundo do esporte em pé de igualdade com o homem. Longe disso, estaria mais bem posicionada à frente do tanque ou do fogão. Lá, sim, deveria praticar seus exercícios diários. Num texto assinado pelo Dr. Humberto Ballaryni, assistente da Escola de Medicina, especializado em educação física, o título era claro: “Por que a mulher não deve praticar o futebol”.

[...] Não existe absolutamente inferioridade no valor físico da mulher, pelo contrário, estrutural e fisiologicamente o organismo feminino é mais complexo que o masculino. O que realmente existe é uma diferença funcional, missões a cumprir diametralmente oposta; razões pelas quais seus atos não devem ser computados por uma mesma norma.

Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando dessa maneira uma superioridade inexistente. Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera. A sublime missão destinada à mulher é a maternidade e toda sua formação física, moral e intelectual deve visar esse nobre objetivo. A beleza, a graça, o encanto, o carinho, a docilidade, o espírito altruístico de renúncia que fizeram de nossas mães o retrato da mulher contemporânea, são conquistas em nada inferiores aos grandes empreendimentos do gênero humano. Até, pelo contrário, são coadjuvantes e indispensáveis às novas conquistas que o homem venha realizar [...] O futebol é um esporte de ação generalizada, porém violento e prejudicial ao organismo habituado a esses grandes esforços. Além disso, o futebol provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino. Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordaremos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina (Revista Educação Physica, n.49, 1940: 36).

Estarrecedor! No lugar da bola, o tanque de lavar roupa. E não se fala mais nisso! Quando se trata de futebol, muita gente pensa assim, principalmente na mídia. O mais intrigante é que mesmo profissionais não ligados ao atraso assumem posições pré-históricas quando se debate a questão da mulher nos gramados tupiniquins. Invertendo uma das frases mais simbólicas do texto acima, talvez chegaremos a uma pista: “Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera”. Isso, na verdade, revela o medo da expropriação do patrimônio masculino pelas mulheres. De ver-se igualado e superado. Se elas obtiverem sucesso, como é que ficamos?

Não lembro de nenhum colega ter falado ou escrito que a bela mulher e extraordinária jogadora norte-americana Mariel Margaret Hamm, ou simplesmente Mia Hamm, 32 anos, camisa 9 às costas, eleita a melhor jogadora do planeta, deveria buscar outros horizontes profissionais. Afinal, nos Estados Unidos futebol é coisa para mulher. Aqui, nossa obrigação deveria ser estimular o debate. Ou simplesmente não ter um ponto de exclamação pintado no

rosto como se tudo fosse estranho. Retornando ao site de buscas Google, a pesquisa do nome “Mia Hamm” apresentou 117 mil páginas para serem consultadas.

No dia 8 de março de 2004, o técnico René Simões, casado há 28 anos, pai de três filhas - que afirma se sentir um pouco Chico Buarque para entender o universo feminino -, recebeu a seleção com flores no primeiro dia de treinamento. Foram cinco meses de um trabalho nunca visto. Na fase final de preparação, no dia 14 de julho, após uma semana de folga para as meninas, ele falou um pouco sobre essa relação com a seleção.

Trabalhando com elas, tenho um sentimento de covardia. Como alguém, tão apaixonado por uma bola como eu fui, não pode proporcionar que elas passem por isso? O amor delas pela bola, o prazer de jogar, é exatamente igual ao meu. Hoje lamento profundamente não ter dado uma bola para minhas filhas. Falta de apoio e preconceito não significa ausência de pressão. Talvez seja até maior. Esse considerável período de treinamentos serviu para reconstruir o futebol feminino no país. Meninas acima do peso, sem equipe ou campeonato para jogar, baixa auto-estima e falta de um sentido coletivo como fio condutor da seleção.

Esse foi o cenário encontrado pelo treinador brasileiro, que, nos dias que antecederam aos Jogos Olímpicos, respondeu inúmeras vezes sobre a perspectiva da conquista do ouro olímpico. Incrível! A seleção não vale um tostão furado, futebol é coisa para homem, mas todas as esperanças estavam depositadas nas mulheres. É assim que funciona: o que deveria ter sido feito em pelo menos quatro anos, dentro de princípios básicos de planejamento, surgiu em cinco meses. E só foi possível fazê-lo, que fique muito, mas muito claro mesmo, graças a não classificação do time masculino para Atenas. Se isso tivesse acontecido, certamente nossa equipe feminina estaria entregue, como sempre foi, às traças, com o apoio de mentirinha da Confederação Brasileira de Futebol e a miopia da mídia.

A própria televisão parte, então, para agir ela mesma como antropófaga em nome de sua platéia insaciável. Oferece festivais de pancadarias, mortes ao vivo, filmes baixos e apresentadores deseducados. Seu repertório parece uma explosão sem rumos. Mas, outra vez, é curioso: o ato de devorar os novos ingredientes do espetáculo – aí o campo da televisão como espaço público ou espaço comum se espalha como chamas, expandindo-se sobre o que toca e, no mesmo instante, destrói – não produz reelaborações criativas ou libertárias, mas simples acomodações. Tudo choca para que tudo fique como está. A TV, antropófaga em nome do público, acaba devorando-o (Bucci, 2003: 27). Como vai ser daqui para frente, como ficarão as mulheres do futebol com o término dos Jogos Olímpicos? Qual será o comportamento dos dirigentes e da mídia? Perguntas que o tempo responderá.

Como a seleção campeã mundial de 2002 escolheu Zeca Pagodinho e Ivete Sangalo para embalar a conquista do quinto título brasileiro em Copas do Mundo, as meninas de René Simões foram adotadas pelo sambista Jorge Aragão. O padrinho do futebol feminino recebeu do técnico René Simões a letra do que viria a ser uma espécie de tema da seleção olímpica de futebol.

*Foi amor à primeira vista
Eu mal pude me controlar
Pus uma bola aos meus pés
E sabia que tudo ia mudar*

*Pedi, orei, sonhei, roguei.
Mas não havia jeito*

Uma mulher jogando futebol no Brasil

*Só encontraria preconceito
Pensam que mulher é sexo frágil
E futebol é esporte de homem
Vocês estão enganados
E o meu sonho não há quem tome*

*Sou forte, sou destemida,
Sei sambar e sei jogar
Atenas que me espere
Pois cada barreira vai superar*

*Vai ser uma alquimia total
Vou transformar sonho em ouro
E ver a bandeira subir
Esse momento será um estouro*

*O futebol feminino lhe convida
Para entrar nessa dança
Só basta torcer e sonhar
Seja você homem mulher ou criança*

Referências bibliográficas

- BUCCI, Eugênio (Org.). *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- MEDINA, João Paulo Subirá. *O brasileiro e seu corpo*. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

PALESTRA DE ENCERRAMENTO

MULHER E ESPORTE: MITOS E VERDADES NO AMBIENTE ESPORTIVO >A VISÃO TRANSDISCIPLINAR DA PSICOSSOCIOLOGIA DO ESPORTE<

Prof^a. Dr^a. Sidinéia Gomes Freitas
Escola de Comunicações e Artes da USP

Participo do terceiro evento promovido pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Simões e recordo claramente do primeiro evento de que participei. À época, o professor acreditava que o tratamento dado ao esporte carecia de outras interfaces além daquelas que tradicionalmente estiveram aliadas à formação de profissionais. Estava certo o pesquisador, pois o esporte no país vem crescendo e começam a se destacar a contribuição de profissionais das ciências jurídicas, das ciências políticas e da comunicação. Em que pese a inquestionável necessidade de se estudar anatomia, por exemplo, o avanço tecnológico e o acesso que temos hoje à pesquisa demonstram claramente a inter e a transdisciplinaridade necessárias para quebrar barreiras do conhecimento e criar novas linhas de pesquisa. É preciso que o professor/pesquisador e os profissionais do esporte não se atenham, única e exclusivamente, à sua especificidade, conforme nos ensina Edgard Morin, que propões, inclusive, a reforma do pensamento no meio acadêmico.

Marilena Chauí, ao analisar a universidade brasileira, segue no mesmo sentido; e Alvin Tofler classifica a estrutura burocrática das universidades como burobaronesa. Em psicossociologia do esporte verifica-se a postura interdisciplinar na medida em que especialistas das áreas de Psicologia, Sociologia, Ciências Políticas e Jurídicas, Medicina, Administração, Comunicação, Estatística e tantas outras vêm estabelecendo mais que a interdisciplinaridade, mas a transdisciplinaridade entre os campos das ciências exatas, humanas e biológicas. No caso da Comunicação Social, três habilitações se destacam de forma bastante clara.

No Jornalismo, o jornalismo esportivo se destaca e se subsidia em várias outras áreas: a Política, a Sociologia, a Psicologia. Tornam-se, enfim, formadores de opinião sobre as grandes questões levantadas pela mídia esportiva.

No campo da Publicidade é impossível tratar de questões do marketing esportivo sem nos lembrarmos do papel desempenhado pelas grandes campanhas publicitárias e de seus paradigmas que, aplicados ao esporte, definiram o avanço das marcas e vêm facilitando o investimento em face das demandas por produtos esportivos. É no grande mercado publicitário que ocorrem as promoções esportivas, fazendo o negócio do esporte expandir-se em nível nacional e internacional.

Relações Públicas, “orquestradora” de todo o planejamento da comunicação, contribui transformando mitos do esporte em representações simbólicas de objetivos institucionais úteis à sociedade (organização, saúde, paz, harmonização de interesses, competitividade pelo talento do homem) e cuidando da imagem, do conceito favorável de organizações e de atletas. Preocupa-se em estabelecer a via de mão dupla entre organizações e seus públicos essenciais, gerenciando os relacionamentos e interferindo nos formadores de opinião (investidores, políticos, líderes de opinião, etc.).

Por acreditar que a Comunicação é uma atividade interdisciplinar por excelência, escolhi a correlação entre esporte e opinião pública para esta participação. Discorri, com base

na literatura, as questões relativas à formação e ao desenvolvimento da opinião pública com base em autores que tradicionalmente abordam o tema opinião pública. Procurei demonstrar que a classe política, os jornalistas, os líderes de opinião deveriam perceber as transformações que se avizinham, e que a massa já não assume mais a submissão tradicionalmente decantada, apesar de toda a força da mídia e do papel dos porta-vozes. Assim, a Comunicação se torna cada vez mais necessária, especialmente na vertente das Relações Públicas, para que os públicos se manifestem, se expressem, fazendo prevalecer seus reais interesses em prol dos objetivos mais elevados do esporte em nosso país. Foi por esta razão que escolhi para exemplo e discussão o caso de Fabiana, uma atleta que fechou contrato com a Golden Bingo, de Santa Catarina, para participar dos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004. O fato ocorreu em plena discussão sobre os efeitos negativos dos jogos de azar promovido pela mídia nacional, quando todos nós sabíamos que a discussão foi imposta para que não se destacasse o caso do Ministro e o perigo de uma CPI contra o Governo do PT recém-instalado. O fato é indicativo de mudança, até mesmo acerca da ética e moral de uma sociedade em mutação.

Agradeço ao promotor do evento, professor Simões, a oportunidade de manifestação.

ARTIGOS COMPLETOS E PAINÉIS

A IMAGEM CORPORAL FEMININA NA PUBLICIDADE DE REVISTAS ESPORTIVAS

Tereza. E. F. Penedo

Prof^ª. Dr^ª. Elaine Romero

*Laboratório de Estudos de Gênero e Motricidade Humana –
Universidade Castelo Branco - RJ*

A construção do estudo.

O estudo da motricidade humana tem vários marcos na sua história, e um deles é a cultura que encontra e executa, nas formas publicitárias exibidas nos espaços públicos dos agrupamentos urbanos, uma espécie de jogo na criação de miragens de uma facilidade/felicidade imediata a ser seguida por aqueles que dirigem seus olhares a esses veículos publicitários. Não resta dúvida de que a visão é o sentido humano mais aguçado. Atualmente, através das propagandas e da tecnologia, as imagens veiculadas são poderosas e com inúmeros efeitos, chamando a atenção desde a utilização das cores até as formas exóticas criadas pelos programadores visuais e designers, que atendem tanto o modo de projetar essas imagens como os meios utilizados pela mídia, uma vez que elas são direcionadas ao olhar atento das pessoas. Foucault (2001: 149) destaca os efeitos desse poder, manifestando que, “Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível (sic) do desejo [...] e também em nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz”.

Nessa engrenagem, a visão das possibilidades de construção e reconstrução do caminhar histórico trilhado pelas mulheres esportistas brasileiras, e a imagem corporal feminina publicitária em nossa sociedade, sofrem relações de poder. Nesse sentido, Louro (1995: 120) acrescenta que “as relações de poder [...] são sempre tensas e que mais se assemelhariam a uma batalha perpetua do que a uma conquista remetendo, portanto mais a processos, a práticas cotidianas do que os eventos acabados”.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é reconhecer as possíveis ligações entre o conteúdo das publicidades e a imagem corporal feminina no atual momento olímpico. Isso porque contamos com representantes em diversas modalidades de esportes com resultados internacionalmente expressivos, que auxiliam e facilitam a divulgação e o conhecimento dessas práticas esportivas, sejam elas olímpicas ou radicais, situação essa que justifica o tema escolhido. Siebert (1995: 31) nos adverte que nesta relação saber-poder, “[...]...a indústria cultural, através dos meios de comunicação, modela o imaginário, cria/ introjeta personagens, atitudes, ideais, impondo uma micro-política de relações entre os homens”. Partimos do pressuposto de que as revistas com teor esportivo impressas no Brasil, na medida em que oferecem leitura e imagem – as publicidades nelas contidas – contam com a particularidade de seu público (composto por pessoas praticantes de esportes), possibilitando assim a observação de características culturais no setor esportivo que são repassadas e que seriam ocultas nas mensagens que veiculam a imagem corporal feminina à luz de reflexos de nossa cultura, que relaciona mulher e questões de gênero. Assim considerando, expomos a seguir alguns personagens do sexo feminino que, entre várias outras atletas conhecidas na mídia escrita, apontam a presença atuante de mulheres no esporte brasileiro.

Quadro 1. Relação de esportes *versus* atleta de destaque.⁶⁴

Esporte	Atleta
Taekwondo	Natália Falavigna
Hipismo	Luciana Diniz
Iatismo - Vela	Carol Borges, Fernanda Oliveira
Esgrima	Elora Pattaro
Futebol	Tânia Maranhão, Roseli Belo, Delma Gonçalves
Atletismo	Elisangela Adriano, Alessandra Piccgevicz
Ginástica	Daiane dos Santos, Daniele Hipólito
Vôlei de Praia	Adriana Bear, Sandra Pires, Schelda, Ana Paula
Voleibol	Fernanda Venturini, Erika Coimbra.
Basquetebol	Janete Arcain, Karla Costa, Helen Luz
Judô	Edinancy Silva, Daniela Polzin
Saltos Ornamentais	Juliana Veloso
Natação	Flavia Delaroli, Rebeca Gusmão
Ciclismo	Jaqueline Mourão

O estudo exploratório descritivo circunscreveu-se na análise de vinte revistas esportivas, adquiridas para o presente propósito.⁶⁵ A maioria das edições é relativa aos meses de junho e julho de 2004; e dentre essa amostra, apenas sete exibem em suas capas imagens de mulheres. Dentre essas, quatro estampam atitudes atléticas esportivas, sendo que somente uma é representativa da etnia negra. Como estratégia metodológica contamos uma a uma todas publicidades em cada um dos vinte exemplares, e dentre esses os que ofereciam imagens femininas.

A imagem corporal, esporte e mídia: os achados

O esporte é um dos resultados culturais da corporeidade e da motricidade humana. Sua divulgação se faz no meio da sociedade, apesar de algumas leis nacionais, no seu percurso histórico, terem afastado a mulher da sua prática esportiva ao longo do tempo em nosso país. Essas leis geravam proibições às práticas corporais e esportivas que fossem incompatíveis com as condições da “natureza” feminina. Assim, a participação feminina em lutas, no futebol de campo e de salão, no futebol de praia, no pólo, no halterofilismo e no beisebol, entre outros, era vedada posto que o foco seria os contatos corporais. Atualmente, em nome de uma segurança individual pública e privada (que não deixa de assinalar a violência contra as mulheres), as lutas marciais nas academias são um exemplo notório de que as mulheres, além desses ditos benefícios, podem extravasar-se aprendendo a dar socos, joelhadas e pontapés, contrapondo-se a um comportamento outrora considerado inadequado, numa motricidade jamais vivenciada historicamente. Mas em sentido contrário, a publicidade ainda mantém determinantes sociais que são transmitidas para outras gerações, e que mostram a necessidade de se questionar o porquê dessa repetição. As revistas estudadas permitem algumas constatações e possibilidades de questionamentos relacionados aos esportes-temas e à imagem corporal como veremos na Tabela 1, a seguir.

⁶⁴ A maioria das atletas listadas foi relacionada com base na indicação do COB para Atenas.

⁶⁵ A escolha das revistas foi feita aleatoriamente, indagando aos vendedores a “indicação de revistas esportivas recentes”.

Tabela 1. A imagem corporal feminina em revistas esportivas.

Práticas esportivas	Revistas esportivas e valor de venda	Publicidades N = 426	Publicidade com imagem corporal feminina	
			N = 81	%=19,01
Tênis	Tênis n.13 – R\$ 6,90	24	04	
	Tênis n.15 – R\$ 6,90			
Ciclismo	Bike – R\$ 6,90	50	02	
	Cycle – R\$ 4,90			
Hipismo	Galope – R\$ 5,00	32	0	
	Horse mania – R\$5,00			
Futebol	Placar – R\$ 7,95	13	02	
	Revista 10 – R\$ 9,90			
Vela	Náutica – R\$ 9,00	55	08	
	Velejar – R\$ 7,90			
Musculação	Muscle in form – R\$5,90	35	06	
Atletismo	O2 – R\$ 8,50	22	04	
	Running – R\$ 7,90			
Skate	100%Skate – R\$ 4,90	40	02	
Surf	Hard Core n. 178	61	02	
	Hard Core n. 179 – R\$ 7,90			
Fitness	Boa Forma - Jun	81	51	
	Boa Forma - Jul – R\$ 6,90			
	Sport Life – R\$ 7,30			
Lutas Marciais	Jiu-Jitsu – R\$ 7,90	13	0	

Como vemos, entre as 426 publicidades encontradas nas vinte revistas que serviram de amostra, detectamos os esportes-temas e a imagem corporal feminina.

► *Esportes-temas* – Os esportes conhecidos formalmente na educação e considerados olímpicos, não são objeto de publicações específicas em distribuição mensal. A constatação cria uma idéia de que, apesar das notícias em forma de resultados de performances, personalidades do mundo esportivo ou artigos de interesse a esportistas, esses esportes não promovem, com sua publicidade, lucros econômicos específicos da modalidade que garantam uma edição mensal.

► *Imagem corporal* – Cabe ao homem, em revistas de esportes radicais principalmente, a publicidade com sua imagem corporal, ao ser participante ativo de ações espetaculares ou de força muscular. A mulher, com o seu corpo, é a maior participante do veículo publicitário da mídia esportiva no tocante à publicações a elas direcionadas ou a alguns segmentos específicos, economicamente viáveis ou condizentes com a estética em voga. Em seu artigo “Políticas de masculinidade”, Connell (1995: 199) reflete sobre o tipo de visão de mundo que

estamos tentando reproduzir, e que forças estão fazendo *escolhas*: “[...] escolhas que as crianças e os jovens estão enfrentando aqui e agora num bombardeio de publicidade disfarçada de esporte, [...] de sexo comercial disfarçado em liberdade pessoal”.

Os dados encontrados, como poderemos acompanhar na Tabela 2, sugerem que o lazer (como desfrute do objeto em causa), seguido da beleza, dos cosméticos, da higiene e da saúde, são itens ainda mais valorizados do que o esporte em si ou a prática esportiva.

Tabela 2. Produtos veiculados fazendo uso da imagem corporal feminina.

Produtos veiculados	N= 81	% da quantidade de anúncios com imagem corporal feminina
Cosméticos	17	20,9%
Vestuários/calçados esportivos	06	7,4%
Medicamentos/suplementos/higiene	09	11,1%
Tecnologia/Acessórios/Equipamentos	15	18,5%
Lazer/revistas/livros esportivos	23	28,40%
Esportes/prática esportiva	06	7,4%
Trabalho/Instituições bancárias	05	6,3%

Ao estudarmos os resultados encontrados, separando as publicidades que se referem a esportes/prática esportiva, veremos que essas são direcionadas a imagens corporais estreitamente ligadas à estética e à manutenção do corpo que é aceito na sociedade, adequadas aos padrões de comportamento vigentes. Também observamos a despreocupação dos editores em prestigiar ou fazer figurar entre os anúncios mulheres negras ou mulatas. Ao verificarmos a total ausência desse grupo étnico nas publicidades estudadas, remetemo-nos ao seguinte questionamento: “essas mulheres não fazem parte do mercado consumidor brasileiro?” A imagem corporal da mulher em plena ação de esforço na atividade física ou mostrando seu potencial esportivo com suas possibilidades de ação, são praticamente inexistentes. Sabemos que a imagem corporal representa o modo como percebemos o nosso corpo e a nossa aparência. Sabat (2001: 14), explica que “[...] pelas imagens publicitárias podemos observar como as relações de gênero estão sendo vistas por determinada sociedade, [...] quais os significantes mais diretamente relacionados aos comportamentos masculino e feminino desejados socialmente”.

Afinal, o que se repete em padrões publicitários e que também influencia na formação da nova geração – que se constitui de leitores e prováveis consumidores dos produtos veiculados nas revistas esportivas da atualidade – e no modo de representação da imagem corporal feminina? Como o poder se exerce ao utilizar essa imagem corporal?

Conclusão

A partir da desconstrução de mensagens de um discurso social e do modo como estão embutidas essas mensagens por meio da imagem corporal, como formadoras de possíveis identidades sobre gênero, é que descobriremos seu alvo. Afirma Louro (2000) que, “O *locus* da construção das identidades é o corpo. [...] Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo permanece, ainda hoje, como o alvo

mais visível e o mais claro representante da sexualidade”. Os estudos sobre publicidades apontam as formas sutis e os conteúdos continuamente adotados nas relações entre novas gerações no setor esportivo, em direção às imagens corporais utilizadas e de como ainda ocorrem permanências dos papéis sexuais geradores dos papéis de gênero e identitários entre os possíveis praticantes ou admiradores das diversas modalidades. Em artigo elaborado com base em sua tese de doutorado, Goellner (2000), destaca um conjunto de intenções quanto ao envolvimento das imagens femininas com base em um periódico esportivo, entre 1932 a 1945, que são: seja bela, seja mãe e seja feminina. Reportando ao padrão atual, com vistas à publicidade, poderíamos fazer uma adequação de dois pontos: seja sexy, seja sensual. A atração física é um dos caminhos mais empregados na publicidade, é o *sex-appeal*, o erótico do corpo. Esta idéia encontra respaldo em Foucault (2001: 234), que assim se expressa:

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade – Vocês são apenas o seu sexo – dizia-se a elas há séculos [...] sejamos sexo, mas em sua singularidade e especificidade irreduzíveis. Tiremos disto às conseqüências e reinventemos nosso próprio tipo de existência, política, econômica, cultural. Sempre o mesmo movimento: partir desta sexualidade na qual se procura colonizá-las e atravessá-la para ir à direção a outras afirmações.

O termo *sensual* também é próximo ao *sexy*, disfarçando esse sensual no modo de vestir, de deixar entrever as partes sensuais do corpo e no modo como é captada a imagem, no ângulo objetivado na lente fotográfica que irá compor a publicidade. Em relação ao ato de orientar, induzir ou persuadir comportamentos das massas em determinado sentido, e aproximando-se cada vez mais do dia-a-dia do consumidor, está explícito esse efeito do poder sobre o corpo, que é sinalizado, na área publicitária, na veiculação de imagens corporais. Essa veiculação publicitária em contínuo ato de fortalecimento das polaridades coloca o sucesso esportivo feminino apenas como ilustração, fazendo-nos inferir que as vitórias são praticamente ignoradas quando se trata do uso da imagem da atleta bem sucedida. Ocasionalmente, quando grandes eventos têm significativa repercussão, como os Jogos Olímpicos, oportunamente essas atletas são lembradas. Ao notarmos algo em constante repetição, reportamo-nos a Bourdieu (1995: 142) quando afirma que “não é possível dar conta da violência simbólica sem fazer intervir o *habitus* [...] e a questão das condições sociais das quais ele é produto”. E toda ação visando modificações desses hábitos adquiridos, pouco questionados, seus valores e as instituições que utilizam indiscriminadamente estes mesmos *habitus* que reforçam conceitos, revolve uma ordem estabelecida, não deixando de ser encarada como uma forma de subversão ao discurso social, mas que é uma importante forma de repensar o poder, e sua forma de etiquetar culturalmente as pessoas.

A questão da publicidade esportiva está direcionada ao corpo biológico, embora seu produto de venda seja, no caso dos exemplos, objetos de consumo, mas que utilizam em linguagem sub-liminar, uma questão de atitudes a serem seguidas. Mas esse corpo não é somente o corpo biológico, é aquele que é a imagem corporal de realidades sociais, históricas, econômicas e culturais em suas múltiplas relações estabelecidas com a sociedade, refletindo seus valores sendo rotulado, etiquetado, não só do objeto a ser consumido, mas também com a marca de preconceitos e com a valorização de pseudoqualidades embutidas que, na verdade, retiram o valor das diferenças.

A publicidade de atletas de sucesso e que poderiam gerar um maior conhecimento esportivo ao público, ficam dependentes dos patrocinadores e seus entendimentos econômicos com o atleta. Também existe a falta de oportunidades da exposição da imagem corporal

atlética feminina, pois corresponde a um desvio do que está padronizado na estética ditada pela moda e pela mídia. Além de imagens corporais femininas introspectivas, sensuais, lânguidas e sem ação, o corpo atlético da mulher ainda está fora da normalidade do mercado de consumo. A utilização da imagem corporal feminina na publicidade tem o objetivo de consumo e lucro imediato, como também reforça o não reconhecimento das possíveis mudanças sociais relativas ao desenvolvimento e reconhecimento do sucesso da mulher esportista brasileira. As práticas sociais esportivas que oferecem mercado publicitário diretamente, tanto de produtos como de serviços esportivos, ainda se inserem num espaço ditado pelos códigos sexuais, como também ainda refletem acomodação, movimentos que reproduzem a submissão, passividade e uma resistência para confirmar o sucesso e as possibilidades femininas em qualquer esporte e também como exemplos de vendagem.

As atividades publicitárias das revistas esportivas, ao envolverem a imagem corporal feminina, devem se ater que são participantes ativos da constituição, construção e expressão eventual da prática esportiva feminina tanto quanto da masculina. E que no tocante às mulheres, o que se vê é ainda uma relação difícil quanto ao uso da sua imagem nos espaços públicos, reduzindo-se esta união – imagem feminina *versus* publicidade – ao domínio do sexismo e ainda também configurando problemáticas de etnia. A necessidade de distinguir o alvo da mídia, nos faz inquirir quais os propósitos que estão em mira, quais instrumentos, além da imagem corporal, são utilizados para atingir seus objetivos, quais os conceitos que se tornam a sua munição, quais as qualidades inseridas nesses dardos que atingem a imagem corporal feminina na tentativa de explodir o fixo com o desvanecimento das possíveis miragens que iludem ou que servem de engodo.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.
- Educação e Realidade*. v. 20, n°2, p. 133-184, jul/dez, 1995.
- CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n° 2, p. 185-205 jul/dez. 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- GOELLNER, Silvana. Mulheres em movimento: imagens femininas na Revista de Educação Física. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 25, n° 2, p. 77-94, jul/dez 2000.
- LOURO, Guacira. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n° 2, p. 101-132, jul/dez. 1995.
- _____. Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 25, n° 2, p.59-75 jul/dez. 2000.
- Revista *Velejar*. Ano 2, n° 15. Rio de Janeiro:Velejar, jul. 2004.
- Revista *Tênis*. Ano 1, n° 13- 15, São Paulo: Pool, jun. 2004.
- Revista *Placar*. Ano 34, n° 127, São Paulo: Abril, jun. 2004.
- Revista *Muscle in Form*. Ano 6, n° 39, American Fitness: São Paulo, jun. 2004.
- Revista *Náutica*. N° 190, G.R.UM: São Paulo, jun. 2004.
- Revista *100% Skate*. Ano 9, n° 76, KataStrofe Mídia: Rio de Janeiro, jun. 2004.
- Revista *Hardcore*. Ano 15, n° 178-179, São Paulo: Escala, jun. 2004.
- Revista *Boa Forma*. Ano 19 n° 6- 7, São Paulo: Abril, jun. 2004.
- Revista *Horse Mania*. Ano III adição n° 9, Vitória: Bios, 2004.
- Revista *Tatame-Jiu-Jitsu*. Rio de Janeiro: Tatame, 2004.
- Revista *O2*. Rio de Janeiro: Editora Esfera BR Mídia, jul. 2004.
- Revista *Running*. Ano 1, Edição 12, São Paulo:Quinta Essência, 2004.
- Revista *Sport Life*. Ano III, n° 32. São Paulo: Motorpress do Brasil, 2004.
- Revista *CYCLE*. Ano 2, edição 5. São Paulo: Luana, 2004.
- Revista *BIKE*. Ano 4, n° 47. São Paulo: Action, 2004.
- Revista *Galope*. Ano 9, n°85. São Paulo: Tecla, 2003.

Revista 10. nº 01. São Paulo: Conrad, jul. 2004.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis: Scielo, v. 9, 2001.

SIEBERT, Raquel Stella de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, E. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1995. p.15-42.

O TÉCNICO COMO GESTOR DE RECURSOS HUMANOS DE EQUIPES FEMININAS: UM ESTUDO TEÓRICO DA REPRESENTAÇÃO DESSE PROFISSIONAL EM EQUIPES ESPORTIVAS DE ALTO RENDIMENTO

Rosemeire de Oliveira
Antonio Carlos Simões
Sônia Maria M. A. Dick
Adriana Silva

EEFUSP /Depto Esporte/LAPSE/GEPPSE

Uno entrenador que no repare em la complejidad de los hombres a los que enseña, organiza y dirige, será um entrenador incompleto.
Vázquez & Gayo (2000: 63)

Introdução

É indiscutível a relevância do esporte de alto-rendimento na sociedade atual e também fica evidente que a intervenção do treinador neste setor deve ultrapassar a mera condução do processo de treinamento desportivo (técnica, tática e física) e da direção pura e simples de equipes em competição. No contexto desportivo atual torna-se imprescindível que os treinadores assumam uma participação ativa nos âmbitos social, cultural e político (Vázquez & Gayo, 2000). Já, Cruz (*apud* Vázquez, 1999) e Gayo (2000) afirmam que o treinador de uma equipe trabalha com a vontade daqueles que ele treina e dirige, tendo de convencê-los para organizá-los, entendê-los para controlá-los e, finalmente, oferecer-lhes segurança por intermédio de seus conhecimentos para coordená-los.

Moser (2002), em sua coluna na internet, discutiu os estilos de comando de alguns técnicos. Mostrou as diferenças entre um estilo e outro, mas a pergunta sobre se o atleta depende deste ou daquele tipo de comando (intenso, exigente, enérgico...) para render, ou se existe uma maneira de trabalhar a concentração nos treinamentos e nos jogos, permanece. Cabe dizer que não existe um perfil único de treinador, o que existe é a necessidade de um técnico especializado, sem duvidar que existam outras características envolvidas no trabalho com mulheres atletas.

Nós temos uma equipe executiva mais experiente e talentosa do que qualquer um dos nossos concorrentes. Temos mais caixa do que eles. Graças a Martin e sua equipe, temos melhor tecnologia básica. E nosso Conselho de Administração é mais poderoso. No entanto, a despeito disso tudo, estamos atrás de dois concorrentes, tanto em termos de receita como de crescimento da base de clientes. Algum de vocês pode me dizer por que isso acontece? (Lencioni, 2003: 48)

Desempenho sem limite da mulher

As mulheres, proibidas de participarem dos primeiros Jogos da Era Moderna, em 1896, em Atenas, conseguiram provar sua competência.

A igualdade entre os sexos avançou antes no esporte que no cotidiano – nas ruas, nas escolas, no trabalho (Época, 2000: 4). O desempenho das mulheres no esporte ajudou a romper os tabus do mundo masculino. Uma mãe de dois filhos foi a sensação dos jogos de 1948. Aos 30 anos, a holandesa Fanny Blankers-Koen demonstrou, nas pistas de atletismo, que não poderia existir conflito entre a maternidade, papel exclusivo das mulheres, e o bom desempenho no esporte. Fanny desbancou concorrentes mais jovens e conquistou quatro medalhas de ouro, abrindo as portas para a força feminina (Época, 2000: 6).

A porção feminina do esporte brasileiro superou a média de participação na última Olimpíada de Sydney, em 2000 – 90 mulheres e 110 homens. De cada três brasileiros que vestiram o uniforme do Brasil, um era mulher (Veja, 2000: 72). Para a Olimpíada de Atenas, em setembro, elas serão 122, apenas uma a menos que o número de homens participantes, 123 (Albuquerque, 2004).

Em 1876, Anderson (1988) relata que Mary Marshall, de Chicago, desafiou Peter Van Ness, da Filadélfia, a três dias de corrida de pedestrianismo, esporte que requer mais resistência do que velocidade. O evento seria vencido por aquele que ganhasse duas das três provas. Mary Marshall ganhou.

A importância desta citação está na capacidade da mulher realizar todo o seu potencial, sentir-se segura suficientemente para desafiar as normas, progredir na atividade física e esportiva, e demonstrar que mulheres podem persistir além dos seus sonhos.

Todos os atletas sentem a importância de se sentirem mentalmente preparados e confiantes. Marshall sentiu-se assim quando desafiou Van Ness. Esta não foi a primeira vez que uma mulher competiu com um homem. Outros relatos puderam ser observados por Anderson (1988).

Muito do progresso da mulher é devido ao fato de ela estar competindo mais agora do que anteriormente, contudo este progresso é substancial. O que é impressionante neste progresso é porque veio em uma época na qual as funções das mulheres eram definidas primariamente por homens. Os homens sempre estiveram seguros sobre seu papel. Esta situação tem mudado nas últimas duas décadas, desde que a mulher começou a definir seu próprio papel na sociedade.

Substancial progresso no mundo do esporte tem ocorrido em razão da definição de funções específicas de cada sexo. O propósito em auxiliar na definição da função e no progresso da competição atlética não é comparar o desempenho entre homens e mulheres, mas sim, reconhecer a habilidade da mulher de realizar seu potencial, e, ainda mais importante, que técnicos, supervisores e pesquisadores, entre outros, expandam suas visões considerando a “mulher atleta”.

Em 1985, Anderson (1988) conduziu uma pesquisa com 127 indivíduos, todos com conhecimento e interesse em mulheres atletas. No total da amostra estavam 41 técnicos, 52 profissionais da área de medicina esportiva e, completando o grupo, atletas, estudantes e outros. Todos os indivíduos foram orientados a listar em uma folha de papel os atributos da mulher atleta. As respostas foram tabuladas, identificadas e agrupadas. As de maior frequência foram:

1. Determinação – desejo, dedicação para alcançar a meta, ambição, intensidade, força de vontade, persistência, perseverança, orientação para o sucesso, compromisso.

2. *Endurance* (resistência):
 - a) física: superação da lesão com menor trauma, maior comprometimento com o tratamento prescrito, consciência do seu corpo, flexibilidade, mecanicamente eficiente (não em força, mas em técnica);
 - b) psicológica: paciente, força mental, grande concentração.
3. Treinabilidade – respeito ao técnico; fácil acordo por causa de menor ego envolvido; escuta bem; paciente; administra bem o tempo; aprecia elogios, então trabalha duro na técnica; apoio à outra atleta; queixa-se menos; disposta a aprender; aberta a novas idéias e técnicas; deseja cooperar e comunicar-se com técnicos e pares; poucos hábitos ruins; compreende habilidades e executa-os bem.
4. Equipe – apoio à colega, boa relação interpessoal, orgulho na equipe, lealdade à equipe, trabalha bem em grupo, forte amizade.
5. Emoção/sensibilidade – habilidade para demonstrar sentimento, habilidade de se conhecer, cuidado, boa aceitação de *feedback*, os técnicos reconhecem as emoções da mulher atleta.
6. Motivação – ávida por desafios; orgulho por conquistas pessoais; desafio ao mito de mulheres atletas frágeis, estapolando seus limites; supera os estereótipos.
7. Visão realista das capacidades – percebe a competição como um todo; “o importante é competir e não vencer”; usa outras habilidades para vencer, e não apenas a força; é mais alegre.

Uma das razões pela qual o autor foca os atributos da mulher atleta é que mulheres estão desenvolvendo uma forte identidade no esporte. Oglesby (*apud* Anderson, 1988) comenta a poderosa influência da identidade do sexo. Os homens estiveram muito confortáveis com sua identidade por anos, porque eles viveram com a imagem do homem pelo homem, enquanto mulheres viveram com a imagem criada pelo homem no esporte e na sociedade. Esta situação está mudando. Muitas pessoas no esporte atual acreditam que nós estamos entrando em um período muito excitante na história do esporte. As mulheres estão frente a novas oportunidades por causa da inter-relação da habilidade física e preparação mental. A atleta acredita em si, se completa com o suporte de outros, como os técnicos, o que resultará em um progresso mais dinâmico. (Pela medalha no vôlei, Zé Roberto tenta entender as mulheres. In: Lajolo, 2004).

A figura do treinador

O esporte, igual a qualquer outro segmento da sociedade, constitui uma realidade em permanente mudança e evolução, e o treinador, como parte ativa deste contexto, não deve ignorar todas aquelas modificações que constantemente aparecem. A posição central do atual fenômeno esportivo é o treinador, e a crescente profissionalização e comercialização do esporte na atualidade fizeram com que a figura desse profissional fosse superada.

Desenvolver pessoas não é apenas dar-lhes informação para que elas aprendam novos conhecimentos, habilidades e destrezas e se tornem mais eficientes naquilo que fazem. É, sobretudo, dar-lhes a formação básica para que elas aprendam novas atitudes, soluções, idéias, conceitos e que modifiquem seus hábitos e comportamentos e se tornem mais eficazes naquilo que fazem. Formar é muito mais do que simplesmente informar, pois representa um enriquecimento da personalidade humana (Chiavenato, 1999: 290).

As pesquisas elaboradas na última década demonstram que a experiência e a observação de outros técnicos é que permanecem como busca primária de conhecimento. A formação e o contínuo desenvolvimento profissional fracassam se baseado efetivamente nesta experiência (Cushion *et al.*, 2003).

Os processos de desenvolvimento de pessoas estão intimamente relacionados com a educação. Educar (do latim, educare) significa extrair, trazer, arrancar. Em outros termos representa a necessidade de trazer de dentro do ser humano para fora dele as suas potencialidades interiores. A palavra educar significa a exteriorização dessas latências e do talento criador da pessoa. Todo modelo de formação, capacitação, educação, treinamento ou desenvolvimento deve assegurar ao ser humano a oportunidade de ser aquilo que pode ser a partir de suas próprias potencialidades, sejam elas inatas ou adquiridas (Chiavenato, 1999: 290).

O conjunto de circunstâncias que envolvem atualmente a direção de equipes esportivas com objetivos de alto rendimento é, entre outros, a obtenção de resultados positivos, interesses econômicos e políticos, que determinam tanto as capacidades como a formação necessária dos técnicos – autoridade máxima na condução de atletas e/ou equipes, para desempenhar esta tarefa, não se detendo exclusivamente ao aspecto técnico e específico em questão (Vázquez & Gayo, 2000).

A necessidade de obter os máximos resultados na competição desportiva, na qual os fatores de rendimento são apresentados com uma configuração pedagógica complexa, multidisciplinar, com diferenças de capacidades individuais e coletivas, determinou o perfil do treinador atual com base não só no aspecto técnico, mas também em outros aspectos que, em conjunto com esta função e tão importantes como ela, se completam. A função do treinador, em comparação a de um gestor de recursos humanos de uma empresa, apresenta pontos em comum. Sobre essa relação, Araújo (*apud* Vázquez, 1995) e Gayo (2000) afirmam que a atividade de ambos relaciona-se com a gestão de situações complexas (de turbulência e instáveis), orientados a conseguir objetivos comuns que, individualmente, não seriam possíveis de se alcançar.

O treinador na dimensão de gestor de recursos humanos, no seu papel de desempenhar corretamente suas funções de diretor do grupo esportivo, deverá utilizar adequadamente um trabalho mediador entre os diferentes elementos do clube (atletas, auxiliares, supervisores....), ou seja, como representante do clube a que pertence, ele deverá fazer a interação entre pessoas de dentro da estrutura ou fora da mesma, ocupando o seu posto de liderança.

Que grande aventura é uma viagem para tentar descobrir como é o espírito humano. É uma grande viagem porque ninguém é igual, e parece que são poucos os homens com esse espírito desbravador. Por tentarem entender outras pessoas, podem ser chamados de desbravadores. Aí está a grande dificuldade. As pessoas não conhecem a si mesmas. Imagine como é complicado, então, um homem conhecer outro. De certa forma, as pessoas que se dispõem a isso precisam ser [um] tanto sábias para entender e enxergar um indivíduo na realidade. Mais sábio ainda é aquele que enxerga as pessoas sem fazer com que elas se sintam invadidas e consegue conquistá-las com isso (Guimarães, 2002: 31).

Recursos humanos

Atualmente, o maior desafio para os executivos ou para aqueles que ambicionam tal cargo não é conhecer o mais novo programa de computador ou os detalhes do mercado globalizado. Trabalhar bem em equipe é o ponto crucial para todos os escalões, onde o sucesso depende de mais coisas do que simplesmente formação e competência pessoais. O talento só faz a diferença se combinado com a habilidade de atuar em equipe. Todo indivíduo que encontra apoio, sabendo que poderá ser compreendido e não punido, tem mais facilidade em aceitar novas idéias e sugestões (Goleman, 1995: 55).

A concepção e a visão dos recursos humanos⁶⁶ nas organizações evoluíram no último século. A idéia inicial de que o trabalhador não podia pensar e que a máquina tinha mais valor do que o indivíduo mudou. Ao contrário do que parece ser, as empresas atuais estão buscando líderes modernos esperando deles características que a humanidade há milênios tem dificuldade em praticar – as relações humanas. Faz parte do processo da civilização gerar riqueza, promover a comunicação global, desenvolver tecnologia em vários ramos da necessidade humana, mas não se pode perder de vista o ser humano.

As organizações antigas não permitiam que seus funcionários trouxessem os seus problemas pessoais para dentro de seu local de trabalho. Mas, em estudos recentes percebeu-se que na integração empresa/funcionário (em que o papel da empresa é de ajudar o funcionário a alcançar o seu bem-estar), o trabalhador aumentou consideravelmente a produção – quantitativa e qualitativamente –, por sentir-se seguro e tranqüilo em relação às suas necessidades, pois pode contar com a ajuda e a compreensão da empresa em que trabalha.

Abraham Maslow, em seu livro *Diário de Negócios de Maslow* (2003), apresenta o trabalho que mais o consagrou: ele acreditava que os seres humanos buscam, mais do que tudo, a auto-realização. O centro de sua tese é que as necessidades humanas estão organizadas hierarquicamente, da base para o topo, progressivamente, em níveis como: necessidades de sobrevivência, alimento e abrigo, que formam a base da pirâmide. Em seguida, estão necessidades por segurança e interação social, e, atingindo o grau máximo estão necessidade de aprender, crescer e alcançar seu potencial. À medida que as necessidades básicas tornam-se razoavelmente satisfeitas, as mais elevadas na escala tornam-se, sucessivamente, mais influentes na motivação do comportamento humano. Ao contrário, quando as necessidades básicas permanecem insatisfeitas, fatores como aprendizagem, criatividade, inovação ou auto-estima continuam estagnados, sem jamais atingirem a superfície.

Em uma análise de Sánchez e Arcos (2003) sobre os aspectos estratégicos (pessoal, produto, processo e produtividade) ao longo da história (passado, presente e futuro), o aspecto pessoal foi o que mais se modificou do ponto de vista cultural, ou seja, de ser considerado como um elemento que não tinha voz ativa e era explorado em jornadas de trabalho intensas, para ser considerado o ativo mais importante da organização nos dias atuais. Sánchez e Arcos (2003) citam, ainda, o livro de McGregor *El lado humano de la organización*, de 1960, em que o autor enfoca dois extremos dos recursos humanos e de como deveriam ser. Estes dois pontos de vista levam, por sua vez, a dois estilos de direção diferentes, um autocrático que corresponde basicamente ao passado, e outro com base na liderança, e que vem a ser o sistema de gestão do futuro.

⁶⁶ Pessoas que trabalham em uma organização, também denominadas de pessoal (Sánchez e Arcos, 2003: 71).

Quanto mais uma pessoa evolui, quanto mais psicologicamente saudável ela se torna, maior será a necessidade de uma política de gerenciamento esclarecido para sobreviver à competição e mais desvantagens encontrará a empresa com política autoritária (Maslow, 2000: 97).

Segue-se que as organizações precisam preparar as pessoas com ferramentas fundamentadas para potencializar comportamentos e atitudes de liderança. O líder – a pessoa que exerce uma liderança, além do seu encargo de gerar resultados para a empresa, tem responsabilidade de criar valores nos seres humanos em seu convívio profissional. Segundo Thiede (2003) pesquisas feitas nos Estados Unidos nos últimos anos revelam que, dentre os fatores principais de permanência nas organizações, o principal é o comportamento da chefia em termos de ética, integridade e respeito na condução de equipes e saber que não há como alcançar resultados se não for por meio do esforço de pessoas lideradas e tendo, na comunicação, a ferramenta principal para o desenvolvimento da organização.

Todas as eras que não a nossa tiveram o seu modelo, seu ideal. Mas nossa cultura abriu mão de tudo isso; o santo, o herói, o cavaleiro, o cavaleiro, o místico... Talvez, em breve, possamos usar como nosso guia e modelo o ser humano em total crescimento e em processo de auto-realização. Um ser humano cujas potencialidades estão alcançando o total desenvolvimento, cuja natureza interna se expressa livremente (Maslow, 1998: 21).

Considerações finais

Ao julgar por toda a atenção que o tema tem recebido de estudiosos, treinadores, professores e mídia, o trabalho em equipe continua sendo muito difícil de ser definido na grande maioria das organizações e isso parece não ser diferente em equipes esportivas femininas. O fato importante e inegável é que as equipes – por serem compostas por seres humanos imperfeitos possuem disfunções inerentes. Fica claro que o papel do treinador é o de um gestor de recursos humanos, um técnico desportivo especializado, um líder equilibrado emocionalmente e altamente motivador e conhecedor do seu pessoal (equipe).

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Adriano. Beldades. *Revista Lance!A+* : online, São Paulo, Lancenet, esportes. Disponível em: <<http://www.lancenet.ig.com.br>>. Acesso em: 31 jul. 2004.
- ANDERSON, John E. Women and sport psychology: an applied perspective. In: PUHL, Jacqueline; BROWN, C. Harmon & VOY, Robert O. *Sport science perspectives for women*. Illinois, p. 199-203, 1988.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. 14. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- CUSHIO, Christopher J., ARMOUR, Kathy M. & JONES, Robyn L. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. *Quest*. Illinois, v. 55, n. 3, p. 215-230, ago. 2003.
- ÉPOCA. São Paulo: Globo, n.112, jul. 2000.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GUIMARÃES, José Roberto. O desafio de ser líder. In: FERREIRA, André Felipe Falbo. *Um por todos, todos por um: lições da equipe campeã olímpica de vôlei*. São Paulo: [s/ ed.], 2002. p.28-48.
- LAJOLO, Mariana. Pela medalha no vôlei, Zé Roberto tenta entender as mulheres. *Folha de S. Paulo*: online. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://www.folha.com.br>> . Acesso em: 28 jul 2004.
- LENCIONI, Patrick. *Os 5 desafios das equipes: uma fábula sobre liderança*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- MASLOW, Abraham H. *Maslow no gerenciamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.
- _____. *Diário de negócios de Maslow*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.
- MOSER, Ana. *Como comandar uma equipe de vôlei?*. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/anamoser/coluna24102001.htm>>. Acesso em: 27 jan 2002.

SÁNCHEZ, Verónica Morales; ARCOS, Juan Carlos Maestro. Aspectos básicos para la eficacia de los recursos humanos em las organizaciones deportivas. In: MENDO, Antonio Hernández. *Psicología del deporte*. Buenos Aires: EF y Deportes, v. 3, p. 69-79, 2003.

THIEDE, Celso Luís. Organizações procuram o líder da nova era com competências antigas. *Estilo e Gestão RH – Catho Online*. São Paulo, 13 fev. 2003. Disponível em: <<http://www.catho.com.br>>. Acesso em: 13 fev. 2003.

VÁZQUEZ, Angel Vales & GAYO, Alberto Areces. Dimensiones de la figura del entrenador profesional en los deportes de equipo. *Apunts*. Portugal, n. 62, p. 58-66, 4º trim. 2000.

VEJA. São Paulo: Abril, abr. 2000.

MOTIVOS PARA O INÍCIO DA PRÁTICA DE NATAÇÃO E HIDROGINÁSTICA EM ACADEMIAS PARA MULHERES ADULTAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Simone Tolaine Massetto

João Paulo Dubas

Carla Nascimento Luguetti

Antônio Carlos Mansoldo

LADESP/EEFEUSP/FEFESP/UNISANTA, FIG

Introdução

Muitos são os estudos que apontam para a prática da atividade física (AF) como forma de promoção da saúde (Blair, 1995; Bouchard *et al.*, 1990; Carron, Hausenblas & Mack, 1996; Dishman & Gettman, 1990; Nieman, 1999; Powell, 1988; Robertson & Mutrie, 1989; Spink & Carron, 1992, 1993). A escolha dessa atividade vai de encontro aos interesses pessoais. Alguns indivíduos preferem atividades terrestres, como ginásticas, corridas ou caminhadas. Existem, porém, outros que preferem essas atividades praticadas no meio líquido, como são os casos da natação e da hidrogenástica. Toda a AF deve ser entendida não somente pelo componente biológico-motor, mas também por sua dimensão cultural (Malina, 2001; Saba, 2001). Não é só a prática em si que torna a atividade importante, mas o que esta representa social e culturalmente dentro de uma região. A escolha da atividade tem relação direta com a preferência individual do sujeito, e também com a representação que esta atividade tem dentro do núcleo social estudado. A atratividade da modalidade deve ser adequada aos interesses do público, porém estes interesses precisam ser conhecidos.

Atualmente a mulher ocupa um lugar de destaque no mercado de trabalho e na sociedade. Luta por seus interesses e ideais. A prática de uma atividade física parece ser uma constante entre o público feminino, pois existe a preocupação com a estética e com a saúde. Algumas mulheres preferem atividades terrestres, como ginásticas, corridas e caminhadas, e outras que preferem essas atividades praticadas no meio líquido, como é o caso da natação e da hidrogenástica. Existe uma cultura regional na cidade de Santos-SP em que a atividade física é valorizada. Devido ao clima, geralmente quente, e às características geográficas adequadas, a prática de uma atividade física é incentivada, principalmente entre o público feminino. Existe uma tradição na região pela prática de esportes aquáticos, o que faz com que a Natação e a Hidrogenástica sejam procuradas. A escolha e a busca da atividade vão de encontro aos interesses individuais, ou por vezes, por indicação de profissionais da área da saúde. Pelo fato de as atividades realizadas dentro do meio líquido reduzirem os traumas decorrentes de impactos sofridos por ossos e articulações, costumam ser atividades indicadas pelos médicos (Baum, 2000; Cureton, 2000).

Nos últimos 15 anos, o interesse sobre os motivos que levam indivíduos a manter a prática de uma AF cresceu (Dishman, 1988, 1990; Kahan, 2002; Saba, 1999; Stefanelo, 1989), porém, Saba (2001) afirma que ainda existe uma carência de literatura nacional a respeito do assunto. É importante conhecer os motivos que levam indivíduos a buscar estas atividades aquáticas podendo assim compreender melhor os interesses iniciais do público feminino auxiliando os profissionais da área a aumentar a atratividade de seus cursos, adequando a atividade aos interesses dos alunos. Diante da necessidade de conhecer melhor o comportamento das mulheres na prática de uma atividade aquática, este estudo buscou verificar, nas academias da cidade de Santos que oferecem programas de natação e hidroginástica, os motivos que levam as mulheres adultas a ingressar na atividade. Também se buscou verificar se estes motivos mantêm-se ou diferem com o aumento da idade cronológica, e com a escolha da modalidade.

A manutenção da prática de uma atividade aquática, assim como toda a atividade física, é um comportamento. Muito se estuda sobre este comportamento, e alguns modelos foram desenvolvidos para melhor compreendê-lo (Dishman, 1995; Prochaska & Marcus, 1994; Sallis & Hovell, 1990; Weinberg & Gould, 2001). Sallis & Hovell (1990) apresentaram um modelo no qual este comportamento é dividido em etapas que passam do sedentarismo para a adoção de uma atividade física e, a partir daí, para duas direções a serem tomadas: a manutenção da prática ou a desistência. Da desistência, volta-se (ou não) à adoção da atividade. Prochaska & Marcus (1994) propõem o modelo transteórico em que acreditam que o ingresso e a permanência em uma determinada atividade física segue um processo de estágios. O movimento através destes estágios é cíclico, e não-linear (Weinberg & Gould, 2001). Evidencia-se, neste modelo, cinco estágios:

- a) pré-contemplação – indivíduos pretendem começar a sair do estado de ócio, sedentarismo para ingressar em uma AF;
- b) contemplativos – indivíduos apresentam uma vontade maior que a fase anterior de iniciar uma AF;
- c) preparações – indivíduos começam a deixar o sedentarismo iniciando uma AF, porém eventual, não regularmente;
- d) ação – os indivíduos exercitam-se regularmente, porém o fazem a menos de seis meses, o que sugere um estágio muito instável;
- e) manutenção – indivíduos exercitam-se regularmente, por mais de seis meses, e se permanecerem neste estágio por mais de cinco anos provavelmente serão fisicamente ativos durante a vida (Prochaska & Marcus, 1994; Weinberg & Gould, 2001).

É importante conhecer o estágio em que se encontra o indivíduo, pois os profissionais que trabalham com este público devem ter estratégias de ação distintas em cada estágio para que a estimulação seja eficiente. (Dishman, 1988; Weinberg & Gould, 2001)

Método

Amostra

Participaram, deste estudo, 25 mulheres praticantes de natação e/ou hidroginástica com idades entre 25 e 56 anos. A idade média foi 38,2 anos (desvio padrão = 10,7 anos). As mulheres foram voluntárias e conscientes dos objetivos e das finalidades do estudo, que foram especificados em um termo de consentimento de participação assinado por todas. Esta amostra é proveniente de duas academias especializadas da cidade de Santos.

Instrumento

Foi utilizado um questionário estruturado composto de questões fechadas. Inicialmente foram verificados os aspectos sociodemográficos (idade, grau de instrução, renda ocupação e estado civil), posteriormente foi-lhes apresentada uma afirmação na qual elas poderiam optar por cinco respostas diferentes (discordo totalmente, discordo em parte, neutro, concordo em parte e concordo totalmente). A afirmação: “*Comecei a praticar esta atividade física*” é completada por frases que buscam identificar, na percepção das participantes, as variáveis que identifiquem o(s) motivo(s) do início da prática. Neste grupo, os itens *a, c, h, i e j* estão relacionados à motivação interna em que o interesse e a vontade para iniciar a prática partiu do próprio indivíduo. Já aos itens *b, d, e, f e g*, estão relacionados à motivação externa, cujos fatores externos ao indivíduo o levaram a buscar esta prática (Samulski, 2002, Weinberg & Gould, 2001).

Análise estatística

Os dados foram analisados descritivamente por meio de médias, desvios-padrão e porcentagens para as variáveis sociodemográficas. Utilizou-se o pacote estatístico SPSS for Windows (v.10.0) para a comparação entre as faixas etárias e modalidades, com inferência por meio da prova estatística qui-quadrado estabelecendo-se significância estatística em $\alpha \leq 0,05$.

Resultados

1) Características sociodemográficas

Tabela 1. Características sociodemográficas em frequência e porcentagem.

Variável	Categoria	N	%
Atividade Praticada	Natação	15	60
	Hidroginástica	10	40
Idade	De 25 a 39 anos (Grupo 1)	14	66
	De 40 a 59 anos (Grupo 2)	11	44
Estado civil	Casada	13	52
	Solteira	12	48
Ocupação	Empregada	24	96
	Aposentada	1	4
	Dona de casa	0	0
Renda	Até 780 reais	2	8
	De 781 a 2340 reais	11	44
	De 2341 a 3120 reais	1	4
	De 3121 a 5200 reais	4	16
	Mais de 5201 reais	7	28
Escolaridade	Ensino médio completo	2	8
	Ensino superior incompleto	4	16
	Ensino superior completo	17	68
	Pós-graduação completa	2	8
Total		25	100

Verifica-se que mais da metade do grupo pratica hidroginástica (60%) e são casadas (52%). A grande maioria possui um emprego (96%). Com relação à renda mensal, a maior

parte (52%) recebe até 2.340 reais (até nove salários mínimos), e 68% possuem ensino superior completo.

2) Motivos para o início da prática e comparação por grupo etário e por modalidade.

Tabela 2. Motivos para início da prática em porcentagem.

Comecei a praticar esta atividade física:					
	Discordo Totalmente	Discordo em parte	Neutro	Concordo em parte	Concordo totalmente
a. Para aprender a nadar	28%	0%	8%	20%	44%
b. Pois amigos e ou familiares me incentivaram	16%	0%	52%	4%	28%
c. Pois criei o hábito, pois sempre pratiquei	28%	4%	36%	8%	24%
d. Para manter a saúde	0%	0%	4%	12%	84%
e. Por orientação do médico	16%	0%	24%	32%	28%
f. Por influência da publicidade (revistas, TV...)	60%	0%	28%	4%	8%
g. Para melhorar a aparência, por estética	8%	8%	16%	20%	48%
h. Pelo prazer de praticar uma atividade dentro da água	0%	0%	12%	20%	68%
i. Para pertencer a um grupo social	36%	8%	52%	4%	0%
j. Para perder o medo da água	52%	0%	24%	4%	20%
k. Outros	0%	0%	0%	0%	0%

Verifica-se que 44% da amostra concordam totalmente com a afirmação “Comecei a praticar esta atividade física” para “aprender a nadar”, 84% para “manter a saúde”, 48% para melhorar a aparência e 68% pelo prazer de praticar uma atividade dentro da água. Da amostra, 60% discordam totalmente que foi “por influência da publicidade (revistas, TV...)”, e 52% “para perder o medo da água”. Quando os dois grupos etários são comparados (Grupo 1 de 25 a 39 anos e Grupo 2 de 40 a 59 anos), observa-se diferença significativa nas variáveis:

- (por orientação médica) de $p = 0,03$, onde o grupo 1 apresenta maior porcentagem de concordância total, enquanto o grupo 2, em concordar em parte, porém os dois grupos concordam com a afirmação.
- (pelo prazer de praticar uma atividade física dentro da água) de $p = 0,06$, onde o grupo 1 apresenta maior porcentagem de concordância em parte, enquanto o grupo 2, em concordância total, porém os dois grupos concordam com a afirmação.
- (para perder o medo da água) de $p = 0,02$, em que o grupo 1 apresenta maior porcentagem de discordância total, enquanto o grupo 2, em concordância total. Nesta variável parece haver uma grande discrepância de interesse entre os grupos etários.

Quando as modalidades são comparadas, observa-se diferença significativa nas variáveis:

- (para aprender a nadar) de $p = 0,02$, onde quem pratica hidroginástica tende a discordar totalmente, enquanto quem pratica natação tende a concordar totalmente.

- b) (pois amigos e familiares me incentivaram) de $p = 0,02$, onde quem pratica hidroginástica tende a discordar totalmente, enquanto quem pratica natação tende a concordar totalmente.
- c) (por influência da publicidade, revistas, TV...) de $p = 0,02$, onde quem pratica hidroginástica tende a discordar totalmente, enquanto quem pratica natação tende a permanecer neutro à afirmação.

Discussão e considerações finais

Esta amostra apresenta grau de instrução elevado o que vai de encontro com estudos que apresentam uma correlação positiva entre grau de instrução e prática de uma AF (Dishman & Sallis, 1994; King *et al.*, 1992; Stephens e Caspersen, 1994). A maioria possui uma profissão (96%), portanto encontra-se ativa no mercado de trabalho. A correlação entre estar no mercado de trabalho e praticar uma atividade física não é conclusiva (King *et al.*, 1992). Dishman & Sallis (1994) apontam uma correlação positiva entre a condição financeira e a prática da atividade física, porém esta amostra não apresenta um padrão econômico muito elevado. A busca pela atividade com a intenção de preservar a saúde mobiliza 84% da amostra quando afirmam “concordar totalmente” com esta variável, o que vai de encontro ao esperado.

Quando as modalidades são comparadas, parece que o público que pratica natação difere do público que pratica hidroginástica em relação aos motivos para início de prática, quando se trata da variável “aprender a nadar”. O mesmo acontece com a variável “pois amigos e familiares me incentivaram”. Supõe-se que quem pratica hidroginástica não tem como motivo de ingresso na atividade o aprender a nadar. Também não parece ser por incentivo de amigos e familiares, diferente do público que procura a natação.

Quando comparados os grupos etários, nota-se diferença significativa na variável “para perder o medo da água”. Embora exista esta diferença, ela ocorre entre “concordo totalmente” e “concordo em parte”, porém a tendência dos dois grupos é para concordar com a afirmação. A variável parece ser um incentivo maior para o público com idade cronológica maior.

Referências bibliográficas

- BAUM, G. *Aquaeróbica: manual de treinamento*. São Paulo: Manole, 2000.
- BLAIR, S. N. Exercise prescription for health. *Quest*, n. 47, p.338-353, 1995.
- BOUCHARD, C. Discussion: heredity, fitness and health. In: BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R. J.; STEPHENS, T.; SUTTON, J. R., & McPHERSON, B. D. *Exercise, fitness and health: a consensus of current knowledge*. Champaign; [s/ ed.], 1990.
- CARRON, A. V.; HAUSENBLAS, H. A. & MACK, D. Social influence and exercise: a meta-analysis. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 18, p. 1-16, 1999.
- CURETON, K.J. Respostas fisiológicas ao exercício na água. In: RUOTI, R. G.; MORRIS, D. M. & COLE, A. J. *Reabilitação aquática*. São Paulo: Manole, 2000.
- DISHMAN, R. K. & GETTMAN, L. R. Psychobiologic influences on exercise adherence. *Journal of Sport Psychology*, n. 2, p. 295-310, 1980.
- _____. *Exercise adherence: it's impact on public health*. Champaign, Illinois: Human Kinetics USA, 1988.
- _____. Determinants of participation in activity. In: BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R. J.; STEPHENS, T.; SUTTON, J. R. & McPHERSON, B. D. *Exercise, fitness and health: a consensus of current knowledge*. Champaign: Human Kinetics, cap. 7, p. 75-101, 1990.
- _____. & SALLIS, J. F. Determinants and interventions for physical activity and exercise. In: BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R. J. & STEPHENS, T. *Physical activity, fitness and health: international proceedings and consensus statement*. Champaign: Human Kinetics, cap. 13, p. 215-38, 1994.
- _____. Exercise adherence. In: WEINBERG, R. S. & GOULD, D. *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaign: Human Kinetics, cap. 36, p. 779-798, 1995.

- KAHAN, D. Religious as determinant of physical activity: the case of Judaism. *Quest*, 54, p. 97-115, 2002.
- KING, A. C. *et. al.* Determinants of physical activity and interventions in adults. *Medicine and Science in Sport and Exercise*, v. 24, n. 6, p. 221-36, 1992. Supplement.
- MALINA, R. M. Adherence to physical activity from childhood to adulthood: a perspective from tracking studies. *Quest*, (Champaign. III), 53 (3), p. 346-355, aug. 2001.
- NIEMAN, D. C. *Exercício e saúde*. São Paulo: Manole, 1999.
- POWELL, K. E. Habitual exercise and public health: an epidemiological view. In: DISHMAN, R. K. *Exercise adherence: it's impact on public health*. Champaign, Illinois: Human Kinetics USA, 1988. Cap. 1. p. 15-40
- PROCHASKA, J. O. & MARCUS, B. H. The transtheoretical mode: application to exercise. In: DISHMAN, R. K. *Advances in Exercise Adherence*. Champaign: Human Kinetics USA, 1994. Cap. 6. p. 161-180.
- ROBERTS, G. C., SPINK, K. S., PEMBERTON, C. L. *Learning in sport psychology*. Champaign, Illinois: Human Kinetics, 1986. p. 133-37.
- SABA, F. K. F. *Determinantes da prática de exercício físico em academias de ginástica*. São Paulo. 1999. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo.
- SABA, F. K. *Aderência à prática de exercício físico em academia*. Manole: São Paulo, 2001.
- SALLIS, J. F. & HOVELL, M. F. Determinants of exercise behavior. *Exercise and Sport Science Review*, n. 18, p. 207-330, 1990.
- SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte*. São Paulo: Manole, 2002. Cap. 6. p. 103-125.
- SPINK, K. S. & CARRON, A. V. Group cohesion and adherence in exercise classes. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, n. 14, p. 78-86, 1992.
- STEFANELO, L. L. *Motivos para a prática regular de atividade física*. 1989. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo.
- STEPHENS, T. & CASPERSEN, C. J. The demography of physical activity. In: BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R. J. & STEPHENS, T. *Physical activity, fitness and health: international proceeding and consensus statement*. Champaign: Human Kinetics, 1994. Cap. 12, p. 204-213.
- WEINBERG, R. S. & GOULD, D. *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ATIVIDADES FÍSICAS E SAÚDE: MUSCULAÇÃO PARA MULHERES ACIMA DE 50 ANOS.

Ivonete Mariano de Souza Câmara
Cássia Luzia Araújo Santos
IMENSU – Faculdade de Mairiporã
Mestre em Educação Física

Introdução

Com o avanço da ciência, em uma época que a plasticidade está voltada à transformação desenfreada da estética corporal, podemos ver mulheres acima de 50 anos negando a sua própria realidade física e valorizando o corpo jovem, tendo como parâmetros os modelos que se destacam em passarelas ou até mesmo os corpos trabalhados das grandes atletas olímpicas, que a mídia erroneamente apresenta como o *top* da moda. Podemos perceber o elevado número de pessoas utilizando os meios da ciência cirúrgica, esquecendo o grande “segredo” que é o exercício físico. Acreditamos que pode ser muito mais fácil chegar a essa faixa etária praticando atividade física, estimulando o corpo com exercícios para manter-se bem, diminuindo o risco de doenças, fortalecendo os sistemas, melhorando a saúde psíquica, mental e social, pois as mulheres na citada faixa etária, já sentem as modificações biológicas do corpo, devido à menopausa, à osteoporose, às alterações celulares e à flacidez, tendo, por consequência, a perda da auto-estima, como vemos a seguir:

A senescência, que é um fenômeno fisiológico, arbitrariamente identificado pela idade cronológica, pode ser considerado um envelhecimento sadio, onde o declínio físico e neural é lento, sendo compensado, de certa forma pelo organismo (Nadeau & Peronnet, 1985 *apud* Simões, 1994: 22).

Partindo destas afirmações e analisando os fatos sociais em que as mulheres nesta fase estão com seus filhos crescidos, algumas aposentadas, outras viúvas, geralmente com tempo disponível, é importante e saudável que procurem manter-se ativas para que não haja uma aceleração do processo de envelhecimento. Portanto, observa-se as experiências sensório-motoras para a exploração do meio físico, utilizando sentidos tátil-cinestésico, visual, auditivo, observando a percepção de corpo, espaço, com o objetivo de valorizar as atividades físicas, desenvolvendo a criatividade e a criticidade espontânea, ampliando a consciência corporal, aumentando a percepção do corpo no tempo/espaço, melhorando as condições físicas e psíquicas com exercícios físicos e lúdicos, envelhecendo com consciência e qualidade de vida, mantendo a atividade física para prevenir doenças. Percebe-se que há uma perda da força e massa muscular correspondente a cerca de 10% a 20%, por volta dos 60 anos e 40% após os 70 anos (Gallahue Ozmun, 2001), diminuindo a eficiência da capacidade de executar trabalhos, caracterizado pela lentidão e a diminuição da coordenação fina dos movimentos.

A velhice deve ser analisada como “uma etapa da vida” na qual, em decorrência da alta idade cronológica, ocorreu modificações biopsicossocial que afetam a relação do indivíduo com o meio. (Salgado, *op. cit.*: 29)

Enfatizando as atividades físicas, mais especificamente a musculação, percebemos os benefícios dos exercícios que retardam o envelhecimento cronológico e mantêm uma conotação positiva no sentido de um bom viver.

Objetivo

As estatísticas do número de idosos apontam que esse segmento atingirá o montante elevado até o ano de 2025 (Cortez, Cortez & Simões, 1994: 183). A partir daí, temos como objetivo um estudo que, segundo Marconi e Lakatos (2002: 21), caracteriza-se como bibliográfico e observatório “por utilizarmos materiais escritos”, assim como uma pesquisa de cunho social, ainda segundo os autores é “quando visa melhorar a compreensão de ordem, de grupos, instituições sociais e éticas”. Em outras palavras o objetivo deste trabalho é identificar, em literatura, como desenvolver as atividades físicas para que possamos trazer benefícios de como viver mais tempo e melhor, evitando doenças, aliviando dores e estresse, tornando o praticante mais forte, melhorando seu metabolismo e sua saúde psíquica.

Material e método

A partir das atividades desenvolvidas com as pessoas da idade citada, podemos definir que, para alcançar benefícios e bem-estar, devemos realizar um trabalho aeróbico em esteiras e bicicletas ergométricas para evolução cardiovascular, enfatizando o desenvolvimento circulatório e respiratório, gasto energético para perda de peso e aquecimento para, posteriormente, realizar os exercícios anaeróbicos.

Após este trabalho, podemos começar uma etapa mais enfatizada no trabalho de força, resistência e flexibilidade que podemos encontrar na realização dos exercícios anaeróbicos

com máquinas e equipamentos para musculação, em todos os grupos musculares, como pernas, peitoral e bíceps, costas, ombro e tríceps, distribuídos em séries e repetições, materiais exclusivos para musculação ou alternativos que possam trazer resultados aos estímulos pretendidos de acordo com a capacidade do indivíduo, respeitando sempre o seu corpo e o seu limite.

Mulher e exercícios físicos

Devido à constatação – por meio das aulas ministradas na academia da cidade da região da grande São Paulo – em que o exercício físico é prevenção à saúde, as mulheres passaram a frequentar mais as academias, não para estética e sim para qualidade de vida, assumindo as atividades como papel prioritário em suas vidas. Segundo os autores, Cortez, Cortez, Simões (1994: 193), as mulheres procuram mais as academias para perda de peso e acabam descobrindo os benefícios que os exercícios proporcionam em caráter de bem-estar. Muitas vezes elas escolhem seus próprios exercícios, mas cabe ao professor de educação física prescrever corretamente os exercícios para melhorar a aptidão física. Segundo Weinwek (1991, *apud* Cortez, Cortez e Simões, 1993), “Fisiologicamente a mulher difere muito do homem devido à maturação mais rápida”, portanto, com uma orientação do instrutor ou professor de educação física, fica muito mais fácil obter o resultado desejado. Segundo Cortez, Cortez e Simões (1994) relacionado ao exercício físico-musculação, a mulher possui a massa muscular em menor proporção, resultando também em menor força.

O metabolismo basal-mulher determina a grande diferença pela quantidade de tecido adiposo, acarretando menor perda de calor, portanto, menor quantidade de massa muscular, o que significa menor quantidade de energia. O fato de a mulher apresentar menor força é devido à transpiração. Elas apresentam menos glândulas sudoríparas e o esgotamento acontece rapidamente em relação à desidratação. Com o avanço da idade, a pessoa fica vulnerável a doenças, definindo doença como um desequilíbrio do organismo que, segundo Silva, (2001: 32) é caracterizada como:

(...) a doença não estaria localizada em alguma parte do ser humano; a doença seria do ser humano e, por isso, estaria inteiramente nele. As circunstâncias externas ao aparecimento da doença seriam ocasiões para que ele pudesse, então, se aperfeiçoar.(...)

Um dos problemas fundamentais na mulher, e para o qual devemos atentar, é a osteoporose, que se destaca entre as várias doenças acometidas nos idosos e chega silenciosamente.

A osteoporose é uma afecção caracterizada por uma massa óssea reduzida e alterações da microarquitetura óssea, provocando uma fragilidade extrema do osso e, por consequência, um aumento do risco de fratura (Manidi & Michel, 2001: 81).

Para que tenhamos um rendimento para estacionar ou prevenir a osteoporose, é necessária a prática de exercícios repetitivos, de curta duração, e em longo prazo. Fisiologicamente estaremos repondo nos ossos o cálcio necessário para seu fortalecimento, sem considerarmos aqui a base alimentar a ser seguida por profissionais de áreas pertinentes.

Fator psicológico

Devido à evolução dentro da visão postural, vemos uma valorização do TER em detrimento do SER, isto é, a glorificação do corpo, em que o belo é quando ainda se está na

fase adulta, desprezando a experiência que o corpo idoso pode nos transmitir, no qual a capacidade produtiva exigida pela sociedade já não é mais valorizado e considerado desatualizado. A complexidade dos relacionamentos alunas/professora e alunas /alunas atingem uma relevância nos âmbitos psicológico e social. Cabe notar as relações de amizade que se formam no decorrer das aulas, refletindo nas atividades extra-aulas, em que o lúdico dá um maior dimensionamento do SER.

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*). Ligado a isto, temos o fato de que somente no brincar é possível a comunicação, exceto a comunicação direta, que pertence à psicopatologia ou a um extremo de maturidade (Winnicott, 1975: 80).

Quando se considera a vida de seres humanos idosos, existem aqueles que preferem pensar superficialmente, em termos de comportamento depressivo, não considerando a capacidade de sua personalidade em produzir alguma coisa que interaja dentro da sociedade.

A pressão social e psicológica pode ser tão forte que os envelhecidos preferem comportar-se de tal forma, pois, manifestar incompetência é encontrar, para muitas situações, a forma inteligente de ser aceito e viver melhor. (Salgado M. A. *apud* Simões, 1994: 45)

Justificativa

Cabe ao profissional de educação física, em suas aulas, criar situações em que o desenvolvimento do idoso em relação aos exercícios apresente melhora e bem-estar com qualidade de vida, resgatando fisiológica e psicologicamente seus valores, correspondendo às regras impostas pela sociedade, e sentido-se valorizado na dimensão do ser.

Segundo Morin (1921), “É preciso ensinar um método que permita estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas [...]”, ou seja, beneficiar as pessoas dessa faixa etária com promoção da atividade física adequada com o objetivo de melhorar a saúde, a qualidade de vida, o bem-estar físico, mental e social, tornando estes aspectos prioritários no programa, transformando as aulas em momento de prazer, desenvolvendo e experimentando práticas que levem o grupo a descobrir as diferentes formas de manter-se bem e em harmonia consigo mesmo.

Considerações finais

Após estudo bibliográfico e pesquisa de campo, podemos observar que as atividades físicas após os 50 anos são de suma importância para a manutenção física e psicológica. Fortalecer a estrutura muscular para melhor desempenhar as funções motoras, assim como aumentar a resistência muscular, desenvolvendo o aspecto psicológico e ampliando a auto-estima, além de proporcionar a sociabilidade entre o grupo e transformar as regras impostas pela sociedade que já podemos notar, está fazendo com que esta “melhor idade” admita estar presente, ativa, produtiva e que ainda faz parte da mesma sociedade.

Referências bibliográficas

- CORTEZ, P. W. P., CORTEZ, J. A. A. & SIMÕES, A. C. Mulher e exercício físico. In: SIMÕES, A. C. (Org.). *Mulher e esporte: mitos e verdades*. Barueri: Manole, 2003.
- MANIDI, M. J. & MICHEL, J. P. *Atividade física para adulto com mais de 55 anos*. Barueri: Manole, 2001.
- MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 1921.
- NIEMAN, D. C. *Exercício e saúde*. São Paulo: Manole, 1999.
- SILVA, A. M. A natureza da physis humana-indicadores para o estudo da corporeidade. In: *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. Piracicaba: Unimep, 1994.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE JOGADORAS DE VÔLEI DE PRAIA SOBRE SUAS CARREIRAS E A MATERNIDADE.

Ms. Roberta Carolina Valle da Trindade
Dr. Lamartine Pereira da Costa
Universidade Gama Filho

Atualmente, observamos no vôlei algumas jogadoras que são mães e permanecem atuando no espaço esportivo.

São mulheres que enfrentam o desafio de realizar-se como mães e como atletas, cada uma à sua maneira, lidando com as alegrias e dificuldades de suas escolhas. Contudo, existem aquelas que preferem adiar ou nem pensam em lidar com a maternidade, e priorizam o momento de investimento na carreira profissional.

Se para qualquer mulher a vida profissional, no espaço público, e a vida familiar, no espaço privado, apresentam-se como uma dupla jornada, o que dizer sobre isto em relação às mulheres que são atletas? Mulheres que, inseridas no espaço esportivo na condição de jogadoras, convivem com a temporalidade de suas carreiras? Ao contrário das outras, a sua opção profissional exige um excelente condicionamento físico e uma *performance* brilhante, caso contrário correm o risco de perderem suas posições como jogadoras.

Embora a dedicação ao esporte, à primeira vista, pareça ser impossível de conciliar com a maternidade, nossa sociedade vem reelaborando seus conceitos a partir das experiências de vida das próprias mulheres. Optamos por enfatizar os aspectos socioculturais do sentido da maternidade e o significado da realização profissional na vida dessas jogadoras. Assim sendo, priorizamos o relato da experiência feminina como um ponto de partida primordial para explorar diferenças e similaridades entre as próprias mulheres. Se no regime patriarcal a maternidade tinha o *status* de principal função feminina e restringia as mulheres ao espaço privado do lar, hoje algumas jogadoras abdicam da maternidade, priorizando o reconhecimento que almejam obter no espaço público. A maternidade atualmente é relegada a segundo plano, em uma sociedade que prioriza o sucesso e a visibilidade a partir da construção e valorização da identidade profissional e do sucesso financeiro. Segundo Oliveira (2003: 21):

Uma desvalorização ancestral do universo privado levou a sociedade a desconsiderar, assim, um dos pratos da balança. Somente essa desvalorização, de certa forma incorporada pelas próprias mulheres, explica por que a migração das mulheres da casa para o espaço público se tenha dado sem que a sociedade se perguntasse, seriamente, como e por quem, doravante, seriam preenchidas as funções que elas desempenhavam.

As mulheres ocuparam o espaço público, mas a vida privada continuou estruturada sobre o papel da mãe e dona-de-casa, em termos de disponibilidade de tempo e responsabilidade, como se as mulheres fossem as mesmas do regime patriarcal. Foi construída uma identidade profissional fora do lar e mantido o exercício da função que já existia anteriormente dentro do lar. “Definiu-se como igualitário um mundo em que as mulheres teriam que fazer apenas o que sempre fizeram, adicionando às suas vidas afazeres até então reservados aos homens” (*idem*).

Ao que parece, o que se apresenta atualmente como um desafio à experiência feminina é a possibilidade de realização tanto no aspecto profissional quanto no aspecto pessoal, a articulação da vida privada com a vida pública. Pesquisamos, no espaço esportivo, a situação por que passam muitas mulheres em nossa sociedade. Mulheres que têm uma vida profissional, mas são responsáveis como mães pela educação de seus filhos. Mulheres que desfrutam da possibilidade de exercerem uma profissão e ainda acumulam as tarefas de mãe e donas-de-casa. Diante desta situação, no presente estudo buscamos investigar: como as jogadoras de vôlei de praia conciliam a maternidade com a carreira esportiva?

Objetivo Geral

Investigar como as jogadoras administram sua vida profissional com a maternidade.

Objetivos Específicos do Estudo

Esta pesquisa tenciona, a partir do contexto esportivo do vôlei de praia, vivenciado pelas jogadoras como espaço profissional:

- (1) investigar se as jogadoras, por serem mães, enfrentam algum tipo de preconceito no espaço esportivo;
- (2) identificar, por parte das jogadoras, a necessidade da vivência da maternidade, apesar da realização profissional.

Metodologia

Esta pesquisa está inserida na área dos Estudos da Mulher, que segundo Matos (1997: 75):

[...] ao ampliarem as áreas de investigação e ao renovarem a metodologia e os marcos conceituais tradicionais, *apontam para o caráter dinâmico das relações sociais modificando paradigmas históricos*. Contudo a influência mais marcante para essa abertura parece ter sido a descoberta do político no âmbito do cotidiano (grifo nosso).

Assim sendo, apesar desta pesquisa estar inserida na temática dos Estudos da Mulher, utilizaremos a categoria Gênero⁶⁷ para investigar o significado da maternidade na vida profissional das atletas de vôlei de praia. Para tanto, utilizamos o relato da experiência de vida das próprias jogadoras, como método de investigação o que, segundo Robinson (1993), nos aproxima do conhecimento que insere a mulher no foco central da análise, de modo a elaborar um conhecimento que surja a partir da própria mulher, e não sobre a mulher. Em síntese, faremos um paralelo entre o conhecimento teórico, em termos de maternidade e suas devidas

⁶⁷ De acordo com Scott (1995: 75, 86), gênero é o “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [...] é a forma primária de dar significado às relações de poder. [...] termo utilizado para indicar construções culturais, a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”

relações, e a análise dos relatos de experiência vivida pelas jogadoras de vôlei de praia, na intenção de verificar como a vivência da maternidade se concilia com a carreira no vôlei de praia. De acordo com Reinharz (1992), isso permitirá conhecer a visão que as entrevistadas possuem da realidade e, ao mesmo tempo, possibilita à pesquisadora elaborar o conhecimento teórico.

As quatro atletas que participaram da presente pesquisa — Ana Richa, Mônica Rodrigues, Isabel Salgado e Ana Paula — foram escolhidas por serem jogadoras de alto rendimento e porque conquistaram medalhas em olimpíadas e campeonatos mundiais. Todas foram atletas do vôlei de quadra e continuaram a destacar-se no vôlei de praia, são mães e conciliaram o esporte com a maternidade, mantendo excelente desempenho como jogadoras. A sua formação familiar e o contexto socioeconômico no qual estão inseridas é fundamental para compreendermos os relatos e as experiências que essas mulheres têm oportunidade de vivenciar em suas vidas, bem como o tipo de escolhas e soluções encontradas para se realizarem como mães e profissionais.

Análise das experiências de vida das jogadoras

A análise foi dividida em três seções, que agruparam trechos dos relatos das entrevistadas a partir de três categorias diretamente relacionadas aos objetivos que nortearam a pesquisa:

- 1) inserção no espaço público / vida profissional;
- 2) inserção no espaço privado / vida familiar;
- 3) articulação da vida profissional / espaço público e vida familiar / espaço privado.

Inserção no espaço público/vida profissional. Iniciação no esporte

Ana Richa	- Iniciada pela irmã. - Jogava por prazer e começou no Botafogo.
Mônica Rodrigues	- O esporte era um hábito de família. - Jogava por prazer e começou no Fluminense.
Isabel	- A prática esportiva era incentivada pelo colégio. - No colégio conheceu Ênio Figueiredo, que a levou para o Flamengo.
Ana Paula	- A prática esportiva era incentivada pelo colégio, e havia o apoio da figura paterna. - Iniciou no Clube Minas Tênis.

Todas as jogadoras entrevistadas, com exceção da jogadora Ana Paula, que começou na década de 1990, começaram a praticar esportes nos anos de 1980, época em de expressivo aumento da inserção feminina no espaço esportivo. Ao tomarmos como referência este período de tempo, talvez possamos compreender a aceitação familiar, bem como a possibilidade de a escola apresentar-se como um ambiente propício à prática de esportes e os clubes estimularem a formação de equipes para competição. Ao contrário das nadadoras dos anos 1950, que para ingressarem no esporte necessitavam do discurso médico e do apoio da figura masculina, que poderia ser o pai ou o irmão, as jogadoras de vôlei de praia entrevistadas foram adolescentes em uma sociedade mais liberal. Para analisarmos o modo como se deu a inserção dessas jogadoras no espaço esportivo, precisamos olhar para as décadas passadas e identificar as dificuldades e os obstáculos que as mulheres enfrentavam ao

ingressarem no esporte. A este respeito, em nossa pesquisa sobre nadadoras masters que foram atletas desde a infância (Trindade, 2003: 69), assinalamos que:

É importante destacar o que pode representar para estas mulheres a oportunidade de competir atualmente, ao considerarmos que começaram a praticar esportes em uma época em que este acesso era restrito, e que a participação de algumas tivesse se dado a partir da iniciativa precursora da figura paterna. O período histórico que correspondeu à infância destas nadadoras marcou o início da participação das mulheres brasileiras no esporte. A nadadora Maria Lenk em 1932 foi a primeira atleta brasileira a participar de uma Olimpíada e sua iniciação esportiva também foi estimulada por seu pai.

As jogadoras Ana Paula, Mônica Rodrigues e Ana Richa vieram de famílias que tinham por hábito a prática da atividade física. Somente a jogadora Isabel foi motivada a jogar vôlei pelo técnico do colégio que freqüentava. Embora Isabel não tenha contado com o apoio da família, também não sofreu oposição. Mônica Rodrigues e Ana Richa tiveram total apoio e incentivo da família:

Normalmente na minha família se tinha o hábito de praticar esporte. (Mônica Rodrigues)

A minha irmã mais velha foi chamada para jogar no Botafogo por um colega de colégio, e eu passei meio ano acompanhando-a nos treinos; aí resolvi começar também, mas eu era muito pequena, bem fraquinha até, e não teria futuro se ela não jogasse bem. Ela continuou, e comecei assim por influência da minha irmã. (Ana Richa).

Podemos verificar, pelo relato de Ana Richa, que sua irmã mais velha praticava o esporte e a incentivou. Nesta situação, o incentivo partiu da figura feminina. A jogadora Ana Paula destaca a liberdade que seu pai lhe concedeu como sendo fundamental para que ela saísse de sua casa aos 15 anos para jogar no juvenil do Minas Tênis:

Meu pai sempre me deu mais liberdade, me deixou mais solta para ir atrás dos meus objetivos.

A partir desses relatos, podemos concluir que a iniciação no esporte para estas jogadoras foi influenciada pelo período socialhistórico em que viveram.

Inserção no Espaço Privado / Vida Familiar. Relação com os filhos

Ana Richa	<ul style="list-style-type: none"> - Confessa ter sentido-se culpada por trabalhar e ter que deixá-los sozinhos. - Defende a idéia de integração dos filhos em sua vida profissional para que compreendessem sua ausência e o significado da realização profissional em sua vida.
Mônica Rodrigues	<ul style="list-style-type: none"> - Considera natural que os filhos sintam sua falta durante o período de ausência. - Para compensar procura conversar bastante e fazê-lo entender a importância do trabalho em sua vida. - Estimula o filho a ver os jogos sempre que possível, estar no espaço esportivo e torcer pela mãe.

Isabel	<ul style="list-style-type: none"> - Menciona a dificuldade que surge pelo fato de não poder estar sempre presente. Compensou sua ausência investindo na qualidade da relação. - Procurava explicar para os filhos que o seu investimento profissional era em prol de toda a família; acredita que tenha transmitido muita segurança o fato de sua vida profissional se reverter em benefício de todos.
Ana Paula	<ul style="list-style-type: none"> - Confessa preocupar-se com o fato de que sua ausência venha a prejudicar o desenvolvimento do seu filho. - Evita ao máximo que seu filho fique sozinho, leva-o nas viagens sempre que possível. - Compensa sua ausência cuidando dele pessoalmente sempre que possível.

Neste tópico buscamos analisar o modo como as jogadoras relacionam-se com seus filhos, seja administrando sua ausência, seja buscando a qualidade do tempo em que podem estar presentes e compartilhando com os filhos suas vidas profissionais e os benefícios que podem proporcionar por serem bem-sucedidas profissionalmente.

Das quatro jogadoras entrevistadas, três admitiram sentirem-se culpadas por muitas vezes terem optado por investir na carreira e deixar a família em segundo plano. É o caso de Ana Richa: “Eu acho que *toda mãe que trabalha fora e que tem que deixar os filhos sente-se um pouco culpada.*”

Ana Richa experimenta o sentimento de culpa por não se doar completamente como mãe. Constrói uma identidade profissional, mas mesmo assim sente-se culpada por não estar reproduzindo o modelo de mãe dedicada exclusivamente ao filho. A fala da jogadora expressa o dilema entre a dedicação aos filhos e o investimento na vida profissional. Para Nicolson (1992: 375):

A vida pessoal da mulher e a maternidade se desenvolvem de maneira complexa e contraditória. Apesar da maternidade ainda ser um ponto central da identidade feminina, modificações demográficas recentes parecem sugerir que ela não determina o estilo de vida das mulheres e pode não ser uma opção tão adequada à vida das mulheres como costumava ser.

A jogadora Ana Paula preocupa-se com as conseqüências, do ponto de vista emocional, os períodos de ausência. Por isso, quando está presente, ocupa-se pessoalmente do filho. A jogadora Isabel admite que sua profissão nunca lhe permitiu ter o comportamento típico que se espera de uma mãe, pois sempre valorizou a sua realização profissional. Entretanto, fez seus filhos perceberem o quanto sua carreira era importante e como poderia lhes oferecer uma melhor qualidade de vida se pudesse contar com eles para apoiá-la:

Eu tinha uma atividade que *não é comum para a maioria das mães*: jogadora de vôlei. Eu estava sempre viajando, os meus horários... Mas eu tinha qualidade na minha relação.

Ana Richa também defende na sua relação com os filhos a idéia de integrá-los ao esporte, para que eles compreendam melhor a sua ausência e o significado da realização profissional em sua vida: “*Eu procuro integrá-los para que eles gostem do esporte também, sempre que possível eles estão aqui comigo.*”

Mônica Rodrigues foi a única jogadora a não se sentir culpada pelos momentos em que precisou e ainda precisa ausentar-se para jogar. Considera natural que seu filho sinta falta, mas destaca que é importante que ele entenda sua ausência como conseqüência do seu

trabalho: “Mas desde que ele era bem pequeno procurei conversar com ele. Eu acho que ele entende, ele sabe que minha vida é essa e meu trabalho é esse.” A mãe da jogadora é que parece assumir os cuidados da maternidade na ausência da filha: “Agora, eu tinha minha mãe, eu sabia que estava com uma pessoa que ia cuidar com o maior amor, que ia cuidar com toda atenção.”

Isabel faz menção ao pai de seus filhos, mas não aponta algum momento em que tenha ocorrido algum tipo de divisão de tarefas. A jogadora toma para si toda a responsabilidade da educação e do cuidado, inclusive no que se refere ao sustento da família. Todas as jogadoras valorizam sua realização profissional. Na relação com seus filhos, o pouco tempo de que dispõem para dar-lhes atenção é fonte de preocupação, mas de modo algum se arrependem de ter que lidar com essa questão para poderem dedicar-se às suas carreiras profissionais.

Articulação da vida profissional/espço público e vida familiar/espço privado: conciliação entre carreira e maternidade

Ana Richa	<ul style="list-style-type: none"> - Considera a organização como a melhor forma de conseguir tempo para tudo. - Diz que seus filhos, sua família, são a prioridade, mas procura conscientizá-los de que sua profissão também é muito importante. - Conciliar não é difícil, é corrido. Há um grande esforço para estar com eles e dar-lhes atenção. - A articulação entre vida profissional e pessoal é condição principal para que possa prosseguir jogando bem. - No início de sua carreira considera que a maternidade tenha limitado, pela falta de tempo que tinha em relação a outras jogadoras para se dedicar ao esporte. Atualmente, acha que limitou em um determinado momento, mas está satisfeita por ter alcançado o sucesso que tanto esperava.
Mônica Rodrigues	<ul style="list-style-type: none"> - Relata a necessidade de uma boa estrutura em relação a babás, empregados, organização das viagens, horários e agendas de mãe e filho. - Procura suprir ao máximo todas as necessidades do filho e dar o melhor de si sempre que possível, quando tem tempo disponível. - Diz nunca ter pensado na maternidade como algo que pudesse limitar ou atrapalhar sua vida profissional. O fato de ter programado sua gravidez contribuiu para isso.
Isabel	<ul style="list-style-type: none"> - Considerou muito difícil a articulação entre vida profissional e vida pessoal. - Sempre contou com uma boa estrutura para que pudesse jogar: babás e empregados. - Sempre que possível, nas viagens levava os filhos consigo. Deixa claro que se não pudesse levar os filhos não teria viajado. - Considera o fato de eles serem muitos um ponto positivo para que não se sentissem sozinhos. - Considera que a maternidade limitou a sua carreira em alguns aspectos, mas também a alimentou em outros.
Ana Paula	<ul style="list-style-type: none"> - Confessa preocupar-se com o fato de que sua ausência venha a prejudicar o desenvolvimento do seu filho. - Evita ao máximo que seu filho fique sozinho, leva-o nas viagens sempre que possível. - Compensa sua ausência ocupando-se de cuidar dele pessoalmente sempre que possível. - Considera que a gravidez não limitou a sua carreira, apenas exigiu que se adaptasse à nova rotina.

Neste tópico analisamos como as jogadoras articulam no seu cotidiano a sua atuação no mundo público e privado, assim como a possibilidade da maternidade em algum momento

limitar a vida profissional. Quase todas as jogadoras consideraram difícil conciliar a carreira com a maternidade e destacaram a importância de uma boa estrutura para que possam prosseguir em sua vida profissional. Resumidamente, podemos dizer que a maternidade é delegada a babás, empregadas e avós, para que possam dedicar-se a suas carreiras. Somado a isto, todas enfatizaram a organização em relação ao tempo, para que possam conciliar o compromisso profissional com suas atribuições familiares. A jogadora Ana Richa destaca a importância da família em sua vida, mas também procura conscientizar os filhos da importância de sua carreira. Desta forma, conciliar é condição principal para que a jogadora permaneça jogando: “Acho que você consegue tempo para tudo se você se organizar. Nunca deixei de treinar ou treinar menos por causa dos meus filhos.”

Ana Richa procura conscientizar os filhos da importância do esporte na sua vida. Essa parece ser a forma encontrada pelas entrevistadas para que os filhos não se sintam preteridos e possam compreender e participar da vida da mãe: “O conciliar para mim é uma prioridade para que eu possa continuar jogando, treinando, fazendo aquilo que eu faço bem”.

As jogadoras Mônica Rodrigues e Ana Paula também demonstram a mesma preocupação e ressaltam o esforço realizado para poder estar ao lado do filho e dar o melhor de si na relação:

Eu procuro ao máximo atender todas as necessidades dele (Mônica Rodrigues).

Eu me propus a isso, a me desdobrar, dormir pouco, por querer demais o bem do meu filho. Aí ele foi crescendo, e hoje a passagem não é mais só para o pai e a mãe. É do pai, da mãe, da babá e do filho, porque eu tento carregá-lo o máximo que eu posso. (Ana Paula)

É evidente a preocupação das atletas em mostrar que, apesar de serem jogadoras e terem uma vida atribulada, também se esforçam para serem boas mães. O tempo que sobra da carreira profissional é investido na maternidade. O cuidado com os filhos é mais uma tarefa árdua, mas ao mesmo tempo compensatória. É comum ao relato de todas as jogadoras a necessidade de deixar claro que sempre priorizaram a família. Entretanto, a experiência de vida de cada uma delas demonstra o sacrifício realizado para poderem continuar jogando e não terem que parar para se dedicar exclusivamente à família.

O homem, quando engravida, ele não pára, continua trabalhando, então eu acho que ele não entende muito bem essa história (Ana Richa).

A jogadora Ana Richa neste momento compara as experiências de homens e mulheres na criação dos filhos, e as considera desiguais pelo fato de que homens podem continuar trabalhando e as mulheres muitas vezes precisam parar de trabalhar. Os jogadores que são pais nem sequer cogitam a possibilidade de ter que parar suas carreiras para cuidar dos filhos. Suas mulheres ocupam-se dos cuidados com a família para que o marido possa ter tranquilidade em sua carreira esportiva. Podemos observar que estas mulheres, assim como outras, mesmo com a estrutura que possuem, enfrentam a dupla jornada. Administram suas carreiras e o cuidado com os filhos. A vida profissional soma-se à gestão da família e da casa. A esse respeito, Oliveira (2003: 46) assim se expressa:

O pensamento conservador sempre dividiu o mundo em esferas estanques, em que as mulheres cuidavam das pessoas e os homens de ganhar dinheiro. É fácil, portanto,

concluir que elas jamais deveriam ter saído de seu lugar doméstico e que, se o fizeram, o mínimo que merecem como punição é ter que se multiplicar em muitas ao longo de um mesmo dia, acompanhadas permanentemente pelo sentimento de culpa ou de incompetência em tudo que fazem.

Sobre a articulação da maternidade e da carreira, Isabel nos diz:

Hoje acho que tem essa questão das mulheres terem menos tempo.

As mulheres têm que cortar um dobrado no trabalho e dar atenção em casa... A mulher acha que ela ainda tem esse papel, mas acho que ainda é um papel muito gratificante, pelo menos para mim.

Sobre o fato de a maternidade ter limitado suas carreiras, as jogadoras tiveram opiniões distintas. Ana Richa considera que limitou no início, mas agora que está em uma boa fase profissional encara o fato de ser mãe como uma vantagem:

E ainda me sinto em vantagem: elas não têm filhos e eu tenho. Eu consegui reverter a minha angústia para uma coisa boa, tenho fama, tenho sucesso, e ainda tenho minha família.

Para Isabel, a maternidade é ambígua:

Acho que o filho, limita sim, em alguns aspectos, mas ao mesmo tempo ele te alimenta em outras fontes. O importante é saber o que você prioriza.

Mônica foi a única jogadora que programou sua gestação, exatamente para não ter nenhum tipo de impedimento. Ao contrário da jogadora Ana Paula que teve uma gravidez não planejada e acha que se não fosse dessa forma não teria sequer engravidado:

Eu tinha certeza que se a vida não me pregasse uma peça dessas, do jeito que as coisas estavam indo eu ia arrastar essa gravidez até os 38 anos e ia terminar não engravidando.

Ana Paula contradiz-se quando expressa seu desejo de querer ser mãe mas achava que, se não fosse surpreendida da maneira que foi, não engravidaria. Entretanto, quando perguntada se a maternidade limitou a sua carreira, a jogadora declara que:

Torna-se evidente o conflito entre maternidade e carreira profissional: qual é a prioridade e qual é o momento certo de engravidar na carreira de uma atleta.

Por meio do relato de suas experiências, nossas entrevistadas tornam evidente que não existe a melhor escolha a ser feita, mas a possibilidade de construir sua própria história. Não há um modelo a ser seguido. Essas mulheres, a partir do que vivenciam como experiência, vão reconstruindo a importância da maternidade e da carreira profissional em suas vidas.

Conclusões

No relato das jogadoras, a vivência da maternidade adquire uma relevância tão grande quanto a realização profissional, embora estejam claramente em dimensões diferentes da vida. A maternidade é vivida como uma experiência de uma realização emocional que traz,

segundo as palavras das jogadoras, um amadurecimento pessoal. A realização profissional é vivida como uma construção que gera independência financeira, autonomia, segurança material, sucesso e reconhecimento público. Podemos concluir que a maternidade é uma realização íntima do privado e suas carreiras são realizações pessoais que se dão no espaço público. Apesar de serem capazes de realizarem-se nessas duas dimensões, permanece o conflito e o sentimento de culpa de quem não pode estar integralmente vivenciando a maternidade. Podemos constatar claramente em seus relatos o desejo de manterem-se no espaço público, porém carregam o mito do amor materno como algo insubstituível e procuram da melhor maneira possível desdobrarem-se e se fazerem presentes, em uma tentativa de aplacar a culpa por não seguirem o modelo da maternidade que foi construído e reforçado durante anos em nossa cultura. Desta forma, temos mulheres divididas emocionalmente, que constroem múltiplas identidades para poder dar conta de seus inúmeros compromissos da vida cotidiana, em casa e no trabalho.

Referências Bibliográficas

- MATOS, Maria Izilda Santos de. Gênero e história: percursos e possibilidades. In: SCHPUN, Monica Raiss (Org.). *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Mulheres, 1997.
- NICOLSON, Paula. Motherhood and women's lives. In: ROBINSON, Victoria. 1992.
- OLIVEIRA, Rosinska Darcy. *Reengenharia do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- REINHARZ, Sulamit. *Feminist methods in social research*. New York: Oxford University Press, 1992.
- ROBINSON, Victoria & RICHARDSON, Diane (Orgs.). *Introducing women's studies..* New York: Palgrave, 1992.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul/dez 1995.
- TRINDADE, Roberta Carolina Valle da. 2003. *Mulheres que nadam contra o tempo: análise dos significados que emergem do discurso das mulheres acima da meia idade sobre a prática da natação competitiva*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro.

DESENVOLVIMENTO E AQUISIÇÃO DE HABILIDADES E CAPACIDADES NA MENINA, PRÉ-REQUISITOS PARA O BOM DESEMPENHO DA MULHER NO ESPORTE

Irles Maria Araujo Braz

Prof^ª. Dr^ª. Elaine Romero

*Laboratório de Estudos de Gênero e Motricidade Humana
Universidade Castelo Branco/RJ PROCIMH*

Introdução

Os objetivos propostos pelo III FÓRUM MULHER & ESPORTE nos fazem refletir sobre questões e problemáticas femininas, tratadas e debatidas ao longo da evolução da participação da mulher no cenário desportista. Encontramos posições divergentes nas análises efetuadas pelos diversos segmentos que tratam do tema, seja nas esferas profissional, institucional ou acadêmica, e também pelos meios de comunicação. Pensamos em buscar fundamentação teórica nos estudos sobre gênero e mulher, na prática das modalidades esportivas, nas relações de poder, na dominação masculina; encontramos na infância, e nas práticas educativas corporais com meninas, subsídios que nos levam à compreensão do

processo de Ser Mulher atuante no âmbito do esporte. No texto elaborado para o I Fórum de Debates Mulher & Esporte, a Dra. Luiza Klein Alonso (2000: 12) ressaltou:

A prática esportiva oferece um campo no qual mulheres também podem adquirir respeitabilidade e reconhecimento social concorrendo para a destruição de falsos estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica. No entanto, a prática esportiva também pode ser um espaço para uma nova e sofisticada elaboração da mulher que só existe perante o olhar e a posse masculina, quando, por exemplo, as mulheres fazem exercícios para ficar com o corpo desejado pelos homens.

No mesmo evento sobre esporte e mídia, o jornalista Paulo Ricardo Calçade (2000: 21) esclarece:

A união esporte-mídia tem conseguido algumas vitórias, como desfazer um sentido histórico de fragilidade e submissão à figura feminina. Mas está longe de dar uma valiosa e definitiva contribuição à questão [...]. Para um grupo, a vitória ocorre em função da masculinização da mulher. Para outro, ela é resultado da beleza. E aí, o que se vê, é um rally de musas de todos os tipos [...]. Musas capazes de responder a todos os códigos machistas. Mas há também as antimusas [...]. São feias, têm sua feminilidade colocada em questão e servem apenas com uma medalha no peito.

As contradições no entendimento da mulher como desportista reforçam as desigualdades e não o conceito de diferença; concordamos com Simões, De Rose e Macedo (2000, p.22), quando afirmam que “as mulheres devem marcar presença como um importante agente de transformação social e estarem dispostas a conquistar seu espaço social e não o tomr dos homens”.

Tendo como ponto de partida os esclarecimentos dos autores citados, pretendemos refletir sobre a construção da imagem corporal da atleta desde sua infância, determinada pelo contexto social-histórico e cultural e pela educação do corpo na escola.

A mulher e o terceiro milênio

As mulheres, ainda no século XIX, quando passavam da tutela dos pais para a dos maridos, tinham a seu cargo a formação dos filhos e a administração da casa. O poder instituído era dos homens (poder público), cabendo às mulheres a transmissão de valores patriarcais, cuidando, apenas, da vida privada. Na relação homem-mulher, o homem, no seu papel de provedor, revestia-se de um poder que subjugava a mulher. Segundo Bourdieu (1995: 168), “assim as mulheres são literalmente postas fora do jogo”, distinguindo-se “a cultura da natureza, o público do privado, conferindo aos homens o monopólio da cultura, isto é, da humanidade e do universal”.

No século XX, com a entrada no mercado de trabalho, a mulher aparece na esfera pública, tendo ainda sob sua responsabilidade os cuidados do lar, ocupando assim os dois espaços, o público e o privado. Após a instituição do Dia Internacional da Mulher, em 1975, registramos a ampliação do âmbito de atuação das mulheres. No exercício de funções e no comando de cargos, reconhecidos social e culturalmente como masculinos, trazem, para fora do lar, suas crenças e valores, habilidades e capacidades, nem por elas mesmas reconhecidas. Bourdieu (1995: 169) esclarece: “se elas estão [...] relegadas ao mundo privado, é porque assim deve ser para que elas possam ser instrumentos de política, meios de assegurar a reprodução do capital social e do capital simbólico”. Para além dos preconceitos e

estereótipos arraigados na sociedade, ao longo de sua história, a atuação da mulher na comunidade brasileira faz-se sentir em setores da atividade política, na administração de recursos e de negócios e em profissões ditas masculinas, como policiais militares, comandantes de avião, presidente de banco e outras.

Moraes e Orosco (2004: 56) noticiam o lançamento do projeto 1000 Mulheres Prêmio Nobel da Paz 2005, em São Paulo, cuja proposta é “selecionar, em 225 países, mil mulheres que lutam por uma sociedade mais igualitária. Ao Brasil caberá indicar 31 delas”.

Bourdieu (1995: 183) nos traz a seguinte assertiva:

A visão feminina do belo papel corresponde a um estado da divisão do trabalho entre os sexos que, em vários pontos, está ultrapassado, notadamente com a abolição da segregação sexual na escola e em muitos outros lugares públicos, e com o acesso de uma porção cada vez mais importante da população feminina ao ensino superior e à vida profissional (por vezes em posições tradicionalmente consideradas como masculinas), mudanças essas que acarretam o enfraquecimento do modelo tradicional da mulher no lar e da vida doméstica.

Ao focar a relação de poder e a possibilidade de resistência, Foucault (1996: 241) enuncia que “jamais somos aprisionados pelo poder; podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”.

A mulher e o esporte

A inserção da mulher no mundo do esporte tem sua história enunciada pelos especialistas, com um enfoque nas Olimpíadas como evento mundial que, pela sua importância, possibilita tornar visível a atleta, evidenciando suas habilidades e capacidades, seu talento. Goellner assinala que, sobre o corpo, se depositam saberes e poderes disciplinares objetivando o trabalho e a produção e grande incentivo às práticas corporais e esportivas, como possibilidade de divertimento e disciplinação. No Brasil, segundo a pesquisadora,

é a partir dos anos 30 que o Estado instituído se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas, identificando a Educação Física e o esporte como espaços de intervenção na educação dos cidadãos, no sentido da valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada [...] As práticas esportivas, presentes na sociedade brasileira desde o século XIX, vão incorporar nas primeiras décadas deste século o discurso do olimpismo, modificando seu acontecer [...] consolida-se o campo esportivo que, simultaneamente, produz e é produzido por novos discursos, produtos e representações (Goellner, 2000: 79).

Quando pensamos nas relações da mulher com o esporte, vemos ampliada a questão da imagem corporal pela conotação da beleza como atributo inerente à mulher para projetá-la na mídia. Como esse valores vão sendo introjetados e elaborados pela mulher desportista desde a sua infância? De acordo com Tavares (2004: 88), “a possibilidade de o indivíduo reconhecer sua presença real e sentir que é reconhecido e valorizado é ponto-chave para o desenvolvimento de uma imagem corporal integrada e positiva”. A partir de sua interação positiva com o meio, o ser humano desenvolve e amplia sua consciência, através da vivência de suas percepções. O contato com o mundo é estruturante para nossa imagem corporal, pois nessa relação somos modificados por ele e também o modificamos continuamente. “Quanto

mais conscientes formos, mais autores deste processo seremos”, esclarece Tavares (2004: 89). Em relação à consciência, Merleau-Ponty (1999: 142) afirma: “Ser uma consciência, ou antes, *ser uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles”. A autora (op.cit.), completando sua conceituação, elucida:

Imagem Corporal é elemento essencial da nossa percepção subjetiva do mundo. O seu desenvolvimento está relacionado com o desenvolvimento da identidade corporal, a qual se desenvolve baseada na vivência de percepções e movimentos que guardam profunda conexão com nossa realidade interna (p.100).

Na interação com a realidade externa, através da nossa corporeidade e da intencionalidade de nossa consciência, abrimos possibilidades de realizações. Freire (1999: 119) pondera:

[...] se tantas possibilidades vão se abrindo para cada sujeito, cada um deles as usa a seu modo. Com tantos modos possíveis, o possível de cada sujeito, o possível motor, é limitado pelas circunstâncias [...] um possível de possíveis limitados.

Que oportunidades são dadas às meninas, futuras atletas, para que experimentem corporalmente seu potencial? A educação física escolar proporciona a realização de atividades lúdicas de interesse para as meninas, ou, apenas, com conotações sexistas, separa-as em femininas e masculinas, inibindo o saudável desenvolvimento motor ao impedir a experimentação das referidas atividades por ambos os sexos?

A menina e a educação física escolar

Erikson (1997: 29) salienta, no âmbito psicossocial, três pontos marcantes: as influências do meio ambiente através das ações e ideais de família, de escola e de sociedade; o impacto do ambiente social como um todo e o envolvimento mútuo da criança com pessoas significativas em sua história de vida, explicando que “[...] o organismo em maturação continua a se desdobrar, ao crescer planejadamente e ao desenvolver uma seqüência prescrita de capacidades físicas, cognitivas e sociais”.

Ao relatar os estágios do Ciclo de Vida, o referido autor localiza na idade escolar a força básica da *competência*, na qual uma gama de relações significativas situa-se na vizinhança e na escola. Trata-se de um estágio importante no desenvolvimento humano, no qual a imagem corporal nas aulas de Educação Física é valorizada ou desvalorizada, gerando uma crise psicossocial, o conflito entre diligência vs. inferioridade. O pleno exercício de suas habilidades e capacidades motoras, sob o olhar atento do(a) professor(a), traz à Educação Física escolar fundamentos necessários a uma autoqualificação da menina que almeja a prática de determinado esporte. O tratamento especial esperado para meninos e meninas não deve fazer restrições a partir dos sexos, mas sim respeitando as individualidades e as diferenças que se manifestam também nas crianças de mesmo sexo. A *iniciativa*, a insistência no objetivo e o prazer da conquista são características da fase escolar (de 6 a 11, 12 anos), tanto em meninas quanto em meninos, segundo Erikson (1997: 378). O estudioso tece considerações sobre a crise psicossocial de *diligência vs. inferioridade*, referindo-se à *diligência* como:

sendo um senso básico de atividade competente adaptada tanto às leis do mundo instrumental quanto às regras de cooperação em procedimentos planejados e esquematizados [...]. Como a antítese de um senso de diligência nós postulamos um senso de inferioridade [...]; ela pode levar a criança à competição excessiva ou induzi-la a regredir. Mas a força rudimentar que se desenvolve nesse estágio é a *competência*, um senso de que no ser humano em desenvolvimento gradualmente devem se integrar todos os métodos em amadurecimento de verificar e dominar a *factualidade* e de compartilhar a *realidade* daqueles que cooperam na mesma situação produtiva (Erikson, 1997: 65-66).

O (a) professor (a) de Educação Física, no cotidiano escolar, precisa levar em consideração as diferenças individuais, atentos à não-promoção das desigualdades entre os sexos e ao não-reforço de estereótipos, pois, segundo Erikson (1997: 92), “nossas escolas nos lançam neste caminho [...]; nós todos somos classificados segundo a nossa competência [...]. Em que você é bom?”. Concordamos com o autor quando explica que um padrão de competência nos é exigido em tudo o que fazemos, para que seja aceitável e compreensível. Nas suas palavras,

O maior problema que encontramos é quem achamos que somos vs quem os outros podem pensar que somos ou estamos tentando ser [...]. Estar confuso sobre esta identidade existencial faz com que a pessoa seja um enigma para si mesma e para muitas, talvez a maioria, das outras pessoas (Erikson, 1997: 92-93)

Romero (1995: 266) assinala a necessidade de se rever o papel sexista da escola, “tentando compreender como o modo pelo qual se está educando os alunos têm ajudado a formar e a manter o corpo reprimido e a inteligência aprisionada, especialmente no corpo feminino”. O desenvolvimento psiconeuromotor deve ser levado em conta na iniciação da criança nos esportes, com o oferecimento de oportunidades para o menino e a menina, igualmente, exercitarem habilidades motoras básicas, como correr, saltar, segurar, arremessar, chutar, e, na idade de 7 a 10 anos, acrescentar outras modalidades combinando velocidade e habilidades motoras. As experiências esportivas variadas, também para as meninas, promovem a aprendizagem social, das relações entre os grupos e o reconhecimento das diferenças individuais, aptidões e destrezas. Que habilidades femininas são consideradas pré-requisitos para determinados esportes? Por que algumas modalidades são consideradas essencialmente femininas, não interessando ao atleta masculino, ou vice-versa? As preferências por este ou aquele esporte sofrem influência dos estereótipos e *habitus* constituídos socialmente, transmitidos através da cultura de determinado contexto social-histórico. Bourdieu (1995: 135) explica:

É, com efeito, através dos corpos socializados, dos *habitus*, e das práticas rituais retiradas do tempo pela estereotipagem e pela repetição indefinida, que o passado se perpetua na longa duração da mitologia coletiva, relativamente libertada das intermitências da memória individual.

Para o sociólogo, a dominação masculina tem seu campo de ação assegurado através dos discursos, nos quais exprime-se a visão dominante da divisão sexual e, mais amplamente,

em todas as práticas, quase sempre ao mesmo tempo técnicas e rituais, e muito especialmente nas técnicas do corpo, posturas, maneiras, porte [...] Se esta divisão parece estar “na ordem das coisas” é porque ela está presente, em estado objetivado, no mundo

social e também, em estado incorporado, nos *habitus*, onde ela funciona como um princípio universal de visão e de divisão, como um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação [...] a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, inelutáveis (Bourdieu, 1995: 137).

Louro (2000: 62) questiona: “Afinal, o sujeito é masculino *ou* feminino? [...] O corpo deveria fornecer garantias para tais identificações. Pretendemos reconhecer a identidade - aquilo que o sujeito é - e, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é - a diferença”. A autora prossegue discutindo sobre a questão da necessidade que temos, numa perspectiva determinista, de “afirmar, com segurança, que o sujeito é isso, e, *conseqüentemente*, ele não é aquilo”, deixando de “problematizar sua inscrição nos corpos”. Em sua análise sobre as “marcas” corporais que inscrevem e instauram diferenças, a estudiosa esclarece:

Esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural: que ela é sempre dita e nomeada no contexto de uma cultura. Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas [...] seria pertinente, antes de tudo, indagar sobre os significados que, neste momento e nesta cultura, estão sendo atribuídos a uma dada aparência corporal [...] sobre os processos históricos e culturais que possibilitaram que determinadas características se tornassem tão especiais [...] passassem a “valer mais” do que outras (Louro, 2000: 62).

Concordamos com a perspectiva da professora de que o corpo não é “dado”, mas produzido na cultura e nos discursos, o *locus* onde se constrói e se inscreve a identidade dos sujeitos; assinalamos que “a preocupação com o corpo sempre foi central no engendramento dos processos, das estratégias e das práticas pedagógicas” (Louro, 2000: 60) e que a identidade que foge à norma, contrariando o modelo, causa estranheza e se torna marcada.

Considerações finais

A mulher vem ocupando novos espaços no cenário mundial, galgando posições e cargos públicos, tornando-se visível em sua corporeidade e subjetividade, na construção de uma identidade a ser valorada por suas habilidades, capacidades e talentos. Corroborando o pensamento de Louro (2000: 68), “não há identidade fora do poder, todas o exercitam e, simultaneamente, todas sofrem sua ação. [...] As identidades *se* fazem em meio a relações políticas”. Estar consciente daquilo que desejamos, queremos e podemos alcançar delimita nosso espaço, levando-nos a refletir sobre nosso papel de cidadãs na comunidade na qual estamos inseridas.

No âmbito esportivo, a mulher vem ampliando sua atuação, em patamares mais elevados, com o enfrentamento e a resolução de dificuldades inerentes ao processo de desconstrução do instituído, com a conscientização do seu papel e das significações nele implicadas: “Quem sou eu? Quais são os meus limites e possibilidades? Quais são as minhas capacidades?”. A Educação, ao exercer sua função mantenedora de tradições, ritos, costumes e valores, também traz, em seu bojo, a função transformadora em relação ao desafio do novo, do inusitado, do diferente, que requer a ousadia no enfrentamento do instituído. Cabe à escola refletir sobre a sua prática, buscando, na corporeidade de alunos e professores, o caminho para a mudança.

A Educação Física escolar tem, nesta perspectiva, um vasto campo de trabalho, através de estratégias de atuação que, ao invés de vigiar, modelar e controlar corpos, produzindo

posturas e gestos normatizados, possam abrir espaços de autonomia e de autoria, com as (os) meninas (os) e jovens expressando, corporalmente, a alegria de criar e produzir.

Referências bibliográficas

- ALONSO, Luiza Klein. Mitos femininos no esporte. *I Fórum de debates: Mulher & Esporte- Mitos e verdades*. São Paulo, 28 jun. 2000, p.11-14. Disponível em: <<http://www.usp.br/gepsse/mulher.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.
- CALÇADE, Paulo Ricardo. Mulher, esporte, poder e oba-oba. *I Fórum de debates: Mulher & Esporte- Mitos e verdades*. São Paulo, 28 jun. 2000, p.20-21. Disponível em: <<http://www.usp.br/gepsse/mulher.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2004.
- ERIKSON, Erik. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres em movimento: imagens femininas na Revista Educação Physica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS. Faculdade de Educação, v. 25, n. 2, p.77-94, jul./dez. 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade* Porto Alegre: UFRGS. Faculdade de Educação, v. 25, nº.2, p. 59-76, jul./dez. 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORAES, Rita & OROSCO, Dolores. O poder de salto alto. *Revista ISTO É*. São Paulo. Ed. Três, n.1796, p. 56-62, 10 mar. 2004.
- ROMERO, Elaine. A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento. In: _____. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p. 235-270.
- SIMÕES, A C.; HATA, M.; DE ROSE JR., D. & MACEDO, L. L. O ajustamento social da mulher ao esporte de competição. *I Fórum de debates: Mulher & Esporte- Mitos e verdades*. São Paulo, 28 jun. 2000, p. 21-22. Disponível em: <<http://www.usp.br/gepsse/mulher.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2004.
- TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha. Imagem corporal e qualidade de vida. In: GONÇALVES, Agnaldo; VILARTA, Roberto (Org.). *Qualidade de vida e atividade física*. São Paulo: Manole, 1998. p. 79-102.

DESVELANDO O DISCURSO DOS PROFESSORES ESTUDANTES DO CURSO NORMAL SUPERIOR SOBRE ATIVIDADE FÍSICA PRATICADA PELOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL: SOB A ÓTICA DE GÊNERO.

Carlos Geraldo Neves

Elaine Romero

FASAB-UNIPAC/MG – LEGEMH/UCB/RJ

LEGEMH/UCB/RJ

Introdução

Quando pesquisamos mulher no esporte, vamos constatar que neste campo o sexo feminino sofreu, e ainda sofre, grande marginalização à sua participação. Corroborando com a idéia, Neves, Martins e Romero (2004) escrevem que em relação à motricidade humana, as diferenças sexuais foram pretexto para impor relações hierárquicas que apontam a supremacia e dominação do homem aliada à subordinação da mulher. Podemos observar que a origem do problema está no início da vida escolar. Atualmente existe uma__escassez de material científico nesta área, o que só nos adverte sobre a pouca relevância que o tema sempre despertou nos pesquisadores. As mulheres ficam, dessa forma, privadas de visibilidade e,

como consequência, privadas de virem a ser ícones ou heroínas em função de seus feitos, o que na visão de Pfister (1997) dificulta a formação e a manutenção de uma identidade coletiva, principalmente nos esportes em que ídolos masculinos predominam.

Historicamente, desde os Jogos Olímpicos da Era Moderna, o Comitê Olímpico Internacional proíbe a participação das mulheres (KNIJNIK, 2003). O assunto foi tão sério que Várzea (2003) explica que o futebol feminino durante muitos anos foi considerado ilegal em nosso país. Foram quase cem anos de discriminação às mulheres apaixonadas pelo esporte, se consideramos que desde o século XIX, as inglesas já chutavam a bola. No Brasil, em 1940, o Presidente Getúlio Vargas sancionou o veto que proibia as mulheres de praticarem o jogo de futebol, e, posteriormente a deliberação 7/65 da Confederação Nacional de Desportos (CND), vedava o futebol feminino. Somente em 1991 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criou a Seleção Brasileira de Futebol Feminino.

Toscano (1995) em seu artigo “Jogo, esporte e atletismo: menina não entra” discute os canais que ainda hoje reforçam os estereótipos que desvinculam a mulher do esporte. A autora faz um levantamento em livros didáticos e encontra sempre a figura do menino atleta, apostando corrida, jogando basquete, andando de bicicleta e fazendo ginástica. Nesse entendimento, Reis (1997) reconhece que a reduzida presença da mulher no futebol brasileiro reflete a hierarquia e o sexismo impostos pela ordem social. A sociedade brasileira, com base em suas crenças, mitos e valores, ainda discrimina a mulher que joga futebol. Nessa articulação de idéias, Cozac (2003) adverte que as moças que praticam o futebol feminino brasileiro precisam ter muita força de vontade, luta e persistência para continuarem trilhando o caminho deste esporte. A origem da problemática segundo Romero (1995; 1997), é porque as meninas recebem um treino socializador que as prepara para o papel futuro da maternidade, ganhando de presente bonecas e utensílios domésticos. Concordando com este ponto de vista, Blay (2002, p.2) afirma que “bonecas sempre povoaram o universo feminino. Brincar de casinha, ter bonecas representando filhos, cuidar deles. [...]. São formas de socializar a menina para o futuro papel de mãe”.

Louro (1995) esclarece que ser do sexo feminino ou masculino leva os indivíduos a perceber o mundo diferentemente e que existem diferenças quanto à distribuição do poder. Assim, a sociedade, vai construindo o conceito de gênero que, segundo Scott (1995), é uma categoria sexual imposta sobre um corpo sexuado, embora não pretenda significar o mesmo que sexo biológico e sim a construção social dos sujeitos masculinos e femininos. Dessa maneira, Bronsato (1999) explica que a literatura fornece grandioso entendimento de que gênero é uma construção social que conduz meninos e meninas a manifestarem diferentes comportamentos na sociedade.

A partir dessas considerações iniciais, o objetivo do estudo foi analisar, na ótica do gênero, o discurso dos professores sobre as atividades físicas dos alunos no pátio durante o recreio, nas aulas de educação física e nos livros didáticos utilizados. As questões norteadoras foram: quais brinquedos ganhavam e brincavam quando eram crianças? Quem domina o espaço físico do pátio: os meninos ou as meninas? As meninas jogam futebol na escola? Se as meninas jogam futebol, elas enfrentam dificuldades ou preconceitos? Nos livros didáticos utilizados nas salas de aula, quem predomina como super-heróis e como praticante de atividade física?

A metodologia foi inserida no paradigma fenomenológico, com dimensão interpretativa de homem. Os sujeitos do estudo foram os professores que cursam o 5º e o 6º períodos do Curso Normal Superior, que lecionam de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental na cidade de Prados, na microrregião Campos das Vertentes no estado de Minas Gerais, e que foram

escolhidos aleatoriamente. O instrumento foi uma entrevista, contendo questões sobre os alunos que praticam atividades físicas na escola na ótica do gênero. A partir das questões norteadoras da pesquisa procuramos avaliar o discurso dos professores, e os resultados são apresentados de acordo com as questões da entrevista. Elegemos as respostas mais significativas para melhor ilustrar a análise realizada. Esclarecemos que os nomes são fictícios para preservar a identidade dos colaboradores.

Questão 1 -Você se lembra dos brinquedos que ganhava quando criança e de que brincava?

Segundo Mônica “ganhava boneca, corda, peteca e gostava de brincar de boneca, pular corda [...] com bola gostava de brincar de queimada”. Para Jacinta “Geralmente a gente ganhava boneca, vassourinha, panelinhas [...] fogãozinho. Brincava de casinha onde a gente teria cuidados com as bonecas que eram os filhos e com a própria casa e os meninos seriam sempre o pai e responsável pela manutenção da casa. Desse jeito aprendendo a ser mulher desde cedo”. O discurso de Márcio indicou que: “a gente sempre ganhava bola e carrinho [...] eu gostava muito de jogar bola, brincava de carrinho mas gostava muito é de jogar futebol”. Agnaldo enfatiza que, quando criança “brincava de jogar futebol. Ganhava bola, carrinhos, revólver”.

Podemos apreciar, pelo discurso desses professores, que quando eram crianças as meninas ganhavam bonecas e utensílios para brincarem de casinha e cuidarem de suas bonecas como se fossem seus filhos. Enquanto isso, os meninos ganhavam bolas e brincavam de futebol. De acordo com Pereira (2003) desde a infância, meninos e meninas são dependentes de suas mães e precisam de seus cuidados físico e emocional. Portanto, o modelo patriarcal de nossa sociedade exige que o menino rompa muito mais cedo essa dependência. O menino passa a vida toda se esforçando para provar que é macho. É comum ouvir frases como “menino não chora”, “menino não dança”. Avaliando os discursos percebemos que existe uma construção social diferente para meninos e meninas. Dessa maneira, as meninas são incentivadas a brincar aprendendo como cuidar das atividades do lar.

Quanto à questão 2 - Quem domina o espaço físico do pátio: os meninos ou as meninas?

Jacqueline destaca que: “geralmente os meninos com o futebol. Geralmente, se você não coordenar os brinquedos, fica basicamente por conta dos meninos, e as meninas ficam sentadas num cantinho batendo papo. Se você fizer um rodízio, as meninas conseguem fazer alguma coisa no pátio”. Na fala de Ninoroze o espaço é dominado pelos meninos como vemos nas suas palavras: “bom[...] mas os meninos pelas suas brincadeiras um tanto violentas. Eles pulam muito, eles dão chutes, lutas, até mesmo influenciados pelas próprias lutas, capoeiras. As meninas ficam mais em grupinhos. Isoladas num cantinho, com brinquedos mais suaves”.

Essas afirmativas nos levam a inferir que o espaço físico do pátio durante os intervalos e recreios são predominantemente ocupados pelos meninos ao passo que as meninas ficam mais quietas e sentadas nos cantos, sempre menos agitadas. Os meninos se mostram mais agressivos, inquietos e além da prática do futebol; correm, brigam e brincam de lutar neste espaço. Nessa perspectiva a construção social da masculinidade desvaloriza o feminino e reforça valores associados a masculinidade, como a sua agressividade e seu comportamento de risco. Assim sendo, ao atentamos para Nolasco (2001), que relaciona a masculinidade à violência com a sua presença histórica nas guerras e nas lutas de boxe.

Questão 3 - As meninas jogam futebol na escola?

Para Agnaldo “Elas jogam futebol separadas dos meninos. A única atividade feita em grupo é o vôlei. Algumas meninas costumam jogar futebol com os meninos”. Segundo Vânia “gostar elas não gostam não [...] elas gostam mesmo é de brincar de queimada”. Eliane revela que: “Jogar, jogam, mas é a minoria, porque elas são discriminadas [...]. Elas escutam dizer que futebol é coisa de homem”. Veridiana concorda com a opinião de Vânia e acrescenta que: “as meninas ficam torcendo e admirando os meninos durante o jogo de futebol”. Nesse contexto poucas meninas praticam o futebol na escola. Elas gostam de brincar de queimada, e no esporte coletivo, praticam o voleibol. As meninas percebem que o *status* de jogar futebol é dos meninos, apesar de esse esporte assumir um enorme espaço na nossa manifestação cultural e de ter surgido como importante elemento de unificação e mobilização das massas. Entretanto, as meninas ficam alienadas à paixão nacional e acabam sendo as torcedoras e admiradoras dos craques de futebol.

Questão 4 -Se as meninas jogam futebol, elas enfrentam dificuldades ou preconceitos?

Encontramos respostas como as de Jânia, que explica que “tanto por parte dos meninos, quanto das meninas existem preconceitos”. Os meninos brigam porque acham que sabem jogar futebol melhor do que as meninas. Eles não respeitam regras. Eles gozam as meninas dizendo que elas não sabem jogar futebol, costumam discutir e partem até para a briga. “Hoje em dia as brincadeiras já estão muito integradas entre os meninos e as meninas. No meu tempo, se minha mãe me pegasse brincando com meninos eu apanhava. Para brincar com meninos, era só escondido.” Outra professora, Eliane, denuncia que “as próprias meninas discriminam as meninas, enquanto os meninos zombam das que jogam bola. Criticam chamando as meninas de ‘macho capitão’”. Para a professora Goreti “as meninas são discriminadas pelos professores e alunos; são chamadas de menininhos, machinhos. A professora Regina aponta em seu discurso que “muitos pais mandam recados para a gente não deixar as meninas jogarem futebol, porque é esporte de homem e as meninas podem até se machucar”.

Ao analisarmos os discursos, constatamos que as meninas que jogam futebol durante atividades físicas ainda sofrem preconceitos por parte de pais, professores, alunos e de algumas colegas que pejorativamente as chamam de “macho capitão”, machinho. Historicamente registramos esses preconceitos inseridos nos ideais da sociedade brasileira em relação às praticantes de futebol até mesmo pelos próprios pais.

Questão 5 - Nos livros didáticos utilizados nas salas de aula quem predomina como super-heróis e como praticante de atividade física?

Destacamos alguns discursos como o de Ninoroze, que cita que os meninos são sempre a figura mais marcante. Diz ele que: “no livro, a história de um herói é um indiozinho e não uma menina”. No total de 20 discursos, todos os professores disseram que quem domina essa imagem são os meninos. Nos livros didáticos utilizados nas escolas das primeiras séries do ensino fundamental as gravuras e as figuras que sempre se destacam são as de meninos como os super-heróis e eles estão sempre ocupando espaços nos esportes coletivos.

Considerações finais

Desde as brincadeiras, a divisão de papéis entre meninos e meninas na vida cotidiana vai-se reproduzindo e perpetuando. Destarte, os discursos dos professores entrevistados

revelam e reforçam a construção sociocultural e histórica dos corpos. Deste modo, enxergamos a discriminação e os preconceitos sexuais existentes contra a menina que pratica o futebol.

Incursionando nas respostas dos entrevistados, observamos que a sociedade brasileira estabelece normas, modelos de comportamento e atitudes próprias para cada sexo. Assim, os professores que agem como pessoas que praticam os ensinamentos acabam reforçando a diferença entre os sexos, e tudo isto dificulta a compreensão das meninas para um possível rompimento da sua submissão em relação ao outro sexo.

Percebemos que existe uma interferência da família que influencia nas questões gênero aplicado à motricidade humana. Há uma acentuação das diferenças entre os sexos na escola para as atividades físicas desenvolvidas por eles, principalmente em relação às meninas que praticam o futebol, que sofrem muito com o preconceito e que muitas vezes são chamadas de meninas “machos capitães”, “menininhos” e “machinhos” e com isso acabam desestimuladas para praticarem tal esporte.

Em síntese, propiciar o desenvolvimento global da criança é uma tarefa que permite a manifestação da corporeidade, uma vez que todos os meninos e meninas são dotados de movimentos com um alcance social, cultural e político, independente do sexo. É imperioso que o meio escolar aceite as brincadeiras das crianças, respeitando que cada uma delas possua um corpo em movimento. Assim, as brincadeiras e os jogos realizados nos pátios das escolas devem ser respeitados, porque as atividades físicas permitem às crianças tomarem consciência de si mesma. A escola deve reconhecer que o corpo da criança é um ser único e dono de um corpo singular e intransferível e repleto de emoções, de afetos e desafetos, de sonhos, de desilusões em permanente estado de carência.

A construção sociocultural dos corpos masculinos e femininos até os dias de hoje, conforme observamos nos discursos dos professores entrevistados, são impregnados de preconceito e discriminação. Nessa engrenagem, alguns professores, alunos, pais e até alunas entendem que o futebol é um jogo que deve ser praticado pelos meninos. Vimos que as meninas que praticam futebol enfrentam dificuldades em relação à noção de estereótipos que a comunidade escolar têm em relação aos praticantes do jogo.

Referências bibliográficas

- BLAY, E. A. *Barbie versus Hortênsia. II Fórum da Mulher & Esporte: mitos e verdades*. Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, 2002.
- BRONSATO, T. M. da S. *Relações de gênero e desempenho físico e motor de alunos submetidos aos testes de Eurofit*. 1999. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro.
- COZAC, J. R. *Motivação e futebol feminino no Brasil*. Disponível em: <ftp://C:\DOCUME~1\servico\config~1\Temp\Y20Z8JA5.htm>. Acesso em: 23 mai. 2003.
- KNIJNIK, J. D. *A mulher brasileira e o esporte seu corpo, sua história*. São Paulo: Mackenzie. 2003.
- LOURO, G. L. História e educação: construção e desconstrução. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre. nº. 20, v. 2, p. 101-131. jul/dez. 1995.
- NEVES, C., MARTINS, S. C. & ROMERO, E. *Mulheres de Atenas. IV Encontro Nacional e I Internacional Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas*. Enfoques Feministas e o Mercosul Feminismos em Comum. Gramado – Brasil. Out. 2003.
- NOLASCO, S. *De Tarzan a Homer Simpson: a banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco. 2001.
- PFISTER, G. A história delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista? In: ROMERO, E. (Org.). *Mulheres em movimento*. Vitória: Edufes, 1997. p. 91-111.

- PEREIRA, E. G. B. *A construção sociocultural do corpo masculino no discurso de alunos do curso de Educação Física*. Rio de Janeiro. 2002. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana). Universidade Castelo Branco.
- REIS, L. C. L. *A autorepresentação da mulher jogadora de futebol*. Rio de Janeiro. 1997. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Gama Filho.
- ROMERO, E. A mulher no espaço social e esportivo. In: *Mulheres em movimento*. Vitória: Edufes, 1997. p. 137-163.
- _____. A arquitetura do corpo feminino e a produção de conhecimento. In: *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas: Papirus, 1995. p. 235-70.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, jul/dez. 1995. v. 16. p. 5- 22.
- TOSCANO, M. *Igualdade na escola! Preconceitos sexuais na educação*. Rio de Janeiro: Cedim, 1995.
- VÁRZEA, M. *Futebol feminino*. Disponível em: <<http://www.bolsa.de.mulher>>. Acesso em: 28 jun. 2003.

PERFIL DE UM GRUPO DE MULHERES PRATICANTES DE ESPORTE LAZER NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Alexandre Motta de Freitas

Manoel José Gomes Tubino

Prof^ª. Dr^ª. Elaine Romero

Dr. Ângelo Vargas

Universidade Castelo Branco – UCB-RJ Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência da Motricidade Humana

Laboratório de Estudos do esporte – LABESPORTE

Laboratório de Estudos de Gênero e Motricidade Humana – LEGEMH.

Universidade Veiga de Almeida

Universidade Salgado de Oliveira

Universidade Estácio de Sá

A busca do conhecimento acerca do homem remete-nos a questionamentos, tais como a importância do corpo na natureza, na vida pessoal e comunitária. Ao se perceber que o esporte reproduz as relações sociais vigentes, pode-se entender que a história do esporte é íntima da cultura humana e seu estudo favorece o conhecimento da vida em sociedade. O esporte é uma exigência e uma criação do homem e ajuda-o a completar-se e a reduzir suas carências. É indispensável reconhecer que os movimentos humanos são movimentos sociais surgidos da necessidade de relacionamentos sociais. Como fenômeno social de características universais, passa a constituir numa verdadeira forma de cultura onde se refletem os valores políticos, ideológicos e contribuem para a sociedade que conduz o homem a novas manifestações culturais a fim de proporcionar a integração entre os indivíduos, melhorar a coesão e favorecer a convivência intergrupos. Neste sentido, pode ainda suplantar outras carências do homem, minimizando inclusive a violência e a desordem social. Como instrumento de saúde, revigoramento e lazer, oferece ao homem reações importantes aos sintomas negativos da sociedade, sendo, sem dúvida, uma das variáveis mais ponderáveis no estilo de vida atual.

Entretanto, para a desmistificação da prática esportiva na perspectiva do lazer, é necessário aumentar a oferta, entender seus objetivos e suas diversas possibilidades de prática. É necessária a compreensão de seu significado e sentido, que precisam sempre envolver valores voltados para o bem social. Nesta direção, pode-se citar o privilégio do coletivo sobre

o individual, o compromisso com a solidariedade e a compreensão de que o jogo se faz a dois, e por isso deve-se evitar a busca da vitória a qualquer preço ou a hipercompetitividade, pois o esporte, na perspectiva da participação, pratica-se com o outro e não contra o outro.

Dentre tantas razões apresentadas, e na tentativa de contribuir para o aumento das possibilidades de práticas esportivas variadas como forma de lazer, o presente estudo objetivou, a partir da análise das políticas públicas existentes, estabelecer o perfil das praticantes de esporte como prerrogativa de lazer, bem como conhecer os principais motivos que promovem a aderência deste segmento e a identificação de seus hábitos, influências, atitudes, necessidades, expectativas e motivações, tanto no que se refere à modalidade esportiva quanto do local para sua prática.

Para o entendimento das possibilidades do lazer, Dumazedier (1999) indicou estratégias para a organização do lazer e levou em conta questões importantes como o desenvolvimento biopsicossocial do homem, a disponibilidade do tempo livre, as diferenças entre as classes socioeconômicas e a influência do estado e instituições privadas na implantação de políticas de lazer. Em sua primeira abordagem, Dumazedier tratou da influência do trabalho e do tempo livre nas possibilidades do lazer. O estudioso destacou ainda que a situação do trabalho influenciava enormemente a prática de atividades de lazer, por exemplo: a divisão do trabalho na maioria dos segmentos econômicos, que provocava uma excessiva divisão de tarefas, a repetição de movimentos, a baixa qualificação, a desgastante imobilidade, o desgaste físico e mental e um baixo desenvolvimento da pessoa.

Existem diversos problemas que dificultam a prática de atividades de esporte-lazer, por exemplo, o tempo gasto com os deslocamentos de casa para o trabalho, dificulta e limita o acesso da classe trabalhadora a situações de esporte e de lazer disponíveis. Tal constatação influencia a escolha do esporte a ser praticado na perspectiva do lazer. Deve-se levar em consideração que as atividades de lazer (incluindo o esporte) deveria contemplar as necessidades e os anseios da classe trabalhadora, e não apenas compensar os possíveis desgastes profissionais. A dinâmica de *status* social, os valores e objetivos do esporte-lazer conclamam para a urgente necessidade de descentralização das unidades de lazer, para que o maior número de pessoas possam delas se beneficiar.

Dentre as ações sobre o trabalho, Dumazedier (1980) destaca uma negativa: a patologia do lazer, ou seja, a negação pura do trabalho, a transformação de seus valores em valores da ociosidade perniciosos que provocam, entre outros problemas, o absenteísmo.

Como ações positivas do lazer sobre o trabalho, o autor destaca os benefícios proporcionados aos aspectos físicos e mentais, bem como o desenvolvimento da sociabilidade e até mesmo para a formação profissional. Dumazedier (*Op.cit*) observa também que o lazer atua positivamente sobre ações de trabalho flexibilizando-as. Nesse sentido, situações conservadoras e hierárquicas como o tempo de lazer pode ser transferido para o tempo de trabalho sob a forma de autogestão. A mais importante de todas as influências na ótica do autor é a flexibilidade das atividades de lazer transpostas para as atividades profissionais pela adaptação das funções à personalidade de cada profissional com a melhora dos desempenhos individuais. O sociólogo comenta que o lazer é freqüentemente uma autogestão do tempo e tende a valorizar a participação dos usuários.

Para Marcellino (1987: 31) “o lazer é entendido como a cultura e deve ser compreendida no seu sentido mais amplo e vivenciada no tempo disponível”. O traço fundamental que a define é o seu caráter desinteressado, que busca basicamente a satisfação provocada pela situação. Nesse contexto, a disponibilidade de tempo pode significar a possibilidade de opção por alguma atividade. Deve-se tomar como princípio constituinte de

nossa concepção sobre o lazer o fato de ele estar, de uma forma ou de outra, vinculado diretamente à categoria trabalho. Entretanto, em uma sociedade em desenvolvimento, colocar o lazer na perspectiva de uso exclusivo do tempo livre é limitá-lo a apenas uma parte da população; aquela já empregada e em condições satisfatórias de sobrevivência e de acesso aos bens da cultura.

O lazer e o trabalho são duas categorias que não devem ser admiradas sob a ótica de fenômenos opostos, mas sim pela ótica da dialética. De acordo com o Pires (2000: 153) “o trabalho e sua realização interferem na constituição da atividade do lazer, e como o lazer se constitui no cotidiano do trabalhador, interfere na própria realização do trabalho”. O que importa nesta questão é termos consciência de que as práticas sociais, trabalho e lazer, estruturam-se relativamente nas possibilidades de constituição das relações de espaço e de tempo. Por isso, a falta do tempo livre é um dos fatores mais comumente apresentados pelas pessoas como barreira à prática regular da prática esportiva.

Nos dias atuais, o tempo é um instrumento de orientação indispensável para a realização de uma multiplicidade de tarefas variadas. Porém, dizer que ele é um meio de orientação criado pelo homem traz o risco de acreditar que ele seria apenas uma invenção do próprio homem. Para Elias (1998: 17) “o tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúnem diversas seqüências de caráter individual, social ou puramente físico”. Algumas das relações que podem afastar o ser humano da possibilidade de prática esportiva na perspectiva do lazer são também fatores limitantes do tempo disponível: a classe social, o grau de instrução, a faixa etária, o sexo, entre outros fatores, inclusive os de ordem cultural, como os estereótipos. Marcellino (1990), afirma que todas essas variáveis têm como pano de fundo a questão econômica.

Nunomura (1997) percebe que a inclusão e a manutenção da atividade física nos hábitos cotidianos, podem constituir aspectos fundamentais para a obtenção dos efeitos positivos dos exercícios sobre a saúde. Porém, estes fatores estão associados aos fatores socioeconômicos, influências culturais, idade, estado de saúde e a motivação para a prática esportiva. Storchi e Nahas (1992) concluíram que a prática da atividade física está sujeita a fatores como natureza do trabalho, personalidade, composição corporal, forma física, quantidade e uso das horas de lazer e acesso a esportes e a recreação comunitária. Saba (1998) corrobora com os autores ao esclarecer que não se pode deixar de considerar o padrão socioeconômico e educacional. Certamente, o padrão de vida é fator preponderante para iniciar atividades físicas, mantê-las ou abandoná-las. Saba (2003: 81) comenta que “se os hábitos anteriores criarem vínculos, sentimentos ou familiaridade, irão conferir ao praticante autoconfiança e automotivação”. Observa também que o envolvimento do praticante com a atividade física e o seu histórico pessoal são fatores importantes para a manutenção da prática esportiva.

Bento (1987) percebeu que o esporte permite ao indivíduo uma ocupação sadia do tempo livre e que constitui parte integrante e integradora da cultura corporal e física. Nesse sentido, comenta que se o hábito da prática esportiva regular for adquirido desde a infância e se o prazer estiver presente durante as atividades, a probabilidade do gosto por essa prática estender-se-á por toda a vida. Destarte, uma política nacional do lazer deveria colocar como seus objetivos a orientação, a promoção e o desenvolvimento de atividades prazerosas e não-obrigatórias que possibilitassem a recuperação e o aprimoramento biopsíquico dos indivíduos através das atividades esportivas. Tais atividades deveriam ser gratificantes e compensatórias para todos os seus usuários, com ênfase na informalidade e não na competição exacerbada. Deveria também possibilitar a adesão de todos, a promoção sociocultural de indivíduos, grupos e comunidades através de ações recreativas e não apenas de uma elite esportiva. Nessa

prática, deveriam emergir atividades culturais e sociais que servissem como fator de integração e comunicação entre as diversas classes sociais.

O esporte na perspectiva do lazer tem que necessariamente valorizar a cultura nacional, identificar, promover e divulgar as diversas formas de adaptação à natureza, de convivência humana e de satisfação de necessidades espirituais na busca de um verdadeiro perfil do povo brasileiro. Nesse entendimento, necessita-se criar uma imagem nacional mais realista e mais motivadora; para que se possa aumentar as oportunidades e possibilidades de enriquecimento, solidariedade e descobertas, para que os indivíduos assimilem de forma crítica, informações e estímulos. Ações governamentais devem ser criadas e conduzidas para o hábito do esporte-lazer com a finalidade de permitir aos homens a satisfação de suas necessidades individuais de práticas esportivas.

A partir da garantia constitucional associada ao pressuposto de que a sociedade no futuro terá aumentado o seu tempo livre/liberado, defende-se o postulado de que seja oferecida uma prática esportiva e educativa voltada à conquista da independência do ser humano, a partir da garantia do direito ao esporte na perspectiva do lazer livre; ativo e prazeroso. A ausência de políticas públicas igualitárias e redistributivas têm aumentado a exclusão esportiva e, com isso, presencia-se a redução das oportunidades das pessoas levarem a efeito os esportes que praticavam durante a fase escolar. Pelo exposto, pode-se dizer que em função da complexidade com que as questões pertinentes à cidadania brasileira materializam-se no cotidiano da nossa sociedade, relata-se que nada se torna mais relevante ao se falar de cidadania do que procurar dimensioná-la tendo como referencial suas múltiplas possibilidades de relação e execução. A Constituição da República Federativa do Brasil em seu artigo nº 227, afirma que o lazer é um direito da criança e do adolescente com absoluta prioridade e em consequência disso, é dever do Estado assegurar e propiciar as condições para que ela se concretize. Além dessa garantia constitucional pode-se perceber também no artigo 217, §3º, a intenção da promoção social do lazer.

A pesquisa desenvolvida buscou responder às indagações da sociedade frente aos desafios da era pós-moderna que se formulam a partir do momento em que se percebe as práticas esportivas dirigidas somente a um grupo privilegiado. As obrigações do poder público, como transporte, segurança e oferta de espaços de lazer aumentam, indubitavelmente, as chances da adoção da prática esportiva como lazer no tempo disponível. Mesmo as campanhas informativas, que são difundidas em maior parte pela iniciativa pública, deveriam ir além da enumeração dos benefícios e técnicas referentes à atividade física.

As atividades de lazer não se distribuem livremente pela população adulta, formam um padrão seletivo, são típicas de certas categorias, e dependem da diversidade das fontes sociais, sua formação, o desempenho e dos papéis públicos ou ainda de chances econômicas para o seu ingresso etc. Destarte, torna-se necessário estabelecer o perfil daqueles que vivenciam esta prática na perspectiva do lazer. Os aspectos relacionados às dificuldades para incluir o esporte entre os hábitos de vida deveriam ser trabalhados a fim de aumentar o poder de reivindicação e cobrança das comunidades às suas práticas. Por conseguinte, a propaganda e a promoção do esporte de lazer podem ter um sucesso parcial nestas condições, a não ser que existam medidas saneadoras para tais diversidades. Observa-se que a maioria da população adulta feminina não pratica esportes, devido a diversos fatores, no entanto, a cidade do Rio de Janeiro é considerada por muitos como privilegiada em suas possibilidades de vivências esportivas na perspectiva do lazer. Ao longo do tempo, tem-se verificado um aumento significativo de aderência às práticas esportivas pelas pessoas que buscam o esporte-lazer como forma de equilíbrio saudável e harmônico.

Morin e Wulf (2003) relatam a necessidade de abandonar a idéia simplista de que o progresso técnico/econômico é a locomotiva à qual estão atrelados os progressos sociais, políticos, mentais e morais. As práticas esportivas como questão essencial do desenvolvimento humano, faz com que se compreenda que o eu nunca emerge a não ser do encontro com o outro.

O caminho trilhado

O homem deve ser capaz de descrever os fenômenos que se propõem estudar para poder avançar na resolução dos problemas. Nessa direção, o objetivo da pesquisa consistiu em eleger e conhecer as situações, costumes e atitudes predominantes das pessoas em análise. Uma das primeiras etapas da investigação científica buscou compreender qual a melhor maneira para a resolução dos diversos problemas vinculados com a questão.

Com apoio no estudo de Faria Junior (1992), esta pesquisa está inserida no paradigma empírico-analítico com característica de concepção de homem funcionalista, com o objetivo de conhecer a dimensão quantificável do fenômeno esportivo na ótica do lazer. O estudo abrangeu uma amostra de 68 mulheres praticantes de esportes em locais gratuitos no momento da coleta de dados. O critério de inclusão dos participantes do estudo foi assim definido: a prática de uma atividade esportiva há pelo menos seis meses; esta deveria ter a duração mínima de 30 minutos em cada dia de prática e ser praticada no mínimo duas vezes semanalmente. Os pontos escolhidos para aplicação do estudo em questão foram: o complexo externo do estádio Mário Filho (Maracanã); a Quinta da Boa Vista; Lagoa Rodrigo de Freitas; o Aterro do Flamengo; o calçadão e as praias de Copacabana e Ipanema. Essa escolha deveu-se ao fato de que esses locais estão entre os mais freqüentados pela população em geral que busca a prática esportiva em áreas públicas.

Não cabe discutirmos neste estudo se um determinado local pode oferecer maiores possibilidades de lazer quando comparados aos outros. A pesquisa descritiva é um estudo de *status* e é amplamente utilizada na educação e nas ciências comportamentais. O seu valor para Thomas e Nelson (2002) está baseado na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação, análise e descrição objetivas e completas. A opção feita pelo questionário estava em conformidade com o propósito da investigação. Obviamente, os sujeitos selecionados foram aqueles que poderiam suprir as informações.

Apresentação de dados

A primeira parte da entrevista caracterizou o grupo em relação ao perfil socioeconômico do praticante de esporte como lazer, com uma amostra de 68 mulheres, com idade entre 23 e 57 anos, onde sete (10,3%) respondentes não possuíam nenhuma escolaridade ou possuíam o ensino fundamental incompleto; nove (13,2%) possuíam ensino fundamental completo ou 5ª a 8ª séries incompletos; 12 (17,6%) respondentes afirmaram ter o ensino fundamental de 5ª a 8ª completo ou o ensino médio incompleto; 26 (38,2%) possuíam o ensino médio completo ou o curso superior incompleto e, por último, 14 (20,6%) entrevistadas possuíam o curso superior completo.

Em relação à atividade remunerada, foi constatado que 42 (61,8%) mulheres trabalham com uma carga horária média diária de 7 horas, e 26 (38,2%) não possuem atividades remuneradas.

Quanto ao item responsabilidade financeira da família, 17 (25,0%) entrevistadas afirmaram ser a responsável financeira pela sua família, 29 (42,6%) afirmaram ser o cônjuge,

13 (19,1%) admitiram ser o pai, cinco (7,4%) dizem ser a mãe, e quatro (5,9%) informaram ser o(s) irmão(s) ou parentes próximos.

Outro item avaliado foi o critério de classificação econômica Brasil. Os respondentes foram separados por classe a partir de pontos conquistados. Para Samara e Barros (2002) o critério “Brasil” da ANEP pode ser utilizado como parâmetro para análise em que enfatiza a função de estimar e classificar a população em termos de “classes sociais”. Durante a abordagem, não foram detectados respondentes enquadrados nas classes E e D; na classe C foram detectadas sete 7(10,3%) respondentes; na classe B 2, 16 (23,5%) respondentes; na classe B 1, 13 (19,1%) respondentes; na classe A 2, 17 (25,0%) pessoas e na classe A 1, 15 (22,1%) entrevistadas.

Foram abordadas algumas questões em relação à prática esportiva durante a infância, as preferências esportivas, os locais dessa prática, a frequência da mesma, bem como as finalidades e influências externas para participação esportiva.

As atividades esportivas mais praticadas na fase escolar foram voleibol; handebol; queimada; ciclismo; corrida; natação; lutas e futebol. Vinte e nove (42,6%) entrevistadas optaram pelo voleibol; 14 (20,6%) pela natação; dez (14,7%) pelo handebol; oito (11,8%) pelas lutas; sete (10,3%) optaram por outras atividades.

Em relação aos locais e à frequência de prática, foi constatado que 31 (45,6%) entrevistadas participavam apenas das atividades oferecidas pela escola na própria escola; 18 (26,5%) participavam também de eventos oferecidos fora da escola, escolinhas de esportes ou de associações esportivas; outras 15 (22,1%) disseram que participaram de atividades em diversos locais públicos durante a infância, tais como praças, praias e atividades públicas na rua. Entretanto, quatro (5,9%) pessoas disseram que durante o período escolar não eram motivadas à prática esportiva. Já em relação aos objetivos da prática, 37 (54,4%) inquiridas pontuaram que tinham por objetivo tornarem-se atletas; 31 (45,6%) entrevistadas disseram que a opção pelo esporte na fase escolar era apenas a participação recreativa.

A segunda parte da entrevista versou sobre os motivos que influenciaram o início da prática esportiva como lazer na fase adulta. As respostas foram alocadas em categorias. Dezoito (26,5%) inquiridas afirmaram que as atividades práticas anteriores (aulas de Educação Física) vivenciadas durante a infância/adolescência foram determinantes para a introdução na prática de esportes como lazer; 15 (22,1%) entrevistadas acreditam que o principal motivo para o início das atividades durante a fase adulta foi a melhora da saúde por opção própria; 13 (19,1%) acreditam que o principal motivo deve-se ao fato de conviver/socializar com outras pessoas; 11 (16,2%) respondentes optaram pela melhoria estética; oito (8,8%) afirmaram ter iniciado a prática esportiva por indicação médica; três (4,4%) por terem sido influenciadas por familiares; e duas (2,9%) por residirem perto do local onde eram oferecidas diversas possibilidades de prática esportiva.

A terceira parte da entrevista abordou os motivos alegados pelo grupo para a permanência (aderência) na prática de esporte como lazer na fase adulta, dentre eles 17 (25,0%) mulheres afirmaram que a prática esportiva melhorou sua qualidade de vida; a manutenção da saúde foi escolhida por 13 (19,1%) respondentes; 11 (16,2%) acreditam que a estética corporal é o principal fator para a continuidade esportiva; nove (13,2%) optaram pelo fator convivência/interação com as pessoas; oito (11,8%) por terem-se identificado com a atividade praticada; quatro (5,9%) afirmaram que a orientação profissional obtida durante a infância/adolescência foi fator determinante para a continuidade esportiva de hoje; três (4,4%) inquiridas optaram pelo item indicação médica; duas (2,9%) pessoas escolheram o incentivo familiar; e uma (1,5%) respondente informou que a proximidade do local da prática é o fator

principal para a continuidade da atividade esportiva na perspectiva de lazer em locais públicos.

A última parte da entrevista teve como proposta averiguar a realidade de oferta em locais públicos para as mulheres praticantes de esporte-lazer na cidade do Rio de Janeiro. Foi perguntado se o local destinado a suas atividades como lazer nas áreas públicas era satisfatório para a prática de esportes (espaço físico/iluminação/banheiros etc.). Quarenta e nove (72,1%) respondentes afirmaram não serem satisfatórias as condições oferecidas pelo poder público, para 57 (83,8%) entrevistadas, estes locais não oferecem segurança satisfatória para a prática de esportes e, para 45 (66,2%) os mesmos não se mostram propícios para o aprendizado de novos esportes. Cinquenta (73,5%) inquiridas afirmaram que os locais destinados às atividades esportivas de lazer não possuem orientação profissional (Professor de Educação Física). Os projetos públicos direcionados ao esporte/lazer na comunidade não contemplam a faixa etária para 53 (77,9%) entrevistadas; apenas 12 (17,6%) respondentes participam de algum projeto público de esporte-lazer; cabe destacar que 39 (57,4%) mulheres aceitariam participar de algum projeto público esportivo de lazer na comunidade dentro de sua faixa etária.

O tempo gasto em deslocamento para chegar aos locais de prática esportiva dificulta as atividades de esporte-lazer para 40 (58,8%) entrevistadas. O poder público tem contribuído significativamente para aumentar as possibilidades de prática esportiva como lazer na sua comunidade de forma gratuita apenas para 25 (36,8%) das entrevistadas; e por último, a cidade do Rio de Janeiro apresenta uma diversidade de locais em condições satisfatórios para a prática do esporte como lazer para 32 (47,1%) pessoas.

Considerações finais

O esporte por tudo que representa na amplitude do seu novo conceito, passa a ser uma opção privilegiada de utilização de atividades físicas, e deve merecer uma educação específica para que as pessoas incorporem suas práticas nas suas culturas individuais. Entretanto, algumas das características do esporte revelam que o processo educativo-socializante por ele provocado também reproduz as desigualdades sociais, e pode ser considerada uma forma de controle social pela própria adaptação do esporte como fenômeno social. Em vista disso, é necessária uma postura mais crítica e questionadora das suas normas, para que suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que pratica, cria e recria, possam ser asseguradas.

O esporte é capaz de mobilizar grupos populacionais sem precedentes, e projeta sua importância nas áreas cultural, política, social e econômica. Pode atuar ainda como instrumento diplomático e como agente de paz, inclusive promover a coesão entre as nações, contribui inclusive para um maior intercâmbio e conhecimento entre os povos, o que o coloca numa posição privilegiada e invejável no mundo contemporâneo. Por essa razão tem-se tornado um dos fenômenos mais importantes da pós-modernidade. O esporte precisa ser tratado de uma forma mais ampla como fenômeno cultural e como conhecimento histórico e socialmente construído pelo homem e que traz, desde a sua gênese, significados e sentidos, códigos e valores extremamente ligados à estrutura da sociedade. O esporte influencia a vida social, sendo imprescindível expressar de forma bem visível, os princípios de comportamento, pensamento e vida considerados relevantes para a sociedade, dentre eles temos: igualdade nas condições de acesso à prática esportiva; igualdades de oportunidades como um princípio importante das sociedades democráticas.

Observa-se que ainda há muito a ser feito em relação às políticas públicas de esporte lazer e das condições de acesso para a mulher brasileira frente a seus direitos constituintes de lazer ativo, prazeroso e livre. O surgimento e o crescimento do lazer assinalam uma nova possibilidade histórica para uma vida mais livre nas sociedades industrializadas. A automatização aumentou a prosperidade e esta, por sua vez, elevou as chances da liberdade. Aumentar a liberdade social continua sendo uma tarefa sociopolítica de longo prazo. A tarefa mais importante nessa conjuntura será a modificação das atitudes nas áreas de produção, recreação, compensação, e as possíveis emancipações, seguindo os objetivos da liberdade social. A abertura de ofertas a todos os grupos da população e a todas as situações de vida através do esporte-lazer constitui o alargamento da liberdade social.

Referências bibliográficas

- BENTO, J. O. *Desporto "matéria" de ensino*. Lisboa: Caminhos, 1987.
- DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FARIA JUNIOR, A. G. *Pesquisa e produção do conhecimento em educação física – livro do ano 1991/ SBDEF*. Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.
- _____. Interesses físicos no lazer “o querer e o fazer”. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. São Caetano do Sul., SP, v. 4, nº. 4, p. 86-88, 1990.
- MORIN, E e WULF, C. *Planeta: a aventura desconhecida*. São Paulo: UNESP, 2003.
- NUNOMURA, M. et al. Nível de adesão ao exercício num programa supervisionado. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. Londrina, v. 2, nº. 3, p. 61-66, 1997.
- PIRES, A G M G. *As bóias-frias e suas representações sociais sobre o tempo livre e lazer*. 2000. 350 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- STORCHI, C. M. & NAHAS, M. V. A prática espontânea de atividades físicas nas ruas de Florianópolis, Santa Catarina: diagnóstico preliminar com indivíduos de meia idade. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Santa Catarina, v. 6, nº 1, p. 7-13, 1992.
- SABA, F. A importância da atividade física para a sociedade e o surgimento das academias de ginástica. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. Londrina, v. 3, nº. 2, p. 80-87, 1998.
- _____. *Mexa-se: atividade física, saúde, bem-estar*. São Paulo: Takano, 2003.
- THOMAS, J. R. & NELSON, J. K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Trad. Ricardo Petersen et al. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SÂMARA, Beatriz S. & BARROS, José Carlos. *Pesquisa de marketing: conceitos e metodologias*. 3.ed. São Paulo: Prentice Hall. 2002.

ADESÃO À PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS ENTRE AS ADOLESCENTES DE 14 A 18 ANOS DO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL - BRASIL (2003)

Doutorando Daniel Carreira Filho
Mestrando Arnaldo Luis Mortatti
FCM/UNICAMP/UNICSUL
IFEFE/UNICAMP

Introdução

A prática regular de atividade física pode ser considerada como um fator importante para a conquista de uma melhor qualidade de vida entre os adultos de ambos os sexos.

Entre as mulheres, essa prática traz alguns benefícios específicos, principalmente relacionados ao perfil hormonal, podendo interferir positivamente na regularização do ciclo menstrual, na mineralização óssea, na redução da pressão arterial, entre outros benefícios. Entretanto, em pesquisa realizada por Blair (1996), foi demonstrado que o fator de maior risco de mortalidade entre as mulheres foi a pouca quantidade de atividade física realizada, superando outros fatores de risco como o tabagismo (4). O afastamento das mulheres das práticas corporais é também um fenômeno que merece ser analisado partindo de outros pressupostos que ultrapassam as questões meramente biológicas. A questão desse afastamento está em muito associada a questões culturais, especialmente em um país em que os tabus sociais atrelam práticas corporais mais intensas aos homens e uma certa aceitação do sedentarismo feminino, especialmente quanto o enfoque é o esporte de rendimento (4). Mesmo com essa realidade, alguns autores afirmam que os homens são mais ativos em relação às mulheres, que a atividade física realizada nesses grupos declina com o passar da idade (8) e também que esse declínio é maior entre as mulheres do que entre os homens (10).

Essa diminuição acontece desde as aulas de Educação Física escolar, pois não é raro observar maior valorização da prática pelos meninos do que pelas meninas (4), causando uma disparidade relevante no acesso às aulas entre os gêneros, influenciando negativamente na atividade física dessa parcela da população. Portanto, conhecer a atividade física das mulheres desde a infância até a idade adulta e ainda, como e quanto representa a participação feminina na prática regular dessas atividades pode ter uma contribuição significativa para a intervenção nos hábitos dessa população pois, em geral, a infância e a adolescência são consideradas idades determinantes para adquirir-se o hábito da atividade física também na idade adulta.

Crianças e jovens que tenham a possibilidade de participar de programas de atividade física podem tornar-se adultos ativos, contribuindo assim para que tenham um estilo de vida mais saudável.

O presente estudo teve por finalidade investigar a prática de atividades físicas ou esportivas extra-escolares entre adolescentes de 14 a 18 anos da cidade de São Caetano do Sul e suas relações com:

- a) gênero,
- b) idade e
- c) tempo de prática.

Método

O estudo do tipo epidemiológico foi desenvolvido mediante um corte transversal da população de ambos os sexos, com idade compreendida entre 14 e 18 anos, que se encontravam regularmente matriculados e freqüentando as escolas de ensino fundamental e médio, tanto particulares quanto públicas da cidade de São Caetano do Sul, São Paulo.

A cidade foi escolhida por ser a número um em termos de inclusão social segundo o Atlas de Exclusão Social no Brasil (9).

A investigação foi realizada em todos os períodos de aula oferecidos (manhã, tarde e noite) num total de sete das vinte e nove escolas do município. Todos os alunos presentes em sala de aula, devidamente autorizados a participar, foram submetidos ao instrumento de pesquisa evitando-se qualquer tipo de discriminação ou constrangimento.

Critérios de exclusão

Foram eliminados do estudo todos os participantes que se enquadraram em uma das seguintes condições: a) faixa etária maior que 18 anos ou menor que 14 anos, com base no

ano de nascimento; b) equívocos no preenchimento do questionário; c) rasuras ou impossibilidade de identificação das respostas; d) alunos que não receberam autorização por parte dos pais ou responsáveis; e f) alunos que não concordaram em participar do estudo.

Instrumentos de pesquisa

Os participantes da pesquisa foram submetidos a um questionário de investigação contendo questões sobre dados pessoais, grau de escolaridade dos pais ou responsáveis e características da prática esportiva ou de sua rejeição.

O instrumento final de pesquisa foi resultado de estudo piloto realizado em escola da rede pública da capital paulista com características semelhantes às do município-alvo.

Os participantes do estudo, seus pais ou responsáveis e as instituições de ensino assinaram voluntariamente o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme legislação específica para o trabalho envolvendo seres humanos.

Em todas as fases da aplicação do instrumento de pesquisa foi garantido o sigilo absoluto das informações prestadas pelos alunos.

Amostra

Participaram da pesquisa um total de 2.219 sujeitos de 14 a 18 anos, sendo 1.138 do sexo masculino e 1.081 do sexo feminino. A tabela I mostra o número de sujeitos por faixa etária e por sexo.

Ao final da aplicação do instrumento de pesquisa nas escolas que autorizaram a realização e a depuração dos dados de cada aluno, computou-se um total de 2.219 questionários válidos, 59,99% do total de alunos matriculados (3.699), o que corresponde a 18,64% da população da faixa etária no município (fonte: IBGE, censo de 1996).

A distribuição dos alunos em função do sexo e idade (Tabela I) demonstra existir diferença entre os sexos (masculino 51,28% e 48,72% feminino), porém não significativa ($\chi^2=8,08$, $gl=4$, $p<0,001$).

Tabela 1. Distribuição dos alunos em função do sexo, idade, totais e porcentagens sobre o total de sujeitos do estudo

Sexo	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	Total
Masculino	193	280	303	242	120	1.138
%	8,70	12,62	13,65	10,91	5,41	51,28
Feminino	233	254	266	227	101	1.081
%	10,50	11,45	11,99	10,23	4,55	48,72
Total	426	534	569	469	221	2.219
%	19,20	24,06	25,64	21,14	9,96	100,00

Resultados

Os resultados encontrados referem-se à atividade física extra-escolar das meninas de 14 a 18 anos, sua relação com a idade e a diferença entre os gêneros, bem como ao tempo de duração diária de atividade física extra-escolar.

Na Tabela 2 é apresentada a distribuição dos alunos que declaram não participar de atividades físicas e/ou esportivas (formais ou não) em função da idade, sexo e totais. Dos dados apresentados, podemos afirmar que a atividade física das mulheres jovens é significativamente menor [$X^2 = 131,87$, $gl = 1$, $p < 0,001$] quando comparadas com os homens jovens de mesma idade. Os achados dessa pesquisa reproduzem os resultados encontrados na literatura específica e corrobora com o posicionamento de alguns dos autores pesquisados (6, 10, 11).

Tabela 2. Distribuição dos alunos que declararam não participar de atividades físicas ou esportivas além da escola em função da idade, sexo e totais.

Idade	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	Não pratica	N	Não pratica	N	Não pratica
14	193	81	233	144	426	225
15	280	113	254	166	534	279
16	303	119	266	163	569	282
17	242	102	227	161	469	263
18	120	49	101	70	221	119
Total	1.138	464	1.081	704	2.219	1.168

Na Figura 1 são mostradas essas diferenças em porcentagens de não-praticantes de atividade física em ambos os sexos. Nesse caso, fica clara a diferença significativa ($P < 0,001$) entre a participação em atividades físicas dos meninos em relação às meninas. Na média, a participação dos adolescentes de 14 a 18 anos em práticas de atividade física extra-escolar foi de 65,7%, enquanto entre as adolescentes de mesma idade, essa média tem uma diminuição significativa para 40,9%. No entanto, quando analisados os resultados em função da interação sexo/idade, não foi encontrada diferença significativa na prática de atividade física ($p < 0,001$). Isso mostra que não há diferença significativa entre as faixas etárias de ambos os sexos.

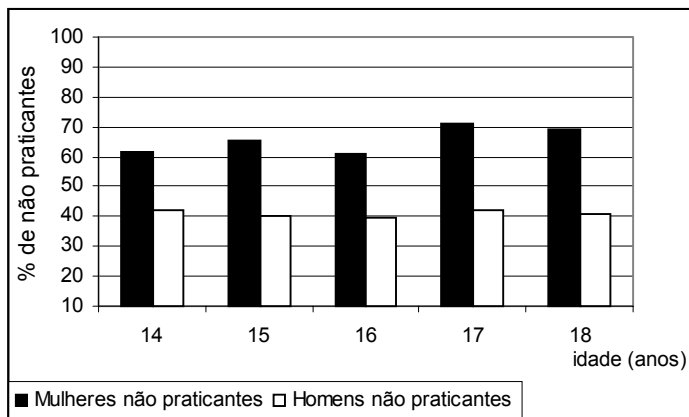


Figura 1. Distribuição dos alunos que declararam não praticar atividades físicas ou esportivas além da escola em função da idade e sexo (em porcentagens)

Foram verificados também os resultados para a prática de atividade física entre as jovens em função das idades (Figura 2) e ficou demonstrado, ao contrário do que a literatura apresenta (6, 8, 10), que não houve diferença significativa [$X^2 = 2,29$, $gl = 4$ ($P < 0,001$)] na atividade física das meninas quando relacionado com a idade.

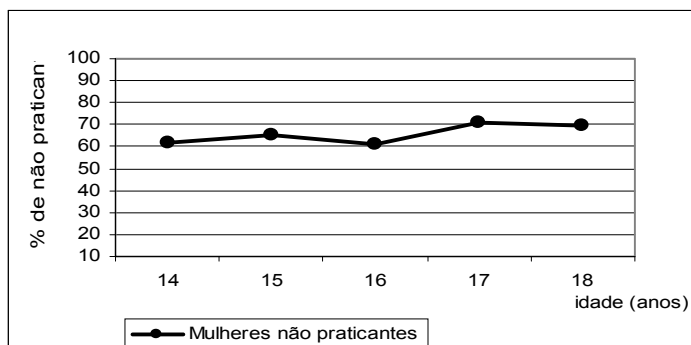


Figura 2. Distribuição das meninas não-praticantes de atividade física em função da idade (não há diferença significativa – $p < 0,001$)

Tempo de prática diária de atividade física extra-escolar

Em relação ao tempo de prática diária dos indivíduos que declararam fazer atividades físicas além da educação física escolar, foi verificado que não houve diferença significativa para as idades em função do tempo de prática [$\chi^2 = -6504,48$ – $gl = 16$ ($p < 0,001$)]. Esses resultados podem ser vistos na Tabela 3. Isso quer dizer que, quando analisamos os praticantes de atividade física, o tempo de atividade é bastante parecido entre os gêneros, deixando claro que, uma vez praticando uma atividade, a natureza dos adolescentes masculinos.

Tabela 3. Tempo de prática de atividade física extra-escolar diária em função da idade em adolescentes de ambos os sexos (*scores* brutos e porcentagens)

Tempo	Idades do sexo masculino						Idades do sexo feminino					
	14	15	16	17	18	T	14	15	16	17	18	T
30	8	8	11	7	1	35	5	3	6	6	5	25
%	23	22,9	31,4	20	2,86	100	20	12	24	24	20	100
60	31	22	26	24	13	116	22	23	22	13	6	86
%	27	19	22,4	20,7	11,2	100	25,6	26,7	25,6	15,1	6,98	100
90	22	43	47	40	16	168	20	18	25	13	2	78
%	13	25,6	28	23,8	9,52	100	25,6	23,1	32,1	16,7	2,56	100
120	23	50	47	35	18	173	22	24	22	14	10	92
%	13	28,9	27,2	20,2	10,4	100	23,9	26,1	23,9	15,2	10,9	100
(+) 120	26	33	29	24	21	133	17	14	25	17	7	80
%	20	24,8	21,8	18	15,8	100	21,3	17,5	31,3	21,3	8,75	100
Total	110	156	160	130	69	625	86	82	100	63	30	361
%	18	25	25,6	20,8	11	100	23,8	22,7	27,7	17,5	8,31	100

Motivos da não-adesão

A identificação dos motivos apontados pelos entrevistados do estudo apresentou dados que não diferem em função do sexo e da idade dos alunos. Observa-se que a questão da ausência de tempo para dedicarem-se à prática de atividades é, ainda, o principal motivo entre os adolescentes de ambos os sexos. As adolescentes apresentam como segundo motivo para o afastamento, o fato de não gostarem das atividades corporais em geral, com 22,16% do total de alunas entrevistadas.

Tabela 3. Distribuição dos adolescentes por sexo, idade, motivos da não-adesão à prática da atividade física ou esportiva extra-escolar (1 = não gosta, 2 = não tem tempo, 3 = sem recursos, 4 = outros motivos e ND = não declarado), totais e porcentagens.

Sexo	Idade	1	2	3	4	ND	TOTAL
MASCULINO	14	13	27	7	8	26	81
	15	21	44	18	13	17	113
	16	24	56	8	14	27	129
	17	14	49	13	3	23	102
	18	10	21	3	4	11	49
	total	82	197	49	42	104	474
	%	17,30	41,56	10,34	8,86	21,94	100
FEMININO	14	36	69	15	18	6	144
	15	38	60	34	19	15	166
	16	31	81	23	13	15	163
	17	42	75	14	13	17	161
	18	9	33	14	7	7	70
	total	156	318	100	70	60	704
	%	22,16	45,17	14,20	9,94	8,52	100
Total	Geral	238	515	149	112	164	1.178
	%	20,20	43,72	12,65	9,51	13,92	100

Discussão

O presente estudo analisou, em uma amostra transversal, o período que vai dos 14 aos 18 nos de idade, ou seja, abrangendo o período da adolescência. Os resultados mostraram uma diminuição significativa da atividade física dos adolescentes do sexo feminino em relação aos de sexo masculino. Isso mostra ainda que, mesmo em regiões de grande inclusão social, com padrões elevados de educação, há uma grande influência social na prática de atividades físicas femininas (1). Essa diferença entre os gêneros mostra que ainda há um grande caminho a percorrer em direção à inclusão da mulher em práticas de atividades físicas. No entanto, é importante salientar que, na amostra analisada, não houve diferenças significativas em relação à prática de atividades físicas e a idade, mostrando, diferentemente de alguns estudos já citados, que as adolescentes inseridas nesse contexto tendem a ter uma igual aderência a programas de atividade física em relação aos meninos adolescentes.

A explicação para esse não-declínio da atividade física em relação à idade, pode estar ligado ao efeito amostral, já que na cidade em que se realizou a pesquisa há um grande investimento no esporte e lazer. O município investe cerca de R\$ 100,00 (cem reais) *per*

capita em programas e atividades voltadas para a prática esportiva⁶⁸. Quanto ao tempo de atividade física diária, ficou demonstrado que não há diferenças significativas entre os gêneros e também entre as idades. Isso demonstra que uma vez inserida em um programa de atividade física, as adolescentes tendem a dispor, em relação aos meninos adolescentes, da mesma quantidade de tempo diária para a prática de atividade física.

Finalmente, quando os adolescentes são indagados sobre os motivos da não-adesão à prática de atividades físicas ou esportivas, apresentam os mesmos motivos, não havendo diferenças significativas entre os sexos.

Conclusão

A partir das variáveis analisadas neste estudo, foi possível identificar a prática de atividade física de uma população específica, com características distintas e mesmo assim, manteve-se a tendência histórica de diferenças entre gêneros, indicando que os meninos adolescentes são mais ativos que as meninas adolescentes.

Contudo, pudemos ainda demonstrar que, entre os praticantes de algum tipo de atividade física há uma igualdade entre as idades investigadas, em ambos os sexos e essa igualdade persiste quando analisada a duração diária da atividade. Tal realidade reflete a necessidade de criarem-se políticas que invistam na inclusão da mulher em programas de atividades físicas e/ou esportes (formais ou não) desde a infância, para que se construa o hábito da atividade física nessa população.

Referências bibliográficas

- BALEY, R. C. et al. The level and tempo of children's physical activities: an observational study. *Medicine and Science in Sport and Exercise*, 27, p. 1033- 1041, 1995.
- DUNCAN, M.C. & ROBINSON, T. Obesity and body ideals in the media: health and fitness practices of young african-american women. *Quest*, 56, p. 77-104, 2004.
- FOX, K.R. Tackling obesity in children through physical activity: a perspective from the United Kingdom. *Quest*, 56, p. 28-40, 2004.
- GOELLNER, S. V. Mulher e esporte em perspectiva. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/mulher_esporte/esporte_mulher.pdf>-acessado>. Acesso em: 3 jul. 2004
- GUEDES, D. P. & GUEDES, J. E. R. P. Crescimento, composição corporal e desempenho motor de crianças e adolescentes. São Paulo: Balieiro, 1997.
- LEITÃO, M. B et al. Posicionamento oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte: Atividade Física e Saúde na Mulher. *Rev. Bras. Med. Esporte*, 6(6), p. 215-20, nov./dez. 2000.
- LOPES, V. P., MAIA, J. A. R., SILVA, R. G., SEABRA, A. & MORAIS, F. P. Atividade Física Habitual da População Escolar (6 a 10 anos) dos Açores. *Rev. Bras. Ci e Mov.* 11(3), p.7-12, jun. 2003.
- NERI, A.L. Envelhecimento e Qualidade de Vida na Mulher. *2º Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia*, 2001. Disponível em: <<http://www.alzheimer.med.br/mulher.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2004.
- POCHMANN, M. & AMORIM, R. (Org.). *Atlas de exclusão social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SOUZA, O. F. & PIRES NETO, C. S. Alteração anual do desenvolvimento físico de meninos de 9 para 10 anos de idade. *Rev. Bras. Med. Esporte*, 10(3), p.19-24, jul. 2002.
- TROST, S. G. et al. Age and gender differences in objectively measured physical activity in youth. *Medicine and Science in Sport and Exercise*, 34 (2), p. 350- 355, 2002.
- VAN MECHELEN, W. et al. Physical activity of young people: the Amsterdam longitudinal growth and health study. *Medicine and Science in Sport and Exercise*, 32(9), p. 1610- 1616, 2000.

⁶⁸ Fonte: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, site oficial.

A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DE ESPORTE NA CONDUTA VOCAL: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Cristiane Magacho Coelho
Elaine Romero
Zander Ribeiro Wanderley Lins
Universidade Castelo Branco
Universidade Estácio de Sá – UNESA-RJ

Introdução

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu inicialmente, da prática clínica na Fonoaudiologia, de uma das autoras, especificamente na área da voz, o que permitiu perceber a incidência de alterações vocais em jogadoras de futebol. A voz é um atributo que está diretamente ligado ao sexo, à idade e à situação emocional do falante. O crescimento da laringe está relacionado ao aumento do hormônio testosterona. No período da adolescência, a voz sofre várias modificações na sua qualidade, através de mudanças hormonais. É também nesta fase que os adolescentes praticam algum tipo de esporte, influenciados pelas aulas de Educação Física na escola. Neste período, tanto os meninos quanto as meninas apresentam um perfil vocal bem semelhante.

É sabido que o futebol é uma prática esportiva eminentemente masculina; gera agressividade e competitividade, até porque o futebol é um jogo de contato corporal. Essas características – agressividade e competitividade – são histórica e culturalmente masculinas, diferentemente do comportamento esperado para as meninas, dóceis, frágeis e submissas. A sociedade proibiu às meninas subir em árvore, sujar-se numa poça d'água, brincar com lama, conforme retratam os estudos de Brown (1965), Romero (1990) e Preuschhoff (2004), em diferentes momentos históricos. Nesse entendimento, Bourdieu (1995), ao revelar a dominação masculina, comenta sobre a bipolaridade dos sexos, sobre os corpos socializados, demonstrando o que é permitido às mulheres de acordo com o *habitus* incorporado na visão falocêntrica. Assim, a elas destinaram-se os trabalhos domésticos, privados e escondidos; e a eles tudo o que é visto ou visível e valorizado.

Laraia (2004), ao escrever sobre o conceito antropológico de cultura, explica que a espécie humana difere-se anátomo-fisiologicamente através do sexo e que não é verdadeiro afirmar que as diferenças de comportamento sejam determinadas biologicamente. Afirma ainda que o comportamento do Homem depende do aprendizado: um menino e uma menina agem de acordo com a cultura, com a educação diferenciada, e não em função de seus hormônios. Entretanto, todo esse peso não é produto exclusivo da cultura, há outras variáveis intervenientes.

Nessa perspectiva de cultura antropológica, o Homem não é somente um indivíduo ativo da cultura, mas também passivo, como afirma Mondin (1998), ao explicar que a principal meta é construir o mundo, o Homem, um projeto de humanidade de acordo com a dignidade da pessoa humana. Nessa engrenagem, servimo-nos de Louro (1995), que sublinha essa construção na perspectiva de gênero.

Assim considerando, a relevância destaca-se pela tentativa de quebrar o paradigma, no que concerne às questões de gênero nas alterações da conduta vocal de jogadoras de futebol no exercício de suas atividades profissionais. O que nos propusemos a desvelar foi: “as atletas, na prática do futebol, estarão assumindo as características consideradas masculinas de agressividade e competitividade, e sua conduta vocal estará alterada pelo mesmo motivo?”

Diante do exposto, o objetivo do estudo foi investigar a possibilidade de as atletas, na prática do futebol, estarem assumindo características consideradas masculinas de competitividade e agressividade, e ao mesmo tempo apresentarem conduta vocal alterada.

Futebol versus gênero versus conduta vocal

A mulher cada vez mais vem praticando o futebol, que no Brasil é culturalmente praticado pelo sexo masculino. Apesar das dificuldades, muitas atletas dedicam-se ao futebol feminino por paixão ao esporte. Por isso, desde os anos noventa, inevitavelmente, o futebol feminino tem-se tornado um esporte em ascensão. Um dos fatores da exclusão feminina desta prática repousa na presumível inadequação física e comportamental, porque a mulher é vista como um ser frágil, dotado de meiguice e docilidade. É vista também como intocável e de pele macia. Portanto, o futebol, de caráter rude e violento, é inadequado à prática feminina. Nessa concepção de mulher, torna-se inimaginável vê-la correndo atrás de uma bola, dando e recebendo “encontrões”.

Se pensarmos que a mulher tem todas essas características relatadas, a voz é o resultado desta conduta ou comportamento motor. A voz humana apresenta características diversas, variando de acordo com situações da vida durante todas as fases do desenvolvimento humano. Mello (1992: 3) afirma que “a voz é a pessoa”, sendo influenciada pelo passado, pelo presente e pelas expectativas do futuro. A autora ressalta que a voz é o que se manifesta na qualidade vocal individual, condicionada pela altura tonal, intensidade, timbre, ressonância e também pela fala, através do ritmo, velocidade, conteúdo lingüístico, gestos e inflexões. Para afirmarmos que a voz é a pessoa, é imprescindível que abordemos Mondin (1998), quando diz que não há melhor palavra para caracterizar o Homem do que o termo *persona*, e que segundo ele designa tudo que há de mais perfeito no universo. Há várias concepções propostas que ratificam o termo pessoa, como a ordem psicológica que define a pessoa como autoconsciência; há a dialógica que afirma considerar na pessoa a capacidade de dialogar com outros; e a definição ontológica: a que mais contribui com este estudo, definindo como a própria essência, a substância.

Os estudos de gênero vieram dar novo direcionamento, quebrar paradigmas na cultura. Seu conceito, para Scott (1995) é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Segundo Louro (1995), desenvolvendo o pensamento de Scott, considera que a mudança provocada sobre os estudos da mulher é atribuída pelos movimentos sociais. O que ocorre é um novo olhar sobre estas questões, gerando esforços para dar a mulher novo enfoque como agente social e histórico, como indivíduo. A autora descreve que homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas diversas. Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.

Sabemos que um dos fatores fundamentais para a mudança de qualquer comportamento ou conduta é a consciência da mesma. Portanto, julgamos necessário verificar inicialmente a percepção que cada indivíduo possui de sua conduta vocal. De acordo com Boone e McFarlane (1994), para avaliar a voz realisticamente, temos que observar e escutar o indivíduo. Assim, na presente proposta, estudamos as jogadoras de futebol, em diversas situações da vida, valorizando a importância da presença dos fatores pessoais e meta-pessoais do indivíduo; incluindo neste último a importância do caráter cultural e social-histórico.

Nesta perspectiva, direcionamo-nos à construção sociocultural e histórica de um corpo sexuado; pois segundo Romero (1995), dentro de uma organização social encontramos o

masculino e o feminino; apresentando-se a humanidade sexualmente diversificada. Contemplando o estudo de Bourdieu (1995) sobre dominação masculina, tomando-se como ponto de partida o centro, inferimos que todos os que se localizam no centro detêm o poder. Louro (2003) descreve o que é “excêntrico”, ou seja, o masculino localiza-se no centro, e o feminino às margens, subordinado ao centro.

A trilha percorrida

Empregamos uma metodologia inserida no paradigma fenomenológico, caracterizado na dimensão interpretativa do Homem, vislumbrando o contexto social e histórico através de sua circunstância e corporeidade. Participaram do estudo 10 jogadoras de futebol, de um clube da cidade do Rio de Janeiro. A idade das atletas ficou entre dezessete e vinte e um anos, sendo o menor tempo de atuação em campo o período compreendido entre um e cinco anos. Como procedimento de coleta de dados, os autores fizeram pessoalmente a gravação da voz falada, com a seguinte pergunta: “quem é você?”, onde as atletas desenvolveram o discurso em torno do assunto, contemplando os aspectos pessoais e profissionais; as respostas foram interpretadas na ótica da Análise da Conduta Vocal, de Behlau (2001), através dos parâmetros de ruído, energia de emissão e intensidade.

Desvelando os resultados

Entre as dez atletas que produziram discurso, foi possível averiguar que sete apresentaram esforço vocal acentuado, excessiva energia de emissão, com intensidade forte, chegando até mesmo à rouquidão persistente. Inferimos que esta conduta vocal inadequada deve-se ao fato de ser o futebol um esporte no qual o uso da voz é constante, sem nenhum tipo de cuidado, aliado ao fato de ser um esporte que propicia a agressividade e a competitividade.

Percebemos que a maioria das entrevistadas apresentou grande dificuldade em falar sobre o assunto solicitado, ou seja, sobre si mesmas, detendo-se a dizer nome, idade e posição que ocupa no campo, sem, contudo prejudicar a análise. Experimentar uma voz que funciona diferente pode ser a porta de entrada para uma mudança de atitude, de comportamento; é a oportunidade de ser livre, mais rico, mais flexível ou mais poderoso. Há nesta mudança vocal um sistema de valores envolvidos. Segundo Beresford (2000: 82), “valor corresponde a tudo aquilo que preenche, positivamente uma determinada carência, vacuidade ou privação de um determinado ser em geral, e do Ser do Homem de forma muito particular, ou especial”.

Cabe, portanto, citar Louro (2003) ao ressaltar que o poder não atua através de mecanismo do simples controle, referindo-se aos mecanismos complexos e superpostos, os quais produzem dominação e oposição, subordinação e resistências.

Para uma tentativa de construir um paralelo entre gênero e poder, faz-se necessária uma reflexão acerca do termo poder, sob a perspectiva de Foucault (2003), que faz uma análise da genealogia do poder, a qual explica o surgimento do saber sobre o Homem, como elemento efetivamente político, como peça de relações de poder. Descreve a dominação que o corpo está sofrendo através do poder que atinge o corpo social, inserindo-se na vida cotidiana, sendo caracterizado, então, como micropoder. Este subpoder penetra, invade a vida cotidiana dos indivíduos, objetivando atingir os corpos, controlando os gestos, atitudes, comportamentos, discursos e até a voz, que é um forte meio de demonstrar o poder. Nesta perspectiva, entende-se que o termo corpo não se limita ao físico/biológico.

Num entendimento subliminar, o termo corpo refere-se à realidade individual experienciada, expressando-se num âmbito social, histórico, econômico e cultural. Isto quer dizer que o corpo vai sendo moldado a partir das várias relações com a sociedade. Acrescenta,

afirmando que o poder possui dois pólos antitéticos. O lado negativo do poder representa dominação, repressão, força destrutiva. Mas, também representa produtividade, transformação, tendo como alvo o corpo Humano, fazendo com que se aprimore, evolua. Para Behlau (2002, p. 19) “voz forte é aquela que confere características de masculinidade”. Esses dados encontram respaldo em Bourdieu (1995) quando aborda a dominação masculina.

Conclusões

De acordo com a análise dos dados foi possível inferir que grande parte das jogadoras de futebol, pelo exercício de suas atividades profissionais, sofrem a influência da construção sociocultural de seus corpos femininos. Finalizando, lembramos que o homem surge como indivíduo que se movimenta da consciência da carência até a praxidade, concretizando a intencionalidade através de suas condutas e comportamentos motores, podendo transformar as circunstâncias adversas que o rodeia.

Referências bibliográficas

- BEHLAU, M. *Voz: o livro do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
- BERESFORD, Heron. Identidade acadêmica do programa: conceito detalhado de ciência da motricidade humana na Universidade Castelo Branco. In: BELTRÃO, Fernanda Barroso, BERESFORD, Heron & MACÁRIO, Nilza M. (Orgs.). *Produção em ciência da motricidade humana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2002. Cap.1. p. 14-22.
- _____. *Valor: saiba o que é*. Rio de Janeiro: Shape, 1999/2000.
- BOONE, Daniel R. & McFARLANE, Stephen C. *A voz e a terapia vocal*. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 2, nº. 20, p. 133-184, jul./dez. 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18.ed. São Paulo: Graal, 2003.
- _____. *Vigiar e punir*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, nº. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995.
- _____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe & GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. Cap.3. p. 41-52.
- MELLO, Edmée Brandi de Souza. *Educação da voz falada*. 3.ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1992.
- MONDIN, Batista. *Definição filosófica de pessoa humana*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia. Bauru: EDUSC, 1998.
- PREUSCHOFF, Gisela. *Criando meninas*. Trad. Stefan Bernwallner. São Paulo: Fundamento Educacional, 2004.
- ROMERO, Elaine. A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento. In: *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, nº. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

GÊNERO E EDUCAÇÃO: O DISCURSO DA ELITE MASCULINA SOBRE A ENTRADA DA PRIMEIRA TURMA FEMININA NO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO (CMRJ)

Liliana Lohmann

Sebastião Votre

Mestrandos em Educação Física e Cultura – UGF

Introdução

Atualmente, a maior parte dos países ocidentais vem aceitando mulheres nas forças armadas, ainda com restrições, principalmente em atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar, porém as demandas da sociedade, quanto aos direitos das mulheres, provocam mudanças contínuas. Na América do Sul, elas passam por dois processos simultâneos, que segundo Araújo (2003: 1-2), ocorrem, os primeiros, pela redefinição das relações civis-militares, de uma situação de tutela para outra de autonomia ou de subordinação; e o segundo, pela ampliação dos direitos civis, políticos, econômicos e sociais, em função da derrota das ditaduras no continente, começando por afirmar a igualdade de direitos entre sexos, etnias, crenças e gênero.

A incorporação de mulheres coaduna-se com o processo de democratização das sociedades e com a expansão dos direitos de igualdade, conectadas ao processo social, em termos de defesa e de construção de direitos de cidadania e de soberania, à qual as forças armadas estão intrinsecamente vinculadas. No Brasil, as mulheres, estão isentas do serviço militar, na forma prevista pela constituição, porém é permitida a prestação de serviço militar voluntário, segundo critérios de conveniência e oportunidade de cada Força Armada.

O histórico de ingresso pioneiro é iniciado pela Marinha, em 07 de julho de 1980, pela criação do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, com atuação na área técnica e administrativa e depois, em 1º de janeiro de 1998, com a efetiva integração das militares femininas aos Corpos de Quadros da Marinha, com acesso das para o Corpo de Engenheiros, Corpo de Intendentes, Quadros de Médicos, Cirurgiões-dentistas, de Apoio à saúde e técnico da marinha. Com isso, a mulher passa a ter igualdade de condições no acesso a promoções e cursos, podendo ascender ao posto de até vice-almirante. A aeronáutica admitiu mulheres em 1º de agosto de 1982 proporcionando ingresso aos postos de 2º tenentes, 3º sargentos e cabos. Em 1996 tornou-se a primeira Força Armada a admitir mulheres para a formação de oficiais em uma Academia Militar – Academia da Força Aérea, em Pirassununga, nos quadros de Intendência, Infantaria e Aviadores, podendo chegar ao posto de Major-Brigadeiro-intendente, segundo mais alto posto da hierarquia militar, totalmente equiparadas aos homens desse quadro.

No exército, em 1992, a carreira militar feminina iniciou na Escola de Administração do Exército em Salvador, com as primeiras 49 oficiais tenentes do quadro complementar. Em 1997, no Rio de Janeiro: o Instituto Militar de Engenharia matriculou as 10 primeiras alunas e a Escola de Saúde do Exército formou a primeira turma de oficiais médicas, dentistas, farmacêuticas, veterinárias e enfermeiras de nível superior. Já em 2000, elaborou-se o Curso de Formação de Sargentos de Saúde, com as Auxiliares de enfermagem. Ressalta-se ainda que, desde 1996, as mulheres também puderam atuar como militares temporárias, em diversas áreas e graduações. As forças armadas contam ainda com os colégios militares (masculino e feminino, ensino médio e fundamental), Escola preparatória de Cadetes do Exército (masculina, a partir da 3ª série do ensino médio) Colégio Naval (masculino, ensino médio)

Escola preparatória de cadetes da aeronáutica (masculino ensino médio). Essas instituições permitem acesso às academias militares do exército, Marinha e Aeronáutica, com exceção para os colégios militares, onde os alunos deverão realizar concurso de admissão.

Nesse trabalho abordaremos o Colégio Militar do Rio de Janeiro, a mais antiga instituição educacional militar do país. Sua estruturação foi realizada por Thomas Coelho, através de decreto, em 9 de março 1889. O então conselheiro do governo apoiado no sonho do Duque de Caxias, criou um “Colégio Militar que amparasse os órfãos e os filhos de soldados que morressem ou viessem a morrer, ou se inutilizassem na defesa da independência, da honra nacional e das instituições”. Após a inauguração do Colégio Militar do Rio de Janeiro, muitos outros foram formados. O objetivo assistencial foi mantido, e além desse, passaram também a servir como auxílio aos filhos de militares, cujos pais fossem alvo de transferências pelo país. Eles mantiveram suas constituições iniciais até 1989, quando do seu centenário. Nesse período o então ministro do exército, General Leônidas Pires Gonçalves, desativou alguns e valorizou o ensino de outros, com isso, permaneceram apenas os de Fortaleza, Brasília, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Esses estabelecimentos foram então acrescidos de uma destinação preparatória para o ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras.

Nesse mesmo período ocorreu “a grande inovação”, o ensino que antes era destinado apenas aos homens, passava também a admitir mulheres a partir da 5ª série do então ensino de 1º grau. O ingresso seria realizado através de concurso público. Para as 120 vagas, o Colégio do Rio de Janeiro contou com a inscrição de 7099 candidatas, dos quais 2604 eram meninas - concorrendo a trinta vagas, e 4495 eram meninos – concorrendo a 90 vagas. Em 1993, quando ingressei como professora de Educação Física nessa instituição, comecei a estabelecer contato com o primeiro grupo de alunas, que entraram em 1989. Elas já tinham frequentado a escola por quatro anos e, segundo o que pude verificar, tinham um tratamento diferenciado, com relação às advertências, punições, quando comparadas ao grupo masculino do colégio. Parecia que a escola ainda não estava preparada para o atendimento às necessidades decorrentes do convívio entre meninos e meninas em uma instituição militar. Uma vez que tenho interesse especial em estudar contextos de entrada pioneira de mulheres em redutos masculinos, interessei-me em aprofundar-me nos aspectos referentes às suas vidas acadêmicas, frente ao ambiente militarizado da escola na ótica masculina de elite. Com isso, formulei os seguintes objetivos imediatos:

- Fornecer informações contextuais sobre a admissão das primeiras mulheres no Colégio Militar do Rio de Janeiro;
- Analisar o discurso masculino sobre as alunas e as questões de gênero envolvidas nesse processo.

Foram elaboradas as seguintes questões de investigação:

- Quais foram os principais motivos para a realização de um concurso de admissão para meninas?
- Como ocorreu a interação inicial dos funcionários com o grupo de primeiras meninas?
- Como elas eram tratados pelos professores e superiores homens?
- Quais foram às expectativas geradas na caserna, com o convívio escolar das meninas em uma instituição militar?

A pesquisa é qualitativa, realizada através da análise de documentos escritos e entrevistas semi-estruturadas.

As entrevistas privilegiaram a análise do discurso, sob orientação de Gill (2003); foram realizadas com um grupo de três entrevistados de elite, funcionários que atuaram com as meninas na quinta série e que acompanharam sua trajetória escolar (Professor de Educação Física, e dois Comandantes de Companhias).

Análise do discurso de elite masculino

Sobre os principais motivos de entrada no Colégio Militar do Rio de Janeiro

Meyer (2003: 12) abordando o movimento feminista no Brasil, afirma que eles associaram-se aos movimentos de oposição aos governos da ditadura militar, e depois aos movimentos de democratização da sociedade brasileira no início da década de 1980. A intenção voltava-se para “compreender e explicar a subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres tinham sido historicamente submetidas” procurava-se, com isso, qualificar as possíveis formas de intervenção com as quais pretendia-se modificar tais condições. Contribuíram para a emergência feminina nas forças armadas. Com efeito, no final da década de 80, os colégios militares abrem suas portas, para os segmentos femininos, que é absorvido nessa instituição tradicional. Os entrevistados viveram esse período e abaixo analisamos suas idéias e opiniões. Dos três entrevistados, Afonso e Beto, enfatizam que o momento de entrada da primeira turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro em 1989, foi marcado pela postura do Exército em equiparar-se as outras armas (Marinha e Aeronáutica), com relação à representação feminina nos seus quadros. Beto esclarece que: “só, depois disso, como a marinha e aeronáutica, começou a introduzir o quadro feminino, o exército começou a pensar, e pensar, e acho que foi a primeira atitude do exército com o quadro feminino foi com relação às alunas”. Afonso acrescenta mais duas situações a serem observadas no final da década de 80. A primeira diz respeito à questão do grande número de transferências de militares para o Rio de Janeiro, proporcionando ensino de boa qualidade aos filhos homens nos Colégios militares, e não às filhas mulheres, o que acabava por criar inúmeras dificuldades em suas famílias; e a segunda, relacionada com a pressão exercida pelo meio civil, uma vez que muitas escolas tradicionais estavam abrindo portas ao ensino misto, questionavam o porquê do colégio militar não seguir os mesmos princípios.

Carlos concorda com as situações acima descritas e complementa sobre a análise da postura feminina naquele período, afirmando que “a mulher conquistou seu espaço e o direito de estar lá”, informando que foi a própria “ascendência da mulher mesmo, importância da mulher dentro da sociedade” um dos motivos mais imediatos a serem considerados no momento de entrada da primeira turma.

Sobre a interação inicial dos funcionários com as alunas

Percebemos uma tendência nos entrevistados, a de infundirem a entrada das meninas, a aquisição do equilíbrio comportamental dos meninos, elas ajudariam a minimizar as indisciplinas/agressividades, que um convívio apenas masculino gerava, isso pode ser verificado nos discursos de Afonso e Carlos: Afonso afirma, sobre sua relação com as meninas, que “ela não foi assim, muito contraditória” e que “não foi tão agressiva assim”, justificando que por ser professor civil, como muitos outros, não percebia dificuldades no relacionamento inicial, pois eles já tinham contato, no que se referia a presença de mulheres,

nas escolas que trabalhavam, diferentemente do que ocorria em sua época de aluno, onde se acentuava uma grande proporção de professores militares, e pouca presença feminina no ambiente escolar. Isso parece orientar suas respostas para a rigidez disciplinar pela qual passou e que não se repetia mais no momento de entrada e no relacionamento com as alunas. Carlos diz que sua relação inicial com as meninas “foi sensacional”, e esclarece isso de forma semelhante a Afonso, através de uma mudança disciplinar sofrida pelo colégio com a presença delas. Percebem-se essas interpretações no seguinte discurso: “quem viu o colégio, quem viveu o colégio como homem, só o homem todo dia, e viveu a fase da primeira turma, com essas trinta meninas, e hoje vivem aí as alunas espalhadas por todas séries, a gente vê que o colégio mudou, mudou, mudou o próprio relacionamento dos alunos entre si, o próprio comportamento, até disciplinar”. Isso reforça a interpretação de que o convívio com as meninas amenizou as atitudes dos meninos na escola, proporcionando uma relação mais equilibrada e sadia. Uma outra situação evidencia-se, o despreparo dos militares frente as necessidade geradas pela entrada das meninas. Beto encarou suas atividades com as meninas como uma “missão”, ele foi designado a ser o comandante da série na qual elas entraram, e expõe a questão da relação inicial com o que os pais comentavam a respeito de seu trabalho, e não através da sua relação com alunas. Ele não estava acostumado a lidar com alunas ou meninas, sua experiência se baseava na condição de ser pai, porém de três meninos, o que não correspondia à necessidade inicial de atuação. Apesar disso, relata que “foi até uma relação muito boa”, dada as circunstâncias.

Sobre o tratamento dispensado pelos professores e superiores homens

Encaminhando a exposição para o que Scott (1995: 86) conceitua sobre a categoria gênero, temos duas proposições fundamentais: a primeira, expõe o gênero enquanto “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e a segunda, dizendo que ele “é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Entendemos que a escola pode exercer uma ação distintiva para os que lá convivem, e o tema gênero pode ser associado como um dos inúmeros mecanismos de hierarquização envolvidos na sua estrutura. Eles acabam por criar diferenças, distinções e desigualdades. Afonso relata que no começo, eles ficaram receosos quanto ao tratamento a ser dispensado a elas, e que a cobrança disciplinar exercida com os alunos não era a mesma executada com as alunas, expondo que, no contexto geral da escola, ocorria diferenciação. Segundo ele, era como se “fosse, sabe, uma filha a mais, que a gente tivesse que tratar com um pouco mais de carinho, com um pouco mais, um pouco mais de, hã, hã, ,é,é,as, as atitudes um pouco mais sutis” evidenciando uma postura paternalista no dia-a-dia. Isso é verificado através de suas próximas palavras: “elas realmente eram tratadas como, como, bu, bune, tipo assim, elas realmente eram tratadas como, como, bu, bune, tipo assim, as bonecas do colégio militar”.

O discurso de Carlos complementa o de Afonso, e as diferenças, distinções e desigualdades podem ser percebidas quando ele fala sobre o tratamento realizado: “com todo cuidado, era um, até cheio de dedos demais, na minha opinião” e a seguir contradizendo-se através do reforço das diferenças: “elas eram nossos chodozinhos entendeu, na época até existia uma preocupação muito grande, e ainda tem”. Expõe ainda que em sua opinião pessoal: “agora é minha opinião pessoal, eu acho que nós não somos iguais”, ”somos biologicamente diferentes, tudo, tudo diferente, agora somos dois seres iguais que vamos fazer as mesmas coisas, cada um dentro de suas características tem que chegar lá..” realizando uma ponte com a situação das diferenças biológica e as questões de gênero e poder abordadas

por Scott. Finaliza seu discurso confirmando o tratamento paternalista dispensado a elas: “eram nossos, nossos bibelôs entendeu, era nossa preciosidade”.

Outros pontos foram levantados por Beto, ele observou que a escola teve que realizar uma mudança de mentalidade, em função de nesse ambiente circular apenas homens, o que gerou uma grande adaptação nas instalações, e modificou as atitudes daqueles que lá circulavam. Ressalta que ele mesmo sentiu “alguma dificuldade” por causa da mídia ter se tornado muito assídua, propiciando um ambiente visado, o que conduziu alguns oficiais a terem uma atitude mais amena com relação ao tratamento das alunas. Suas palavras são as seguintes: “alguns oficiais... faziam até algumas distinções das meninas, tratavam até de forma mais, vamos dizer, aceitavam mais os erros, do que aceitavam dos alunos, né?”

Sobre as expectativas do convívio escolar das meninas com a instituição militar

Beto direciona a questão das expectativas, para a qualidade excepcional das alunas que entraram no concurso de admissão, em relação as suas grandes capacidades intelectuais, e para a admiração despertada no ambiente militar, o que propiciou um movimento positivo ao quadro feminino no exército. Ele relata que isso foi conseguido por que houve uma seleção muita bem feita, e que elas passaram a ser admirada “por que os oficiais, quando eu as levava em determinadas é, instituição militar, o pessoal elogiava muito, achavam pela forma como elas se portavam né?, a educação, tudo”

Afonso relata que a maior expectativa girou em torno da conclusão das suas atividades escolares, de que houvesse igualdade com o segmento masculino, e que elas pudessem ingressar nas preparatórias do exército e depois em sua academia militar. Isso fica evidente nas próximas linhas: “acho que elas acreditavam que, ou acreditaram que quando terminasse o seu, u, u, o segndo grau aqui na época, como era chamado, hoje dia o ensino médio, é que, que o exército já estivesse preparado para recebê-las, acho que essa foi a expectativa. Carlos conclui informando que ocorria uma expectativa muito grande por parte de quem trabalhava com elas, quanto à projeção do futuro delas, e em contrapartida, a falta de expectativa da instituição, no que ele descreveu como “a gente cria os elefantes e deixa eles crescendo, depois ele pisa na gente, fala hi!, pisou na gente, é, nós alimentamos com leite ninho ali, com vitamina, cresce, fica enorme e pisa na gente, é! Pisou na gente”, “nós é que alimentamos, deixamos ficar daquele tamanho” referindo-se a não possibilidade de continuidade das meninas nas preparatórias do exército e do pouco caso como a situação foi tratada, uma vez que elas estudaram, aprenderam a marchar, a atirar, em fim a serem militares, tanto quanto os homens, e quando do término de suas atividades escolares, nada foi feito, naquele período, para que houvesse continuidade de suas carreiras no exército.

Conclusões

Nosso trabalho tornou evidente o tratamento diferenciado administrado às meninas quando comparadas ao grupo masculino do Colégio Militar do Rio de Janeiro. A escola/exército não estava preparada para o atendimento as necessidades decorrentes do convívio entre meninos e meninas em uma instituição militar, nem para a continuidade de suas vidas acadêmicas militares do exército Isso fica evidenciado nos discursos masculinos sobre o tratamento dispensado a elas. A entrada da primeira turma nos fez perceber que as questões sobre gênero vão muito além do que a relação biológica confrontada nesse ambiente, e que as práticas educativas construídas A partir desse contexto levam-nos a observar e a examinar as diferenças elaboradas no interior de um dos pólos e perceber as diferenças intragêneros advindas dessa convivência. Louro (1995: 106) informa que “o gênero está

implicado na concepção e na construção do poder”, e que a história é vivida nesse campo, podendo provocar novas questões e respostas às questões analisadas.

Entendemos que o ambiente escolar tem seu espaço delimitado, estabelece os lugares, institui o que se pode ou não realizar, aponta modelos aos quais os indivíduos se reconheçam ou não, enfim, um longo aprendizado, através de muitas práticas, é realizado em seu interior. Assim, as marcas mais permanentes, que atribuímos a escola, não são concebidas apenas pelos conteúdos apresentados, mas sim pelas experiências e situações vividas em seu contexto. Os momentos vividos no dia-a-dia, com colegas, professores e o que conseguimos lembrar de situações comuns ou excepcionais, estruturaram nossas personalidades, constroem nossas identidades sociais e tornaram-se registradas permanentemente em nossos corpos.

Esses corpos passam pela construção cultural, de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencem. Através de muitos processos, inscrevem-se as marcas de identidade e, conseqüentemente, de diferenciação. Aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam, e pelas várias formas com que se expressam, os gestos, movimentos e sentidos são produzidos e incorporados por meninos e meninas na escola. A escola influencia seus corpos, o que para Louro (2001: 60) acaba por colocar “cada qual em seu lugar”, e passa a evidenciar que “as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero estão... sem dúvida implicadas nessas construções”, e que é “somente na história dessas divisões que podemos encontrar uma explicação para a” lógica que as rege”. Com isso, entendemos que esse foi apenas o primeiro passo, esperamos que através desse artigo outros possam ser elaborados, e através dessas idéias, poderemos investir no então no seguinte questionamento: Como estabeleceu-se a estruturação do corpo feminino adolescente nesse ambiente? Dessa forma, através do discurso das primeiras alunas poderíamos traduzir as hierarquias que lhes eram atribuídas e que passaram a ser assumidas por elas. Por isso, para educadoras e educadores, e especificamente em nosso trabalho, importa saber como se produziram os discursos que instituíram as desigualdades, quais os efeitos que eles exerceram e como elas se representaram a respeito deles.

Referências bibliográficas

- A ASPIRAÇÃO – COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Órgão oficial da sociedade literária do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Orientador Cap. Art. Jair Olímpio Vieira Gambôa. Rio de Janeiro: Tallent's Produções Gráficas e Publicidade, 1988.
- A ASPIRAÇÃO – COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Órgão oficial da sociedade literária do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Orientador Maj. Cav. Glycerio Neto. Rio de Janeiro: SENAI, 1995-1996.
- A ASPIRAÇÃO – COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Edição do centenário 1889-1989. Rio de Janeiro, 1989.
- A ASPIRAÇÃO – COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Órgão oficial da sociedade literária do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Orientador Maj. Alberto A. da Silva Braga, Editor-redator-chefe Al. Filipe Couto de Souza. Rio de Janeiro: Envistas Produções Gráficas e Publicações, 1995-1996.
- A ASPIRAÇÃO – COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Órgão oficial da sociedade literária do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Editor-redator-chefe Al. Filipe Couto de Souza., Redatores Al Alex Fabiano Rojas Ávila e Al Flávia Assis. Rio de Janeiro: Envistas Produções Gráficas e Publicações, 1994-1995.
- ARAÚJO, Maria Celina Soares. *Pós-modernidade, sexo e gênero nas forças armadas*. Disponível em: <<http://www.ndu.edu/chds/journal/PDF/2003/dAraujo-essay.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2004.
- FIGUEIREDO, A. J. de & FONTES, Arivaldo Silveira. *Breve introdução à história dos Colégios Militares no Brasil*. Rio de Janeiro: DF, 1958.
- GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com som e imagem: um manual prático*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guaracira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, UFRGS, v. 20(2), p. 101-132, jul/dez 1995.

_____. *Pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe & GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, , 2003.

SCOTT, Jean. Gênero: uma abordagem útil de análise histórica. Gênero e Educação. *Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, nº. 2, p 9-255, jul/dez.

VERDE OLIVA. Centro de Comunicação Social do Exército. Brasília, DF: Papelaria Asa Sul Gráfica e Editora, mai. 1989. nº123.

O SIGNIFICADO DA NATAÇÃO COMPETITIVA EM IDOSAS: UMA ANÁLISE SOB O OLHAR DO GÊNERO

Alessandra P. Andrade Ribeiro

Ana Patrícia Orlando

Prof^ª. Dr^ª. Elaine Romero

Laboratório de Estudos de Gênero e Motricidade Humana – Universidade Castelo Branco - RJ

Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM

Introdução

Com o aumento da expectativa de vida, as pessoas estão vivendo por mais tempo e conseqüentemente, as estimativas revelam aumentos assustadores, do número de idosos em todo o Brasil. A terceira idade é ainda muito repudiada pela sociedade, levando a maioria dos indivíduos desde jovens, temer essa etapa da vida. O idoso é visto como improdutivo e por isso fica segregado na sociedade. Como retrata Monteiro (2003: 31), “A sociedade com sua cultura de exclusão, deixa à parte esse outro que ninguém quer como espelho, porque talvez, anuncie a possibilidade do próprio futuro”. Os problemas sociais e emocionais advindos do envelhecer são muitos, estando esses interligados. Muitas vezes um surge em conseqüência do outro, dentre eles os mais freqüentes são: a aposentadoria, sentimentos de menos valia, casamento dos filhos, solidão, além disso o preconceito, a segregação e a depressão.

A situação das mulheres idosas tem algumas características especiais e, nelas, a categoria familiar sobressai mais do que a do trabalho. Isto não é uma condição especial das mulheres idosas, mas sim da maioria das mulheres que têm sido relegadas a um plano histórico secundário, excluído da força de trabalho produtiva, política, jurídica, ideologicamente dependente do homem e destinadas principalmente a tarefas sociais menores. Com o movimento feminista, se abriu espaço para reivindicação em nível de política públicas, quanto para o aprofundamento da reflexão sobre a condição específica da mulher, legitimando-a como sujeito social. Normalmente as normas sociais prescrevem uma postura dominadora, agressiva e ativa para os homens, contraposta a uma certa passividade e submissão da mulher. Isto diz respeito não apenas ao comportamento observável, mas às atitudes e valores mais profundos, nem sempre explícitos, que subjazem e determinam os comportamentos.

O espaço de investigação à cultura corporal e, por conseqüência, ao comportamento dos seres masculino e feminino na construção sociohistórica, é que se encontram as relações de gênero. Mato (1997) destaca que gênero procura um aprimoramento metodológico que

permita recuperar os mecanismos das relações sociais entre os sexos e as contribuições de cada qual ao processo histórico. Apesar de as transformações nos comportamentos de homens e mulheres nas últimas décadas, há marcas intangíveis presentes em nossas crenças e no imaginário social que determinam a natureza feminina e o comportamento das mulheres, assim como o que se atribui ao masculino e o papel do mesmo. Desta forma, masculino e feminino ocupam *locus* diferenciados em termos de poder. A sociedade constrói cursos de vida na medida em que prescreve expectativas e normas de comportamento apropriado para as diferentes faixas etárias e na medida em que essas normas são internalizadas pelas pessoas e instituições sociais (NERI, 2001). Este universo de diferenças sociais ocorre também, na diversidade de homens e mulheres, como a forma de se vestir, de andar, gestos, na oposição dos papéis feminino e masculino – da submissão da mulher e do poder do homem. Romero (1995, 1997) ressalta que a própria educação familiar e religiosa da época ensinava à mulher apenas o que ela devia saber para bem conduzir uma unidade doméstica, respeitando e obedecendo ao seu marido, o chefe da família. De acordo com Rodrigues e Yannoulas (1998), as relações entre as pessoas de distinto sexo ou de diferentes idades apresentam o aspecto comum de contribuir o núcleo vital das relações sociais de reprodução biológica e cultural. As relações reprodutivas do patriarcado deixaram as crianças e as mulheres em situação de dependência diante dos homens adultos, colocando o masculino numa posição mais valorizada diante do feminino. E as diferentes posições que o sujeito ocupa relativamente à idade, tendem a transformar com o dever do tempo, chegando à velhice numa condição estigmatizada, menosprezada e estereotipada.

Monteiro (2003) aponta que, quando se refere à vida, se remete diretamente ao processo do envelhecimento porque viver e envelhecer são processos indissociáveis. Estamos desde a concepção, envelhecendo e vivendo, vivendo e envelhecendo, nunca sendo os mesmos, porque envelhecer é um processo contínuo de transformação e as regras sociais são impostas de modo preciso e rígido do que deve ser para a criança, para o adulto e para o idoso. O envelhecimento se caracteriza por ser um complexo de fatores multivariados e interdependentes, tanto de caráter individual, quanto social. É mais uma etapa do processo de desenvolvimento humano e a sociedade força-nos a pertencer à grupos de idade específica, impondo normas a serem cumpridas e estabelecendo o que deve ou não ser feito. Viver a idade acarreta a preocupação da normalidade, do enquadramento e adaptação ao modelo (Monteiro, 2003). Beauvoir (1990) afirma que a velhice é o resultado e o prolongamento de um processo. Não é um processo único, mas a soma de vários outros, distintos entre si.

Na sociedade capitalista e informatizada na qual vivemos, foi reforçada a imagem negativa da velhice em virtude da valorização das pessoas pela força física e produtividade, o que torna inexpressiva a importância e a função social dos idosos. Além disso, ele acarreta mudanças no trabalho, nos relacionamentos sociais e familiares. O saber acumulado pelo idoso não o habita em nenhum lugar de destaque. Quanto mais elevado o nível intelectual de um indivíduo, mais suas atividades permanecem ricas e variadas. Beauvoir (1990) enfatiza que a inatividade acarreta uma apatia que mata todo o desejo de atividade. Nos últimos anos, a noção de saúde tem sofrido alterações. Antigamente, quando estávamos com saúde, significava que não tínhamos doença. Hoje, essa noção não é satisfatória, procurando-se fazer mais e melhor pela saúde, servindo, para isso, de medidas preventivas. Dessa forma, a prática de atividade física em qualquer fase da vida é fundamental, sendo um componente integral no processo de adaptação na história de evolução do homem. Viver com um bom estado físico, mas sem nenhuma atividade útil, é psicologicamente e socialmente impossível, pois são motivos essenciais para a sobrevivência do idoso.

Okuma (1998) aborda que a atividade física minimiza a degeneração provocada pelo envelhecimento, possibilitando ao geronte manter uma qualidade de vida ativa. Corroborando com a autora, Monteiro (2003) afirma que ter qualidade de vida é ser saudável. Desse modo, saúde é uma questão de qualidade, presença de algo que preencha nossas vidas. Nas palavras de Neri (2004), qualidade de vida é a percepção do indivíduo quanto a sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores em que vive, levando em conta suas metas, suas expectativas, seus padrões e suas preocupações. Pável (1992) enfatiza que toda a preocupação do homem em “envelhecer bem,” ou mesmo de tardar o envelhecimento, atravessa a história do ocidente. A atividade física na terceira idade vem crescendo muito nos últimos anos, devendo ser praticada regularmente para manter a capacidade funcional, mesmo na presença de doenças e um significativo impacto na prevenção e no tratamento de doenças crônico-degenerativas em idosos, melhorando os níveis de aptidão física e disposição mental.

A prática de um esporte interage para uma melhor função do organismo do idoso, não isoladamente, mas junto às atividades sociais, contribuindo para que as pessoas se libertem de preconceitos, percam complexos e redescubram a alegria e a espontaneidade, reintegrando-se à sociedade (Simões, 1994). O esporte e a atividade física têm um caráter socializante possibilitando um aumento do bem estar emocional e físico. É um processo contínuo de mudança e desenvolvimento visando a saúde biopsicosocial. Dando continuidade a esse pensamento, Simões (1994: 83), assim se manifesta: “O corpo humano foi feito para o movimento, não para o descanso. Seu sistema cardiovascular, seu metabolismo, ossos, articulações e músculos estão facilmente adaptados a realizar diariamente atividades variadas em qualquer idade. O ser humano é um ser em movimento”. Weineck (2000) constata que pessoas com mais idade e que praticam esporte conseguem ser 10-12 anos mais jovem em relação à idade biológica, do que o sedentário da mesma idade. De certa forma, conseguem ter quarenta anos durante vinte anos. Por isso, o ser humano busca uma melhor qualidade de vida através de medidas preventivas como a realização de uma atividade física regular, por exemplo a prescrição de exercícios que deve ser a mais individualizada em busca da longevidade, já que as alterações morfológicas e funcionais ocorridas requerem atenção especial.

A década de 80 consagrou o esporte e os exercícios físicos como uma grande descoberta para a prevenção da qualidade de vida, sendo fundamental na vida das pessoas. As atividades físicas, especialmente aquelas voltadas para a educação corporal com preocupações para a prática, a saúde, a competição e o entretenimento, diferenciam-se e tomam forma e conteúdo autônomos e particulares. Assim considerando, os idosos precisam se movimentar, sob pena de transformar sua existência em uma constante perda de autonomia. Os exercícios na água, como a natação, representam um dos mais salutar meios para um bom condicionamento, especialmente para a terceira idade. Nesse sentido, Dantas (2003) esclarece que as atividades aquáticas são muito prazerosas e muitas vezes significa para o praticante um momento de liberdade, possibilitando experimentar potencialidades, isto é, conhecendo a si próprio.

A natação é uma atividade física recreativa que pode preencher o tempo livre do idoso como proposta de lazer, como meio de favorecer a integração e a socialização com pessoas de várias idades e como estimuladora de renovações pessoais. Não esquecendo de que o simples conhecimento de que ela ainda é capaz de competir, mantendo e/ou melhorando suas habilidades reforça seu orgulho próprio e ajuda a negar os sentimentos de inutilidade intrínsecos no papel estigmatizado de nossa sociedade. A presente pesquisa enfoca como atividade física a natação master especificamente, esta prática competitiva desenvolve para os idosos, a auto estima e melhora a auto imagem, proporcionando às atletas a integração e o

convívio social, por ser uma forma humana de relação com o mundo. A prática da natação é ainda altamente significativa no cotidiano de suas vidas. Trindade (2002) diz que, essa prática possibilita a promoção de integração entre a mulher e seu corpo, integração essa necessária para a afirmação de sua condição feminina, vislumbrada na possibilidade de engrandecimento de experiências, a despeito de sua faixa etária ou etapa da vida.

Sob esta ótica, o estudo abordou na perspectiva de gênero, o significado da competição em nadadoras masters com mais de 65 anos. O objetivo foi desvelar as questões de gênero contidas no sentido da competição dessas idosas. Priorizamos essa faixa etária por acreditarmos que elas podem traçar os seus caminhos, extinguindo a imagem estigmatizada e estereotipada da idosa inútil, incapaz e infeliz que a sociedade rotulou, pois as histórias de vida dessas nadadoras são as mais variadas contrariando todo o preconceito existente em seu cotidiano.

Material e método

A presente investigação é um estudo interpretativo, centrado na concepção de Homem existencial, portanto uma abordagem fenomenológica. A população alvo compreendeu dez idosas, com idades entre sessenta e sete e oitenta e nove anos, todas filiadas à Associação Brasileira Master de Natação (ABMN), atletas de clubes localizados nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Como instrumento foi utilizada uma entrevista contendo uma questão sobre o significado da competição em idosas na natação. Os dados foram coletados durante o Campeonato Estadual Carioca, no Parque Aquático Vasco da Gama, no Rio de Janeiro em 2003 e no VII Masters Mais e Mais, Curitiba em 2003. Para analisar as respostas empregamos a estratégia de análise de discurso (ORLANDI, 2003) que a define como uma forma de compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte social geral, constitutivo do homem e da sua história. As atletas consentiram a divulgação de suas falas, nome e idade.

Resultados e discussão

A partir das respostas emitidas levamos em conta as palavras de Orlandi (op. cit.), que relata sendo esse tipo de estudo uma forma de se conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. A autora ressalta também a importância de se observar que este estudo trabalha com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. Para interpretar o discurso das nadadoras foi necessário compreender os sentidos que emanam deste grupo, suas historicidades e seus valores sociais, para então buscar o que não se diz diretamente. De acordo com Orlandi (2003), a linguagem não é transparente, ela produz sentidos por/para os sujeitos. Assim, consideramos ser este um estudo sobre pessoas idosas que vivenciaram mudanças históricas e de valores durante suas vidas. Observamos nas falas da maioria das entrevistadas a questão da confraternização como um fator importante para maior dedicação à natação como esporte e a vontade de vencer, de chegar em primeiro lugar, conforme veremos nos discursos que se seguem.

Em relação à confraternização, à satisfação de fazer parte de um grupo social, pudemos observar nas falas da maioria das nadadoras:

Não é a competição em si, viu? É o encontro para mim. O encontro para mim é mais importante ainda do que competir (Alba, 79).

[...] é uma espécie de confraternização, eu estou com esse grupo que eu conheço, desde que nós começamos a nadar. Tem muita gente desse grupo que cresceu junto comigo, então é isso que é bom (Mary, 73).

Eu também encontro as amigas, as minhas conhecidas, é uma confraternização muito boa para mim, uma relação humana que eu gosto muito, sabe? (Yveline, 75).

É um lazer, é uma confraternização. Eu também entro em contato com meus amigos, desde os 25 anos até os 93 (Márcia, 68).

Porque isso é uma confraternização muito grande. A nossa equipe é muito unida, entendeu? (Liliane, 69).

Na visão de Pável (1992), no esporte aparece uma característica humana um tanto paradoxal. O homem, tanto no esporte como na sociedade, é gregário e, ao mesmo tempo, competitivo. Gregário no momento que se une a outros visando formar uma sociedade a partir de interesses; competitivo, quando aceita desafios que resultam em uma auto-superação ou superação de outros. Afirma ainda que a natação, em geral, não é diferente de outros esportes. Entretanto, sua singularidade, seu caráter especial, reside nas suas próprias características enquanto atividade, por ser uma atividade esportiva que permite a prática com mínimas restrições.

Segundo Romero (1997), a participação da mulher na atividade física e no esporte, dá-se então mais pela busca de um corpo saudável e perfeito do que por um espaço social de luta. O mito da feminilidade, aliado aos papéis sexuais próprias do sexo feminino, como passividade, fragilidade, submissão, delicadeza, sensibilidade, inaptidão física, impele e cerceia a maior participação da mulher na atividade física e no esporte.

Desmistificando a idéia de que apenas os homens possuem espírito competitivo observamos pela fala de algumas nadadoras uma forte vontade de competir, ultrapassar seus limites e reduzir seus tempos como nos relatam:

Eu gosto de competir. Eu tenho prazer em competir porque toda vida eu tive espírito de competir e até hoje continuo (Maria Lenk, 87).

É como eu te falei, a água faz parte de mim. Eu vou te dizer um negócio, eu estando competindo eu estou no melhor da minha vida porque eu gosto, é uma coisa que eu faço e eu gosto (Cândida Gandolpho, 82).

Competir, eu não agüento eu me sinto feliz, eu sinto viver quando estou competindo, muito feliz mesmo de competir. A natação e competir eu não deixo mais, só depois que eu morrer. Tem horas que eu digo não vou competir mais, mas eu não agüento. eu preciso, eu sinto viver (Ordália, 79).

Eu tenho um espírito competitivo. Então, eu tenho que ter uma coisa na minha frente, uma competição para poder treinar bem. Porque eu acredito que se eu não tiver uma competição, em campeonato mundial, um Sul Americano, uma coisa assim eu já não vou ter aquela força, aquela vontade de chegar lá. Então eu acho que competir para mim é importante (Márcia, 68).

Para mim, competir faz parte do meu temperamento, eu gosto de competir, gosto mesmo, gosto de competir e gosto de ganhar não adianta dizer que eu não gosto não que não é verdade, porque eu gosto de ganhar, de chegar na frente de todas as pessoas que estão nadando e bater na borda em primeiro lugar. Pode ser gente só da minha faixa etária como pode ser acima ou abaixo mas é muito gratificante para mim chegar em primeiro lugar. Isso me faz um bem enorme muito mais do que receber a medalha é aquela alegria da hora de vencer uma competição, faz parte do meu temperamento(Dora,72).

Conclusão

O estudo permitiu inferir, a partir do questionamento sobre o significado de competir para as nadadoras entre 67 – 88 anos, que a confraternização surge como um fator preponderante nos discursos das atletas, demonstrando que o Ser Humano, tanto no esporte, como na sociedade, é gregário, e ao mesmo tempo competitivo. Contrariando as expectativas de que, as mulheres idosas são pouco competitivas por terem crescido numa época em que as mesmas deveriam se dedicar a casa e a família, as atletas demonstraram forte espírito de competição. É relevante que seja observado se essas características são encontradas em outras atividades esportivas, para que a mulher seja aceita como um ser competitivo.

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DANTAS, Estélio H. *Exercício, maturidade e qualidade de vida*. Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- MATOS, Maria Izilda S. Gênero e história: percursos e possibilidades. In: SCHPUN, Mônica Raisia (Org.). *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Mulheres, 1997. p. 73-91.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer, histórias, encontros e transformações*. 2. ed. Belo Horizonte: Gutenberg-Autêntica, 2003.
- NERI, Anita Liberalesso. *Desenvolvimento e envelhecimento*. São Paulo: Papirus, 2001.
- _____. Qualidade de vida na velhice. In: REBELATTO & MORELLI (Orgs.). *Fisioterapia geriátrica: a prática da assistência ao idoso*. São Paulo: Manole, 2004.
- OKUMA, Silene Sumire. *O idoso e a atividade física*. Campinas: Papirus, 1998.
- ORLANDI, Eni R. *Análise de discurso*. 5.ed. São Paulo: Pontes, 2003.
- PÁVEL, Roberto de Carvalho. *A natação representada no universo dos idosos masters*. 1992. 216 fl. Tese (Livre Docência). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, Almira & YANNOULAS, Silvia Cristina. Gener-Idade. Primeiras aproximações ao estudo de gênero na infância. *Estudos de Gênero*. Goiânia: ECG, Caderno de área, nº. 7, 1998.
- ROMERO, Elaine. A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento. In: _____. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. São Paulo: Papirus, 1995. p. 235-270.
- _____. A mulher no espaço social e esportivo. In: _____. (Org.). *Mulheres em movimento*. Vitória: EDUFES, 1997. p. 137-163.
- SIMÕES, Regina. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. Piracicaba: UNIMEP, 1994.
- TRINDADE, Roberta Carolina Valle da. *Mulheres que nadam contra o tempo: análise dos significados que emergem do discurso das mulheres acima da meia idade sobre a prática da natação competitiva*. 2002. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro.
- WEINECK, Jürgen. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 2000.

O CORPO FEMININO E A DANÇA DO VENTRE: UMA ABORDAGEM CINESIOLÓGICA DOS MOVIMENTOS DO QUADRIL

Maria Rosane da Silva de Souza
Aline Nogueira Hass
CEFD/UFMS – Santa Maria - RS
PUC – Porto Alegre - RS

Introdução

O movimento e o gesto são as formas mais primitivas de manifestação da dança. Antes mesmo da fala, o homem, conduzido por impulso emocional ou instintivo, usava a dança para externalizar seus pensamentos. Por isso, a dança foi um forte meio de comunicação que distinguia diferentes povos, presidindo acontecimentos familiares, religiosos ou rituais e, mais tarde, tornar-se-ia obra de arte e elemento estético (Fahlbush, 1990). Segundo La Regina (1998), a Dança do Ventre surgiu no Antigo Egito a mais de 5000 anos atrás, sobreviveu aos tempos e chegou até os nossos dias. Conforme Sharazad (2002), a Dança do Ventre, codificada e ritmada, apresenta-se como a mais difundida dança étnica na história da dança. Possui na sua essência, predominantemente egípcia, traços que mostram a evolução do estilo, passando pelas três modalidades: dança-sacra, semi-sacra e profana ou recreativa. Ficando, tipologicamente, na última modalidade, na qual apresenta características associadas à fertilidade e à maternidade.

Acredita-se que não basta somente saber o modo de executar a Dança do Ventre, mas também entender a cultura de onde ela provém, o motivo de sua existência, bem como o significado desta expressão para seu povo. A Dança do Ventre como qualquer outra forma de expressão corporal e cultural necessita também de movimentos preparatórios que irão disponibilizar a musculatura das regiões solicitadas para um melhor desempenho e aprendizado e assim, a execução dos seus fundamentos.

Dedenvolvimento

Segundo Bencardini (2002), a arte da dança está na perfeição da forma em cada movimento executado pela bailarina. Essas formas são desenhos que ela realiza com o seu próprio corpo e que vão preenchendo o espaço. Nos fundamentos da Dança do Ventre, a articulação do quadril é muito solicitada e utilizada pela bailarina. Segundo Bencardini (2002: 53), “embora a dança do ventre movimente o corpo todo, o quadril é a articulação que a dançarina da dança do ventre deve prestar mais atenção”. O quadril une o osso fêmur à pelve e é uma articulação difícil de localizar com precisão, pois além da presença de grandes massas musculares, algumas mulheres podem apresentar uma camada espessa de gordura nesta região. Conforme Busquet (2002), é a articulação mais estável do corpo, protegida e reforçada por cápsulas, bolsas e ligamentos; e precisa ser assim já que é ela que permite a posição do pé. Permite também conduzir o corpo quando a pessoa anda (deambulação), e descer o tronco na hora de assentar-se.

Os exercícios de aprendizado da dança do ventre, corretamente executados, vão reforçar a musculatura da região, conferindo maior estabilidade para a articulação, principalmente para a dança realizada no chão vai dar especial mobilidade e flexibilidade articular. De acordo com Aton (2000), o vício de jogar o quadril para trás na dança, pode ocasionar uma rotação do fêmur e aproximação dos joelhos não permitindo o aproveitamento total dos movimentos da região, além de sobrecarregar outras estruturas. Seguindo a teoria de La Regina (1998), o

quadril é uma das mais importantes ferramentas de trabalho para a dançarina do ventre, não apenas pela marcação do ritmo, mas também por ter conexão direta com a pelve e todos os músculos aí envolvidos. Basicamente, todos os movimentos desta dança partem de uma única figura, que é exposta de diversas maneiras pelo corpo; o círculo. Este símbolo do infinito, da espiritualidade, da serpente que devora a própria causa, pode ser vislumbrado o tempo inteiro no corpo da dançarina.

Na análise anatômica e cinesiológica dos movimentos do quadril, a articulação do quadril é uma articulação sinovial esferóide, e por sua arquitetura e sustentação ligamentosa, a articulação do quadril demonstra um alto grau de mobilidade. O posicionamento do corpo do fêmur por meio do colo do femoral, a uma certa distância da pelve favorece à uma boa amplitude articular (Rasch, 1991). Os ligamentos acessórios que reforçam na face externa-anterior da cápsula incluem o ligamento íleofemoral, pubofemoral, e isquiofemoral. O ligamento íleofemoral refreia a extensão do quadril e também limita a rotação do fêmur em torno do seu eixo longitudinal. Este ligamento impede que o tronco gire para trás durante a postura em pé, reduzindo assim a necessidade de contração muscular para manter a postura ereta.

O ligamento pubofemoral restringe a abdução bem como a extensão e rotação lateral do quadril. O ligamento isquiofemoral, situada mais para trás que os demais, limita a rotação medial do quadril (Rasch, 1991). Existe, ainda, um outro ligamento que liga a cabeça femoral ao centro do acetábulo, este ligamento é conhecido por ligamento redondo que se constitui em um tubo oco de membrana sinovial que carrega vasos sanguíneos para a cabeça femoral nutrido-a, são os ramos da artéria circunflexa medial e obturadora. O encaixe do fêmur com a pelve respeita um ângulo de inclinação entre o eixo do colo femoral com o corpo do fêmur. O normal é de 125°. Um ângulo patologicamente maior é chamado de coxa valga e um ângulo patologicamente menor é chamado de coxa vara (Rasch, 1991). Outro ângulo importante a ser mencionado é o ângulo formado pelo eixo transversal dos côndilos femorais e o eixo do colo do fêmur. O ângulo varia de 8 a 15° com um normal de 12°, e um aumento deste ângulo é chamado anteversão e provoca a rotação medial no membro inferior; uma diminuição no ângulo é chamado retroversão e provoca rotação lateral no membro inferior. A anteversão geralmente resulta em genu valgo e pé chato (Rasch, 1991).

A despeito da estabilidade inerente proporcionado à articulação por sua arquitetura e sustentação ligamentosa, a articulação do quadril demonstra um alto grau de mobilidade. Os movimentos permitidos incluem a flexão e extensão no plano sagital, abdução e adução no frontal e rotação medial e lateral no plano transversal. De acordo com Rasch (1991), a flexão é limitada pelos músculos isquiotibiais quando o joelho está estendido e pelo contato da parede abdominal com o joelho fletido. A extensão é limitada pelo espessamento ligamentoso da cápsula articular fibrosa. Com o quadril estendido as fibras capsulares limitam a rotação interna e externa. A abdução é limitada pelo grupo muscular adutor e a adução pelo músculo tensor da fáscia lata e o grupo muscular abdutor. Os músculos desempenham uma função essencial de estabilidade do quadril. Os músculos pelvitrocantarianos como o piramidal e obturador externo e os glúteos maiores, menor e médio, possuem um forte componente coaptador da cabeça do fêmur com o acetábulo e desempenham uma função primordial na estabilização da pelve (Kapandji, 1990). Os músculos flexores do quadril são aqueles situados à frente do plano frontal que passa pelo centro articular, os mais importantes são o psoas e o psoas íliaco que cruzam os tendões e se fixam no trocanter menor e originam-se nas vértebras dorsais D11 e D12. Os outros são o sartório, o reto da coxa, o tensor da fáscia lata, o pectíneo,

algumas fibras do adutor médio e vasto medial, as fibras mais anteriores do glúteo menor e médio.

Os músculos extensores estão atrás do plano frontal que passa pelo centro articular e incluem o glúteo maior, médio e menor que também são rotadores externos, e os músculos isquiotibiais, dos quais fazem parte a porção longa do bíceps femoral, semitendinoso e semimembranoso, esses são biarticulares, pois cruzam duas articulações. Sua eficácia vai depender em grande parte da posição do joelho, pois se este estiver em extensão sua ação extensora será mais potente e a amplitude do movimento de flexão do quadril não ultrapassará os 90°, já com o joelho flexionado o alcance ultrapassa os 120° (Kapanji, 1990). Os extensores do quadril têm uma função essencial na estabilização da pelve no sentido antero-posterior. Durante a marcha normal os isquiotibiais realizam uma contração excêntrica para executar o controle no momento flexor do contato inicial do pé, nesse momento o glúteo maior não intervém, o mesmo não ocorre na corrida e no saltar, onde a ação do músculo glúteo maior é indispensável. Os músculos abdutores são os músculos situados lateralmente ao plano frontal que passa pelo centro articular. Os principais são o glúteo médio e menor, tensor da fáscia lata, glúteo maior, em sua porção mais superior e piramidal. Quando a pelve está em apoio bilateral, seu equilíbrio transversal está assegurado por ação simultânea e bilateral dos adutores e abdutores. A estabilização da pelve através dos glúteos médio e menor e o tensor da fáscia lata é indispensável para uma marcha normal (Kapandji, 1990).

Os músculos adutores se localizam medialmente ao plano sagital que passa pelo centro articular, são mais numerosos e potentes, sendo o adutor maior o mais potente, o grácil, o semitendinoso e semimembranáceo e a porção longa do bíceps femoral também possuem um componente adutor. Os seis pequenos rotadores externos (piriforme, gêmeo superior, gêmeo inferior, obturador interno, obturador externo e quadrado femoral) têm um ângulo de tração para rotação externa, porém seus componentes rotatórios diminuem com a flexão do quadril, e a 90° de flexão eles possuem um componente abductor considerável. O glúteo máximo, ao estender o quadril também roda externamente esta articulação. O piriforme muda de rotador externo na extensão do quadril para rotador interno na flexão. As porções anteriores dos glúteos médio e mínimo e o tensor da fáscia lata aumentam sua ação de alavanca para rotação interna quando o quadril está fletido (Kapandji, 1990).

Para Lapiere (1982) o equilíbrio da pelve, está assegurado por dois pares antagonistas: O par correto formado pelos abdominais e glúteo e o par deformante, formado pelos músculos lombares e ílio-psoas. O encurtamento de alguns desses grupos acarretará em transtornos articulares com níveis de sobrecarga exagerada em alguma articulação com sérias repercussões no equilíbrio músculo-esquelético, prejudicando sua postura frente a atividades da vida diária. Descreve-se conforme Busquet (1985) a origem do psoas maior tem origem nas superfícies ventrais dos processos transversos de todas as vértebras lombares, lados dos corpos e correspondentes discos intervertebrais das últimas vértebras torácicas e todas as vértebras lombares e arcos membranosos que se estendem sobre os lados dos corpos de todas as vértebras lombares. Sua inserção é no trocânter menor do fêmur. Os nervos que atingem este músculo são o plexo lombar, L1, L2, L3 e L4. Sua ação ocorre atuando bilateralmente com inserção fixada, atuando unilateralmente, auxilia na flexão do tronco para o mesmo lado. O Íliaco tem origem nos dois terços superiores da fossa ilíaca, lábio interno da crista ilíaca, ligamentos iliolumbar e sacroilíaco ventral e asa do sacro. Inserção: Lado lateral do tendão do psoas maior, e imediatamente distalmente ao trocânter menor. Nervo: Femoral, L(1), 2, 3, 4. Tem ação na flexão lateral do tronco.

A partir da teoria de Alter (1999), O Iliopsoas tem grande importância na dança, sua ação é: *Com a origem fixada*, o iliopsoas flete a articulação do quadril ao flexionar o fêmur sobre o tronco, como na elevação de pernas alternada supina, e pode auxiliar na rotação lateral e abdução da articulação do quadril. *Com a inserção fixada* e atuando bilateralmente, o iliopsoas flexiona a articulação do quadril flexionando o tronco sobre o fêmur, como ao sentar-se a partir da posição supina. O psoas maior, atuando bilateralmente com a inserção fixada, pode aumentar a lordose lombar; atuando unilateralmente, auxilia na flexão lateral do tronco para o mesmo lado.

Conforme McCreary & Kendall (1990), psoas menor não é um músculo da extremidade inferior, porque ele não cruza a articulação do quadril. É relativamente desimportante, e está presente apenas em cerca de 40% da população. A origem é nos lados dos corpos da décima segunda vértebra torácica e primeira lombar, e disco intervertebral correspondente. A inserção é na eminência iliopectínea, linha arqueada do ílio, e fâscia ilíaca. A ação é a flexão da pelve sobre a coluna lombar e vice-versa. O nervo é o plexo lombar, L1 e L2. De acordo com Alter (1999), adutores do quadril são, os músculos da virilha, em região que inclui parte superior da frente da coxa e a parte inferior do abdômem. O pectíneo tem origem na superfície do ramo superior do púbis ventral ao pecten entre a eminência iliopectínea e o tubérculo púbico e inserção na linha pectínea do fêmur. No nervo femoral e abductor, L2, 3, 4, sua ação aduzir, flexionar e rodar a coxa.

O adutor magno tem origem no ramo pubiano inferior, ramo do ísquio (fibras anteriores), e tuberosidade isquiática (fibras posteriores). Inserção na medial à tuberosidade glútea, meio da linha áspera, linha supracondiliana medial, e tubérculo adutor do côndilo medial do fêmur. E no nervo obturador, L2, 3, 4, e ciático, L4, 5, S1. Segundo Kisner & Colby (1982), o grácil tem origem na metade inferior da sínfise púbica e margem medial do ramo inferior do osso púbico. Inserção na superfície medial do corpo da tíbia, distal ao côndilo, proximal à inserção do semitendinoso, e posterior à inserção do sartório e no nervo obturador, L2, 3, 4, flexionar e rodar a coxa serve para restringir a abdução juntamente com os ligamentos do quadril. O adutor curto tem origem na superfície externa do ramo inferior do púbis. Inserção nos dois terços distais da linha pectínea, e metade proximal do lábio medial da linha áspera. Nervo obturador, L2, 3, 4. Sua ação é aduzir flexionar e rodar a coxa.

Conforme Alter (1999), o adutor longo tem origem na superfície anterior do púbis na junção da crista e sínfise. Inserção no terço intermediário do lábio medial da linha áspera. Nervo obturador L2, 3, 4 e sua ação é aduzir, flexionar e rodar a coxa. Para McCreary & Kendall (1990), todos os músculos acima aduzem a articulação do quadril. Além disso, o pectíneo, adutor curto e adutor longo flexionam a articulação do quadril. As fibras anteriores do adutor magno que se originam dos ramos do púbis e ísquio podem auxiliar na flexão, enquanto que as fibras posteriores que se originam da tuberosidade isquiática podem auxiliar na extensão. O grácil, além de aduzir a articulação do quadril, flexiona e rota medialmente a articulação do joelho.

De acordo com Alter (1999), a rotação lateral ou externa do quadril é definida pela rotação externa do fêmur. Esse movimento é produzido pelos músculos obturador, gêmeo e quadra do femoral e é assistido pelo piriforme glúteo máximo e adutores. O piriforme tem origem na superfície pélvica do sacro entre e lateralmente aos forames sacros pélvicos um, dois, três, quatro, margem da incisura isquiática maior e superfície pélvica do ligamento sacrotuberoso. A inserção é na borda superior do trocânter maior do fêmur. O nervo é o plexo sacro, L(5), S1, 2. O quadrado femoral tem origem na parte proximal da borda lateral da

tuberosidade do ísquio. A inserção é na parte proximal da linha quadrada estendendo-se distalmente desde a crista intertrocanteriana. O nervo é o plexo sacro, L4, 5, S1,(2).

Conforme Kapandji (1990), destaca o obturador em interno e externo e o músculo gêmeo em superior e inferior. Todos os músculos desta cadeia juntamente com o piriforme e o quadrado femoral tem a função de rotar lateralmente a articulação do quadril. Além disso, o obturador externo pode auxiliar na adução da articulação do quadril e o piriforme, obturador interno pode auxiliar na abdução quando o quadril está fletido. O piriforme auxilia na extensão.

O obturador interno tem origem na superfície interna ou pélvica da membrana obturadora e margem do forame obturador, e superfície pélvica do ísquio posterior e proximal ou forame obturador, e, em menor extensão, a partir da fâscia obturadora. Sua inserção é superfície medial do trocânter maior do fêmur proximal à fossa trocanteriana. O nervo é o plexo sacro, L5, S1, 2. O obturador externo tem origem nos ramos do púbis e ísquio, e superfície externa da membrana obturadora.

A inserção é na fossa trocanteriana do fêmur. O Nervo é o obturador, L3, 4. De acordo com McCreary & Kendall (1990), o gêmeo superior tem origem na superfície externa da espinha do ísquio. A inserção é com tendão do obturador interno na superfície medial do trocânter maior do fêmur. O nervo é o plexo sacro, L5, S1, 2. O gêmeo inferior tem origem na parte proximal da tuberosidade do ísquio. A inserção é com tendão do obturador interno na superfície medial do trocânter maior do fêmur. O nervo é o plexo sacro, L4, 5, S1, (2). Ação: Todos os músculos acima rotam lateralmente a articulação do quadril. Além disso, o obturador externo pode auxiliar na adução da articulação do quadril; e o piriforme, obturador interno e os gêmeos podem auxiliar na abdução quando o quadril está fletido. O piriforme pode auxiliar na extensão.

Conforme McCreary & Kendall (1990), os rotadores mediais da articulação do quadril consistem no tensor da fâscia-lata, glúteo mínimo e glúteo médio (fibras anteriores). O tensor da fâscia-lata tem origem na parte anterior do lábio externo da crista ilíaca, superfície externa da espinha ilíaca antero-superior e superfície profunda da fâscia-lata. A inserção é no trato iliotibial da fâscia-lata na junção dos terços proximal e médio da coxa. Sua função é flexionar, rotar medialmente e abduz a articulação do quadril, tensiona a fâscia-lata, e pode auxiliar na estender o joelho. O nervo é o glúteo superior, L5, 5, S1. O glúteo mínimo tem origem na superfície externa do ílio entre as linhas glúteas anterior e inferior, a margem da incisura isquiática maior. A inserção é na borda anterior do trocânter maior do fêmur, e cápsula da articulação do quadril. Sua função é abdução, rotação medial e pode auxiliar na flexão da articulação do quadril. O nervo é o glúteo superior, L4, 5, S1. Juntamente com o glúteo médio que tem origem na superfície externa do ílio entre a crista ilíaca e a linha glútea posterior dorsalmente, e linha glútea anterior ventralmente, aponeurose glútea. Tem a mesma função do glúteo mínimo abduz e auxilia na flexão da articulação do quadril.

A partir da teoria de Alter (1999), o Glúteo Máximo tem origem na linha glútea posterior do ílio e porção do osso a ela superior e posterior, superfície posterior da parte inferior do sacro, lado do cóccix, aponeurose do eretor da espinha (sacroespinal), ligamento sacrotuberoso e aponeurose glútea. A inserção é na porção proximal maior e fibras superficiais da porção distal do músculo no trato iliotibial da fâscia-lata e nas fibras mais profundas da porção distal na tuberosidade glútea do fêmur. Sua função é estender, rotar lateralmente, e fibras inferiores auxiliam na adução da articulação do quadril. As fibras superiores auxiliam na abdução. Através de sua inserção no trato iliotibial, ajuda a estabilizar o joelho em extensão. O nervo é o glúteo inferior L5, S1, 2.

Considerações finais

Através da análise dos fundamentos da dança do ventre, a qual envolve o quadril, podemos verificar segundo Aton (2000) que trabalhamos todos os segmentos corporais com igual importância para dança. Bencardini (2003) atribui maior importância para o quadril e caracteriza a dança do ventre através dele. Após a análise anatômica e cinesiológica do quadril podemos verificar, de acordo, com Corbin & Fox (1999) e Achour Jr. (1996) o equilíbrio da pelve, está assegurado por dois pares antagonistas, o par corretor abdominais e glúteos e o deformante, formados pelos músculos lombares ílio-psoas. Destaca-se pelos autores que o encurtamento de alguns desses músculos acarretará em sobrecarga para as articulações e até lesões, prejudicando sua postura corporal nas atividades da vida diária.

Referências bibliográficas

- ATON, Mayra Moreira Vasconcellos. *Dança do ventre, dança do coração*. São Paulo: Radhu, 2000.
- BENCARDINI, P. *Dança do ventre: ciência e arte*. São Paulo: Texto/Novo, 2002.
- BUSQUET, L. *Las cadenas musculares*. 2. ed. Barcelona: Paido Tribo, 1997. v. 4.
- CALAIS, B. *Anatomía para el movimiento*. 2. ed. 1995. v. 1. German.
- _____. & LAMOTTE, A. *Anatomía para el movimiento*. 3. ed. Barcelona: Los Libros de la Libre de Marzo, 1994. Germain v. 2.
- CORBIN, C. & FOX, K. Flexibilidade: a parte esquecida da aptidão. *Bristish Journal of Physical Education*. v. 16, nº. 6, 1985. In: Artigos traduzidos – Revista *Aptidão Física e Saúde*, v. 3, nº. 2, p. 34-50, 1999.
- KAPANDJI, I. A. *Fisiologia articular*. 5. ed. São Paulo: Manole, 1990.
- KENDALL, F. P. & MCCREARY, E. K. *Músculos: provas e funções*. 3. ed. São Paulo: Manole, 1990.
- KISNER, C. & COLBY, L. A. *Exercícios terapêuticos: fundamentos e técnicas*. São Paulo: Manole, 1982.
- LA REGINA, G. *Dança do ventre: uma arte milenar*. São Paulo: Moderna, 1998.
- LYZ, S. *Dança do ventre: descobrindo sua deusa interior*. São Paulo: Berkana, 1999.
- PENA, L. *Dance e recrie o mundo: a força criativa do ventre*. São Paulo: Summus, 1993.
- RACH, P. J. *Cinesiologia e anatomia aplicada*. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- STRUYF, G. D. *Cadeias musculares e articulares o método GDS*. São Paulo: Summus, 1995.
- WEINECK, E. J. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 1991.

CORPOS QUE DANÇAM: A CULTURA EXPRESSIVA FEMININA NO SUL DO BRASIL

Mara Rubia Antunes

Ana Paula Batalha

CEFD/Universidade Federal de Santa Maria - RS

Fac.MotricidadeHumana – Universidade Técnica Lisboa, Portugal

Introdução

Após realizarmos reflexões de caráter pedagógico e antropológico sobre certas temáticas como a dança enquanto elemento de transmissão da cultura e da cultura expressiva, as funções sociais de corpos que dançam, as influências de valores morais e religiosos em corpos dançantes, baseadas em autores como Vasconcellos (1933), Braga (1994), Lima (1984), Dias (1990 e 1995), Piazza (1983, 1988 e 1992), Del Priore (1997), Pedro (1994), Flores (1989) e outros, pensamos investigá-las, a fim de contribuir para a ampliação das discussões em relação a estes temas. Acreditamos que quaisquer que sejam as vivências experimentadas dentro dos mais diferentes processos e etapas que caracterizam as ações

pedagógicas e antropológicas, elas propiciarão sempre, com maior ou menor intensidade, análises e conseqüentemente, questões sobre um dos temas mais polêmicos e discutidos atualmente: o corpo, e em particular o corpo feminino.

Autores como Crespo (1990), Santin (1987), Medina (1990), Cunha e Silva (1999), Gonçalves (1994), Daólio (1995) entre outros, escrevem sobre os corpos que são valorizados na medida em que podem contribuir para a afirmação dos novos valores do trabalho, do rendimento e do progresso, mais precisamente, sobre os significados dos papéis refletidos na e pela sociedade contemporânea. Tais reflexões serão mais profundas quanto maior for o reconhecimento das suas implicações, principalmente quando tratarmos de corpos que, em princípio, nascem homens e mulheres, e que depois são assumidos culturalmente como masculinos e femininos, com funções sociais determinadas. Estudos históricos e antropológicos tratam da historicidade do corpo, entre eles, Gonçalves (1994), quando afirma que o homem primitivo tinha uma relação de sobrevivência com o seu corpo, onde todos os acontecimentos tinham a participação corporal efetiva e intensa. Referindo-nos às civilizações orientais, a identificação com o corpo era baseada nas tradições místicas, onde o corpo era compreendido como ponto chave da experiência do homem com o mundo, identificando o homem como um ser corporal e sensível. As civilizações ocidentais, por possuírem suas raízes na antigüidade grega, adquiriram uma visão dualista do homem. De Platão até Descartes, pode-se observar o privilégio dado à razão, ao pensamento sobre o existir, ou seja, a existência era confundida em decorrência do pensamento. Pode-se também apontar a grande influência do paradigma cartesiano, que entendia ser a mente o centro e o suporte de toda a realidade, surgindo desta forma, a interpretação do corpo-objeto.

Historicamente corpo sempre foi rejeitado, colocado em segundo plano, pois era dada preferência à alma. De acordo com a literatura, encontramos, ao longo dos tempos, autores que escrevem sobre a mortificação do corpo em detrimento da alma. Por exemplo, o corpo medieval dentro da sociedade feudal, submetia-se a castigos divinos, justamente para mortificar-se como única forma de “pagar” os pecados e alcançar o bem, “salvando” assim, a alma (Guilhermeti, 1990). O Cristianismo pregava que o homem deveria desenvolver o espírito e considerava o corpo como obstáculo para isso. Durante a revolução sócio-cultural, que aconteceu após a Segunda Grande Guerra, esta questão corporal foi abordada e modificada, mesmo que lentamente. A literatura indica-nos que no Período Moderno, o corpo estava ao serviço, unicamente para a competição e para a produção industrial. Por conseqüência, este passou a ser contestada com o corpo produtivo, obediente, higiênico e funcional, a fim de obter uma “nova” visão de corpo: ecológico, criativo e lúdico (Antunes, 1991). Relativamente ao Período atual, no que se refere às construções culturais do corpo feminino frente a sociedade, escreve Daólio (In: Romero, 1995: 102):

Em torno da menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, e não se sujar, não suar. Portanto, devem ficar em casa, a fim de ser preservadas das brincadeiras “de meninos” e ajudar as mães nos trabalhos domésticos, que lhe serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães.

As questões sobre o corpo e o corpo feminino ainda permanecem em debate nos dias atuais e, à medida que promovemos a discussão sob várias formas, citamos Brunhs in Romero (1995) que, por exemplo aponta corpos urbanos, corpos camponeses, corpos que lutam,

corpos sofridos, corpos que trabalham, corpos que dançam, e diante disto emergem os seus significados: corpos sujeitos, corpos objetos, corpos afetivos, corpos decentes, corpos indecentes, dentre outros. Dentro deste enfoque, prossegue Bruhns (In: Romero, 1995: 96) ao referir-se aos corpos femininos: “(...) muitos corpos, muitos significados, muitas compreensões, num universo simbólico dinâmico. Corpos em transformação, portanto corpos sempre numa perspectiva de mudança”.

Desenvolvimento

Em relação ao tema selecionado, propusemo-nos investigar, por um lado, as questões referentes ao trinômio: Dança – Mulher – Cultura, pois acreditamos que as danças tradicionais, enquanto fenômenos sociais criados e vivenciados pelo homem, podem contar-nos, através dos seus movimentos, muito da história do povo, e por outro lado, a utilização do corpo como veículo destas manifestações culturais. Por que optamos em investigar as questões referentes ao corpo feminino? Acreditamos que o corpo feminino traz as marcas da representatividade do seu papel numa sociedade em constante mudança, onde os valores são atribuídos em maior ou menor “proporção”, à medida que representam corpos socialmente úteis. Por conseqüência, estas marcas, repercutem-se no ser e no agir da mulher.

No Brasil, estas marcas estão atribuídas à mulher de forma tradicional e marcante, desde antigamente. Hoje, mesmo sendo detentora de uma autonomia econômica e emocional, a mulher ainda manifesta comportamentos e conceitos arraigados do imaginário social (Nader, 1997). Justificamos, ainda, a realização deste estudo devido a alguns aspectos, como a importância deste conhecimento para a nossa prática pedagógica, pois enquanto sujeitos capazes de intervenção e transformação social, não podemos esquecer que a educação é o veículo pelo qual o movimento histórico-cultural prossegue e se legitima entre as gerações. A dança realiza o resgate e a produção da cultura enquanto objeto da educação, que neste caso é tida como um fenômeno (cultural) relacionado com os agentes do processo (Soares et al., 1998). Precisamos obter argumentos decorrentes de reflexões e tomadas de decisões para que possamos formular questões a cerca das problemáticas em estudo. Isto poderá ocorrer a partir do momento que nos conscientizamos do real significado e a importância do papel social do corpo. Convém, igualmente, salientar que a adoção cronológica do século XVIII ao século XX deve-se ao fato de supormos as grandes transformações sociais ocorridas desde essa época até então, como as viagens marítimas, os grandes descobrimentos e a colonização de novas terras. Podemos realçar o Rio Grande do Sul (RS) e Santa Catarina (SC) – Brasil, que foram colonizados na 1ª época, entre outros povos, por açorianos – Portugal, no século XVIII.

No decorrer destas mudanças, certamente podemos constatar nas sociedades existentes e nas que emergiam, a presença da família e da mulher, que representavam pilares inabaláveis da sociedade. Com o objetivo de verificar as influências dos colonizadores portugueses-açorianos nos comportamentos da sociedade em geral, e mais especificamente, nos comportamentos femininos, este nosso estudo deteve-se a investigar os elementos culturais e, neste caso, escolhemos a dança, por se tratar de um campo de conhecimento e interesse que suscita muitas questões. Estas questões, por sua vez interferiram e continuam a interferir na construção de valores morais e sociais da mulher brasileira, nomeadamente a mulher sulriograndense e catarinense.

Acreditamos que a dança, assim como o corpo, seria um veículo de transmissão de valores morais, sociais e culturais. Neste caso auxiliariam na construção sócio-cultural do corpo feminino, no momento em que a mulher continua (ou não!) a dançar mais ou menos da mesma forma as danças de seus antepassados. Porque cremos que a dança, enquanto elemento

de uma cultura, é importantíssima, assim como a pintura, a música, a arquitetura, entre outros, pensamos que ela (a dança) deveria servir, também, como meio de nos transmitir qual o papel, o significado do corpo feminino ao longo dos tempos. O corpo a que nos referimos, é o corpo-trabalho, corpo-produção, o corpo que resgata valores significativos do e de ser.

Não que outros corpos não mereçam consideração, ocorre que este corpo (social) não é palpável, não é objetivo, é pelo contrário, subjetivo. Ao mesmo tempo em que está nas entrelinhas, está muito visível e engloba todos os outros tipos de corpos na sociedade, enquanto instituições, normas, conceitos e preconceitos. Estudos ligados à Antropologia, à Sociologia e a outras áreas afins, revelam a sua preocupação em buscar a cada cultura, a modelação consciente ou inconsciente, da personalidade dos indivíduos, demonstrando desta forma como a cultura, também, dita normas em relação ao corpo. Possuímos heranças culturais que aplicam ao corpo crenças e sentimentos com base na nossa vida social: "... a mais simples observação em torno de nós, pode demonstrar que o corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais" (Bruhns, 1986: 43). Portanto, podemos acrescentar a estas afirmações que é a sociedade que ensina o corpo a comportar-se, a soltar-se, a reprimir-se, pois é nele que estão registradas as diferenças existentes, reconhecidas e/ou estabelecidas, como o sexo, idade, hierarquia social, profissão.

O corpo é a expressão do que a sociedade e a sua cultura transmite. Por conseguinte, cada cultura vai expressar diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura: "... o corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela, assim, não somente sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como unidade" (Gonçalves, 1994: 13). Pesquisas realizadas em sociedades mais ou menos estruturadas, mostram as diversas formas de "ver", "utilizar" e "sentir" o corpo. Enquanto que o corpo é visto como instrumento, sem espontaneidade e também sem expressividade nas sociedades ditas industrializadas, o homem das sociedades mais simples depende diretamente da percepção sensível, a da ação do seu corpo. O corpo possui uma intencionalidade original. Quando aprendemos um movimento ou adquirimos um hábito motor, é sinal que nós incorporamos no nosso "mundo". Isto se dá pela unidade dos sentidos, na experiência perceptiva do ser-no-mundo. Para Merleau-Ponty (1994), o corpo é o lugar onde a transcendência do sujeito se articula com o mundo, a partir do momento em que temos consciência do mundo através do nosso corpo e vice-versa, impregnando-o com a nossa integridade e interioridade.

Seguindo por esta vertente de raciocínio, Valéry in Batalha e Xarez (1999: 27), ao referir-se ao corpo, escreve que: "existe um corpo invisível, que não está na claridade, que se divide em subjetivo, social e orgânico, sendo o corpo visível, o do imaginário, das idéias e das mensagens, um outro corpo denominado – corporeidade, carregado de emotividade e valores sociais". Desta forma, notamos que a representação dos papéis femininos que se perpetuam até aos nossos dias são estabelecidas através de padrões impostos pela sociedade, sejam valores religiosos, culturais ou outros. Através da cultura expressiva, observamos que o corpo quando dança pode apresentar inúmeras ações misteriosas. Estas ações não só, movimentos realizados pelos músculos, mas também formas perceptivas que expressam a natureza dos sentimentos humanos.

A vida interior do homem com as suas crises, rupturas, complexidade e riqueza é-nos também transmitida por intermédio da dança. Uma dança mostra simbolicamente e expressa talvez com mais claridade um conjunto de vários sentimentos, que mais não são que a cultura expressiva dos indivíduos que dançam, dos coreógrafos que a compõem, ou de um povo que a

transmite ao longo dos tempos. Expressar uma idéia individual ou coletiva é passar de um processo interior subjetivo a uma imagem externa, é transmitir acontecimentos subjetivos através de símbolos objetivos. Para Langer (1957), a primeira objetivação da natureza humana é a dança. São estes símbolos objetivos que denominamos de cultura expressiva. No caso das danças tradicionais, correspondem à transmissão de um patrimônio carregado de poderes circundantes e posto em cena pela expressão de um corpo. O que vemos quando contemplamos as danças tradicionais é uma interação de forças que correspondem a sentimentos, formas de pensar, formas de viver, formas de trabalhar, formas de relacionamentos, enfim, toda cultura expressiva de um povo, transmitida pelos corpos dos bailarinos.

Conclusões

De acordo com a literatura e com os resultados provenientes da pesquisa realizada, observamos que a sociedade procurou, de alguma maneira, interferir nos comportamentos femininos. Mesmo na educação das mulheres, perpassam concepções tais como, a educação da mulher, que deveria ser orientada para que fosse perfeita, boa filha, boa esposa, boa mãe e boa educadora dos seus filhos e dos outros, e que de certa forma permanecem até os dias atuais. Sobre o tema desta investigação, a cultura expressiva demonstrada pelo corpo feminino e sobre o corpo da mulher que executa as danças tradicionais açorianas que foram levadas pelos seus antepassados, podemos afirmar que o corpo não é apenas determinado biologicamente, mas também construído socialmente devido, em grande parte, aos valores sociais. Aqui podemos incluir as tradições, os elementos culturais como as danças e seus significados, movimentos e expressividades. O que ingenuamente poderia ser tomado como uma questão de gênero, é para a mulher uma condição determinante de uma limitação imposta (Monteiro, 1990). Da mesma forma, observamos que há uma contínua transformação no uso social do corpo, pois associado à dinâmica da cultura, o corpo assume posturas diferenciadas, consoante as necessidades históricas. Isto leva-nos a fazer reflexões sobre os significados corporais que passam, nomeadamente pelo imaginário religioso e social. O imaginário social é como um sistema simbólico, pois reflete as práticas sociais em que surgem os processos de entendimento e de fabulação, de crenças e de ritualizações (Teves, 2000).

A manipulação deste imaginário (religioso e sócio-cultural) dá-se através de símbolos e signos, segundo escreve Ismério (1995: 114):

Para que os modelos de conduta chegassem a todas as mulheres era necessário manipular o imaginário popular através de meios de educação, além da escola, família e Igreja, que atingissem inclusive os analfabetos. Pois existia uma grande preocupação de educar a totalidade da sociedade através de símbolos e signos, para estabelecer a (nova) ordem.

Pelo imaginário social, percebemos a existência fundamental do trinômio, a família (a tradicional), a religião e a educação, no processo moralizante e no destino biológico-social da mulher. Conforme escreve Nader (1997: 164), “a vida da mulher ainda está interligada à família, através dos códigos sociais de valores e comportamentos presentes no domínio familiar”. Para Ansart (In: Teves 2000), o imaginário social organiza-se sob a forma de mitos, religiões e ideologias políticas que circulam na sociedade e permitem a regulação dos comportamentos, de identificação e de distribuição dos papéis sociais.

Consideramos importante salientar o que escreve Teves (2000: 191) de acordo com o que está presente na realidade dos grupos sociais e que algumas vezes passa despercebido:

“acessar ao imaginário de um grupo significa adentrar pelas vias da linguagem, visto que o imaginário se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas”. Quando tratamos das influências dos colonizadores açorianos em terras do Brasil meridional, torna-se necessário salientar o denominador social comum que ainda une estas três regiões (AC, RS e SC): a Igreja Católica e as tradições judaico-cristãs. Durante gerações e gerações, as doutrinas católicas dirigiram e, de certa forma, continuam a dirigir as famílias e as sociedades em questão.

Sobre o imaginário religioso, é preciso lembrar que a religiosidade católica é uma das características fundamentais da personalidade-base do povo português. Daí inicia a carga da herança cultural que o português nos legou, pois pelo discurso da Igreja Católica acontece o reforço dos dogmas no que diz respeito à moral feminina: a formação dos arquétipos e símbolos (Virgem Maria e Eva) que tinham como finalidade controlar e limitar a atuação da mulher na sociedade como também a sua sexualidade (Ismério, 1995).

A partir do conhecimento das sociedades envolvidas nesta investigação, desde o seu descobrimento/povoamento/colonização, à construção social/familiar com a presença e influência da Igreja, verificamos como foram construídos os símbolos e signos para tentar explicar atitudes/comportamentos morais-sociais, tanto para homens como para mulheres. Daólio in Romero (1995), contribui para esta questão afirmando que não precisamos cumprir as regras sociais, pois se a cultura influencia os comportamentos do homem, não podemos esquecer que é o próprio homem quem produz e transforma esta cultura.

Concluindo estas análises, concordamos com as palavras de Teves (1992: 17-18):

Investigar, pois uma realidade social, pressupõe contar com um conjunto coordenado de representações, uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre seus membros, mediante diferentes formas de linguagem: esse conjunto é o imaginário social.

Podemos escrever que os antecedentes portugueses (açorianos) influenciaram, de alguma forma a cultura expressiva da mulher brasileira (sulriograndense e catarinense), no que diz respeito aos significados sociais, culturais e religiosos encontrados nos simbolismos das danças tradicionais. Estas influências refletem as formas, mais ou menos significativas, de manutenção e preservação de culturas, vistas como patrimônios das civilizações.

Acreditamos, também, que a dança adquiriu o caráter social merecido, na medida que sensibiliza, conscientiza e mobiliza todos os setores da sociedade para a sobrevivência dos elementos básicos da cultura, visando a sua manutenção e perpetuação. A dança proporciona o encontro do homem com a sua história, e através dela recupera o sentido e atribui novos sentidos à sua vida. A dança deve ser, além do individual, vista num plano coletivo (Soares et al, 1998). Mesmo que ocorram as aculturações e todas as formas de transformações, as matrizes culturais estarão presentes em cada nova cultura, sendo recriadas pelas necessidades e interesses de quem a vive: o povo.

Referências bibliográficas

- BRUHNS, H. T. (Org.). *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papyrus, 1986.
- DAÓLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995.
- DEL PRIORE, M. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EDUNB, 1993.
- _____. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- FIDALGO, M. *Açores: ensaios de sociologia*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 1996.
- ISMÉRIO, C. *Mulher: a moral e o imaginário – 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- LANGER, S. K. *Problems with arts*. New York: Charles Scibner, 1957.

- MONTEIRO, M. P. *Mulher: profissão mulher*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- NADER, M. B. *Mulher: do destino biológico ao destino social*. Vitória: EDUFES, 1997.
- LOPES, M. C. B. *A mulher açoriana: religião, feminilidade, sociedade*. 1996. Dissertação (Mestrado)– Centro de História da Cultura, Universidade Nova, Lisboa.
- SASPORTE, J. *História da dança em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Neogravura, 1970.
- ROBALO, E. A. P. M. 1995. *As qualidades expressivo-formais na técnica de dança: construção, validação e aplicação de um instrumento de avaliação*. Tese (Doutorado) – FMH/UTL, Cruz Quebrada.
- TEVES, N. *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992. Coleção Persona.
- _____. *Corpo e esporte: símbolos da sociedade contemporânea*. In: MOREIRA, W. W. & SIMÕES, R. (Org.). *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: UNIMEP, 2000.
- SOARES, A. et al. *Improvisação e dança*. Florianópolis: UFSC Imprensa Universitária, 1998.
- BATALHA, A. P. & XAREZ, L. *Sistemática da dança: projecto taxonómico*. Cruz Quebrada: Serviço de Edições – Faculdade de Motricidade Humana, 1999.
- GONÇALVES, M. A. S. *Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papyrus, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ROMERO, E. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995.
- GUILHERMETI, P. Do corpo medieval ao corpo moderno. *Revista Motrivivência*, Aracajú: n.º 3, 1990.

ESTUDO DOS EFEITOS DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIOS AERÓBICOS NO PERFÍL LIPÍDICO DE MULHERES NA FASE DE PERIMENOPAUSA

Maria Amélia Roth,
Dr.^a Maria Soledad Poblador Fernandez
Dr. José Luis Lancho Alonso
Dep. Ciências Morfológicas – Universidad de Córdoba, Espanha

Introdução

A população feminina em todo o mundo, tanto em países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento, está tendo um aumento na expectativa de vida. Este fenômeno tem sido observado desde o início do século passado, a expectativa de vida de uma mulher de 50 anos pode ser de até mais 30 anos (Halbe, 1993; Speroff, Glass e Kase, 1991). Conforme assinala (Zahar, Aldrighi, Tostes, Russomano & Zahar, 2001), especificamente quando se referem as mulheres brasileiras acima dos 40 anos de idade, estas correspondem a 32% do total de mulheres do país, com uma projeção para o ano de 2010, de aumento de 11% neste percentual (PNAD/IBGE, 1999). A organização Mundial da Saúde (1999), define a Menopausa como a interrupção permanente da menstruação, resultante da perda da atividade folicular ovariana, podendo levar a significativa redução nos níveis séricos de estrógenos e progesterona, promovendo o aparecimento de sintomas vasomotores e psicológicos incluindo a depressão e irritabilidade (Cobleigh, 2000), além de alterações metabólicas que podem acarretar graves patologias tais como osteoporose e arteriosclerose.

O termo “peri menopausal transition” tem sido aplicado para definir a fase de transição da menopausa até o final do período menstrual e segundo (Burger, Dudley, Robertson & Dennerstein, 2002), a peimenopausa inicia quando os primeiros sintomas de aproximação da menopausa começam a aparecer, e vai até pelo menos um ano depois do final do período menstrual. A idade média do começo da perimenopausa foi relatada entre 45.5 e 47.5 anos de idade, (Treolar, 1981; McKinley et al, 1992; Perry, 1999). Este período de transição da vida de uma mulher indica o começo da perda da fertilidade (a capacidade de engravidar) devido

ao processo de envelhecimento natural do corpo. A elevada incidência de doenças cardiovasculares que afetam mulheres mais velhas foi relacionada com as alterações que ocorrem na menopausa. A arteriosclerose e suas complicações são hoje a principal causa de morte na América do Norte e Europa Ocidental, sendo uma doença que pode levar ao envelhecimento, oclusão ou debilitação das artérias.

As anomalias dos lipídios do sangue são atualmente conhecidas como sinais de um risco aumentado para a arteriosclerose, a grande concentração de colesterol sérico está associada diretamente com os eventos coronarianos (Klebarroff, Millar e Fernhal, 1998). Até a menopausa as mulheres estão protegidas pelo estrógeno que seus corpos produzem e como na menopausa os níveis destes hormônios caem, as mulheres perdem este efeito protetor, podendo desenvolver a doença cardiovascular arteriosclerótica. O risco de doença arterial coronariana em mulheres aumenta após a menopausa (Goff et al, 1993), embora seja confundido por variáveis como a idade, uso de hormônios exógenos, e menopausa natural versus cirúrgica. Igualmente, tanto estudos transversais como longitudinais demonstram que a troca do estado pré para a pós-menopausa, a perda da função ovariana e subsequente uso de hormônios endógenos, é associado com trocas desfavoráveis no perfil lipídico.

O exercício físico parece ser mais efetivo para melhorar o perfil lipídico em homens do que em mulheres por baixar o LDL-C e aumentar o HDL-C (Lokey e Tran, 1989). Os lipídeos em mulheres na pós-menopausa que não estavam recebendo terapia hormonal demonstraram uma resposta melhor que as vistas em homens. Especificamente, HDL-C parece aumentar após um treinamento de 3 meses, embora alguns estudos mostrem que um treinamento de 6 meses ou mais seja necessário para aumentar o HDL-C. Outros estudos demonstram que o HDL-C começará a aumentar com apenas 4 semanas de treinamento, e 8 semanas aumentaram significativamente em mulheres jovens. Entretanto poucos dados são disponíveis em mulheres na menopausa recebendo Terapia Hormonal. Lindheim, Notelovitz & Feldman (1994), demonstraram que a combinação de 6 meses de exercício de baixa intensidade Terapia Hormonal não trouxe nenhum benefício no perfil lipídico de mulheres na pós-menopausa.

Acredita-se que o exercício físico regular e bem orientado poderá auxiliar na doença cardíaca na fase de perimenopausa da mulher. Compreende-se que a perimenopausa é uma fase que pode ser trabalhada no sentido da educação para o exercício físico, da obtenção de hábitos saudáveis e de respostas positivas ao exercício físico. Portanto com o presente estudo teve-se o objetivo de “Investigar e analisar os efeitos de um programa de exercícios físicos aeróbicos no perfil lipídico de mulheres na fase de perimenopausa”.

Materiais e Técnicas

A amostra do presente estudo foi composta por 13 mulheres na perimenopausa, sedentárias, saudáveis, com útero intacto, não fumante, na faixa etária dos 45 aos 52 anos com níveis de FSH, LH e na faixa de perimenopausa, e que apresentam sintomas característicos da fase e que não fazem uso de Terapia Hormonal. Na primeira fase com o objetivo de selecionar a amostra, os indivíduos do estudo passaram por exames de análises clínicas e clínicos de praxe, na segunda fase de acordo com suas possibilidades optaram por participarem de um dos grupos de estudo. GEA- grupo experimental com exercício aeróbico composto de 7 mulheres; GC - grupo controle, composto por 6 mulheres;

Teste: antes do início do programa. Pós-teste: 12 semanas após o início do programa.

Treinamento Aeróbico

A intensidade de cada sessão do programa de exercícios realizado em esteira rolante entre 65% e 75% do VO₂ max. Nas 4 primeiras semanas, período de adaptação: nas 2 primeiras semanas 20 minutos em cada sessão, aumentando para 30 minutos na terceira e quarta semanas. Da quinta até a duodécima semanas de treinamento, a sessão teve uma duração de 40 minutos. O controle da frequência cardíaca de treinamento foi feito através de um telêmetro (cordless digital PT 180). Foram aplicados os seguintes instrumentos de registro de informação:

Ficha de dados clínicos e de intensidade dos sintomas de deficiência estrogênica

Baseada em 10 sintomas com 3 graus de intensidade cada uno, que permite caracterizar de modo objetivo, e que engloba o estado da menopausa das pacientes baseada nos resultados das pesquisas elaboradas nos últimos vinte anos (Hauser, 1994).

Medidas Antropométricas

Medidas de Dobras cutâneas: foram feitas no lado direito do corpo da avaliada. Uma série de 3 medidas alternadas no mesmo local, tríceps, subescapular, peitoral, axilar, supra espinhal, abdominal, músculo medial.

Para estimar a densidade corporal, foi utilizada a equação desenvolvida por Jackson, Pollock y Ward (Pollock y Wilmore, 1993). Fórmula para verificar a densidade corporal:

$$\sum 7 Dc = 1,0970 - 0,00046971(x5) + 0,00000056(x5)^2 - 0,00012828(ID)$$

Cálculo do percentual de gordura: %G = (495/dc) - 450 equação proposta por Siri (Pollock y Wilmore, 1993), para % de gordura. Determinação do peso corporal: medido em uma balança da marca Filizola, com precisão para 100g, o indivíduo esteve com a menor quantidade de roupa possível. Determinação da estatura: aferida em um estadiômetro da marca FILIZOLA, com precisão para 0,1 cm.

IMC: peso em Kg. dividido pela estatura ao quadrado em metros (INDICE DE QUATELET) (Pollock y Wilmore, 1994).

Dosagem sérica de colesterol total e frações: a coleta de sangue para a dosagem sérica de TC e frações LDL, HDL, VLDL e TRI foi feita com o indivíduo estando em um jejum de 12 horas;

Colesterol e Frações: a determinação foi feita pelo método enzimático PAP;

Dosagem sérica de triglicérides: a determinação dos níveis de triglicérides foi feita pelo método enzimático PAP.

Dosagem de LH e FSH: a dosagem de gonadotrofinas hipofisárias foi feita pelo método RIE IFME.

Dosagem de E₂: os níveis estrogênicos foram feitos pelo método dosagem plasmática de estradiol, por radioimunoensaio (RIE).

Teste de glicose de jejum: o teste foi realizado com a pessoa em estado de jejum.

Teste de la Potencia Aeróbica Máxima: o protocolo utilizado foi de BALKE. Os critérios para interrupção do teste máximo foram recomendados por o ACSM (1996). O VO₂ máx. foi medido de maneira direta durante as fases de repouso, exercício e recuperação. Analisador de gases: para a análise dos gases foi utilizado um analisador de circuito fechado da marca e modelo Vmax 229 séries sensormedics.

Delineamento e tratamento estatístico: foram dois tratamentos: um com 6 e outro com 7 repetições, sendo que cada unidade experimental correspondeu a um indivíduo. Foi utilizada a análise de variância, Teste "F" para interação dos resultados entre os grupos. Para as variáveis TC, LDL, VLDL, HDL, TC/HDL, VO₂ max, METs, IMC e FCR, foi feita análise de covariância, ajustando-se as médias dos grupos para o nível inicial das variáveis no pré-teste de modo a reduzir o erro experimental e/ou aumentar a diferença entre as médias dos grupos. O nível de significância mínimo aceito foi $p \leq 0,05$.

Resultados

A Tabela 1, apresenta as médias e desvios-padrão da idade, peso corporal, estatura, % G e IMC dos indivíduos no pré-teste, onde se verifica não haver diferenças estatisticamente significativas entre os grupos GC e GEA. Segundo as medias do IMC, dos indivíduos não foram considerados obesos, pois apresentarão valores situados entre 25,1 e 30,0 kg/m².

Tabela 1. Caracterização da amostra em relação a estatura, peso, idade e IMC (índice de massa corporal no pré-teste dos grupos GC e GEA (médias \pm dp)

Grupos	n	Idade (anos)	Peso (kg)	Estatura (m)	IMC (kgm ²)	% G
GC	06	48,3 \pm 2,4	66,6 \pm 6,0	1,59 \pm 0,05	26,1 \pm 3,8	32.3 \pm 3,72
GEA	7	48,7 \pm 2,7	67,7 \pm 5,8	1,60 \pm 0,04	26,3 \pm 2,6	33.4 \pm 3.83
		p= 0,797	p= ,756	p = 0,762	p = 0,930	p= 0,479

Tabela 2. Valores dos níveis hormonais de FSH, LH, E₂ e G, os

Grupo	N	FSH (mUI/mL)	LH (mUI/mL)	E ₂ (pg/mL)	G(mg/dL)
GC	6	21,9 \pm 33,3	18,1 \pm 17,4	78,5 \pm 62,0	99,1 \pm 38,2
		22,3 \pm 23,5	15,4 \pm 14,4	47,5 \pm 14,4	86,2 \pm 8,6
GEA	7	p= 0,980	p= 0,766	p= 0,310	p= 0,402

A Tabela 2 apresenta quais não apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para os valores hormonais, nivelando as condições do status de peri menopausa para todos os indivíduos da amostra, sendo que na menopausa os valores de referência para as gonadotrofinas hipofisárias são acima de 30 mUI/mL (Speroff, Glass &

Kase, 1991). Quanto aos níveis glicêmicos de jejum, os indivíduos foram avaliados por um médico como não diabéticos, pois os indivíduos apresentarão valores médios menores de 100 mg/dL, e na avaliação médica não apresentam sintomas de doença, tais como sede e poliúria. Os valores médios de E₂ para a faixa da perimenopausa segundo (Kase, Weingold, 1983), são de 63 pg/mL na fase folicular portanto, quanto aos níveis de E₂ os indivíduos da amostra se encontram na faixa com características do estado de perimenopausa.

Quadro 1. Caracterização da amostra em relação ao grau dos sintomas da menopausa, segundo a escala de avaliação da Menopausa (Hauser, 1994).

QUEIXAS												
SINTOMAS	-	Leve		Moderada		Intensa			Muito intensa			
	0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	0,6	0,7	0,8	0,9	10	
Calorões				x								
Doenças do coração		x										
Irritabilidade				x								
Problemas do sono				x								
Menor Capacidade				x								
Problemas sexuais				x								
Queixas Urinárias		x										
Secura Vaginal			x									
Problemas musculares nas articulações			x									
Depressão				x								

Os dados dos níveis dos sintomas da amostra deste estudo revelaram o valor médio (0,3) confirmando a presença dos sintomas da menopausa e nivelando assim com o estado de perimenopausa para os grupos estudados.

Tabela 3. Caracterização da amostra em relação ao perfil lipídico dos grupos GC e GEA durante o pré-teste (medias ± dp)

Grupo	n	TC (mg/dL)	LDL(mg/dL)	VLDL(mg/dL)	HDL (mg/dL)	TRI (mg/dL)	TC/HDL(mg/dL)
GC	6	197,5 ± 5,2	130,0 ± 51,1	25,3 ± 13,2	42,6 ± 8,2	124,8 ± 68,0	4,4 ± 1,6
GEA	7	213,2 ± 30,4	141,0 ± 34,0	19,7 ± 6,2	49,7 ± 8,7	98,0 ± 31,2	4,4 ± 1,2
		p= 0,527	p= 0,652	p= 0,338	p= 0,164	p= 0,367	p= 0,980

A Tabela 3 mostra as médias e os desvios-padrão do perfil lipídico dos grupos GC e GEA, onde não existiram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no pré-

teste. Os resultados indicam valores normais, porém elevados para o risco cardíaco, de acordo com os valores de referência, para TC < 200 mg/dL, TRI < 150 - 200 mg/dL, LDL < 150 mg/dL e para HDL > 35 mg/dL. O risco cardíaco avaliado através da variável TC/HDL foi considerado como risco médio, valores de referência entre 3,8 e 5,6. A meta para a relação TC/HDL deve ser menor ou igual a 3,7 e nível de HDL deve ser de pelo menos 35 mg/dL. Estes dados apresentam indícios de que a menopausa é um dos fatores de risco coronário, pois as mulheres deste estudo não apresentavam outros fatores de risco tais como: obesidade, hipertensão, diabetes e tabagismo.

Tabela 4. Caracterização da amostra em relação ao perfil lipídico dos grupos GC e GEA durante o pré-teste (medias \pm dp)

Grupo	N	VO ₂ max (mL/kg.min)	METs	FCR(bpm)	PARM(mmg Hg)
GC	6	26,0 \pm 4,9	7,44 \pm 1,41	87,0 \pm 8,8	113,16 \pm 7,3
GEA	7	27,0 \pm 5,5 p= 0,730	7,74 \pm 1,58 p= 0,471	87,7 \pm 9,5 p= 892	121,04 \pm 9,7 p= 0,497

Os valores das variáveis do nível de aptidão física dos grupos GC e GEA não apresentaram diferenças estatisticamente significativas. A amostra no pré-teste foi considerada de baixo nível de aptidão física, pois, todos os indivíduos eram sedentários e apresentaram um baixo VO₂ max, quando classificados pela idade. Segundo a avaliação clínica executada pelo cardiologista, os indivíduos deste estudo foram considerados não portadores de hipertensão arterial. A frequência cardíaca de repouso apresentasse em condições normais para os indivíduos de ambos os grupos GC e GEA.

Tabela 5. Médias aritméticas, desvios-padrão e teste "F" do perfil lipídico dos grupos GC e GEA, no pós-teste

Grupo	n	TC (mg/dL)	LDL (mg/dL)	VLDL (mg/dL)	HDL (mg/dL)	TRI (mg/dL)	TC/HDL(mg/dL)
GC	6	199,00 \pm 50,53	125,50 \pm 54,11	27,00 \pm 11,13	46,50 \pm 7,69	135,50 \pm 55,17	4,45 \pm 1,70
GEA	7	189,29 \pm 36,98 p= 0,119	127,57 \pm 34,84 p= 0,350	14,66 \pm 7,07 p= 0,006	46,60 \pm 7,19 p= 0,620	73,57 \pm 34,54 p= 0,005	4,43 \pm 1,03 p= 0,997

Os resultados apresentados tanto na tabela nº 5 evidenciam diferenças significativas conforme tratamento estatístico proposto a favor do grupo GEA que realizou exercício físico diminuindo os Triglicérides e do VLDL.

Tabela 6 - Médias aritméticas, desvios-padrão, e teste "F", das variáveis VO₂ max, FCR, APC, METs, IMC, no pós-teste dos grupos GC e GEA

Grupo	n	VO ₂ max (mL/kg.min)	FCR (bpm)	METs	IMC (kgm ²)	% G
GC	6	26,95 ± 4,14	91,66 ± 8,73	7,69 ±1,17	5,66 ±3,38	31.9. ±3.61
GEA	7	32,44 ± 3,94 p= 0,017	81,00 ± 7,78 p=0,022	9,26 ±1,11 p=0,584	26,14 ±2,24 p = 0,371	33.45 ±3.76 p=0,432

Estes resultados evidenciam aumento significativo no VO₂ max e significativa redução na FCR no grupo GEA quando comparado ao grupo controle GC na realização do pós-teste como também significativas reduções na FCR no grupo GEA, vindo de acordo com os resultados encontrados por Cowan e Gregory (1990), onde mulheres mesmo na idade de 40-50 anos e em estado de perimenopausa respondem ao treinamento físico aeróbico de maneira satisfatória. Em relação ao IMC e %G, observou-se que não foram encontradas diferenças significativas em nenhum dos grupos no pós-teste.

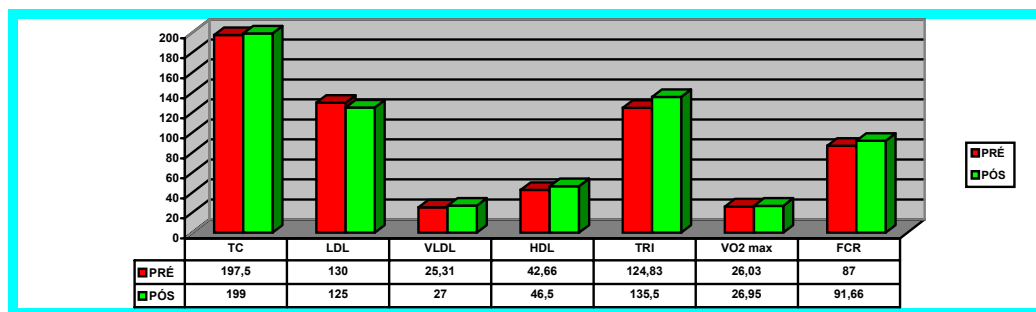


Gráfico 1. Representação gráfica das diferenças das médias do grupo GC do pré para o pós-teste nas variáveis do perfil lipídico LDL (mg/dL), HDL (mg/dL), VLDL (mg/dL), TRI (mg/dL), e das variáveis do perfil cardiorrespiratório VO₂ max (mL/kg.min), e FCR (bpm).

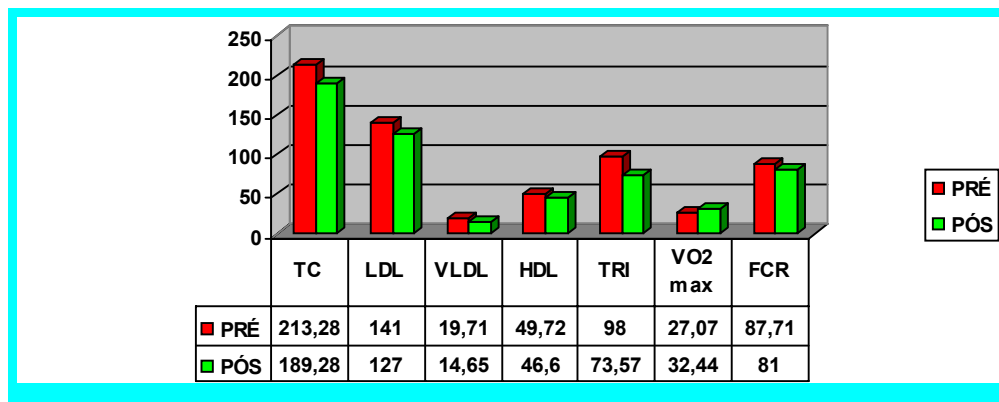


Gráfico 2 - Representação gráfica das diferenças de médias do grupo GEA do pré para o pós-teste nas variáveis do perfil lipídico LDL (mg/dL), HDL (mg/dL), VLDL (mg/dL), TRI (mg/dL), e as variáveis do perfil cardiorrespiratório VO₂ max (mL/kg.min) e FCR (bpm).

Estes resultados evidenciaram aumento estatisticamente significativo no VO₂ max e significativa redução na FCR no grupo experimental GEA quando comparado ao grupo controle GC na realização do pós-teste, depois 12 semanas de atividade física aeróbica 3 vezes por semana, em uma intensidade de 65-75% da frequência cardíaca máxima prevista para a idade. Os dados mostrados no Gráfico nº 2 evidenciam diferenças significativas a favor do grupo experimental GEA em comparação com o grupo controle GC que realizou atividades físicas com diminuição de TRI, e diminuição significativa na VLDL, em comparação com o grupo controle que não apresentou trocas do pré para o pós-teste.

Discussão

No presente estudo, através de um programa de exercícios físicos em mulheres na fase de perimenopausa, constatou-se que em apenas 8 semanas de treinamento, considerando-se que as 4 primeiras semanas foram para o período de adaptação, com três sessões semanais de 40 minutos em cada sessão de exercício físico aeróbico, houveram melhoras no perfil lipídico, apresentando uma tendência na redução dos níveis de colesterol total (TC), e especialmente reduções significativas na lipoproteína VLDL, nos níveis séricos de triglicérides, aumentos no VO₂ max e reduções na frequência cardíaca média de repouso (FCR), promovendo com isso melhoras no perfil lipídico indicando uma reação rápida ao estímulo causado pelo exercício físico, e se pode dizer que as trocas ocorrendo mesmo os indivíduos deste estudo não estando na fase de sua juventude plena, pois todas as mulheres que chegam nessa idade (± 50 anos) atravessam nesse período instabilidade tanto física como psicológica. Apesar de ser estudado apenas um grupo reduzido de mulheres (13), estas podem ser consideradas como uma amostra representativa da população e na perimenopausa, pois, todas apresentavam idade (média de menopausa), peso, altura, sintomas e níveis hormonais característicos de menopausa semelhantes, os quais, caracterizavam a fase de pré-menopausa.

As interações das correlações estatísticas do pré para o pós-teste entre os grupos GC e GEA das variáveis do perfil lipídico e do perfil cardiorrespiratório, apresentadas nos gráficos

2 e 3, mostram que as mulheres que fizeram exercício físico tiveram melhoras em seu perfil lipídico reduzindo seus níveis de colesterol total (TC), VLDL, e triglicérides (TRI), o que no ocorreu nas mulheres que não fizeram exercícios físicos, esse achado pode indicar que o exercício físico poderá auxiliar ativando o metabolismo das lipoproteínas, pois, mesmo não ocorrendo diferenças estatisticamente significativas nas HDL e LDL, melhoras ocorreram e houve diferenças estatisticamente significativas na VLDL e no TRI, pode-se estimar que com mais tempo de treinamento poderá haver diferenças no perfil lipídico promovendo alterações benéficas. Os resultados encontrados nesse estudo, nos quais, as mulheres que praticaram exercício físico reduziram de maneira significativa os valores de triglicérides quando comparadas com as mulheres do grupo que não fizeram exercício físico, estão de acordo com a maioria dos estudos que foram realizados, comparando indivíduos ativos e sedentários (Perry, Shaw y Hsia, 1992), embora os níveis de condicionamento físico, representados pelos processos de classificação utilizados não tenham indicado modificações na condição física, se considera o grupo que realizou exercício físico aeróbico como um grupo de mulheres ativas. Estes mesmos autores relatam uma maior e mais rápida remoção dos triglicérides em indivíduos que tenham uma vida fisicamente ativa.

Nesse estudo, se pode observar trocas estatisticamente significativas nas VLDL ($p=0,01$), no grupo GEA, embora não existirem reduções estatisticamente significativas para LDL ($p = 0,31$) e não existiram aumentos estatisticamente significativos para a HDL ($p = 0,21$), tanto no grupo GC quanto no grupo GEA. Esses achados são coerentes com os relatados por (Haskell, 1985) de que enquanto algumas lipoproteínas são reduzidas outras sofrem pequenas reduções fazendo com que os níveis de TC não apresentem diferenças estatisticamente significativas.

Em um estudo similar em que foi realizado também um programa de exercícios físicos de 12 semanas para homem e mulheres (Motoyama & Kinoshita, 1995), observaram melhoras na capacidade aeróbica, embora com aumentos significativos na HDL, e em outro estudo (King et al, 1995), também encontraram aumentos significativos na HDL em homens e mulheres na faixa dos 50-65 anos, no entanto o treinamento aeróbico foi realizado em 2 anos. Segundo (Randi, Millar & Fernhale, 1998), estudos examinando as respostas dos lipídeos e lipoproteínas ao exercício físico em mulheres, historicamente tem produzido resultados controversos, que podem ocorrer devido a flutuações hormonais. Existe uma pequena evidência de que o exercício físico tenha um significativo efeito independente nas concentrações circulantes de colesterol total (TC) no plasma e no soro, apesar de que os níveis de TC dependem não somente da diminuição das LDL, mas também dos possíveis aumentos das HDL. Embora existam falhas do exercício para modificar as concentrações de TC, estas podem ser obscurecidas por diferentes trocas na concentração de colesterol transportado por várias partículas de lipoproteínas, um aumento de colesterol contendo HDL, que pode ser relacionado por uma redução do conteúdo de outras lipoproteínas não ocorrendo trocas significativas no conteúdo das concentrações de TC (Randi, Millar & Fernhale, 1998).

A maior parte dos estudos abordando treinamento tem sido realizada em homens, e não se disponha de informações suficientes para as mulheres, as evidências segundo Pollock & Wilmore (1993), indicam que elas tendem a adaptar-se ao treinamento da mesma maneira que os homens. Um dos aspectos mais importantes, dos resultados deste estudo, é fato de que, mulheres na perimenopausa, tem capacidade de responder as atividades físicas aeróbicas, aumentando seu VO_2 max e reduzindo, em consequência, sua frequência cardíaca de repouso.

Conclusões

- Mulheres na fase de perimenopausa, apesar de estarem em uma fase de transição hormonal, responderam de maneira positiva ao treinamento de exercícios aeróbicos realizado em apenas 12 semanas, aumentando seu VO₂ max, e reduzindo em consequência a FC de repouso.
- Ocorreram respostas positivas baixando os níveis plasmáticos de VLDL e TRI no grupo que realizou exercício físico.
- Pode-se estimar através de análise estatística, que com mais tempo de treinamento poderão ocorrer respostas nas outras lipoproteínas do sangue avaliadas no presente estudo.

Referências Bibliográficas

- ALDRIGHI JM. Racional para a terapêutica de reposição hormonal no climatério. *Anais do Simpósio Terapia de Reposição Hormonal. I Congresso Brasileiro de Climatério/XV Encontro Estadual de Ginecologia e Obstetrícia.* Rio de Janeiro, 1991.
- AMERICAN HEARTH ASSOCIATION. Exercise testing and training of individuals with heart disease or at high risk. A Handbook for Physicians, 1975.
- BURGUER HG, DUDLEY EC, ROBERTSON DM AND DENNERSTEIN L. Hormonal changes in the menopause transition. *Recent Progress in Hormone Research* 57:257-275, 2002.
- BUSH TL, FRIED YE AND BARRET-CONNOR. Cholesterol, lipoproteins, and coronary heart disease in women. *Clin. Chem.* 34:B60-B69, 1988.
- BUSH TL. The epidemiology of cardiovascular disease in post-menopausal women. *Ann. N.Y. Acad. Sci.* 592:263-271, 1990.
- COBLEIGH MA. Managing menopausal problems. *Cancer Treat Res*, 103:1-23, 2000.
- COWAN MM AND GREGORY LW. Responses of pre and post-menopausal females to aerobic conditioning. *Medicine and Science in Sports and Exercise.* 17, 1:22-28, 1990.
- DURSTINE JL, AND HASKELL WL. Effects of exercise training on plasma lipids and lipoproteins. *Exerc. Sports Sci. Rev.* 22:477-521, 1994.
- GOFF DC, SHEKELLE RB, MOYE LA, KATAN MB, GOTTO AM AND STAMLER J. Does body fatness modify the effects of dietary cholesterol on serum cholesterol? Results from the Chicago Western Electric Study. *Am. J. Epidemiol.* 137:171-17, 1993.
- GOTTO AM. Interrelationship of triglycerides with lipoproteins and high-density lipoproteins. *Am. J. Cardiol.* 66:20, 1990.
- HALBE HW. Sinopse de ginecologia e obstetrícia. v 4, São Paulo, Rocca, 1993.
- HAUSER GA. (1994). Evaluation der klimakterischen Beschwerden. *Z. Gynecol.* 116:16-23, 1994.
- HENRY GB, DUDLEY EC, ROBERTSON DM AND DENNERSTEIN L. Hormonal Changes IN THE Menopause Transition. *Recent Progress In Hormone Research.* 57:257-275, 2002.
- KASE GN AND WEINGOLD AB. *Ginecologia clínica.* Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1983.
- KING AC, HASKELL WL, YOUNG DR, OKA RK AND STEFNIK ML Long term effects of varying intensities and formats of physical activity on participation rates, fitness and lipoproteins in men and women aged 50-65 years. *Circulation* 91:2596-2604, 1995.
- KLEBANOFF V, MILLER VT AND FERNHALL B. Effects of exercise and estrogen therapy on lipid profiles of postmenopausal women. *Medicine & Science in Sports & Exercise* 30, 7:1028-1034, 1998.
- LAROSA JC. Menopause, risk factors, and coronary artery disease. *Menopausal Med.* 1:1-5, 1993.
- LINDHEIM SR, NOTELOVITZ M AND FELDMAN EB. The Independent effects of exercise and estrogen on lipids and lipoproteins in postmenopausal women. *Obstet. Gynecol.* 83:167-172, 1994.
- LOCKEY EA AND TRAN ZV. Effects of exercise training on serum lipid lipoprotein concentrations in women: a meta-analysis. *Int. J. Sports Med.* 10:424-429, 1989.
- McKINLAY SM, BRAMBILLA DJ AND POSNER JG. The normal menopausal transition. *Maturitas* 14: 103-115, 1992. [Medline]
- MOTOYAMA M, SUNAMI Y, KINOSHITA F et al. The effects of long term low intensity aerobic training and detraining on serum lipid and lipoprotein concentrations in elderly men and women. *Eur. J. Appl. Physiol.* 70:126-131, 1995.

- PERRY AC, SHAW MH, HSIA L, NASH MS, KAPLAN, T, SIGNORILE JF AND APPELYATE B. Plasma lipid levels in active and sedentary premenopausal females. *International Journal of Sports Medicine*. 13, 3: 210-215, 1992.
- PERRY HM. *The Endocrinology of Aging*. *Clinical Chemistry*. 45:1369-1376, 1999.
- POLLOCK ML AND WILMORE JH. *Exercícios na doença e na saúde*. 2. ed., Rio de Janeiro, Medsi, 1993.
- PRIOR CP. Perimenopause: The complex Endocrinology of the Menopausal Transition. *Endocrine Reviews*. 19 (4): 397-428, 1999.
- RANDI K, VALERY T M AND FERNHALL B. Effects of exercise and estrogen therapy on lipid profiles of postmenopausal women. *Medicine & Science in Sports & Exercise*. 30, 7:1028-1034, 1998.
- SPEROFF L, GLASS RH AND KASE NG. *Endocrinologia e ginecologia clínica e fertilidade*. 4. ed., São Paulo, Manole, 1991.
- TORPY J. Perimenopausia: inicio de la menopausia. *Jama*. February 19- V 289, N. 7, 2003.
- TREOLAR AE. Menstrual cyclicality and pre-menopause. *Maturitas* 3: 249-264. 1981. [Medline]
- USANDIZAGA JA Y LA FUENTENTE P. *Tratado de Obstetricia y Ginecologia*. V.II, McGraw- Hill. Iberoamericana- Madrid, 1998.
- WELLS CL. *Mujeres, deporte y rendimiento: perspectiva fisiológica*. v. 1, Barcelona, Libergaf, 1992.
- WELLS LC, BOORMAN AM AND RIGGS DM. Effect of age and menopausal status on cardiorespiratory fitness in masters women runners. *Medicine and Science in Sports and Exercise*. 24, 10:1147-1154, 1992.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Research on the Menopause in the 1990s*. Technical report Scr 866, Geneva, Switzerland.
- ZAHAR SEV, ALDRIGHI JM, TOSTES MA, RUSSOMANO F AND ZAHAR LO. Avaliação de qualidade de vida na menopausa. *Reproducao & Climatério* v3, 3: 163-166, 2001.

SAÚDE E TRABALHO: O CASO DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE ATUAM EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA NO RIO DE JANEIRO

Prof^a Ms. Giannina do Espírito-Santo

Prof^a. Dr^a. Ludmila Mourão

Universidade Gama Filho/Rhythmus Centro de Arte e Movimento

Universidade Gama Filho

Introdução

Este estudo teve como ponto de partida observações do cotidiano das professoras de Educação Física que atuam em academias, a partir de uma vivência de duas décadas anos nesta área. A leitura de pesquisas que abordam temas semelhantes gerou a necessidade de um aprofundamento sobre a questão da saúde destes profissionais, fazendo uma análise através da saúde do trabalhador, que compreende

um corpo de práticas teóricas interdisciplinares – técnicas, sociais, humanas – e interinstitucionais, desenvolvidas por diversos atores situados em lugares sociais distintos e informados por uma perspectiva comum. (Minayo-Gomez, 1997: 25)

O trabalho é central na organização das relações sociais. É espaço de dominação e submissão do trabalhador pelo capital. O trabalhador tem dificuldades para planejar um projeto de vida sem que o trabalho esteja no centro desse processo. Laurell (1981, p.17) diz que: “Analisar o problema da saúde do ponto de vista do processo social e técnico abre a perspectiva de entender o que é exploração do trabalho e como esta exploração desgasta o trabalhador”. O trabalho acaba por organizar o cotidiano, considerando que é nele que

passamos a maior parte do nosso dia. A profissão norteia as práticas sociais, que são complexas, implicando em contradições, antagonismos e oposição dinâmica entre os sujeitos e grupos sociais, que se organizam dentro de sistemas de formas relativamente autônomas, gerando diversidade e contradição (Lopes, 1996). Por isso, ao analisar o cotidiano da professora de Educação Física, dentro da perspectiva da saúde do trabalhador, é preciso verificar como os entrelaçamentos são produzidos pelas suas atribuições profissionais. Este profissional, para compor um salário digno, preciso ter vários empregos. Isso leva a jornadas de trabalho que chegam, por vezes, ultrapassar oito horas diárias, sem contar com os deslocamentos e preparativas. O presente estudo pretende analisar qual a interferência da rotina do trabalho na saúde dos professores de Educação Física que atua em uma academia de Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Objetivo

Verificar a maneira pela qual a rotina de trabalhos das professoras, em academias, pode interferir na saúde dessas trabalhadoras. **Metodologia**

O estudo se caracteriza pela abordagem qualitativa e tem como finalidade trabalhar os cotidianos, acreditando que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. A coleta de dados foi realizada através das técnicas de questionário e entrevista semi-estruturada. A população do estudo foi constituída por professoras que atuam em academias de ginástica, com idades entre 21 a 39 anos. A amostra foi composta de seis professoras de uma academia de Jacarepaguá/Anil, bairro da Zona oeste do Município do Rio de Janeiro.

Perfil dos professores (utilizarei nomes fictícios na construção do texto).

PERFIL DA AMOSTRA	IDADE (anos)	SEXO	ESTADO CIVIL	FILHOS	MEIO DE TRANSPORTE	TEMPO DE FORMADO (anos)	LOCAIS DE TRABALHO / FUNÇÃO
ACÁCIA	32	f	casada	não	carro	9	Academia – dança infantil Universidade 1 – dança educacional Universidade 2 – dança 1 Escola Municipal – ensino fundamental
PAULA	31	f	separada	não	carro	10	Academia 1 – ginástica, alongamento e personal trainer. Academia 2 – ginástica, alongamento e personal trainer Universidade – substituta dança educacional
SANDRA	23	f	casada	1	carro	1,5	Academia – balé e avaliação funcional Cia de dança – bailarina Escola Municipal – ensino fundamental
CARLA	38	f	separada	1	carro	12	Academia 1 – dança e organização de eventos Academia 2 – dança Escola – dança extracurricular Cia de dança – produtora
KELY	31	f	solteira	não	carro	9	Academia 1 – dança infantil Academia 2 – dança infantil Academia 3 – dança infantil

							Escola Particular – ensino fundamental
MARTA	32	f	divorciada	1	carro	9	Academia – Alongamento e jumpfit Alunos de personal trainer com atendimento em casa (7)

Percepção de saúde

Quando perguntados a respeito da saúde, todos se consideram em bom estado. Acácia e Paula apresentam um mal-estar periódico (cólica e dores de cabeça, relacionadas com a menstruação). Marta tem rinite e faz uso de medicamentos. Canguilhem (1995: 145) diz que:

A fronteira entre o normal e o patológico é imprecisa para diversos indivíduos considerados sucessivamente (...). O indivíduo é que avalia essa transformação porque é ele que sofre suas conseqüências, no próprio momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que a nova situação lhe impõe.

Talvez tenha sido por isso que as professoras tenham avaliado sua saúde como boa, mesmo tendo algumas alterações.

Hábitos de vida

Em relação à alimentação, todos dizem que tentam fazê-la com qualidade. Apenas Sandra e Paula avaliam sua alimentação como sendo de qualidade e os outros relatam não terem tempo para tal. Alberto e Carlos fazem uso de suplementos alimentares, alegando ter que complementar sua alimentação por causa da falta de tempo para fazê-la de forma satisfatória e também para suportar a carga de trabalho. Quanto à atividade física, Acácia e Kely não fazem, Paula faz aulas de alongamento cinco vezes por semana, Sandra e Carla fazem aulas de dança contemporânea (sendo que Sandra é profissional, fazendo parte de uma companhia, que tem acompanhamento nutricional e preparação física – musculação, exercícios aeróbios e aulas de capoeira).

Marta faz natação duas vezes por semana e musculação cinco vezes por semana. Apenas Sandra não encontra dificuldade para realizar a atividade física, pois como faz parte da sua vida profissional, tem horários específicos para tal. As outras nem sempre conseguem, por causa do curto espaço de tempo que têm. Nos fins de semana, Carla, Marta e Paula tomam bebidas alcoólicas (cerveja e vinho). Carla e Kely são fumantes. Fumam cerca de vinte cigarros diários. Carla nunca fez tentativa para parar de fumar, já Kely tentou várias vezes, sem sucesso.

Acácia, Carla, Kely e Marta relatam que suas horas de sono são insuficientes (cerca de 5 horas por noite). Já Sandra e Paula consideram suficientes (6 horas, 7/8 horas e 8 horas, respectivamente). Watson (2003) realizou um estudo com 150 professores(as) de quatro academias de ginástica, encontrando que 55,3% dos profissionais têm horas de sono entre quatro e seis horas.

Rotina de trabalho

O cotidiano dessas professoras supõe-se ser muito atribulado, tendo que se deslocar entre os lugares onde trabalham, na maioria das vezes em curto intervalo de tempo, pois algumas saem de uma academia numa mesma hora que tem que entrar em outra. Através dos relatos verificamos o quanto o dia dessas profissionais é irregular, cansativo e também quantos deslocamentos precisam fazer.

Em relação aos aspectos trabalhistas, Paula e só têm relação de prestação de serviço, Acácia e Sandra têm matrícula no município e carteira assinada (Acácia tem carteira assinada em duas universidades e Marta em uma das academias que trabalha). Carla e Paula têm dificuldades para conseguir conciliares as férias em todos lugares que trabalham. Paula disse que ia tentar fazer isso esse ano. Marta às vezes consegue conciliar quinze dias. Acácia, Kely e Sandra já conseguem tirar férias em todos os lugares juntos.

Carla e Kely quando chegam a casa ainda precisam cuidar dos afazeres domésticos. Os outros têm empregada ou família para cuidar desses detalhes, entretanto Marta cuida do filho. De Masi (2003) se utiliza da classificação de comunidades pré-industrial, sociedade industrial e pós-industrial. Dá algumas características básicas para cada fase, na pré-industrial estabelecida pelo trabalho escravo, servos e libertos. Na industrial diz que...

No trabalho e no tempo livre, em casa ou na empresa, a esmagadora maioria dos trabalhadores desenvolvia atividades predominantemente físicas: levantar peso, montar peças... Ficar ocioso, para o trabalhador, significava principalmente manter firme, descansado e sem uso o corpo... (De Masi, 2003: 310)

Hoje, para ele, na sociedade pós-industrial, a tecnologia e a informática absorvem quase todo o esforço físico e boa parte do mental. Entretanto, sob essas características, os professores de Educação Física que atuam em academias, ainda não se encontram nessa fase, já que necessitam, em seu trabalho, utilizar a força e, em seu tempo livre, manter seu corpo firme e também ter descanso adequado para poder suportar a sua rotina de trabalho. Outra característica que pode ser relacionada à rotina de trabalho desses profissionais, considerando o “determinante fundamental do processo de trabalho no capitalismo, é que se organiza para criar o máximo de mais-valia e, conseqüentemente, mais lucro” (Laurell, 1981: 9). As professoras, em questão, recebem por hora/aula, portanto, para que tenham um salário digno, se faz necessário a acumulação de muitas horas/aulas. Se ainda considerarmos que na amostra estudada, três não têm vínculo nos locais onde trabalham, fica fácil de verificar a ocorrência da mais-valia absoluta.

Considerações

A relação de causa e feito parece ser insuficiente para demonstrar um estilo de vida saudável ou uma boa qualidade de vida. É preciso que sejam levadas em consideração as questões periféricas à ocorrência do fenômeno, compreendendo as representações que estão nesse contexto. A saúde do trabalhador trás no bojo de sua análise esta abordagem ampla dos fenômenos, propiciando vários olhares, que foi a forma que se buscou realizar neste trabalho.

A instabilidade dos empregos, gerada pela falta de vínculo e, ainda, a remuneração por hora/aula, leva essas professoras a acumularem uma grande carga de trabalho. O que pode levá-los a comportamentos de risco. Os profissionais entrevistados, mesmo sendo detentores de informações sobre a importância do lazer, da qualidade da alimentação, da necessidade de descanso, enfim, dos cuidados com a saúde, não conseguem colocar em prática seus saberes em função de suas longas e irregulares jornadas de trabalho. O pode ser visto neste estudo é que o tempo é o fator principal para adoção de determinados comportamentos de lazer, dos relacionamentos, da alimentação, do sono, e da atividade física, ficam com pouco tempo e com horários irregulares. O tempo excessivo e irregular do trabalho pode gerar comprometimentos na saúde e na qualidade de vida destas profissionais.

Referências bibliográficas

- CANGUILHEM, G. *O normal e patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DE MASI, Domenico. *O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2003.
- LAURELL, Asa C. Processo de trabalho e saúde. *Revista Saúde em Debate*. Rio de Janeiro: nº. 11, p. 8-22, 1981.
- LOPES, Marta J. M. Divisão do Trabalho e relações sociais de sexo: pensando a realidade das trabalhadoras do cuidado de saúde. In: LOPES, Marta, MEYER, Dagmar E. & WALDOW, Vera R. (Org.). *Gênero & Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MINAYO-GOMEZ, Carlos & THEDIM-COSTA, Sonia Maria da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. *Cad. Saúde Pública*, v. 13, suppl. 2, p.21-32, 1997.
- WATSON, Patrícia. 2003. *Sofrimento psíquico, lesões e doenças ocupacionais em professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica*. Monografia (Graduação). UGF, Rio de Janeiro.

A MULHER ESPORTIVA NA IMPRENSA BRASILEIRA: UMA HISTÓRIA DE PODER DO CORPO/SOBRE O CORPO/PELO CORPO

Zander R. W. Lins

Elaine Romero

Cristiane Magacho Coelho

Universidade Castelo Branco - RJ – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência da Motricidade Humana – Laboratório de Estudos de Gênero e Motricidade Humana
Universidade Estácio de Sá – UNESA - RJ

Introdução

O presente estudo aborda a problemática das relações entre a mulher, os esportes, a imprensa e os efeitos advindos do poder exercido sobre o corpo. Na busca por alcançar uma posição igualitária em relação ao homem na sociedade, a mulher tem obtido conquistas importantes ao longo do tempo. Desde a Grécia antiga até os dias atuais, ela vem quebrando paradigmas e preconceitos em relação ao rótulo de “sexo frágil” que ainda lhe é atribuído. Porém, muitas barreiras ainda precisam ser removidas para que a superioridade masculina desapareça, otimizando as oportunidades da mulher em relação ao homem. Sendo de fundamental importância o papel da imprensa escrita, falada ou televisiva para a inserção feminina no mundo esportivo de maneira concreta, torna-se imprescindível uma melhor compreensão sobre o poder que as empresas de comunicação exercem sobre o corpo social.

A história nos mostra a exclusão pela qual passou a mulher em relação à atividade física desde a antiguidade, passando pela Idade Média, quando só o homem se destacava; no Iluminismo quando o corpo feminino começou a ser “divulgado” e “propagado” através das artes, no renascimento do corpo, da corporeidade, até a modernidade onde, de acordo com Antonio Carlos Simões (2003), fenômenos psicossociais se defrontam com a mulher nos diversos segmentos da sociedade, criando paradoxos na dinâmica da inclusão e exclusão.

Mitologia

Na Grécia antiga, os esportes eram uma aproximação entre os homens e os deuses. As mulheres eram proibidas de praticar qualquer atividade esportiva, conforme nos relata Luiza Klein Alonso (2003), ao destacar que os homens vencedores estariam mais próximos dos

ideais de perfeição física, moral e psicológica, enquanto as mulheres, como “apêndice” dos homens, não podiam ser independentes. Porém, como exemplo de contestação destes princípios, Alonso (op.cit) nos reporta à figura de Ártemis (exemplo de arquétipos, comumente representados por meio de deuses ou deusas na propaganda contemporânea) deusa grega que representa a energia física, o amor à liberdade, a independência, e autonomia; características culturais masculinas. Deusa esta que busca ainda uma relação de igualdade entre os sexos, não aceitando a exclusão por não ser homem.

Simões (2003) esclarece que no período helênico Egeu, as crianças e mulheres só participavam de danças religiosas de valor sócio-cultural, com exceção da cidade de Esparta por dinamizar o papel social da mulher, pois fortalecido o corpo feminino geraria crianças sadias para orgulho da cidade – Estado. Por outro lado, a cultura cretense permitia à mulher a prática de esportes mais agressivos. Conforme Vazquez (*apud* Simões, 2003), essa cultura inseriu a mulher na sociedade por induzi-la também às práticas da caça, condução de carroças e outras façanhas e proezas físicas. Os Jogos Olímpicos da Antiguidade, não toleravam a presença feminina. Simões (op. Cit) ressalta o fato de que, na Idade Média, as mulheres participavam de atividades idênticas às dos homens bem como de jogos esportivos populares. E rumo à modernidade, a preocupação em torno da inclusão das mulheres nas práticas físicas e esportivas ia de encontro aos interesses dos movimentos feministas, já que os conceitos sociais sobre as mulheres sempre as subjugavam aos papéis relacionados com a família.

Contemporaneidade

As diferenças entre os papéis sociais masculinos e femininos, de acordo com Garcia Ferrando (*apud* Simões, 2003), sempre estiveram relacionadas às naturezas viril e ativa do homem e passiva, submissa e frágil da mulher; assim como a representação das distinções anatômicas e biológicas entre homens e mulheres, está culturalmente associada à idéia da debilidade física da mulher e o termo de “fortaleza” física do homem. A frequência das mulheres em atividades físico-esportivas e no esporte de alto rendimento é uma realidade social, mas o senso comum no seio da sociedade cultivou por muito tempo estereótipos e falsas consciências que inibiram a presença feminina nas diferentes práticas sócio-esportivas e competitivas ligadas ao homem, como nos reporta Simões (2003).

Mourão (1998) observa que no Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, em 1949, o Jornal dos Sports realizava os primeiros “Jogos da Primavera” na Olimpíada Feminina, evento que, tendo como mentor principal o jornalista Mário Filho, visava alavancar definitivamente a adesão feminina às práticas físico-esportivas. Nessa época, os preceitos da Igreja católica de tradição patriarcal, defendiam funções diferentes para o homem e a mulher, em termos de poder e prestígio. Ao homem cabia o trabalho e o sustento da família, já à mulher as tarefas com o lar e a educação dos filhos. Assim, ficou marcada a trajetória histórica da mulher, os mitos da maternidade, da domesticidade, da passividade, entre outros que aprisionam as manifestações expressivas do corpo feminino. Ainda a cercear qualquer forma de insurgência do corpo feminino, qualquer forma de poder ameaçador a tais valores; havia um consenso social, marcado pelo poder masculino.

O fato é que a Olimpíada Feminina “conquistou a juventude carioca do final dos anos quarenta até os anos setenta, encantando a todos pela sua harmonia e congraçamento” (Mourão, 1998, p. 172). A autora ressalta que a extraordinária iniciativa de Mário Filho, através do Jornal dos Sports, reconhecido na época como o matutino de maior circulação da América do Sul, foi sem dúvida uma das mais importantes inserções da imprensa na vida sócio-esportiva feminina, mesmo que as representações sociais não tivessem sofrido ruptura

pelo fato das mulheres não se inscreverem nos esportes considerados “inadequados”, não caracterizando assim formas de manifestação espontânea das mulheres acerca da prática esportiva nos “Jogos da primavera”.

Segundo Mourão (op. cit.), um exemplo nessa relação que ora se consolidava diz respeito às modalidades esportivas ainda pouco praticadas pelas mulheres, como exemplo a de saltos de trampolim, em que a organização dos jogos, ciente desta limitação enaltece a participação de alguns clubes em notícias na primeira página do jornal ou mesmo a adesão de outros meios de comunicação como o rádio por exemplo. Sucesso na sociedade carioca à época, os “Jogos da Primavera”, através da imprensa faziam um chamamento diário das mulheres através das manchetes do jornal, no que era prontamente atendido pela adesão entusiasmada de educandários, clubes e sociedades entre outros; superando as previsões quanto ao vulto das inscrições.

À luz das idéias de Mario Filho os “Jogos da Primavera” eram a idealização da presença da feminilidade associada ao esporte através de um discurso que a todo o momento evidenciava a beleza, a leveza e a graciosidade da mulher. A mídia sensível ao movimento esportivo feminino proporcionava à mulher maior visibilidade, em todos os sentidos; ocupando com mais freqüência espaços nas seções esportivas dos jornais, apropriando-se também de pautas esportivas, antes dominadas exclusivamente pelos homens. como quadras de esportes de clubes e escolas da cidade.

Tempos modernos

Jorge Dorfman Kinijnik (2003) comenta que o movimento feminista das décadas de 60 e 70 nos EUA, aliado a crescente participação feminina no mercado de trabalho, fortaleceu ainda mais a presença da mulher nos diversos segmentos da sociedade; especialmente nos esportes por facilitar a emancipação feminina nos aspectos sócio-políticos e econômicos. Neste contexto o autor enfatiza que esta demanda levou a mulher moderna a ocupar postos antes exclusivos dos homens, tais como: treinadora, dirigente, árbitra, repórter, apresentadora de programas esportivos e empresárias de atletas entre outros, sendo cada vez maior a inserção feminina no mundo esportivo. No entanto, o que se pode observar, passados mais de meio século do ideário dos “Jogos da Primavera”, é uma estagnação do incentivo proposto pela iniciativa de Mario Filho, tendo o Jornal dos Sports como o canal de imprensa mais importante deste processo. Hoje o que ainda se vê nos jornais é, um pequeno espaço destinado ao esporte feminino. Reportagem de primeira página com mulheres atletas é fato raro a não ser em conquistas heróicas e em eventos esportivos de grande importância como, por exemplo, o triunfo da ginasta Daiane dos Santos. A rotina do noticiário esportivo na imprensa escrita atual publica poucas reportagens relativas às mulheres esportivas ou equipes femininas, senão vejamos: o Jornal O Globo que nas edições dos dias 02 a 12 de junho de 2004 publicou entre uma e quatro notas e num mínimo de quatro e o máximo de oito páginas da Seção de Esporte.

O “Jornal do Brasil” no seu caderno de “Esportes” publicou nas edições do dia 03 ao dia 10/06 um mínimo de duas e o máximo de seis notas em até seis páginas do caderno. Por fim o Jornal “O Dia”, no seu caderno de Esportes intitulado “Ataque” publicou nas edições do dia 04 ao dia 13 /06 entre uma e três reportagens com atletas femininas dentre as seis páginas do caderno de esportes.

Mulher, esporte e imprensa

A prática esportiva pode criar atalhos para facilitar a inserção e a ascensão social da mulher, que pode adquirir assim, respeitabilidade e reconhecimento social derrubando falsos estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica, por exemplo. O esporte significa para a mulher a possibilidade da independência motora, a emancipação no corpo social como um ser ontológico, fato que encontra convergência nas palavras de Beresford (2002), ao destacar as múltiplas possibilidades intencionais das condutas motoras do ser do homem em sua vida, considerando corporeidade e motricidade ante suas complexas necessidades bio-psico-sociais.

À luz das idéias de Luiza Klein Alonso (2003), o questionamento dos papéis sociais que emergiram no movimento feminista foi a mola propulsora, que implementou a mulher no mundo esportivo, começando a derrubar crenças como sexo frágil, falta de espírito de competição ou pouco empenho em treinamentos pesados. O corpo feminino começa então a libertar-se do binômio mulher-objeto sinônimo de objeto do desejo masculino e reprodutor.

A contradizer os meios de comunicação e os arquétipos por eles impostos que poderiam ser neutros e iguais para com as mulheres, os rótulos atribuídos a “elas”; os paradigmas, que insistem em não ser quebrados; o olhar de desejo ou o sentimento de posse masculino, entre tantas outras formas de poder exercido sobre o corpo feminino, que ainda assim se mostra forte, Foucault (1979: 175) sugere uma genealogia, um empreendimento que liberte da sujeição os saberes históricos e os torne capazes de oposição e de luta contra um sistema que tem se mostrado coercitivo. Afirma que: “o poder é essencialmente repressivo. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe”. Sob o olhar Foucaultiano o mesmo poder que reprime, cria e instaura prazeres e saberes, este, não o poder da força, mas de dispositivos sutis que sobrevivem por serem além de repressores, criadores.

Esses poderes deveriam ser explorados num sentido positivista, essa relação ao corpo social e em especial ao corpo feminino, funcionando como instrumento de transformação de práticas do “quê” há algum tempo era usual, novo e hoje é antigo, subjugante; pois, a sociedade... precisamos rejuvenescer os conceitos e o discurso! Discurso que Foucault com relação à soberania e disciplina, vê se consolidar ante as múltiplas relações advindas do poder; atravessando, caracterizando e constituindo o corpo social. O pensador destaca que: “Estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade” Foucault (1979: 179-189).

Foucault (1979: 180) também enfatizou que “temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para poder produzir riquezas”. Ao analisar o discurso atual do poder na imprensa, pressupõe-se então que o homem por seu maior poder financeiro, de aparição na mídia, produz verdades e, conseqüentemente, riquezas, em especial na área esportiva. Bloqueia não por vontade própria, mas através do próprio poder do discurso, a inserção e ascensão do socioesportiva da mulher. À exceção do apelo sexual na propaganda, há a inversão do poder com domínio exclusivo do corpo feminino, porém, para “servir” ao poder masculino. A história nos mostra que ainda há muito a conquistar na relação mulher *versus* esporte *versus* imprensa. Perante isto Foucault (1979) propôs pesquisar o lado oculto das relações de poder; apreendê-las até na infra-estrutura econômica; seguidas em suas formas não só estatais, mas infra-estatais ou para-estatais; reencontrá-las e também decifrá-las em seu jogo material.

A partir do momento em que há uma relação de poder, haverá sempre uma possibilidade e resistência; Foucault (1979: 241) revela que: “jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”. Ao analisar tais afirmativas percebe-se que a sujeição ao poder é, talvez a maior barreira que a mulher tem a superar na busca pela sua emancipação social, esportiva, pela inserção na mídia, negando a exclusão e a dominação. Foucault vislumbra um intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente, os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, e que muito atento ao presente; contribui, no lugar em que está de passagem, a pensar a revolução. “Que fique claro que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la” (1979: 242)

O programa de TV Esporte Espetacular apresentado no domingo, dia 02 de maio de 2004, transmitia a Décima Maratona de São Paulo, onde atletas brasileiros buscavam índice para a Olimpíada de 2004. A começar da organização do evento percebe-se indicadores de poder: O número de inscritos foi em torno de 8 mil, sendo a grande maioria de corredores do sexo masculino; o discurso do apresentador esportivo da emissora, ao mesmo tempo em que enfocava as atletas femininas da elite que largaram às 8h15, destacava que o restante das mulheres partiria junto com os homens às 9 horas. diminuindo a importância da participação feminina e ao mesmo tempo criando a maior expectativa para esta parte da prova.

No cerne das idéias de Foucault (1979) a economia do poder aí se manifesta só funcionando em cadeia e não isoladamente, passando pelos indivíduos, efeitos e centros de transmissão desse poder e no exemplo da maratona de São Paulo o homem é o foco principal a exercer o poder. E assim em vários segmentos da sociedade, e principalmente na esfera esportiva pela imprensa falada, escrita e televisiva se torna um instrumento do poder.

Os programas de rádio transmitidos diariamente destacam quase que exclusivamente o futebol masculino é claro! Sendo que num deles existe uma repórter cujo pseudônimo, é “Maria Chuteira” numa referência às mulheres que circulam pelos bastidores do futebol masculino, e que teriam interesse pelos jogadores pelo fato destes, em grande parte deterem poder financeiro e principalmente de penetração na mídia, numa talvez inconsciente, diminuição do papel feminino por meio do poder. Ao mesmo tempo em que a mídia exerce uma das várias formas de poder cerceando a inclusão da mulher no meio esportivo, ela também pode incentivar a adesão feminina às práticas esportivas através da veiculação de “arquétipos” que na ótica de Alonso (2003), determinam o modelo cultural que povoa o inconsciente coletivo, presente em pensamentos, sentimentos, instintos e comportamentos que caracterizam o feminino e o masculino. Utilizando-se do poder financeiro, do apelo sexual, muito explorado no corpo feminino, os efeitos do poder no corpo pela propaganda podem moldar e transformar o comportamento, o sentimento e as percepções.

Numa definição ontológica de arquétipo, Alonso (2003: 40) destaca:

Cada um de nós é uma sofisticada e complexa mistura de todos os arquétipos disponíveis em nossa cultura, parte de nosso processo de subjetivação é um contínuo e muitas vezes conflituoso trabalho de selecionar o que é melhor e mais adequado para nós dentre as inúmeras características apresentadas pelos diferentes arquétipos, nossa individualização ocorre quando não mais vestimos a fantasia do que é ser homem ou mulher, mas quando tecemos nossos próprios trajes, levando em consideração nossos desejos, interesses e vontades, que se transformam ao longo do tempo.

A autora ressalta que “na prática esportista, também encontramos alguns padrões que inconscientemente nos dizem o que é ser uma esportista”. Sobre a relação a um protótipo genealógico, Alonso (2003: 43) enfatiza que:

Na arquetípica ordem patriarcal, mulheres independentes e auto-suficientes só podem ser aceitas se forem castas e virginais. Essa concepção ainda perdura nos dias de hoje, claro que de forma sofisticada. Mas por que tanto espanto quando a imprensa, invadindo a privacidade de mulheres esportistas, descobre que elas têm uma ativa vida sexual, seja ela homo ou heterossexual? Por que ainda pensamos que sexo e esporte não combinam? Por que a persistência da idéia de que a prática esportiva protege particularmente os adolescentes de drogas e sexo?

Muitas mulheres fazem exercícios ou praticam esportes apenas com o intuito de satisfazerem ideais ou padrões de beleza impostos pela mídia e pelos desejos masculinos. Porém o número de mulheres independentes e autoconfiantes que busca nas atividades físico-esportivas a oportunidade da realização, do autoconhecimento ou de uma melhor qualidade de vida cresce a olhos vistos. Esta tendência é observada em dados coletados em Federações Esportivas na cidade do Rio de Janeiro entre outras entidades que fomentam o esporte como os exemplos das Federações de Judô e Basquete.

Basquete

	1998	1999	2000	2001	2002
Masculino	1027	1204	1300	1111	1350

Basquete

	1998	1999	2000	2001	2002
Feminino	548	731	977	1060	1314

Judô

Ano	Masculino	Feminino	Total
1999	2536	691	3227
2000	2954	886	4217
2001	3054	761	3815
2002	2765	727	3492
2003	3205	799	4004

Considerações finais

Algumas mulheres estão muito próximas do arquétipo de Ártemis, mas cada uma traz em si todas as deusas e os deuses que compõem nosso inconsciente coletivo, originando uma profusa miscelânea de comportamentos e atitudes que ajudam a compreender de forma integral a mulher esportiva que, como toda mulher, tem infinitas possibilidades de ser. Diante das perspectivas atuais acerca do discurso da imprensa percebe-se que o sonho de Mario Filho pela inclusão da mulher no mundo esportivo, transformou-se no pesadelo dos que lutam pela igualdade de condições entre os sexos, seja pela otimização do discurso, do poder ou da

aceitação da mulher como um ser igual e capaz, tendo a imprensa o dever, como idealizou Mario Filho, de difundir o esporte feminino como uma força libertadora. Seria preciso o surgimento de vários Mario Filho com seus “Jornais dos Sports”? Ou maior clarividência no discurso da imprensa? Por fim pode-se concluir que o poder está presente em todas as esferas da sociedade, atuando diretamente sobre o corpo social e principalmente sobre o corpo feminino e particularmente no âmbito esportivo.

Referências bibliográficas

- ALONSO, Luiza Klein. Mulher, corpo e mitos no esporte. In SIMÕES, A.C. (Org). *Mulher e esporte, mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p.35-47.
- BERESFORD, Heron. Identidade acadêmica do programa: conceito detalhado de Ciência da Motricidade Humana na Universidade Castelo Branco. In: BELTRÃO; BERESFORD; MACÁRIO (Orgs.). *Produção em ciência da motricidade humana*. 2 ed., Rio de Janeiro: Shape, 2002. p. 39-47.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Ltda, 18. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. *A Mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- MOURÃO, Ludmila. *A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização*. 1998. 308 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- ROMERO, Elaine. A mulher no espaço social e esportivo. *Mulheres em movimento*. Vitória: Edufes, 1997. p137-161.
- SIMÕES, Antonio Carlos. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. *Mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p.1-33.

CARACTERIZAÇÃO DAS TENDÊNCIAS DE COMPETIR, VENCER E DE TRAÇAR OBJETIVOS / METAS DE ATLETAS DE VOLEIBOL ADULTO FEMININO

Sérgio Ricardo de Souza Oliveira
Cássia L. A. Santos
Antônio Carlos Simões
LAPSE/GEPPSE/USP

Introdução

Afirma-se, na atualidade, que o esporte de rendimento é um daqueles fenômenos que expressam as condições sociais e psicológicas que norteiam o comportamento do individual ou mesmo o coletivo - tão competitivo que o comportamento dos atletas fornece inúmeras possibilidades de estudos sobre as emoções, sentimentos, assertividade ou agressividade. O esporte de competição feminino, por exemplo, é um dos campos que mais avançam no mundo da competitividade. Isto pode ser constatado pelo crescente aumento das mulheres em todos os tipos de esportes. A participação das mulheres em equipes de voleibol é altamente significativa. As preocupações gravitam em torno do conhecimento que os estudiosos devem ter sobre o ajustamento de todas as variáveis comportamentais que impulsionam as tendências de competir, vencer e alcançar metas estabelecidas por atletas voleibol.

Inicialmente houve a preocupação de situar o voleibol no contexto histórico do Esporte enquanto um fenômeno social que foi criado nos Estados Unidos e que percorreu um longo caminho até a sua inclusão nos Jogos Olímpicos. O problema consiste no fato do voleibol ser um esporte coletivo o que o diferencia dos demais pela suas características físicas, técnicas e

táticas envolvidas por fatores que se expressam pela conduta do processo motivação associado com as tendências de competir, vencer e traçar objetivos e metas, que poderiam ser caracterizadas pelo sistema de avaliação denominada de “ACS 2*” – instrumento de pesquisa constituído por um conjunto de questões descritivas e objetivas visando identificar, caracterizar e interpretar a conduta do processo motivação-competir, vencer e estabelecer metas, dentro de uma metodologia do tipo de pesquisa exploratório-descritiva.

O desafio maior do estudo foi estabelecer uma linha de pensamento que demonstrasse com clareza os fatores psicossociais envolvidos com a conduta das atletas de voleibol em relação ao competir, vencer e estabelecer metas – especialmente para contribuir com os profissionais que orientam e comandam equipes femininas de uma grande instituição esportiva da cidade de São Paulo em busca de excelência.

Delineando a conduta do processo motivação-tendências

O fundamental exposto acima pode ser sintetizado em torno das condutas e tendências de competir, vencer e estabelecer metas. Essa linha de pensamento nos leva a dizer que envolve o esporte de competição e a própria história dos Jogos Olímpicos inclui em suas atividades sinais que acentuam e configuram os fenômenos sociais e psicológicos, que engloba tanto o individual, o grupal e o institucional. A história mostra que as concepções filosóficas envolvidas com os jogos no velho mundo entraram em um período de letargia, vindo a ser restabelecida durante a Revolução Industrial ocorrida na Europa nos séculos XVIII à XIX, decorrentes, principalmente, das alterações contextuais de trabalho e lazer criados pela nova sociedade que nascia (Martins, Rezer, Castro, Shigunov, 2002). Na Inglaterra, berço dessas transformações, nasce a terminologia *Sport*, hoje mundialmente difundida e categorizada (Colégio Brasileiro de Pós-Graduação, 2004).

Essas concepções foram sendo desenvolvidas por uma rede complexa de inter-relações, que se manifestaram na diversidade de um conjunto de forças que atuavam no meio esportivo. Isto mostra que as necessidades ou motivos levaram as instituições, grupos e indivíduos a um processo de busca de objetivos e de estabelecimento de metas. Essas tendências teriam sua consistência movida pela integração lógica desses agentes na incorporação de valores, normas, regras e regulamentos estabelecidos pela sociedade. Exemplo disso, é que a passagem do século XIX para o XX, foi também marcada por grandes mudanças políticas, geográficas, sociais e econômicas. O ritmo imigratório acelerado, as descobertas tecnológicas e as guerras ajudaram a disseminar as idéias do esporte institucionalizado, culminando na realização da 1ª. Olimpíada da Era Moderna em 1896. O cenário é, portanto, uma fonte de desejos e conquistas - como destaque dessa nova concepção o esporte se desenvolve, se atualiza, em estreita relação com o meio ambiente onde é praticado. Os Estados Unidos surge, por exemplo, como um país emergente e dominador, de onde partem todas iniciativas para a criação de um novo Homem.

O esporte é um dos principais agentes dos programas do desenvolvimento humano. As linhas doutrinárias sueca, francesa e alemã; objetivando, respectivamente, fins médicos, educativo-formativo e nacionalista conforme Tubino (2004) são ultrapassados pela nova concepção esportiva de ginástica de conservação criada pela Associação Cristã de Moços Americana – *Youth Men`s Cristians Association /Ymca* (Colégio Brasileiro de Pós-Graduação, 2004). As mudanças fazem com que William C. Morgan, diretor de Educação Física da *Ymca* da cidade de Holyoke, em Massachussets, nos Estados Unidos da América,

* Copyright prof. dr. Antonio Carlos Simões / desenvolvido pelo professor Luiz Delphino.

crie em 1895 um jogo para homens de meia idade que misturava basquetebol, handebol e tênis, sem muita complexidade de regras e com desgaste físico moderado, denominado *minonette*, passando, em 1896, a ser chamado de voleibol (Colégio Brasileiro de Pós-Graduação, 2004). O certo é que a modalidade voleibol evoluiu consideravelmente ao longo do tempo porque se desenvolveu em torno das manifestações interligadas à valorização e à legitimidade da competência dos indivíduos.

Na verdade, conforme Simões (2003) cada um dos indivíduos que compõem uma equipe esportiva é movido a confiar nas suas boas condutas e nas condutas dos seus companheiros, técnicos e dirigentes. Uma das maneiras para se entender o comportamento desses agentes reside no conceito de que o voleibol é um esporte onde as ações técnicas e táticas que se relacionam com a conduta humana se desenvolvem num campo de jogo separado por uma rede colocada em uma determinada altura, sempre em conformidade com as categorias de idade e sexo. Cada equipe ocupa um espaço com seis atletas, que não podem invadir o espaço físico do adversário e nem tocar a rede que delimita as ações entre as duas equipes. Tal objetivo é alcançado por meio de fundamentos básicos de contato com a bola nas ações de ataque e defesa nomeados de saque, manchete, toque e bloqueio, sem que haja a sua retenção. Na intenção de não deixar a bola atingir o solo, outras partes do corpo também podem ser utilizadas – pés, cabeça, ombro, peito.

Diante de tamanha evolução e disseminação, a modalidade foi incluída nos Jogos Olímpicos a partir de 1964, em Tóquio, evento no qual o Brasil participou apenas com a equipe masculina (Colégio Brasileiro de Pós-Graduação, 2004). A equipe feminina teve sua participação efetivada somente a partir de 1980, na Olimpíada de Moscou. As conseqüências dessas participações têm sido agradáveis de acordo com Cardoso (2000), já que desde então, tem participado de todas as edições dos Jogos Olímpicos. O certo é que a repercussão desse fenômeno pode ser vista segundo os diversos processos envolvendo as mulheres e o voleibol de alto rendimento. Apesar da participação feminina ter atingido um patamar de participação equivalente ao masculino nos Jogos Olímpicos - percebe-se que ainda enfrentam um processo de resistência generalizada, por parte dos dirigentes responsáveis pelo Comitê Olímpico Internacional. (Knijnik, 2003).

Segue que o voleibol feminino estabeleceu posição de destaque dentro da sociedade do esporte – contribuindo decisivamente sobre o processo de aderência das mulheres à prática do voleibol em todos os segmentos sociais. Diríamos, também, que o voleibol feminino consegue valorizar o imaginário com o cenário das relações institucionais, grupais e interpessoais. Por outro lado, a participação feminina rompe com os paradigmas tradicionais em relação a disseminação mundial, inclusive no Brasil, onde a modalidade tem conquistado grandes resultados, nacional e internacionalmente. A caracterização das tendências individuais das atletas de voleibol de competir, vencer e traçar objetivos / metas seria, portanto, resultantes dos vínculos estabelecidos entre as mulheres e o voleibol – dos vínculos estabelecidos entre esses elementos que se formam com a conseqüente mentalidade das organizações que administram, supervisionam e orientam o comportamento das equipes femininas. A tendência passa a ser uma análise direta da atuação de uma força qualquer com o significado de intenção, propensão, disposição, movida pela ação de uma motivação, que por sua vez vêm a ser definida como um conjunto de fatores psicológicos (conscientes ou inconscientes) intelectual, afetivo ou fisiológico, interagindo e determinando a conduta de um indivíduo (Ferreira, 1986).

Filosoficamente, o primeiro conceito passa a ser entendido como um impulso habitual e constante para a ação, distinguidos por Jaspers apud Abbagnano (2000) através da tríade:

Sensível – que correlata à fome, sede, sexo e outros; Vitais – sem caracterização somática (tendência à auto-exaltação, à submissão, à imigração – mudanças - à sociabilidade); e Espirituais – direcionadas para realização de valores; enquanto motivação passa não ter, necessariamente, significado lógico, vazio, mas uma possibilidade estimulada pela relação da experiência, transformando-as em uma cadeia contínua de motivações, multiplicando e transferindo-se para outras já existentes. De acordo com Samulski apud Deschamps (2002), o processo pelo qual a motivação é gerada propõe uma ação conjunta de fatores que tem como meta um objetivo. Sua origem caracteriza-se de maneira extrínseca (ambiental) e/ou intrínseca (pessoal). É evidente que esse conjunto de fatores norteiam a existência, flexibilidade, qualidade, dedicação e maior satisfação das atletas e dos técnicos como líderes.

A esse respeito, Cratty (1983) afirma que a motivação denota os fatores e processos que levam pessoas a agir ou não, em variadas situações. O estudo da motivação envolve um grupo de razões na qual um sujeito seleciona determinadas tarefas em detrimento de outras, assumindo dada intensidade nos momentos relevantes, e enquadrando a motivação enquanto determinante da persistência em se trabalhar ou desempenhar por um período determinado tempo. Isto mostra que a motivação estaria associada a uma longa lista de motivos que impulsionam os atletas a condutas altamente satisfatórias. Os fatores determinantes da motivação têm caráter energético – nível de ativação – e um caráter de direção do comportamento – intenções, interesses, motivos e objetivos – (Deschamps, 2002). Podendo considerar que as pessoas sigam as suas vidas traçando objetivos, e serem estes, segundo Locke apud Weinberg e Gould (In: Williams, 1991), a assertiva e dominação de uma tarefa em um nível especificamente enquadrado, geralmente, em um tempo pré-estabelecido.

Configurando as tendências

Os estudos envolvendo motivações são extremamente importantes. Weinberg e Gould (2001) sustentam a importância de se encontrar pontos relevantes no processo de motivação e na definição dos objetivos, o que provocaria segundo Sage (apud Weinberg e Gould, 2001), a definição do melhor caminho na representação da capacidade individual ou potencialidade canalizada em torno das tendências a competir, vencer e estabelecer objetivos. A performance de conduta competitiva é produto dos motivos que as atletas perseguem como resultado do desempenho nos treinamentos e jogos. A intensidade dos esforços canalizados são necessidades básicas existenciais que podem levar a melhora de desempenho. Isto explica o fato das atletas manterem-se focadas para alcançar êxito em suas ações individuais e de acordo com as funções desempenhadas dentro da equipe. As ações cooperativas sustentam a motivação dentro de uma infinidade de tendências interativas – quando desfrutam do trabalho cooperativo podem se sentir mais do que satisfeitas na realização de suas tarefas.

As pesquisas confirmam que as atletas se sentem motivadas quando recebem estímulos positivos tanto das companheiras como dos técnicos. Os técnicos que conseguem perceber esse nível de motivação nas suas atletas podem criar um ambiente motivador incluindo a possibilidade de destaque individual dentro da equipe e da modalidade de uma maneira geral. As tendências pessoais apresentam sempre um caráter multidimensional, embora possa existir inúmeras variáveis entre as dimensões distintas da competência atlética. Os sentimentos envolvidos com motivação-frustração identificados constantemente nas atletas como medo de se expor e de ser derrotadas evidenciam a presença do equilíbrio emocional na realização das ações técnicas e táticas. A literatura mostra duas variações de estímulos: uma interna que depende da relação que a pessoa tem com as atividades atuantes, independentes de ser atleta ou não; e outra, externa, que depende diretamente da relação do indivíduo com tudo que o

rodeia sem ser considerada sua posição ou vontade (Weinberg e Gould, 2001). Desta forma, o objetivo deste estudo é caracterizar as tendências de competir, vencer e traçar objetivo e metas individuais ou coletivas das equipes esportivas

Avaliação das tendências

Os procedimentos metodológicos empregados nesse estudo podem ser caracterizados como descritivo exploratório. A forma descritiva significa, segundo Selltz et al. (apud Marconi e Lakatos, 2002: 20), “descrever um fenômeno ou situação mediante um estudo realizado em um determinado espaço-tempo”, sendo que a pesquisa exploratória “ênfatisa a descoberta de idéias e discernimentos”. Assim sendo, é utilizado o questionário de cunho científico ACS 2, o qual apresenta, com clareza, alguns princípios norteadores das tendências, para que estes possam vir a contribuir nas futuras intervenções profissionais, junto a suas equipes, além de obter uma visão fundamentada, cientificamente, dos elementos motivacionais da equipe e das atletas de voleibol adulta feminina de um clube da cidade de São Paulo. O sistema de avaliação “ACS 2” é elaborado pela associação das “tendências de competir, vencer e alcançar metas dos indivíduos com comportamento coletivo das equipes” (Simões, 2003).

É uma forma equilibrada de pensar que: quando o resultado individual das atletas for elevado frente ao coletivo, a equipe em destaque obterá o resultado individualizado melhor que no índice coletivo. Segundo Simões (2003), no momento que uma equipe apresenta essas características, a tendência do comportamento do grupo é de manter-se individualizada, sobrepondo-se aos ideais coletivos, despontando problemas relevantes do ponto de vista cooperação e desempenho coletivo em diferentes níveis. O sistema proporciona estudar eventuais diferenças partindo dos paradigmas da individualidade e coletividade: “a capacidade de competitividade individual correlacionada ao comportamento coletivo de equipes. Os índices de competitividade individual de uma equipe giram em torno de um índice estatístico – “lie” igual a 28,92, enquanto o índice médio de competitividade da equipe em torno de um ‘lie’ igual a 25,00 (Dp =16,54)” (p. 273). Fica clara a relevância do equilíbrio entre as duas motivações (individual e coletivo), para uma globalização das atitudes na formação da equipe. (Simões, 2003).

Os dados obtidos nos relatórios nos levaram em direção a diferentes concepções em relação à coletividade do grupo e ao contexto associativo e de cooperação do atleta, independente do conceito pré-estabelecido de coletivo. A objetividade foi determinada mediante uma visão da intersecção desses conceitos individuais com a qualidade dos fatores biopsicossociais e na determinação da validade que é fundamentada quando a “coesão social e tarefas se funde com as ações desencadeadas pelas atletas em relação às ações eletivas, diferenciação de função e da legislação do reconhecimento às questões da individualização e do coletivo” (Simões, 2003, p. 276).

Os resultados encontrados para as tendências podem ser vistos na Figura 1.

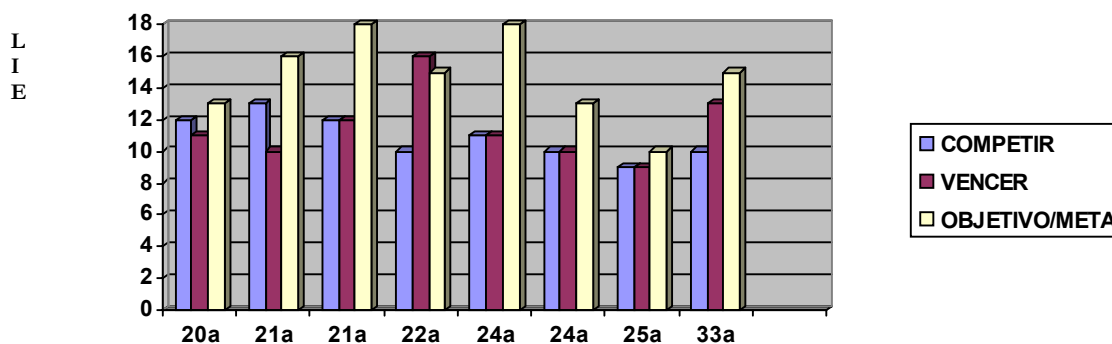


Figura 1. Amplitude alcançada pela tendência de competir, vencer e traçar objetivos e metas, individualmente pelos atletas, dispostos por idade.

Os resultados obtidos em relação à média das tendências da equipe podem ser vistos na Figura 2.

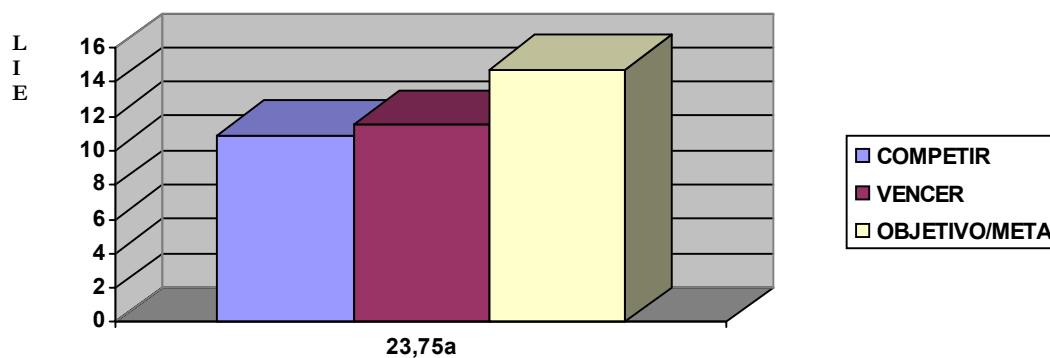


Figura 2. Amplitude alcançada pela tendência de competir, vencer e traçar objetivos e metas da equipe de voleibol adulta feminina, disposta por idade.

Os resultados numéricos das tendências das atletas de uma equipe de voleibol de competir, vencer e estabelecer objetivos e metas relacionados com a faixa etária estão inseridos na Tabela 1.

Tabela 1. Índices numéricos encontrados para tendências de competir, vencer e traçar objetivos e metas, relacionados à faixa etária individual e média.

Tendências	20	21	21	22	24	24	25	33	23,75
Competir	12	13	12	10	11	10	9	10	10,875
Vencer	11	10	12	16	11	10	9	13	11,5
Objetivos/metass	13	16	18	15	18	13	10	15	14,75

Conclusões e comentários

Todas atletas obtiveram índice de tendências individuais assim como coletiva alta para todos os três aspectos analisados – competir, vencer, objetivo / meta. Deve-se ter atenção especial para a relação inversa do desenho apresentado nas figuras para as tendências pesquisadas. Quanto mais elevada for a coluna “lie” menor será a tendência para os aspectos estudados. Há variação entre níveis de tendências individuais o que determina algumas considerações a serem abordadas. As atletas, com a evolução da idade apresentam índices para tendência de competir em crescimento. Para tendência de vencer existe constante variação de valores, a melhor marca sendo para uma atleta de 25 anos e a pior para uma de 22 anos. Os índices de traçarem objetivos/metass variam ainda mais que os de vencer; sendo relacionados para uma atleta de 21 e 24 anos, patamares equivalentes, mas menores nas relações com o resto do grupo, o que talvez signifique um menor foco nos objetivos para a competição e vitória, proporcionados pelo jogo. Para ambas, essas tendências – competir e vencer – são numericamente equivalentes na consideração individual. Todas atletas que apresentam o mesmo índice para vencer e competir apresentam, também, índices para tendências de traçar objetivos, menores.

O que motiva uma atleta a buscar a vitória mais do que outra pode vir a ser uma característica intrínseca mais desafiadora em relação às possibilidades que a modalidade oferece em termos de ganho extrínseco. A falta de discernimento concreto dos objetivos, apesar de elevados, é um outro fato interessante, pois para uns pode ser encontrar a luz profissional dentro da modalidade; para outros, a impossibilidade de continuar no processo evolutivo e participativo durante muito mais tempo, e para um grupo, intermediário, a detecção das limitações técnicas proporcionadas pela incapacidade própria em cumprir tarefas propostas para o grupo. O coletivo movimenta-se pelas características individuais, dessa forma, quanto mais coincidentes forem os dados individuais para qualquer um das três tendências, maior será a identificação do grupo com ele mesmo e melhor deverá vir a ser seu desempenho em competição. Os testes aplicados devem ser repetidos com a finalidade de verificar o que acontece em outros grupos de trabalho em função de coletar dados suficientes para futuramente estabelecermos relações e correlações criando dessa forma uma linha de pensamento e pesquisa em prol da evolução do esporte como um todo.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fonte, 2000.
 CARDOSO, M. *Os arquivos das Olimpíadas*. São Paulo: Panda, 2000.
 COLÉGIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, COBRA, Manual de Regras Oficiais. *História do vôlei*. Disponível em: <www.voleimania.hpg.ig.com.br>. Acesso em: 08 ago. 2004.

- CRATTY, J.B. *Psychology in contemporary sport: guidelines for coaches and athletes*. New Jersey: Prentice-hall, 1983.
- DESCHAMPS, S. R. *Aspectos psicológicos e suas influências em atletas de voleibol masculino de alto rendimento*. Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.
- KNIJNIK, J.D. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- LEVIN, J. *Estatística: aplicada a ciências humanas*. 2. ed., São Paulo: Harbara, 1978.
- MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARTINS D.F, REZER, R. & CASTRO, R.L.V.G. de. *O esporte como papel de uma reunião social*. P. 1-9, 2002. Disponível em: <www.kennedy.br>. Acesso em 08 ago. 2004.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário aurélio*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SALVIANI, A. & ANTONELLI, F. *Psicologia del deporte*. Roma: Minón, 1978.
- SIMÕES, A. C. Esporte de performance. In: KISS, M.A.P.D. *Esporte e exercício: avaliação e prescrição*. São Paulo: Roca, 2003.
- _____. As equipes de futebol e o poder das instituições: uma visão psicossociológica do comportamento institucionalizado. In: COZAC, J. R. *Com a cabeça na ponta da chuteira*. São Paulo: Annablume, 2003.
- TUBINO, M. *As atividades físicas do século XX segundo os extremos de Eric Hobsbawn*. Disponível em: <www.castelobranco.br>. Acesso em: 08 ago. 2004.
- WEINBERG R.S. & GOULD D. *Psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- WILLIAMS J.M. *Psicologia aplicada al deporte*. Almagro, Madri: Biblioteca Nueva, 1991.

DO GOSTO A RESILIÊNCIA: MOTIVOS EXPRESSOS E OCULTOS NA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO

Claudia Aleixo Alves
Carlos Nazareno Ferreira Borges
Simone Magalhães Lopes
Fabio Padilha Alves
UFV

Introdução

O Projeto Gente é um projeto de extensão universitária desenvolvido no Departamento de Educação Física (DES) da Universidade Federal de Viçosa (UFV)/MG, através do desenvolvimento de práticas de atividades físicas esportivas para crianças de bairros periféricos da cidade de Viçosa. A atividade esportiva preponderante é o futebol e o Projeto conta ainda com atividades de suporte em orientação para a aquisição de hábitos de saúde desenvolvidas em parceria com o Departamento de Nutrição e Saúde da UFV. No trabalho desenvolvido por Silva & Pereira (2004), encontramos a referência alusiva ao itinerário histórico do Projeto Gente desde sua implementação, em meados do ano 2000. A partir das considerações dos autores supra, no trabalho de Borges (2004) encontramos referência aos objetivos propostos pelo Projeto. Ali encontramos registrado que o Projeto Gente tem o objetivo de favorecer estratégias de ação para uma educação alternativa de suporte à educação desenvolvida pelas estruturas educativas que cercam as crianças frequentadoras das atividades, sendo que através do futebol, pretende-se não a formação de talentos, mas um trabalho para a aprendizagem de um conteúdo corrente no cotidiano social que também favoreça a educação para um adequado uso do tempo livre, vindo a caracterizar uma tentativa de educação qualitativa do e para o lazer.

O estudo de Borges et al (2004) encontrou evidências de que os motivos hegemônicos para a adesão e permanência das crianças no Projeto encontram-se atrelados à categoria

gostos, dessa forma, as crianças do Projeto têm ambiente e espaços favoráveis para satisfazer seu prazer em praticar as atividades esportivas alusivas ao futebol uma vez que o Projeto responde com o interesse em favorecer tal alcance de objetivos, mas com a preocupação de direcionar o processo para a educação geral e em específico do lazer.

Ao consultarmos em Silva et al (2001) a história do Projeto Gente (antes denominado de escolinha de futebol), observa que esse surgiu da solicitação de associações de moradores dos Bairros do Laranjal e Bom Jesus, na cidade de Viçosa. Contudo, não encontramos referência do porque as associações priorizaram a solicitação de atendimento a crianças apenas do gênero masculino, nem tampouco justificativas de porque os educadores do Projeto ofereceram as atividades também somente para os mesmos. Isso constituiu uma preocupação inicial para a construção de um projeto de investigação que estamos desenvolvendo no programa de iniciação científica, pois entendemos que os motivos que geraram as preocupações das associações e dos educadores do Projeto Gente atingem também às crianças do gênero feminino. Ocorre, no entanto, que por uma questão de demanda gerada na comunidade, o Projeto Gente passou a partir do ano de 2004 a atender crianças do gênero feminino. Para essas crianças, independente da diferença de gênero em relação àquelas que já se constituíam em público alvos do Projeto, oferecem-se as mesmas atividades, com a mesma filosofia de ação pedagógica, social e política. Essa foi a nossa segunda preocupação enquanto construção do nosso projeto de investigação, uma vez que podemos estar questionando entre a validade de uma concepção única ou a possível necessidade de uma concepção diferenciada que venha a nortear as ações em função das diferenças de gênero.

O Projeto agora conta, então, com crianças dos dois gêneros que hora passamos a denominar aqui de meninos e meninas. A despeito de todas as diferenças que podem ser encontradas, meninos e meninas têm inicialmente algo em comum quanto ao interesse para freqüentar o Projeto, o gosto pela prática do futebol. Isso já havia sido identificado e explicado quanto aos meninos, no trabalho já citado de Borges & Lopes (2003) e Borges et al (2004), e também o foi em levantamento exploratório realizado junto às meninas para a elaboração do projeto de investigação da iniciação científica. Segundo esse levantamento, captado por um questionário de questões fechadas, 73,33% das meninas afirmaram que aderiram à prática do futebol no Projeto por gostar da modalidade e, portanto, interessadas na prática regular nessa atividade.

Embora tenhamos essa característica comum no público alvo, há algo que passou a ser preocupação central para nós na construção desse projeto de investigação. Tem sido bastante recorrente na literatura de Sociologia do Esporte, sobretudo nos estudos sociológicos da mulher no esporte⁶⁹, a afirmativa de que o esporte é uma reserva masculina, assim como muitas áreas de atuação dos indivíduos na sociedade. Por isso mesmo a mulher enfrentou e ainda tem enfrentado bastantes obstáculos quanto a sua participação nesse campo, sobretudo obstáculos que se traduzem em atitudes preconceituosas de segregação, ridicularização e estigmatização. Mas elas resistiram e têm resistido a ponto de conseguirem conquistar espaços cada vez maiores no campo esportivo. Sabemos que se a situação se apresenta assim no esporte como um todo, no futebol a coisa é muito maior, sobretudo no Brasil, onde a tradição estabelece a prática dessa modalidade, por motivos históricos, biológicos, psicológicos, entre outras asserções, como preponderantemente adequada ao homem. Nesse caso, ao olharmos as meninas do Projeto Gente, passamos a nos questionar a partir de seu interesse inicial na atividade, dirigido pelo gosto, se essa participação espontânea no futebol

⁶⁹ Pfister (1997), Dunning (1994), Costa & Guthrie (1994), Willis (1994), Theberge & Birrell (1994), Almeida (2003).

estaria expressando, ainda que inconscientemente, um processo de resiliência⁷⁰ diante da reserva masculina nessa modalidade esportiva. Partindo de pressupostos observados nas conquistas femininas em geral, observados no âmbito da prática esportiva, sobretudo a partir da década de setenta do século XX, construímos uma afirmação provisória afirmativa quanto à existência de um processo de resiliência na prática das meninas no Projeto Gente, no entanto pensamos em iniciar o processo de investigação junto ao grupo de meninas a fim de identificarmos a ratificação dessa suposição ou mesmo encontrar outros elementos teóricos que nos ajudem na compreensão da experiência vivida por esse grupo no Projeto Gente.

Alguns achados da saga feminina em conquista de espaço no esporte.

Os estudos sociológicos da mulher no esporte surgiram em meados da década de 70 do século passado e, desde então, temos observado um crescimento da produção mesmo como diz Theberge apud Theberge & Birrel (1994), tendo a resistência de abordagens que apontam para uma história de exclusão feminina e para um conjunto de crenças inadequadas sobre a fragilidade e inferioridade da mulher para a atividade física de esforço. Desde o início dessa produção em escala, esses estudos têm denunciado que no esporte, assim como em outros campos do fazer humano, há um elevado nível de reserva masculina. Esse fenômeno é estudado na história da relação entre homens e mulheres e relacionado às muitas explicações sobre o poder e denominação masculina exercidos sobre as mulheres ao longo dos tempos que tornaram a participação social da mulher desigual nas mais variadas esferas. No âmbito da contemporaneidade, o fenômeno da reserva masculina no esporte tem sido tratado como um estado patriarcal masculino no esporte, e é um patriarcalismo que atua como desempenha na manutenção da hegemonia masculina na sociedade. Dunning (1994) afirma que a própria Sociologia apresenta abordagens machistas no tratamento da mulher no esporte, e isso é observado desde os pais da disciplina como Durkheim e Comte que denotavam a inadequação da mulher para o esporte, embora Comte atribuísse às mulheres papel relevante em outras frentes de ação na sociedade, em função de sua maior espiritualidade em relação ao homem.

Dunning (Op.cit) se refere também ao questionamento feito contra o patriarcalismo no esporte que vem sendo conduzido por algumas autoras femininas, que apesar de importantes no debate, insistem em indicar a presença de discriminação contra a mulher, sem indicar as formas da dominação masculina e as transformações que vêm sofrendo nos últimos tempos. Muitos fatos têm contribuído para que o patriarcalismo no esporte tenha passado por certos níveis de diminuição da dominação e, em geral, estão relacionados com as conquistas femininas em outros setores da vida social. Por isso a história registra o aumento regular e freqüente da mulher na prática esportiva.

Theberge (1994) indica números que apontam, em âmbito internacional, a reserva masculina no esporte, e razões para isso são indicadas por Costa e Guthrie (1994) como pertencentes a três grandes subáreas na ciência e na prática esportiva: os fundamentos culturais e históricos, as considerações biomédicas e as dimensões sociais e psicológicas. No entanto, Theberge & Birrel (1994) mostram passo a passo como as mulheres foram conquistando seu espaço no meio esportivo, a partir de conquistas nas outras frentes em que estão concorrendo com os homens. É bom que se diga que esse processo de conquista das

⁷⁰ Estamos utilizando a idéia de resiliência enquanto objeto teórico, a partir dos estudos de Antunes (2003), Tavares (1998) e (2001), Tavares e Albuquerque (1998). Os diversos estudos sobre resiliência tratam essa abordagem teórica a partir de conceitos extraídos da Física, e seria considerada como a capacidade de pessoas, grupos ou comunidades, de resistir às situações difíceis, às adversidades e ainda aproveitar para crescer pessoalmente e socialmente. Uma expressão popular que estaríamos utilizando para entender a idéia de resiliência seria: “(enfrentar) levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima”.

mulheres de espaço no campo esportivo está atrelado a um grande movimento de luta, onde as vitórias são conseguidas a custas de grande esforço contra os preconceitos e limitações que a sociedade impõe em função das dificuldades atribuídas à natureza do corpo feminino.

No que diz respeito à prática específica do futebol, os esforços estiveram freqüentemente em níveis aumentados em relação a outras práticas esportivas. Almeida (2003) diz que essa modalidade tem exacerbado patriarcalismo, pois a reserva masculina tem tradição cristalizada pelas características inerentemente relacionadas com a natureza do corpo do macho. Portanto, toda praticante está sujeita à estigmatização direta do seu corpo e atitudes, como vinculados ao padrão de masculinidade e isso muitas vezes é assinalado nos discursos cotidianos dos que cercam as praticantes, sendo aumentados quando se fazem presentes no discurso midiático. Em muitos países a prática do futebol feminino avançou, tendo como ponto de apoio o movimento feminista contra as reservas masculinas, até o ponto de observarmos um país como os Estados Unidos, apresentar um número de praticantes mulheres superior ao de homens. Mas a luta contra a reserva masculina no futebol ainda está longe das conquistas definitivas em países como o Brasil, onde o ranço da tradição é mais difícil de ser quebrado. Mesmo com as recentes conquistas do futebol feminino em competições internacionais importantes (como a boa classificação nos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000, ou nos Jogos Pan-americanos de 2003, em ambas as situações superando o desempenho da equipe masculina), as mulheres não têm o devido reconhecimento como esportistas, suas conquistas ainda são balizadas sob a ótica de um comportamento vitorioso graças à influência de traços de masculinidade.

Mesmo sob essas dificuldades, e ainda tendo que enfrentar o conseqüente não apoio estrutural econômico, o futebol feminino resiste. Observa-se no Brasil um crescente número de praticantes em função de dois fatores mais incisivos: a) a permanência da equipe nacional em eventos importantes, como o mundial e os Jogos Olímpicos; b) o advento da possibilidade de prática no *futsal* (futebol de salão), que guardando as similitudes em alguns fundamentos principais, e tendo bom número de praticantes, fornece bom número de migrações para as equipes que atuam no futebol (de campo). No entanto, esses fatores não seriam suficientes, não fosse o intenso movimento de resiliência desenvolvido pelas praticantes.

Segundo Antunes (2003: 13), a resiliência é uma abordagem teórica advinda da Física e bastante utilizada na Engenharia e constitui-se da “capacidade de um sistema de superar o distúrbio imposto por um fenômeno externo inalterado”. O mesmo autor cita ainda o Dicionário da Língua Portuguesa Do Houaiss, para dizer que resilir significa poder retornar à forma original depois de submetido a uma deformação ou ter a capacidade de se recuperar da má sorte e das mudanças. No nosso cotidiano, resilir é resistir às condições extremas que se apresentam e permanecem e ainda aproveitar-se das mesmas para seu crescimento e desenvolvimento pessoal e social. O que dizer então das mulheres no futebol, senão participantes um forte movimento de resiliência em que conseguem manter-se no campo esportivo mesmo contra as adversidades e em movimento crescente de conquistas de espaços pertencentes à reserva masculina?

Possível resiliência das meninas praticantes do futebol

As meninas-aprendizes-jogadoras que freqüentam o Projeto Gente praticando a modalidade futebol, desde meados do ano de 2003 passaram a constituir um grupo especial de mulheres praticantes do futebol no município de Viçosa/MG, que dão seqüência às suas atividades mesmo com todas as dificuldades que insistem em atravessar o itinerário dessas atrizes sociais em busca de seus objetivos. Cutini (2004), esteve levantando dados a respeito

da prática do futebol feminino em Viçosa e descobriu que desde a década de setenta do século passado, têm-se notícias da prática dessa modalidade. Contudo, um movimento mais consistente parece ter surgido nos anos noventa, quando se percebe um número maior de equipes, fato esse que veio a se modificar com o surgimento de uma equipe denominada de 1º de maio, de um bairro chamado Vale do Sol, cujo nível técnico superior provocou o desmanche de outras equipes, fazendo com que as melhores atletas adversárias passassem a jogar pelo 1º de maio. Nesse horizonte, o surgimento da prática do futebol pelas meninas do Projeto Gente caracteriza-se como mais um marco na história do futebol feminino em Viçosa, uma vez que representa o surgimento de outra alternativa de prática que não aquela vinculada à equipe do 1º de maio.

Mesmo desde o estudo de Cutini (2004) e até o levantamento que temos das práticas iniciais das meninas do Projeto Gente, algo de comum nos chama a atenção. Como em muitos lugares, as mulheres enfrentam muitas adversidades para continuar a satisfazer seu prazer de jogar o futebol. A maioria dessas dificuldades é comum às vivenciadas pelas mulheres em outros espaços, como já tivemos a oportunidade de discorrer. Isso nos têm levado a questionar que fatores seriam tão fortes a ponto de provocar a continuidade da prática pelas meninas diante de tantas dificuldades. Na tentativa de decifrar o enigma levantado, temos dado andamento a um estudo no qual pretendemos identificar nas meninas-aprendizes-jogadoras de futebol do Projeto Gente, a possibilidade da existência de um comportamento resiliente, ainda que latente. Seguindo os passos dos meninos – primeiros sujeitos na origem do Projeto Gente – as meninas declaram que praticam a modalidade pelo simples prazer de jogar, isto é, gostam de jogar futebol.

Temos a desconfiança de que o gosto pela modalidade, mesmo que não possamos mensurar sua intensidade, seria insuficiente para a manutenção na prática, diante das dificuldades enfrentadas para tal. Entre as dificuldades enfrentadas pelas meninas para a prática, as mais evidentes são: o preconceito quanto a sexualidade e a imagem de mulher doméstica, que tem “afazeres” em casa e por isso não deveria “gastar” o tempo jogando. Portanto, pensamos que mesmo não declarado, possa haver o comportamento resiliente como elemento mantenedor da prática. Estamos ainda nos primeiros passos da busca de identificação da existência do comportamento resiliente, e acreditamos que, uma vez identificado, assumido e qualificado, inscreva-se em um grande movimento feminino não somente de luta franca contra as reservas masculinas, mas de conquistas de equidade para a prática de atividades que lhe garantam satisfação no âmbito das maiores aspirações quando da prática de atividades físicas em sentido amplo: satisfação da percepção estética, saúde e qualidade de vida, interação social ampla, educação continuada, possibilidade de ascensão profissional e mobilidade social, entre tantos outros valores atribuídos àquelas práticas. Portanto, estamos convencidos quanto à relevância de tal aspiração no que diz respeito às meninas, mas também representa uma possibilidade ampla para o Projeto Gente, seus educadores, a Universidade, a área acadêmica da Educação Física e a própria sociedade, que pode auxiliar em um processo de formação crítico-emancipatório e crítico-transformador de realidades sociais, a partir da intervenção concreta com grupos de resiliência, estratégia que Tavares (2001) diz que vem sendo fomentada ao nível da educação escolar como possibilidade real da formação de indivíduos protagonistas na sua vida e na sociedade.

Traços do itinerário de identificação do comportamento resiliente

A investigação que estamos desenvolvendo tem características de cunho etnográfico, se considerarmos em sentido amplo aquilo que nos ensina Geertz (1989) a respeito da

construção de processos culturais e que Laraia (2001) diz se manifestar em diferentes porções comunitárias de populações numericamente maiores. O pai etnografia, Malinowski, desde os anos 20 do século passado, ensinou-nos que somente pela "observação participante" nós poderíamos conhecer nossos sujeitos de pesquisa com profundidade, e assim superar os pressupostos evolutivos e o etnocentrismo. Nosso estudo vem tentando, então, fazer um exercício de observação participante seguindo as orientações de Becker (1999) e coletar dados através da participação no cotidiano das meninas durante sua prática do futebol no Projeto Gente. Pensamos em acompanhar o grupo, observarmos as situações que se deparam no cotidiano e como se comportam diante delas, estabelecermos conversas individuais ou coletivas procurando entender as interpretações sobre os acontecimentos que se está observando. Estamos dando ênfase ao aspecto comportamental durante as aulas, treinamentos, competições, intercâmbios, atividades extra-futebol (passeios e visitas, entre outros), tanto nos momentos de interação entre meninas quanto naqueles em que as meninas são colocadas para interagir com meninos. Além do aspecto comportamental, estamos atentos aos discursos manifestados, quer os expressados (por frases, músicas, refrões, conversas, entre outros) quer os silenciados. Nossa intenção parece contemplada pela afirmação de Becker (op. cit) de que nos estudos sociológicos esse método geralmente é usado para compreender uma organização específica ou um problema substantivo, sem que seja necessário estarmos demonstrando relações entre variáveis abstratamente construídas.

A coleta de dados está sendo devidamente registrada através da anotação em diário de campo, seguindo um roteiro básico previamente construído pela equipe de pesquisa. Outro meio que estamos em fase e implementação para coleta de dados é o registro por fotografias e ou filmagens (VHS), sendo que, por esse procedimento pretendemos captar nos fatos vivenciados, elementos que nos permitam maior quantidade de dados informativos para o entendimento etnográfico do grupo. Achudt (1997) chamou esse procedimento de fotoetnografia, isto é, a etnografia narrada visualmente. Acreditamos que a somatória das informações verbais com as narrativas construídas pelas imagens fotográficas (ou filmadas) nos ajudem a perceber e apresentar traços culturais, elementos de sociabilidade que denotam cultura. Importante ressaltar que as imagens não serão ilustração do trabalho, mas dados narrativos considerados a partir das recomendações captadas do campo da antropologia visual, conforme nos sugere Hassen (2003), quando nos diz que quando as imagens são utilizadas como recurso narrativo, de acordo com a fotoetnografia, "a imagem deverá ser usada com o objetivo de mostrar visualmente conceitos que estejam sendo discutidos. Por essa razão, as seqüências são importantes, não só na dimensão temporal, mas na exposição de imagens relacionadas a uma idéia ou informação".(p. 08). Portanto, pensamos que desse modo, associando texto verbal e narração por imagens, possamos captar elementos carreadores de considerações que confirmem ou neguem nossa afirmativa provisória quanto à existência do processo de resiliência mencionado.

Para a análise e interpretação dos dados, além da confrontação necessária com a literatura relativa à etnografia, acreditamos que elementos da análise de discurso possam nos ajudar a compreender as expressões faladas e os silêncios, que dão sentido ao suposto comportamento resiliente. Assim, os estudos de Orlandi (2001a) e (2001b) no campo da análise de discurso estão sendo tomados como base para nossas interpretações.

A guisa de ratificações

Como dissemos, estamos em andamento com alguns procedimentos metodológicos, através dos quais pretendemos argumentar a favor de nossa afirmativa de que as meninas

praticantes de futebol no Projeto Gente apresentam um comportamento resiliente. Nossos dados ainda são muito prematuros para nesse trabalho ratificarmos nossa afirmativa, mas, acreditamos que nosso caminho se encontra no rumo certo à medida que vemos avançar o grupo em quantidade e tempo de permanência em contraste com as dificuldades que só parecem aumentar. Pensamos que a identificação do comportamento resiliente possa contribuir para extrapolar as fronteiras da cidade de Viçosa, do Estado de Minas Gerais e mesmo do Brasil, para demonstrar que a resiliência na prática esportiva do futebol possa ser uma das chaves mais propícias à conquista dessa área de reserva masculina, contudo, pode representar muito mais: uma importante contribuição à luta feminina pela partilha dos espaços e oportunidades.

Referências bibliográficas

- ACHUTTI, L. E. *Fotoetnografia: um estudo sobre antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.
- ALMEIDA, R. S. A imagem do atleta de futebol feminino na mídia impressa brasileira: Análises e reflexões. In: *Anais do XII CONBRACE* [Recurso eletrônico]. Campinas, SP: CBCE, 2003.
- ANTUNES, C. *Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BECKER, H. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BORGES, C. N. F. *Projeto Gente: proposta de trabalho*. Viçosa, MG: DES/UFV, 2004. Mimeo.
- _____. & LOPES, S. M. Familiaridade: uma alternativa para a motivação, propulsão e manutenção de objetivos pessoais em escolinhas de futebol. *Anais do XV Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Santo André: SESC, 2003
- _____. et al. O gosto como perspectiva de motivação, manutenção e propulsão da prática esportiva. *Coletânea do 3º Congresso Científico Latino Americano de Educação Física e Esportes*. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2004
- COSTA, D. M. & GUTHRIE, S. R. *Mulheres e esporte: perspectivas interdisciplinares*. Champaign: Human Kinetics, 1994.
- CUTINI, V. F. 2004 *A prática do futebol feminino em Viçosa - MG: o caso do 1º de maio*. Monografia de Conclusão de curso – UFV, Viçosa-MG.
- DUNNING, E. Sport as a male preserve: notes on the social sources of masculine identity and its transformations. In: BIRRELL, Susan & COLE, Cheryl L. (Eds.). *Women, sport and Culture*. Champaign: Human Kinetics, 1994.
- ECO, U. *Tratado geral de semiótica*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HASSEN, M. N. A. *Etnografia: noções que ajudam o diálogo entre antropologia e educação*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.
- LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001a.
- _____. *Discurso fundador*. Campinas, SP: Pontes, 2001b.
- PFISTER, G. Cultura corporal, mitos, feminilidade e o discurso de gênero na Alemanha (1919-1933). La comune eredità dello Sport in Europa - *Atti del 1 Seminario Europeo di Storia dello Sport*, a cura di Arnd Krüger e Angela Teja, Scuola dello Sport - Coni, Roma, 1997
- SILVA, S. R. et al. *Projeto escolinha de futebol do Laranjal*. Viçosa, MG: DES/UFV, 2001
- _____. & PEREIRA, R. S. *Projeto Gente: o esporte como um instrumento de prática de liberdade*. Viçosa, MG: DES/UFV, 2004 (mimeo).
- TAVARES, J. *Formação e resiliência*. Porto: Porto, 1998.
- _____. (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. & ALBUQUERQUE, M. Sentidos e implicações da resiliência na formação. *Psicologia, Educação, Cultura*. Colégio Internato dos Carvalhos, v. 2, nº. 1., 1998.
- THEBERGE, N. Toward a feminist alternative to sport as a male preserve. In: BIRRELL, S & COLE, C. (Eds.). *Women, sport and culture*. Champaign: Human Kinetics, 1994.
- _____. & BIRRELL, S. *The sociological study of women and sport*. Champaign: Human Kinetics, 1994.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WILLIS, P. Women in sport in ideology. In: Toward a feminist alternative to sport as a male preserve. In: BIRREL, S & COLE, C. (Eds.). *Women, sport and culture*. Champain: Human Kinetics, 1994.

TRANSTORNO ALIMENTAR EM ATLETA FEMININA: UM RELATO DE CASO

Andréa Latterza

Fernanda Baeza Scagliusi

Gisele Queiroz

Nyara Didone

Táki Cordás

*Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares, H.C. –
Faculdade de Medicina USP e EEFEUSP*

Os transtornos alimentares podem estar presentes em atletas femininas jovens, envolvidas em modalidades que preconizam a magreza ou o baixo peso corporal. O presente trabalho acompanhou uma paciente do AMBULIM - Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Ipq/USP, durante o período de tratamento multiprofissional de quinze semanas, verificando sua percepção de imagem corporal (por meio da escala de silhuetas de Stunkard, adaptada para o português e testada psicometricamente) e o prontuário de atendimento nutricional. A paciente M.L., 23 anos, com índice de massa corporal 19,5 kg/m², branca, atleta de ginástica olímpica, confederada, campeã paulista na sua categoria, apresentou-se ao ambulatório, no qual a bulimia nervosa (BN) foi diagnosticada com base em critérios de manuais diagnósticos da área. M.L. relatou possuir BN desde 1995. Na admissão para o tratamento, a paciente apresentava 65 refeições semanais, vinte compulsões semanais e 19 vômitos semanais. Iniciou-se a terapia cognitivo-comportamental semanal, consistindo de grupo psicoeducativo de nutrição seguido por aconselhamento nutricional individual, psicoterapia em grupo e intervenção medicamentosa, no qual a paciente iniciou uso de fluoxetina. A atleta apresentava treino com duração média de 2 horas, 5 vezes por semana, consistindo de aquecimento, exercícios educativos específicos para a modalidade seguidos de treinamento em aparelhos, finalizando com alongamento. Embora ela considerasse seu tamanho corporal atual como saudável, ela desejava perder peso. A paciente referia início da BN pela dificuldade de se apresentar em competições com roupas que evidenciavam suas coxas e quadril. ML também afirmou que decidiu procurar tratamento quando, em uma apresentação, sofreu grande pressão por parte do técnico e dos patrocinadores para perder peso, mesmo possuindo peso corporal considerado adequado às suas características. Ela relatou que nunca utilizou a atividade física como purgação para seus episódios de compulsão, fazendo apenas a indução de vômitos como forma de purgação. Após a intervenção educacional de quinze semanas, a paciente apresentou redução no número de refeições semanais para 42, com uma compulsão semanal seguida de um vômito. Os relatos de caso envolvendo atletas mulheres com transtornos alimentares são raros, e merecem ser estudados com atenção, explorando os complexos aspectos biopsicossociais envolvidos na sua etiologia e tratamento.

PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA EM MULHERES COM BULIMIA NERVOSA

Mariana Tarricone Garcia

Cintia Guimarães Junco

Mariana Mcleod Ferreira

Nyara Didone

Táki Cordas

Fernanda Baeza Scagliusi.

*Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares – Instituto de Psiquiatria – H.C.
Faculdade de Medicina – USP, EEFÉUSP*

A bulimia nervosa é uma doença caracterizada por um ciclo de restrição alimentar, compulsão alimentar e purgação. Há também grande ênfase nas formas e no peso corporais como determinantes, inclusive, da auto-estima e do autoconceito. Existem diversas formas de purgação na bulimia nervosa, como a indução de vômitos, o uso de laxantes e/ou diuréticos e a prática excessiva de atividade física. Além de ser uma forma de purgação, a atividade física pode assumir a forma de uma compulsão, anulando seu papel de promotora da saúde. O presente estudo teve por objetivo traçar o perfil de prática de atividade física das pacientes com bulimia nervosa submetidas ao tratamento do AMBULIM (Ambulatório de Bulimia e Tanstornos Alimentares – IPq/HC/FMUSP). O estudo foi realizado com 12 pacientes do sexo feminino com idades entre 18 e 35 anos. Para mensurar a atividade física habitual das pacientes foram utilizados 2 instrumentos auto-aplicáveis: um questionário estruturado com 6 questões abertas e outro desenvolvido por Baecke. Considerando que este questionário não possui ponto de corte do escores dos níveis de atividade física, estes foram avaliados a partir de comparações com outros estudos feitos com o mesmo questionário. Os resultados obtidos pelo questionário com questões abertas indicaram que 100% das pacientes já praticou algum tipo de atividade física, o tempo de prática de atividade física variou de 3 meses a 30 anos, com mediana igual a 10,5 anos. A idade de início da prática de atividade física foi igual a 8,5 anos ($dp=5$), com valores mínimo de 2 e máximo de 18 anos. Também foi encontrado que 84% dos indivíduos já julgou ter praticado algum tipo de atividade física excessivamente, sendo a frequência média de tal atividade excessiva igual a 6 vezes por semana ($dp=1,5$) com duração média de 5,2 horas por dia ($dp=1,2$). Atualmente 42% dos indivíduos praticam algum tipo de atividade física regularmente. Entre as praticantes, 71% pratica caminhada, 57% corrida, 42% ginástica localizada/musculação, 14% bicicleta, 14% jiu-jitsu, 14% trampolim acrobático e 14% alongamento. Com relação ao questionário de Baecke, encontrou-se escore médio de atividades físicas ocupacionais (AFO) igual a 2,8 ($dp=0,4$), escore médio de exercícios físicos no lazer (EFL) de 3,0 ($dp=0,9$), escore médio de atividades físicas de lazer e locomoção (ALL) de 2,8 ($dp=0,6$) e escore total (ET) médio de 8,6 ($dp=1,1$). Em comparação com estudos realizados com homens adultos com elevados níveis de atividade física, o escore total médio encontrado apresentou valores superiores, revelando uma prática intensa no grupo estudado. Como as mulheres estudadas não pertencem a um grupo de atletas, conclui-se que ocorre uma prática excessiva de atividade física, que, neste caso, pode ter a finalidade de purgação e/ou compulsão.